



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO E DOUTORADO EM CIÊNCIAS DO AMBIENTE**

**IDENTIDADE QUILOMBOLA, MINERAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS:
UMA ANÁLISE FOLKCOMUNICACIONAL DA COMUNIDADE LAGOA DA
PEDRA, ARRAIAS-TO**

WOLFGANG TESKE

Palmas

2018

WOLFGANG TESKE

**IDENTIDADE QUILOMBOLA, MINERAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS:
UMA ANÁLISE FOLKCOMUNICACIONAL DA COMUNIDADE LAGOA DA
PEDRA, ARRAIAS-TO**

Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins, como requisito para obtenção do título de doutor em Ciências do Ambiente.

Área de Concentração: Natureza, Cultura e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Marina Haizenreder Ertzogue

Palmas

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- T337i Teske, Wolfgang.
Identidade quilombola, Mineração e Novas Tecnologias: uma análise folkcomunicação da comunidade Lagoa da Pedra, Araraias-TO. / Wolfgang Teske. – Palmas, TO, 2018.
309 f.
- Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Doutorado) em Ciências do Ambiente, 2018.
Orientadora : Profa. Dra. Marina Haizenreder Ertzogue
1. Identidade quilombola. 2. Folkcomunicação. 3. Mineração. 4. Novas tecnologias. I. Título

CDD 628

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

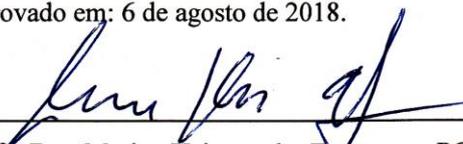
Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

WOLFGANG TESKE

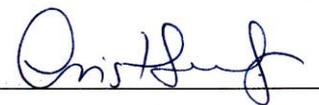
**IDENTIDADE QUILOMBOLA, MINERAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS:
UMA ANÁLISE FOLKCOMUNICACIONAL DA COMUNIDADE LAGOA DA
PEDRA, ARRAIAS-TO**

Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins, como requisito para obtenção do título de doutor em Ciências do Ambiente.

Aprovado em: 6 de agosto de 2018.



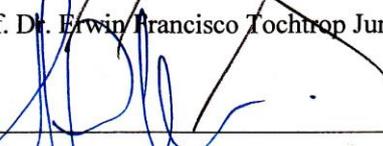
Prof.ª. Dra. Marina Haizenreder Ertzogue – PGCIAMB/UFT (Orientadora)



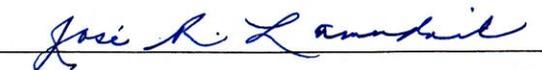
Prof.ª. Dra. Cristina Schmidt Silva Portero – PGPPU/UMC



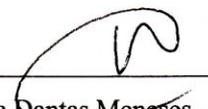
Prof. Dr. Erwin Francisco Tochtrop Junior – PPG/CEULP/ULBRA



Prof. Dr. Heber Rogério Gracio - PGCIAMB/UFT



Prof. Dr. José Ramiro Lamadrid Marón - PGCIAMB/UFT



Prof.ª. Dra. Verônica Dantas Meneses – PPGCOM/UFT (Suplente)

DEDICATÓRIA

À minha querida esposa Débora, pois nunca faltou incentivo, apoio, injeção de ânimo de sua parte nos momentos mais complicados da pesquisa e durante a escrita da tese.

Às filhas Ana Letícia e Natacha Samara e genro Davi, aos enteados Ana Thaís e Gabriel e sua Laura que sempre me apoiaram com palavras de carinho, ao meu filho Félix e nora Mariana que estão distantes no extremo norte do país.

Ao meu pai Paulo e minha mãe Eleonora, ambos falecidos, gratidão eterna pela educação que deles recebi, a lutar pelos direitos humanos, a fazer o bem para as pessoas, a ser solidário e amar o próximo. Sem dúvida, foram os meus melhores professores.

Aos queridos amigos da comunidade quilombola Lagoa da Pedra que durante todos estes anos de pesquisa foram os maiores parceiros e colaboradores da pesquisa acadêmica, objetivando perenizar a riqueza da cultura quilombola.

AGRADECIMENTOS

À Deus, acima de tudo, pela proteção, auxílio e bênçãos em todos os momentos da vida.

À comunidade quilombola Lagoa da Pedra, que durante mais de 13 anos sempre me receberam e interagiram em prol da produção acadêmica e ávidos por aprender coisas novas.

Aos queridos amigos quilombolas Diomar Antônio de Farias e esposa Rosalina Francisco Machado e seus filhos Rosemiro e Rosana, por me hospedarem ao longo destes anos nas minhas viagens à Lagoa da Pedra, um exemplo de hospitalidade e companheirismo.

Ao amigo e irmão quilombola Ruimar Antônio de Farias, sempre pronto para fazer tudo o que tivesse ao seu alcance para que a pesquisa tivesse sucesso, não importando o dia ou horário que fosse necessário fazer o trabalho de campo.

À querida amiga Helena Ferreira da Silva, que nunca mediu esforços para ajudar a mobilizar pessoas, reunir dados, acompanhar as manifestações culturais e apoiar o trabalho acadêmico.

Aos irmãos Thuysa Lourrany da Silva Farias e Jader Vinícius da Silva Farias, dois jovens dinâmicos que foram fundamentais com sua colaboração. Os acompanho desde a sua infância e agora os vejo jovens universitários e preocupados com a preservação da cultura quilombola.

À cada um dos entrevistados com os quais tive contato não como um pesquisador que chega com perguntas prontas e fechadas, mas mantive diálogos nos quais eles relataram as suas experiências, suas percepções sobre a realidade, seus medos, seus anseios, seus projetos de vida. Ao longo dos 13 anos foram muitos entrevistados, alguns já são falecidos, mas deixaram suas palavras registradas nos livros e artigos publicados. Destaco desta vez os que foram os entrevistados diretos, tais como: Diomar Antônio de Farias, Domingos Pereira Ramos, Helena Ferreira da Silva; Jader Vinícius Silva Farias; Joaquim Bento da Silva; Joelma Dias Pereira; Maria Inácia Antônio de Farias e Silva; Marília Silva Almeida; Marly Ribeiro de Farias; Rosana Antônio de Farias; Rosemiro Antônio de Farias; Rosimaria Antônio de Farias; Ruimar Antônio de Farias; Valcy Antônio Dias; Thuysa Lourrany da Silva Farias; Hilda Ferreira da Costa; Amarilho Alves de Almeida; Joaquim Francisco Machado; Messias Antônio de Farias.

À minha família, especialmente os filhos e enteados com suas esposas e maridos e, em especial, a minha querida Débora, esposa e companheira de todas as horas, principalmente nos momentos de fraqueza e desânimo para seguir em frente rumo ao objetivo final.

À minha estimada orientadora do doutoramento profa. Dra. Marina Haizenreder Ertzogue, que acreditou no projeto de pesquisa desde o início e deu valiosas contribuições para ajustar o trabalho para aprovação do projeto, da qualificação e, por fim, da defesa desta tese.

A todos os professores integrantes do Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente, da Universidade Federal do Tocantins, que não mediram esforços nas aulas teóricas que deram o respaldo teórico em diversas áreas, tais como: Ciências da Terra; Cultura, Sociedade e Meio Ambiente; Ecologia; Sistemas Socio-ecológicos complexos; Geociologia das Paisagens e nos dois Seminários de Doutorado. Foram muitas horas gastas em aprofundamento teórico que enriqueceram o pensamento acadêmico e científico.

Ao querido prof. Dr. José Ramiro Lamadrid Marón, muito além de um professor, pesquisador, pois é um amigo que me dá a mão e suas palavras sempre são forças que não me deixam desistir, mas empurram para ir em frente. Foi um ombro em que pude me apoiar e sua experiência acadêmica internacional me fez e faz enxergar o mundo de outra forma.

Ao prof. Dr. Héber Rogério Gracio, que além de um grande incentivador para que concluísse este doutorado, me forneceu várias dezenas de livros digitalizados, fez observações preciosas, pertinentes no meu projeto de doutoramento e posterior qualificação do doutorado. Foi além de professor, um amigo, interessado no progresso científico de seus educandos e eu sou um destes privilegiados.

Aos meus colegas de doutorado, Adriano, Fábio Vieira, Janaína, Rogério, Regiane, Mariana e Vaílton, pelo companheirismo, apoio mútuo, trocas de conversas e ideias no grupo de WhatsApp.

A todos os meus amigos que sempre desejavam sucesso ao longo desta jornada, sendo um encorajamento para produzir um trabalho que auxiliasse a comunidade quilombola.

Aos meus queridos alunos da graduação, principalmente os da disciplina de Folkcomunicação, no curso de Jornalismo da UFT, que ao tomarem conhecimento do andamento da pesquisa queriam mais informações sobre a cultura quilombola.

Aos meus colegas professores do Colegiado do curso de Jornalismo da UFT, pelo apoio e incentivo e destaque, de forma especial a profa. Dra. Verônica Dantas Meneses, coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão “Comunicação, Imagem e Diversidade Cultural” (CID), defensora e incentivadora de pesquisas com a base teórica da Folkcomunicação e que sempre me instigou a realizar mais pesquisas com a Folkcomunicação e grande incentivadora para concluir este doutorado.

Por fim, um agradecimento e abraço a todos e todas colegas jornalistas e que trabalham com Comunicação Social na mídia tocantinense, por tantas oportunidades de inserção nos meios de comunicação, seja na TV, no Rádio, nos jornais e revistas impressas, nos blogs e portais de notícias da Internet, através de entrevistas, reportagens e divulgação das pesquisas em defesa dos direitos humanos, da cidadania das comunidades quilombolas e excluídas de forma geral.

*“Ninguém nasce odiando outra pessoa devido à cor de sua pele, à sua origem
ou ainda à sua religião.
Para odiar, é preciso aprender.
E, se podem aprender a odiar as pessoas também podem aprender a amar”.*

Nelson Mandela.

RESUMO

Objetivou-se, nesta pesquisa, analisar as mudanças e as permanências culturais da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO, ocorridas a partir do seu reconhecimento como uma comunidade quilombola, em 2004. A análise folkcomunicação da identidade cultural desta comunidade foi realizada sob dois aspectos: primeiro, sobre os impactos da mineração que estão ocorrendo na região, na voz dos moradores da comunidade; segundo, sobre a apropriação por parte dos quilombolas das novas tecnologias. A pesquisa realizada foi qualitativa e reúne experiência de mais de treze anos de convívio com a esta comunidade. Foi um estudo de caso, com viés histórico, antropológico e etnográfico com a base teórica-metodológica da Folkcomunicação. Como resposta à problematização inicial concluiu-se que houve uma transformação em vários aspectos na Lagoa da Pedra a partir do momento em que foi certificada como comunidade quilombola. Também foi possível perceber, através do depoimento de vários moradores da comunidade, que a chegada das empresas mineradoras trouxe certa insegurança e medo em boa parte da comunidade, principalmente na questão fundiária e também alteração no seu modo de vida. Outra pergunta respondida foi sobre a apropriação das novas tecnologias, como lidam com este novo cenário, seja os mais velhos quanto os jovens e crianças, e as alterações dos saberes e fazeres, a realização, celebrações tanto de cunho religioso quanto folclórico. Por último, pode-se responder a pergunta sobre a questão de uma melhor escolarização, que possibilitou vários jovens a estudar e como isso ajudou a comunidade a manter a sua identidade cultural quilombola, mesmo que ressignificada.

Palavras-chave: Comunidade quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO; Meio ambiente; Folkcomunicação; Identidade quilombola; Mineração; Novas tecnologias.

ABSTRACT

The objective of this research was to analyze the changes and cultural permanences of the quilombola community Lagoa da Pedra, Arraias-TO, which occurred after its recognition as a quilombola community in 2004. The folk-communicative analysis of the cultural identity of this community was carried out under two aspects: first, on the impacts of mining that are occurring in the region, on the voice of community residents; second, on the appropriation by quilombolas of new technologies. The research was qualitative and brings together experience of more than thirteen years of living with this community. It was a case study, with historical, anthropological and ethnographic bias with the theoretical-methodological basis of Folkcommunication. As a response to the initial problematization, it was concluded that there was a transformation in several aspects in Lagoa da Pedra from the moment it was certified as a quilombola community. It was also possible to perceive, through the testimony of several residents of the community, that the arrival of the mining companies brought some insecurity and fear in a large part of the community, especially in the land issue and also change in their way of life. Another question answered was about the appropriation of new technologies, how they deal with this new scenario, whether the older ones as young people and children, and the changes in knowledge and practices, the realization, both religious and folkloric celebrations. Finally, the question can be answered on the question of a better schooling, which enabled several young people to study and how this helped the community to maintain its quilombola cultural identity, even if it was redefined.

Keywords: Quilombola community Lagoa da Pedra, Arraias-TO; Environment; Folkcommunication; Quilombola identity; Mining; New technologies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa geral da capitania de Goiás – cópia d-867.....	92
Figura 2 - Sítio Arqueológico Lagoa da Pedra I, no meio da roça.....	97
Figura 3 - Sítio Arqueológico Lagoa da Pedra III. Três primeiras urnas mortuárias encontradas....	98
Figura 4 – Gráfico comparativo. Certidões emitidas e comunidades certificadas – Anuais.....	105
Figura 5 - Quadro geral de Comunidades remanescentes de quilombos no Brasil.....	106
Figura 6 - Localização da área de estudo.....	111
Figura 7 – Certidão de Auto-Reconhecimento.....	113
Figura 8 - Local da antiga escola, na casa de Dorival Antônio de Farias.....	115
Figura 9 - Escola Municipal Joaquim Aires França.....	116
Figura 10 – Estrada atual que liga a Lagoa da Pedra ao Distrito da Canabrava.....	120
Figura 11 – Antena parabólica na Escola Municipal da Comunidade Lagoa da Pedra.....	121
Figura 12 – Estilo de construção de casa antiga e nova, lado a lado.....	122
Figura 13 – Horta circular na fase de implantação em 2007.....	124
Figura 14 – Horta em plena produção de hortaliças com Rosana Antônio de Farias.....	125
Figura 15 – Capa do Arte&Vida, Jornal do Tocantins 06/3/2006.....	126
Figura 16 – Trator agrícola Massei&Ferguson da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra.....	127
Figura 17 - Cisterna instalada na residência de Diomar Antonio de Farias.....	127
Figura 18 – Antena da empresa Claro, Distrito da Canabrava, Arraias.....	129
Figura 19 – Sede de processamento da ITAFOS, Arraias-/TO.....	131
Figura 20 – Helena Ferreira da Silva buscando água no rio Bezerra.....	136
Figura 21 – Barragem de rejeitos da empres Itafós, no rio Bezerra.....	137
Figura 22 - Rio Bezerra à jusante da barragem de rejeitos da Itafós.....	139
Figura 23 - Mina da DUSOLO Fertilizers, Distrito da Canabrava, Arraias-TO.....	141
Figura 24 – Área da mina da DUSOLO Fertilizer, distrito da Canabrava, Arraias-TO.....	141
Figura 25 – Sepultura de pedra no cemitério Boa Esperança.....	142
Figura 26 – Ritual no dia de Finados no Cemitério Boa Esperança.....	143
Figura 27 – Caverna do Bom Jesus da Lapa, Arraias-TO.....	145
Figura 28 – Momento de pagamento de promessa dentro da Caverna.....	147
Figura 29 – IV Feira de Agricultura Familiar na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra.....	154
Figura 30 – Folia do Divino – Comunidade Quilombola Baião – IV Feira de Agricultura Familiar na Lagoa da Pedra.....	155

Figura 31 - Lista dos noveneiros da Festa dos Solteiros.....	165
Figura 32 – Fogão a lenha ou caipira na casa de Diomar Antônio de Farias.....	173
Figura 33 – Jovem quilombola confeccionando as flores de papel.....	177
Figura 34 – Altar com a imagem do São Gonçalo em meio às flores de papel.....	178
Figura 35 – Matéria publicada no Jornal do Tocantins, 12/5/2006.....	181
Figura 36 – Banner com foto da Janaíza, I Encontro de Comunidades Quilombolas do Tocantins	181
Figura 37 – Janaíza Dias dos Santos aos cinco anos, em 2006 e aos 16 anos, em 2017.....	182
Figura 38 – Noite cultural, dança da Sússia – 1º Encontro de Comunidades Quilombolas do TO	183
Figura 39 – Repórter Sydney Neto fazendo reportagem especial da Roda de São Gonçalo.....	184
Figura 40 – Jornal do Tocantins, 18/6/2006.....	184
Figura 41 – Matéria publicada no Jornal do Tocantins, 29/9/2007.....	185
Figura 42 – Reportagens publicadas no Jornal do Tocantins, 27/5/2008 e 09/7/2008.....	187
Figura 43 – Calendário de mesa da Fundação Cultural do Tocantins, ano 2008 e 2009.....	188
Figura 44 – Capa do livro A Roda de São Gonçalo.....	189
Figura 45 – Matérias publicadas no O Jornal, 29/3/2009, no Jornal Primeira Página, 06/4/2009..	190
Figura 46 – Lançamentos do livro A Roda de São Gonçalo da Lagoa da Pedra.....	190
Figura 47 – Capa do livro Vivências e Sentidos.....	191
Figura 48 – Abertura da II Conferência Estadual de Promoção da Igualdade Racial.....	192
Figura 49 – Capa do folder do 1º Prêmio Nacional de Expressões Culturais Afro-Brasileiras.....	194
Figura 50 – Quebra cabeça gigante com a fotomontagem da Roda de São Gonçalo.....	194
Figura 51 – Abertura da Exposição na Galeria Mauro Cunha-FCT.....	195
Figura 52 – Capa Jornal Stylo, Ano XVI, nº 322, 6/10/2010.....	196
Figura 53 – Estampa do banner e cartaz da Exposição.....	197
Figura 54 – Diversidade de sites, portais de notícias e blogs.....	199
Figura 55 – Cartão postal do Projeto Fotográfico.....	200
Figura 56 – Cartão postal do Projeto Fotográfico – verso.....	201
Figura 57 - Ruimar Antônio de Farias falando em nome de todos os participantes.....	202
Figura 58 – Capa do livro Cultura Quilombola na Lagoa da Pedra.....	204
Figura 59 – Ruimar Antônio de Farias falando em nome da Lagoa da Pedra.....	205
Figura 60 – Cada família da Lagoa da Pedra recebendo um exemplar do livro.....	206
Figura 61 – Recorte do Jornal do Tocantins, 2/11/2011.....	206
Figura 62 – Capa do DVD, Filme curta-metragem.....	208
Figura 63 – Cartaz de divulgação do filme curta-metragem.....	209
Figura 64 – Capa do Jornal do Tocantins, 17/2/2013.....	210

Figura 65 – Exibição do filme <i>A Promessa</i> a céu aberto.....	211
Figura 66 – Momento da oração à mesa do jantar.....	222
Figura 67 – Momento de agradecimento e cântico.....	223
Figura 68 – Foliões diante da casa dos moradores.....	227
Figura 69 – Pagadores de promessa diante da casa dos moradores.....	229
Figura 70 – Final do giro da Folia de Santos Reis, casa de Raimundo e Hilda.....	231
Figura 71 – Rosemiro Antônio de Farias na roça com enxada e celular.....	233
Figura 72 – Único telefone público Orelhão via Satélite.....	235
Figura 73 – Hugo F. Machado e Edielson Machado de Oliveira.....	240
Figura 74 – Rosana Antônio de Farias preparando massa de enroladinho.....	241
Figura 75 – Janaíza Dias dos Santos.....	246
Figura 76 – Estampa da parte de trás da camiseta.....	246
Figura 77 - Logo do 1º Festival Gastronômico de Arraias.....	250
Figura 78 – Prato de sorvete preparado por Jader Vinícius Silva Farias.....	253
Figura 79 – Vencedor do Festival Gastronômico Jader Vinícius Silva Farias.....	253
Figura 80 – Turma da disciplina do curso Produtor Cultural, câmpus da UFT/Arraias.....	255
Figura 81 – Lucrecia de Moura Dias, Rio de Janeiro.....	257
Figura 82 – Filmagem da Sússia, curta-metragem na Lagoa da Pedra.....	259
Figura 83 – Rosimaria Antônio de Farias e sua filha Dalila.....	262
Figura 84 – Visita do diretor do Banco Mundial Maktur Diob.....	266
Figura 85 – Capa do livro Anuário 15 Unesco/Metodista, autografado por Marques de Melo.....	273
Figura 86 – Caminhando com Ruimar Antônio de Farias e Maria Antônio Dias.....	274

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Comunidades Quilombolas certificadas no estado do Tocantins.....	107
Quadro 2: Gêneros folkcomunicacionais, formatos e tipos da folia de Santos Reis.....	270
Quadro 3 – Folkcomunicação – Gêneros.....	293
Quadro 4 – Folkcomunicação – Formatos.....	293
Quadro 5 – Folkcomunicação Oral – Formatos e Gêneros.....	293
Quadro 6 – Folkcomunicação Visual – Formatos e Gêneros.....	294
Quadro 7 – Folkcomunicação Icônica – Formatos e Gêneros.....	294
Quadro 8 – Folkcomunicação Cinética – Formatos e Gêneros.....	294

LISTA DE SIGLAS

ADAPEC - Agência de Defesa Agropecuária do Tocantins
ADCT - Ato das Disposições Transitórias
ADI - Ação Direta de Inconstitucionalidade
AHEG - Arquivo Histórico de Goiás
ALAIC - Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación
ANADEP - Associação Nacional das Defensoras e Defensores Públicos
ATS - Agência Tocantinense de Saneamento
CADON - Centro de Apoio ao Desenvolvimento Osvaldo dos Santos Neves
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Ceulp/Ulbra - Centro Universitário Luterano de Palmas
CID - Núcleo de Pesquisa e Extensão Comunicação, Imagem e Diversidade Cultural
CFEM - Compensação Financeira pela Exploração Mineral
CNSA - Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos
COBIO - Coordenadoria da Biodiversidade
COMSAÚDE - Comunidade de Saúde Desenvolvimento e Educação
CONAMA - Conselho Nacional de Meio Ambiente
CONSEA - Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional
DEM – Partido dos Democratas
DNPM - Departamento Nacional de Produção Mineral
D.O.U – Diário Oficial da União
DPAGRA - Núcleo da Defensoria Pública Agrária
DPE-TO - Defensoria Pública do Estado do Tocantins
EaD/UAB – Educação à Distância/Universidade Aberta do Brasil
EIAs - Estudos de Impacto Ambientais
EUA – Estados Unidos da América
FAO - Food and Agriculture Organization
FCP – Fundação Cultural Palmares
FEPEC/UFT – Fórum de ensino, pesquisa, extensão e cultura da UFT
FLIT - Feira Literária Internacional do Tocantins
FMI - Fundo Monetário Internacional
FUNARTE - Fundação Nacional de Artes
FUNASA – Fundação Nacional de Saúde

GTs – Grupos de Trabalho

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBDF - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal

IEA/USP – Instituto de Estudos Avançados da USP

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

INIDEF/O.E.A - Instituto Interamericano de Etnomusicologia y Folklore

INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

IPEA - Instituto de Pesquisas Econômica Aplicada

IPHAN - Instituto Histórico e Artístico Nacional

ITERTINS – Instituto de Terras do Tocantins

MDS - Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MMA - Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal

NATURATINS – Instituto Natureza do Tocantins

NUPAUB - Núcleo de pesquisas sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras

NUTA - Núcleo Tocantinense de Arqueologia

OAB - Ordem dos Advogados do Tocantins

OMC – Organização Mundial do Comércio

Ongs – Organizações Não-governamentais

PAA - Programa de Aquisição de Alimentos

PCAs - Planos de Controle Ambientais

PDRIS – Projeto de Desenvolvimento Regional Integrado Sustentável

PFL – Partido da Frente Liberal

PNUMA - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente

Proest/UFT - Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

RCAs - Relatórios de Controle Ambientais

Rede Folkcom – Rede Internacional de Pesquisadores de Folkcomunicação

RIF – Revista Internacional de Folkcomunicação

RIMAs - Relatórios de Impactos Ambientais

RTID - Técnico de Identificação e Delimitação

RURALTINS - Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins

SEAGRO - Secretaria de Estado da Agricultura

SECOM – Secretaria de Comunicação do Estado do Tocantins

SEMA - Secretaria Especial do Meio Ambiente
SEPPIR - Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial
STF – Supremo Tribunal Federal
SUDEPE - Superintendência do Desenvolvimento da Pesca
SUDHEVEA - Superintendência da Borracha
TACs – Termos de Ajuste de Conduta
UFPB – Universidade Federal da Paraíba
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFT - Universidade Federal do Tocantins
UMESP – Universidade Metodista de São Paulo
UNAM - Universidade Nacional Autônoma do México
UnB - Universidade de Brasília
UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNISINOS – Universidade do Vale dos Sinos
USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
CAPÍTULO 1 – GLOBALIZAÇÃO, MEIO AMBIENTE E COMUNIDADES TRADICIONAIS	36
1.1 Sistema-mundo, moderno-colonial.....	36
1.2 Globalização – sistema de desenvolvimento ou de dominação?.....	38
1.3 Sistema econômico vigente transformou o meio ambiente em mercadoria.....	45
1.4 Desafio ambiental na contemporaneidade.....	53
CAPÍTULO 2 - FOLKCOMUNICAÇÃO: PERSPECTIVAS EM PESQUISAS COMUNICACIONAIS E CIÊNCIAS SOCIAIS	57
2.1 Resistência.....	64
2.2 Alicerce teórico da Folkcomunicação.....	66
2.3 Folkcomunicação no sistema globalizado de comunicação.....	68
2.4 Do agente folkcomunicacional à Folkmídia e ao ativista midiático do sistema folkcomunicacional.....	72
CAPÍTULO 3 – IDENTIDADE, COMUNIDADES TRADICIONAIS E INCLUSÃO TECNOLÓGICA	81
3.1 Inclusão tecnológica como democratização do conhecimento e da comunicação.....	82
3.2 Modernas tecnologias – ameaça de destruição ou ferramenta para as comunidades tradicionais.....	84
3.3 Identidade cultural de comunidades tradicionais e grupos marginalizados.....	87
CAPÍTULO 4 – A COMUNIDADE QUILOMBOLA LAGOA DA PEDRA: PASSADO E PRESENTE	91
4.1 O surgimento de Arraias no século 18.....	91
4.2 Constituição de 1988 e o reconhecimento das comunidades remanescentes de quilombo.....	100
4.3 Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra – história da sua origem, certificação, reconhecimento oficial e desenvolvimento.....	108
CAPÍTULO 5 – IDENTIDADE CULTURAL QUILOMBOLA E OS IMPACTOS DA MINERAÇÃO NA VOZ DA COMUNIDADE LAGOA DA PEDRA	131
5.1 Implantação da Itafos Fertilizer em Arraias-TO.....	131
5.2 Primeiros impactos da empresa de mineração sobre a Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra.....	135

5.3 Conflitos e divisão interna da comunidade com a tentativa da demarcação do território quilombola da Lagoa da Pedra.....	148
---	-----

CAPÍTULO 6 - IDENTIDADE CULTURAL QUILOMBOLA E A APROPRIAÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS NA LAGOA DA PEDRA.....

160

6.1 Primeira Fase – Criação do quilombo	161
--	------------

6.2 Segunda Fase – Organização desta sociedade quilombola com um novo <i>modus vivendi</i>.....	161
--	------------

6.3 Terceira Fase – Alguns jovens começam a sair da comunidade em busca de uma vida melhor.....	164
--	------------

6.4 Quarta Fase – Certificação como comunidade quilombola, titulação das propriedades individuais e reorganização.....	170
---	------------

<i>Melhoria das condições econômicas – geradora de mudanças.....</i>	<i>171</i>
--	------------

<i>1ª Conferência Estadual de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.....</i>	<i>179</i>
--	------------

<i>I Encontro de Comunidades Quilombolas do Tocantins.....</i>	<i>180</i>
--	------------

<i>A Roda de São Gonçalo e a Folkmídia.....</i>	<i>183</i>
---	------------

<i>Feiras de Agricultura Familiar na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra.....</i>	<i>185</i>
--	------------

<i>Reportagens nos jornais impressos dando visibilidade à cultura quilombola.....</i>	<i>186</i>
---	------------

<i>Parceria com a Fundação Cultural do Tocantins promove a Lagoa da Pedra.....</i>	<i>187</i>
--	------------

<i>Publicação do livro A Roda de São Gonçalo na comunidade quilombola Lagoa da Pedra.....</i>	<i>188</i>
---	------------

<i>Lagoa da Pedra ganha destaque na obra Vivências e Sentidos: o patrimônio cultural do Tocantins do IPHAN.....</i>	<i>191</i>
---	------------

<i>II Conferência Estadual de Promoção da Igualdade Racial.....</i>	<i>192</i>
---	------------

<i>1º Prêmio Nacional de Expressões Culturais Afro-brasileiras.....</i>	<i>193</i>
---	------------

<i>3ª Conferência Nacional do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).....</i>	<i>201</i>
---	------------

<i>Publicação do livro Cultura Quilombola na Lagoa da Pedra, Arraias-TO.....</i>	<i>203</i>
--	------------

<i>Filme curta-metragem do Microprojetos Mais Cultura – Amazônia Legal.....</i>	<i>207</i>
---	------------

<i>Filme curta-metragem A Promessa.....</i>	<i>208</i>
---	------------

6.5 Quinta Fase – Cultura quilombola e as novas tecnologias na era digital.....	213
--	------------

<i>Folia de Santos Reis.....</i>	<i>216</i>
----------------------------------	------------

<i>Aparelho celular gerando mudanças.....</i>	<i>232</i>
---	------------

<i>Cultura digital – um auxílio na luta contra o preconceito e discriminação.....</i>	<i>242</i>
---	------------

<i>Participação no Concurso Cultural “Ser Quilombola”.....</i>	<i>247</i>
--	------------

<i>1º Festival Gastronômico de Arraias.....</i>	<i>250</i>
---	------------

<i>Jovens quilombolas da Lagoa da Pedra e Kalunga do Mimoso, no projeto Revelando os Brasis.....</i>	<i>254</i>
--	------------

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	263
----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS.....	275
-------------------------	------------

LISTA DE FONTES ORAIS.....	292
-----------------------------------	------------

ANEXOS	293
Anexo 1 - Classificação taxonômica da Folkcomunicação.....	293
Anexo 2 - Constituição Federal/1988, Art. 215 e 216.....	296
Anexo 3 - Matéria publicada no site Valor 11/7/2013.....	297
Anexo 4 - Matéria publicada no site do Governo do Tocantins 31/7/2012.....	298
Anexo 5 - Ofício enviado ao Superintendente Regional do INCRA, 22/02/2010.....	299
Anexo 6 - Matéria publicada no site do MPF 05/5/2010.....	300
Anexo 7 - Matéria publicada no site do MPF 22/5/2014.....	301
Anexo 8 - Edital de Convocação de Audiência Pública do MPF/TO, 17/5/2018.....	303
Anexo 9 - Matéria publicada no site da Seagro/TO, 15/9/2011.....	305
Anexo 10 - Matéria publicada no site do MPF/TO, 07/5/2010.....	306
Anexo 11 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	309

INTRODUÇÃO

Onze anos se passaram desde que cheguei naquele entardecer no início do ano de 2006, pela primeira vez, na comunidade quilombola Lagoa da Pedra, no município de Arraias, bem ao sudeste do Tocantins, na divisa com Goiás, após uma viagem de um pouco mais de cinco horas desde que havíamos saído de Palmas.

Tudo era novo. Nunca tinha entrado em uma comunidade quilombola e muito menos desenvolvido uma pesquisa com viés histórico-antropológico com base na teoria da folkcomunicação, que analisa a comunicação de grupos e comunidades marginalizadas.

Coube a Ione Evangelista Araújo, ex-secretária de cultura do município de Arraias, apresentar-me à Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra:

- “Este é o professor Teske, lá de Palmas, ele veio até aqui para fazer uma pesquisa nesta comunidade, mas, para tanto, necessita ficar aqui por um tempo para conhecê-los e eu gostaria que o hospedassem em sua casa”.

Obviamente, como não poderia ser diferente, me senti observado com desconfiança por parte da família do casal Diomar e Rosa, seus filhos e netos ali presentes.

A desconfiança tinha uma razão de ser, pois a Lagoa da Pedra foi uma comunidade extremamente discriminada e que sofria toda sorte de preconceito até o momento de ser reconhecida como a primeira comunidade quilombola do Tocantins, em setembro de 2004. Todos são descendentes dos africanos escravizados do século 19.

Entretanto, apesar do estranhamento, o seu Diomar tomou a palavra:

- “Ione, acreditamos em você, ele pode ficar conosco e fazer o seu trabalho”.

Como esquecer tamanha generosidade por parte de uma família que fui conhecer naquele momento. Em seguida, apresentei o projeto de pesquisa e disse:

- “Agradeço de coração e não trairei a confiança que vocês estão depositando em mim”.

Mal sabia eu que ali nascia uma profunda e sincera amizade e parceria com esta família e comunidade quilombola, além de uma mudança em minha vida. Foi a partir daquele momento que me tornei um pesquisador de cultura quilombola, escritor e defensor de sua causa. Ao longo destes onze anos, foram dezenas de visitas, pesquisas, livros e capítulos de livros publicados, prêmios recebidos, produção de um filme curta-metragem, diversos artigos científicos e reportagens em jornais, TVs e portais de notícias, tudo compartilhado com a comunidade. Também participei de vários projetos, feiras de agricultura familiar, da

implantação da horta circular e da conquista de um trator, recebido através de um projeto da Fundação do Banco do Brasil, a fundo perdido¹.

Entretanto, o mais importante de tudo é o que aprendi com eles. Sim, isso mesmo. Aprendi como se vive em uma casa de adobe. Como se lida na colheita de feijão, da capina do milho, no cuidado com o arroz. Aprendi como se produz a farinha, a fabricação artesanal dos seus bolos, enroladinhos, petas, pães, beijus, cuscuz, o requeijão, os queijos, tudo no fogão e forno a lenha.

Aprendi a respeitar a sua religiosidade e suas diversas manifestações culturais, ao acompanhar as novenas, a Folia do Divino Sagrado Coração de Jesus, a Festa dos Solteiros e dos Casados, a Folia dos Santos Reis. Aprendi o rico simbolismo dos rituais e significados que constituem a sua cultura, no respeito pelos mais velhos em qualquer situação ao pedirem a bênção todos os dias.

Aprendi com os relatos do seu Balbino, da Bia, Senhorinha e Altina, já falecidos, das histórias contadas pela Rosa e Diomar, bem como da matriarca da comunidade Maria Dias, parteira da maioria dos moradores da Lagoa da Pedra. Dos causos contados pela Valcy, Eudézia, Inácia, Marco, Toim e Joaquim Bento. Pela ajuda do Ruimar, Rosana, Miro, Messias, Helena e tantos outros. Por esta razão, não os considero apenas amigos, pois nos tornamos irmãos².

Com este prelúdio já é possível perceber que a comunidade quilombola Lagoa da Pedra não é um objeto de pesquisa, mas trata da cultura de sujeitos que, em parceria, vem auxiliando e de forma engajada com a pesquisa acadêmica se dispõe a auxiliar no que for possível para a difusão de sua riqueza cultural.

A problematização inicial da pesquisa se pautou nas seguintes questões: Quais os benefícios, bem como as interferências positivas e negativas do processo de globalização sobre esta comunidade quilombola? Em quais aspectos houve uma transformação na Lagoa da Pedra a partir do momento em que foi reconhecida como uma comunidade quilombola? Qual impacto causado com a chegada da atividade mineradora na região de Arraias que afetaram a comunidade na opinião dos quilombolas? Há insegurança e medo por parte dos quilombolas da Lagoa da Pedra, principalmente na questão fundiária? Houve alteração no seu modo de vida? Como a chegada das novas tecnologias impactou a comunidade? Houve alteração dos saberes e fazeres, a realização, celebrações tanto de cunho religioso quanto folclórico? Como

¹ Exemplos estão registrados no sexto capítulo desta tese.

² Adaptado da crônica, publicada no Jornal do Tocantins, no dia 17 de janeiro de 2017, Ano 37, Nº 6974, na Coluna Crônicas&Causos e no Blog Alfarrábio Pensar <<http://alfarrabioteste.blogspot.com.br/2017/01/aprendendo-com-quilombolas.html>>.

os mais velhos, também jovens e crianças lidam com um novo cenário na era da cibercultura, e a partir das mudanças ocorreu uma melhor escolarização, e possibilitou vários jovens a estudar? Por último, o novo cenário ajudou a comunidade a manter a sua identidade cultural quilombola?

Portanto, objetivou-se nesta pesquisa, que resultou nesta tese de doutorado, analisar as mudanças e as permanências culturais da Lagoa da Pedra, Arraias-TO, ocorridas a partir do seu reconhecimento como uma comunidade quilombola. A partir deste objetivo geral, foi feita uma análise folkcomunicacional da identidade cultural desta comunidade, sob dois aspectos: primeiro, sobre os impactos da mineração que estão ocorrendo na região, na voz dos moradores da comunidade; segundo, sobre a apropriação por parte dos quilombolas da comunidade das novas tecnologias.

A folkcomunicação é uma demonstração de resistência cultural por parte dos considerados marginalizados, como é o caso da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, e para se compreender isto à base dos dados analisados fiz um detalhamento do alicerce teórico da folkcomunicação. Para se entender o capítulo cinco e seis com base numa análise folkcomunicacional da identidade cultural quilombola ao se tratar dos impactos da mineração e da apropriação das novas tecnologias foi detalhada neste capítulo a importância da folkcomunicação no sistema globalizado de comunicação, mostrando o mosaico cultural na mídia globalizada. Para tanto, descrevi o processo de evolução da própria teoria desde a sua criação, quando se pautava no agente folk, e, com o passar dos anos, o surgimento da Folkmídia e do ativista midiático do sistema folkcomunicacional. Todo este assunto tem a ver diretamente com o que se percebe na comunidade quilombola Lagoa da Pedra.

O percurso metodológico para realizar a pesquisa e que resultou nesta tese de doutoramento consistiu no seguinte: adotei um dos princípios apresentados por Marilena Chauí ao explicitar o significado de método, ou caminho/percurso metodológico: “[...] *methodos* significa uma investigação que segue um modo ou uma maneira planejada e determinada para conhecer alguma coisa; procedimento racional para o conhecimento seguindo um percurso fixado” (CHAUÍ, 1994, p. 354). Em outras palavras, o método não quer dizer seguir por qualquer caminho, mas terá que ser um caminho que ofereça a segurança necessária, que possibilite uma interpretação com a maior coerência e correção possíveis das questões propostas em uma pesquisa. Para se escolher um método adequado, vale novamente o conselho da autora acima citada: “[...] o bom método é aquele que permite conhecer verdadeiramente o maior número de coisas com o menor número de regras. Quanto maiores

as generalidades e a simplicidade do método, quanto mais puder ser aplicado aos mais diferentes setores do conhecimento, melhor será ele” (CHAUÍ, 2011, p. 16).

Esta pesquisa, portanto, teve como ponto de partida, como justificativa de abordagem teórica, e que fundamentou toda a análise de dados qualitativos, uma visão crítica a respeito do modelo de desenvolvimento global, que é gerador de uma crise em âmbito planetário de devastação socioambiental. Um modelo de desenvolvimento que é pautado na extração cada vez maior dos recursos naturais, no consumo excessivo, potencializado pela moderna tecnologia de comunicação e informação, e que está agravando a continuidade da vida humana no planeta.

Para fundamentar a crítica a este modelo que atinge grande parte, talvez a maioria das nações da atualidade, trouxe pontos de vista de diferentes autores que questionam estes conceitos de desenvolvimento e que apresentam não palavras jogadas ao vento, mas contribuições importantes sobre as questões ambientais, tais como a preservação da biodiversidade, valorização das culturas tradicionais e desenvolvimento pautado na justiça e equidade sociais.

A revisão da literatura se deu através de textos publicados em livros, artigos científicos, teses, palestras, documentários e filmes disponibilizados na Internet. A Internet tem sido uma ferramenta de grande valor na busca de informações, de textos e até livros completos em formato digital. Este tipo de estudo que se desenvolve a partir de material já elaborado, apresentado e discutido em fóruns, debates, seminários, congressos entre outros e publicado seja em livros, revistas indexadas ou outros meios, permite ao pesquisador uma cobertura mais ampla de fenômenos.

Como a pesquisa qualitativa é interativa e não linear, o bom investigador qualitativo anda para frente e para trás entre planejamento e desenvolvimento para assegurar congruência entre a formulação da questão de investigação, a revisão de literatura, a amostragem, e ainda a recolha e análise de dados. Os dados recolhidos são sistematicamente verificados, o foco mantido e o ajustamento dos dados ao marco conceitual para a análise e interpretação são monitorizados e confirmados constantemente (COUTINHO, 2014, p. 243).

A leitura e reflexão sobre textos já elaborados representou uma excelente fonte de ideias e fez com que, como pesquisador, ampliasse o meu raio de visão bem como de interpretação. Nesta ótica, foram escolhidos alguns autores clássicos que serão comparados com os atuais, não menos influentes nas suas argumentações, principalmente ao se fazer uma análise da crise contemporânea e comparar os projetos de desenvolvimento com os impactos

nas questões socioambientais. A seleção, leitura e reflexão de diversos textos foram realizadas de forma contínua durante todo o período da pesquisa e escrita da tese, diante da necessidade de conhecimentos vários sobre o tema proposto, conforme atesta Martins (2006, p. 19): “O que outros escreveram servirá de base e elucidação dos achados, argumentações, análises, demonstrações, defesa das proposições previamente colocadas”.

Esta pesquisa qualitativa é classificada conforme Coutinho (2014) e também Flick (2005) como descritiva, na qual se realizou o estudo, o registro dos dados coletados e, a partir destes, feita a análise e interpretação dos fatos. Como existem diversos tipos de estudos descritivos catalogados sob a designação de *survey*, que pode ser traduzido como uma pesquisa no sentido de inquérito ou sondagem, Coutinho (2014, p. 317) classifica-os, “[...] em função de três objetivos básicos: descrever, explicar ou ainda explorar”. No presente caso da minha pesquisa é enquadrada em descrever o fenômeno, pois visa analisar aspectos culturais da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO, em um período de 13 anos, a partir de seu reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo.

Esta investigação também teve como alicerce os marcos regulatórios que tratam das questões ambientais no que tange à mineração. Segundo atesta Enríquez (2008), o Brasil elaborou marcos regulatórios importantes ligados às questões ambientais, com efeitos significativos no setor mineral, entretanto deixa a desejar quando se trata destas questões na dimensão socioeconômica. Um dos marcos a serem considerados é a Constituição Federal de 1988, que dedicou o capítulo VI, artigo 225, de forma exclusiva para o tema Meio Ambiente (BRASIL, 1988). A inclusão de um tema tão relevante não ocorreu por acaso, pois foi resultado de pressões sobre a Constituinte por parte de vários movimentos sociais ambientais, destacando-se, especialmente, os que lutavam pela defesa da conservação da Amazônia Legal.

A criação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA, através da LEI Nº 7.735, de 22 de fevereiro de 1989, também representou um avanço no processo de reestruturação do setor público, responsável da política ambiental, que até esta data estava pulverizada em vários órgãos³ (BRASIL, 1989). A criação do IBAMA modificou o processo no âmbito da gestão ambiental e possibilitou novas

³ Art. 4º O patrimônio, os recursos orçamentários, extra-orçamentários e financeiros, a competência, as atribuições, o pessoal, inclusive inativos e pensionistas, os cargos, funções e empregos da Superintendência da Borracha - SUDHEVEA e do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal - IBDF, extintos pela Lei nº 7.732, de 14 de fevereiro de 1989, bem assim os da Superintendência do Desenvolvimento da Pesca - SUDEPE e da Secretaria Especial do Meio Ambiente - SEMA são transferidos para o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, que os sucederá, ainda, nos direitos, créditos e obrigações, decorrentes de lei, ato administrativo ou contrato, inclusive nas respectivas receitas.

formulações e aprimoramento e, inclusive, sendo de sua competência o acompanhamento aos projetos setoriais nas questões de meio ambiente.

Um fato histórico no processo de reestruturação governamental do setor público foi a criação do Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal - MMA, em 1993, através da Lei Nº 8.746, de 9 de dezembro de 1993 (BRASIL, 1993). O IBAMA ficou vinculado a este ministério, mantendo as suas atribuições e responsabilidades no tocante à política ambiental. Também foram criadas as Secretarias Estaduais e Municipais e os Conselhos Estaduais e Municipais de Meio Ambiente, entre outros.

É importante mencionar, também, o papel fundamental exercido pelo Conselho Nacional de Meio Ambiente - CONAMA, em especial, com resoluções, destacando-se a 001/1986 e a 237/1997 que tratam da exigência dos Estudos de Impacto Ambientais -EIAs⁴ e demais instrumentos de comando e de controle como Relatórios de Impactos Ambientais (RIMAs)⁵, Planos de Controle Ambientais (PCAs) e Relatórios de Controle Ambientais (RCAs)⁶, planos de monitoramentos, planos de fechamento de mina, apresentação dos estudos em audiências públicas, necessidade de anuência pelos conselhos estaduais e municipais de meio ambiente, entre outros.

Para Saraiva (2006),

Essas inovações políticas e gerenciais que o Brasil assumiu estavam ligadas ao contexto de fortalecimento da discussão ambiental a nível global. Elas sinalizaram como respostas dadas pelo país diante do reconhecimento de que grande parte de nossas áreas é representativa da biodiversidade mundial. Conceitos, como o de desenvolvimento sustentável, entendido como uma perspectiva de desenvolvimento comprometida com as gerações presentes e futuras, [...] ganharam espaço somente neste contexto (SARAIVA, 2006, p. 32).

Entretanto, apesar do rigor apresentado nas resoluções dos órgãos ambientais e suas resoluções, nas questões socioeconômicas há falhas e falta de rigor. A economista e doutora em desenvolvimento sustentável Maria Amélia Rodrigues da Silva Enriquez registra em seu

⁴RESOLUÇÃO CONAMA Nº 001, de 23 de janeiro de 1986. Publicado no D.O.U de 17 /2/86. O CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - IBAMA, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 48 do Decreto nº 88.351, de 1º de junho de 1983, para efetivo exercício das responsabilidades que lhe são atribuídas pelo artigo 18 do mesmo decreto, e Considerando a necessidade de se estabelecerem as definições, as responsabilidades, os critérios básicos e as diretrizes gerais para uso e implementação da Avaliação de Impacto Ambiental como um dos instrumentos da Política Nacional do Meio Ambiente, RESOLVE: Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res86/res0186.html>>. Acesso em: 19 jan. 2016.

⁵RESOLUÇÃO Nº 237, de 19 de dezembro de 1997.

Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res97/res23797.html>>. Acesso em: 19 jan. 2016.

⁶ RESOLUÇÃO/conama/N.º 010 de 6 de dezembro de 1990. Publicada no D.O.U. de 28/12/90, Seção I, Págs. 25.540 a 25.541. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res90/res1090.html>>. Acesso em: 19 jan. 2016.

livro *Maldição ou Dádiva? Os dilemas do desenvolvimento sustentável a partir de uma base mineira*⁷, que “[...] esse é um problema global que atinge não somente o Brasil e outras economias periféricas, mas também países ricos, como o Canadá, por exemplo” (ENRIQUEZ, 2008, p. 04). Ao abordar a dimensão socioeconômica ela se ancora em autores clássicos e assevera:

Eles afirmam que a dinâmica econômica, deixada ao seu livre jogo, ou seja, sem mecanismos indutores das políticas públicas, tende a favorecer e reforçar atores que já estão em vantagem [...]. Portanto, sem mecanismos indutores, é pouco provável que o desenvolvimento de regiões com fracos indicadores socioeconômicos ocorra espontaneamente, a reboque do crescimento do setor mineral (ENRIQUEZ, 2008, p. 04-05).

A autora faz um alerta sobre esta situação e sua importância, alegando que no Brasil a mineração está se expandindo para áreas muito deprimidas socioeconomicamente, como é o caso, também, de Arraias-TO, onde foi desenvolvida a pesquisa.

Fiz uma busca das notícias publicadas em portais na Internet sobre a atuação da empresa mineradora em Arraias-TO, e analisei o enfoque discursivo sobre desenvolvimento sustentável na região como resultado da exploração mineral e observando se estas matérias jornalísticas apontassem geração de benefícios para a comunidade quilombola Lagoa da Pedra. Um dos olhares foi sobre a aplicação da Compensação Financeira pela Exploração Mineral – CFEM⁸, por parte da empresa mineradora ao município de Arraias-TO e, se a comunidade quilombola diretamente impactada foi beneficiada de alguma forma por estes recursos.

A pesquisa realizada foi um Estudo de Caso, que se caracterizou pela descrição, compreensão e interpretação de fatos e fenômenos da comunidade quilombola Lagoa da Pedra localizada no município de Arraias-TO.

O estudo de caso possibilitou a compreensão da realidade social, econômica e cultural da comunidade quilombola Lagoa da Pedra. A atenção e habilidade de um pesquisador, ao se valer dos procedimentos de Estudo de Caso, deve ser redobrada, “[...] isto porque se faz necessário controlar vieses potenciais que surgem em grande intensidade ao longo de todo o

⁷ Esta obra é resultado de sua tese defendida no Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB, em 2007.

⁸ A CFEM, estabelecida pela Constituição de 1988, em seu Art. 20, § 1º, é devida aos Estados, ao Distrito Federal, aos Municípios, e aos órgãos da administração da União, como contraprestação pela utilização econômica dos recursos minerais em seus respectivos territórios (BRASIL, 1988). Cabe ao Departamento Nacional de Produção Mineral - DNPM, baixar normas e exercer fiscalização sobre a arrecadação da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais - CFEM. (Lei nº 8.876/94, art. 3º - inciso IX) (BRASIL, 1994).

processo de construção do estudo” (MARTINS, 2006, p. xxi). Segundo este autor, o pesquisador ao utilizar o Estudo de Caso em sua investigação, terá que ter o cuidado para não referendar posições preconcebidas.

As técnicas a serem utilizadas para levantamento de dados e evidências neste Estudo de Caso foram a observação participante, entrevistas e questionários semiestruturados detalhados em seguida. A observação participante nesta pesquisa foi fundamental e permitiu colher com efetividade dados e informações precisas na comunidade quilombola Lagoa da Pedra. Conforme atesta Coutinho:

Observações, entrevistas, documentos pessoais e oficiais, fotografias, desenhos, e-mails e conversas informais podem constituir-se como fontes de informação em estudos qualitativos. Os dados obtidos a partir destas fontes têm um denominador comum: a sua análise depende fundamentalmente das capacidades integradoras e interpretativas do investigador (COUTINHO, 2014, p. 331).

A Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra foi a base para a pesquisa, pois é um local já familiar e um contexto pesquisado anteriormente conforme descrito no livro *Cultura Quilombola na Lagoa da Pedra* (TESKE, 2011). Este fato se tornou fundamental na realização desta pesquisa, pois não sendo mais um pesquisador desconhecido nesta comunidade e com livre trânsito, os laços de confiança já estão bem solidificados, o que permitiu tanto a revelação de informações e dados importantes para a pesquisa, bem como os líderes foram os maiores aliados para a sua concretização.

Ao realizar a Observação Participante neste Estudo de Caso, fui um pesquisador envolvido na vida dos sujeitos e tais procedimentos acabaram por resultar em certo clima de informalidade. Os sujeitos passam a falar livremente sem que um roteiro pré-estabelecido ou um questionário estruturado ou semiestruturado lhes tenham sido impostos. Portanto, nestes casos, o Diário de Campo foi necessário, no qual foram registrados cotidianamente todos os dados importantes e significativos, e, além deste procedimento, todas as entrevistas realizadas desta forma foram gravadas, e posteriormente transcritas e sistematizadas. “[...] o objeto deixa de ser tomado como um dado inerte e neutro, o sujeito é considerado como parte integrante do processo de conhecimento, atribuindo significados àquilo que pesquisa” (SANTAELLA, 2001, p. 143).

Na medida em que as visitas e entrevistas foram evoluindo, os líderes e demais entrevistados sempre foram deixados a par do que estava ocorrendo e sempre explicando os objetivos da realização da pesquisa, inclusive assinando o Termo Livre e Esclarecido, conforme Anexo 11. É importante registrar que cada pessoa entrevistada, e/ou fotografada e

que está mencionada nesse trabalho assinou este termo de consentimento, para que seus depoimentos e imagens possam ser publicados em artigos, livros ou outros meios que, porventura, possam vir a contribuir na divulgação de suas manifestações culturais e identidade cultural.

Este Estudo de Caso também é uma pesquisa de natureza antropológica e etnográfica, e, por esta razão, requer do pesquisador muita paciência e perseverança, pois é necessário muito tempo, atenção, principalmente ao ouvir os entrevistados, visto que falam livremente rebuscando na memória suas experiências e lembranças do passado. Para este tipo de pesquisa são necessárias algumas habilidades, tais como:

(a) Atenção ao fenômeno estudado e livre de toda sorte de preconceitos, sem emissão de qualquer juízo de valor sobre o que está sendo observado; b) capacidade para ouvir, fundamental para que se tenha êxito; c) acuidade para efetuar observações; d) disciplina para efetuar registros de forma minuciosa, precisa e cuidadosa, pois revelará percepções e emoções dos sujeitos; e) organização para armazená-los e classificá-los; f) capacidade para realizar sínteses, sendo que o material coletado é volumoso; g) habilidade para colocar-se na perspectiva do outro como forma de facilitar a comunicação e conseguir colaboração; h) paciência e perspicácia para captar nos acontecimentos da vida diária os aspectos que trarão a compreensão desejada daquilo que se está estudando (CHIZZOTTI, 1995, p. 82-83).

A familiarização estabelecida com o universo cultural desta comunidade quilombola, ao longo da pesquisa, fez com que houvesse, também, um movimento inverso de sua parte, pois como pesquisador me tornei um sujeito socialmente reconhecido nesta comunidade. Para dar um exemplo, conforme explicitado com mais detalhes no último capítulo, na análise da Folia de Santos Reis, os primeiros a fazerem parte da mesa da janta são os foliões, os donos da casa e pagadores de promessa, e neste momento, como já havia ocorrido em outras manifestações culturais que celebram, fui convidado a fazer parte, não como gentileza apenas, mas por reconhecerem que o papel exercido ao longo destes anos de pesquisa, sempre em parceria com os sujeitos da comunidade, são uma honraria para a própria comunidade.

O antropólogo Roberto Cardoso Oliveira, com vasta experiência nesta área, denomina isto de “encontro etnográfico”, pois, segundo ele, quando ocorre uma observação participante “[...] o pesquisador assume um papel perfeitamente digerível pela sociedade observada, a ponto de viabilizar uma aceitação senão ótima pelos membros daquela sociedade, pelo menos afável, de modo a não impedir a necessária interação” (OLIVEIRA, 2000, p. 24).

Este tipo de relação de amizade e confiança possibilita ao pesquisador um olhar diferenciado e muito próximo das conversas e dos fatos. Coutinho (2014) descreve desta forma:

Como se desenrola a sessão: natureza do problema, que fazem os participantes, contexto e ambiente, quem é o líder, quem segue a quem, quem é decisivo, como é o clima da sessão, que crenças, valores e atitudes podem emergir;
Como termina a sessão: o grupo está dividido, unido, cansado, aborrecido, entusiasmado, etc.;
Que atividades ou interações foram significativas para o esclarecimento do problema (COUTINHO, 2014, p. 331-332).

Duas situações ocorrem ao se fazer este tipo de pesquisa, uma é o acompanhamento direto tanto das manifestações culturais, como o se inteirar das conversas, o sentar junto, ouvir o que falam entre si, acompanhá-los nas atividades da roça e nos demais fazeres ao redor do fogão caipira ou do forno de farinha. Tudo isto gera anotações no diário de campo para posterior análise. A outra situação são as entrevistas com mais profundidade.

As entrevistas com os moradores foram gravadas, posteriormente armazenadas em computador e devidamente identificadas. A opção adotada na transcrição destas entrevistas foi a de respeitar e manter a linguagem coloquial da narrativa oral dos entrevistados. Por sua vez, ao fazer a transcrição, as entrevistas foram avaliadas, seguindo três fases, conforme recomenda Alberti (1989): a) realização da reprodução exatamente como foi gravado; b) conferência de fidelidade; c) e, por fim, fazer os cortes necessários para que haja uma adaptação do texto à leitura.

Para que tivesse êxito, já sabendo que os entrevistados ainda têm como base a tradição oral, que é muito forte e presente, fiz uso da metodologia da história oral, tanto na modalidade história de vida como temática. Segundo Ferreira (1994), é por meio de entrevistas de variadas formas, que é possível registrar experiências variadas seja de um indivíduo apenas ou de um grupo de pessoas de uma mesma coletividade. Na verdade, tudo quanto se narra oralmente é história, seja história de alguém, seja a história de um grupo, seja história real ou mítica.

As perguntas ou os temas abordados na entrevista, considerada semiestruturada, utilizada conforme Coutinho (2014) descreve, para se obter dados e informações de diversos sujeitos, entrevistados de forma individual, girou em torno de dois assuntos, as mudanças causadas pela mineração nos arredores da comunidade e chegada da tecnologia e sua

utilização por parte dos moradores. Para que o sucesso em entrevistas desta natureza esteja assegurado, Coutinho (2014) recomenda o seguinte:

Ouvir mais que falar;
Evitar perguntas fechadas;
Não interromper. Aprender a esperar a resposta;
Perguntar coisas concretas;
Tolerar o silêncio (sinal de que o entrevistado está a pensar);
Não julgar os pontos de vista do entrevistado. O entrevistador está ali para aprender as perspectivas do entrevistado, esteja ou não de acordo com elas;
Não discutir ou debater as respostas obtidas. O seu papel é recolher informação (COUTINHO, 2014, p. 333).

Neste estudo de caso também foi utilizada a base teórico-metodológica da Folkcomunicação e, portanto, ao pesquisador da Folkcomunicação torna-se indispensável à utilização do método histórico. Segundo Benjamin (2001), ao se aplicar o método da história oral se procurará valorizar a narrativa, a experiência, os sentimentos e os significados das manifestações culturais no processo comunicacional. O autor explicita essa questão realçando que:

Esta concepção dinâmica cultural implica em admitir que no momento da observação estejam sendo atribuídos significados que podem até ser considerados divergentes ou aberrantes em relação aos significados anteriores. Por outro lado, os diferentes participantes de uma festa e a sua assistência poderão atribuir significados bastante variados a um mesmo conteúdo apresentado (BENJAMIN, 2001, p. 21).

Sendo assim, a memória coletiva da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO, foi revisitada, por meio do método da História Oral que,

[...] aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial" (POLLAK, 1989, p. 02).

Portanto, o método da história oral foi utilizada nos diálogos com alguns indivíduos denominados de agentes ou comunicadores folk, que são os líderes ou formadores de opinião da própria comunidade. Desta forma, foi possível verificar as permanências e mudanças das

manifestações simbólicas ocorridas nas suas manifestações culturais a partir da instalação da mineradora no município e da chegada das novas tecnologias e sua relação com a sua cultura. Para o criador da teoria da Folkcomunicação, Luiz Beltrão, “[...] o comunicador folk tem a personalidade característica dos líderes de opinião identificada”, da seguinte forma:

1. Prestígio na comunidade, independente da posição social ou da situação econômica, graças ao nível de conhecimentos que possui sobre determinados temas e à aguda percepção de seus reflexos na vida e costumes de sua gente;
2. Exposição às mensagens do sistema de comunicação social, participando da audiência dos meios de massa, mas submetendo os conteúdos ao crivo de ideias, princípios e normas do seu grupo;
3. Frequente contato com fontes externas autorizadas de informações com as quais intercambia conhecimentos e recolhe preciosos subsídios; e, finalmente,
4. Arraigadas convicções filosóficas, à base de suas crenças e costumes tradicionais, da cultura do grupo a que pertence, às quais submete ideias e inovações antes de acatá-las e difundi-las, com vistas a alterações que considere benéficas ao procedimento existencial de sua comunidade (BELTRÃO, 2004, p. 80).

Entre os que podem ser considerados agentes folk da comunidade quilombola, estão os dirigentes da associação, professores das escolas e auxiliares, educadores sociais, os líderes dos jovens, especialmente os universitários e alguns moradores que transitam com frequência entre a própria comunidade, povoados e cidades vizinhas, principalmente, Campos Belos, GO e Arraias, TO, pois fazem com que haja um fluxo comunicacional constante e intenso.

Pela riqueza da tradição oral, ainda mantida nesta comunidade, outra técnica utilizada foi a do campo da memória. Objetivou-se, assim, visitar os significados que os moradores reinventam em épocas passadas o que é, ao mesmo tempo, conforme afirma Montenegro (1992), produzir significados também para as experiências presentes e futuras, porque são compostas no tempo presente do depoente. É por essa condição de composição de reminiscências, pelas formas de interações dos indivíduos na elaboração e constituição de sua memória/identidade e pelas suas interseções temporais, que a história oral, na sua modalidade história de vida, representou uma metodologia de suma importância para esta pesquisa.

Em especial, a atenção foi voltada para os mais velhos para ouvir as suas histórias sobre as manifestações culturais da comunidade, pois foram eles que deram sequência, no passado, ao que ouviram e aprenderam, por sua vez, dos seus antepassados, representando assim “[...] fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara [...] e os velhos são guardiões do passado” (CHAUI, 2009, p. 18). Ainda, segundo a autora, o sistema capitalista oprime, isola e não valoriza as pessoas na sua velhice e, principalmente, investe na destruição da memória ao afirmar: “Destruindo os suportes

materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros” (CHAUÍ, 2009, p. 19). Além disso, ainda acrescenta que a história oficial, na maioria das vezes imposta, conhecida e repetida, não é outra coisa do que um roubo do sentido, da transparência e das versões que mais se aproximam da verdade dos fatos.

Procurei ouvir as histórias dos mais velhos da comunidade Lagoa da Pedra, da mesma forma como sugeriu Bosi (2009, p. 37), e fazer um registro de “[...] uma memória pessoal que, como se buscará mostrar, é também uma memória social, familiar e grupal”. A autora ainda assevera que:

O principal esteio do meu método de abordagem foi a formação de um vínculo de amizade e confiança com os recordadores. Esse vínculo não traduz apenas uma simpatia espontânea que se foi desenvolvendo durante a pesquisa, mas resulta de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito (BOSI, 2009, p. 37-38).

Para se compreender a perspectiva folkcomunicacional das manifestações culturais da comunidade quilombola Lagoa da Pedra foi seguido o roteiro proposto por Marques de Melo (2008) e que é composto por quatro elementos: a memória, o perfil, o conteúdo e as mediações, detalhados da seguinte forma:

1. Memória: trata-se de registrar as manifestações culturais enquanto fato histórico. Através da entrevista oral, como já se abordou, foi possível reconstituir a trajetória dos eventos, suas permanências e suas mutações.
2. Formato: trata-se de descrever as manifestações culturais na sua estrutura, sua dinâmica social, seus agentes culturais e suas fontes de sustentação econômica.
3. Conteúdo: trata-se de resgatar sua programação e suas manifestações explícitas e observar os significados no entorno social.
4. Mediações: observar-se-á se há diferentes instituições intermediando e/ou controlando os agentes das manifestações culturais, seja de natureza ideológica ou econômica.

Fazendo uso do roteiro acima, foi possível trabalhar com o esquema classificatório, ou taxonomia folkcomunicacional, esboçado inicialmente por Luiz Beltrão em 1980 e atualizada por Marques de Melo (2013) observando se as manifestações culturais das comunidades quilombolas composto pelo Gênero, Formato e Folkcomunicacional oral, visual, icônico ou cinético e o seu Tipo, conforme Anexo 1.

Objetivando uma melhor compreensão sobre a teoria e método da Folkcomunicação, foi separado o capítulo dois especificamente para este tema, pois a pesquisa na comunidade quilombola Lagoa da Pedra está ancorada nela.

No primeiro capítulo, para que se possa compreender, o processo de formação da identidade quilombola da Lagoa da Pedra, que vem sendo impactada por inúmeras alterações e transformações nos seus modos de viver, tanto nos saberes como fazeres, principalmente a partir do seu reconhecimento como comunidade quilombola, em setembro de 2004, fiz uma abordagem inicial sobre o significado, e o que representa o processo de globalização e os reflexos diretos deste sobre uma comunidade tradicional e quilombola. A partir deste capítulo, como base teórica, será possível entender e compreender os benefícios, bem como as interferências positivas e negativas deste processo.

Sendo assim, o capítulo foi ancorado em cientistas de caráter humanista. Inicialmente, com explanações sobre o Sistema-mundo moderno colonial detalhado por Quijano (2005) e Porto-Gonçalves (2005). Em seguida, foi abordado em que consiste o processo de globalização e mostrando que este é um dos responsáveis pela crise contemporânea.

Mais adiante, com base em vários autores, entre eles o sociólogo Boaventura de Souza Santos, foi feita uma abordagem sobre o processo da globalização e a contradição entre o capitalismo e a democracia, detalhando que, em tese, o processo democrático deveria favorecer toda a sociedade, mas o que se vê são injustiças, conflitos e tensões entre os extratos sociais.

Na sequência, foi explanado sobre o processo de globalização e o desafio ambiental na contemporaneidade, bem como o caráter planetário da devastação socioambiental como resultado deste processo. Já para o final deste capítulo ainda se abordou a questão da injustiça ambiental, exemplificado com o Relatório Summers. O capítulo encerra-se com um exemplo recente da ação de grandes empresas multi e transnacionais que vem gerando muitos e graves problemas socioambientais.

O segundo capítulo tratei de principal elucidar o que vem a ser a Folkcomunicação, visto que a análise dos dados obtidos na pesquisa tem por base a perspectiva folkcomunicacional. Para tanto, fiz uma descrição da criação desta teoria, que tem como o seu autor Luiz Beltrão, como resultado de sua tese de doutorado em 1967, na Universidade de Brasília - UnB. Ele definiu a folkcomunicação, que veio a ser a primeira e única teoria de comunicação brasileira.

O terceiro capítulo traz uma compreensão da questão de identidade e características das comunidades tradicionais. O que afinal diferencia estas comunidades das demais e como

são definidas pelos cientistas das áreas sociais e humanas. O debate gerado a partir da modernidade é sobre a questão de direitos de inclusão tecnológica das comunidades tradicionais e de como se apropriam dos mais diversos meios de comunicação e das novas tecnologias.

É importante trazer esta discussão para dentro da tese, pois esta se faz necessária ao analisarmos uma comunidade quilombola. Entretanto, a discussão sobre o assunto é complexa, pois, se por um lado, há a necessidade da inclusão digital e tecnológica, pela necessidade que se impõe a todos como direito, por outro, não se pode esquecer que há uma manipulação e interesses nefastos que são muitas vezes velados e não são explícitos. E com base nisto, é feita a análise dos dados coletados na comunidade.

Para entender bem o assunto recorri a Geertz (2001) que lança uma luz sobre as questões de identidade cultural. Contudo, também há de se considerar, como já foi apresentado no primeiro capítulo, que nunca houve na história da humanidade, principalmente nos últimos 40 anos, o efeito que decorre da globalização cultural, proporcionada pelas modernas tecnologias da comunicação.

Para ampliar um pouco a explanação sobre identidade cultural, também abordei neste capítulo as definições sobre modernidade de Giddens, da pós-modernidade de Hall e da modernidade líquida de Bauman.

No quarto capítulo fiz uma comparação geral entre o passado e o presente da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, desde a sua origem aos dias atuais. A sua origem data do século 19, antes da assinatura da Lei Áurea, portanto trata-se de uma comunidade remanescente dos negros escravizados que fugiram da opressão e escravidão, especialmente da mineração forçada. A partir daí construíram uma nova história, que se constitui em uma riqueza cultural valiosa. Neste capítulo fiz uma descrição detalhada desta realidade, inclusive com os depoimentos colhidos nas entrevistas com os moradores. A partir disto, é possível compreender melhor a vida, as ansiedades e os projetos de vida desta comunidade, bem como os desafios e tensões a que é submetida devido o processo de globalização.

No quinto capítulo relatei, com base nas entrevistas dos quilombolas da Lagoa da Pedra, como eles enxergam e lidam com as empresas de mineração que estão explorando a área circundante da comunidade. Já houve, no início do processo de mineração na região, investidas sobre a comunidade, tais como tentativas de aquisição, comodato e até mesmo posse forçada da área que compreende a Lagoa da Pedra. Caso o Ministério Público Federal não tivesse feito uma intervenção no processo, esta comunidade já teria sido desapropriada, pois toda a área é rica no minério, principalmente de fosfato. Havia um processo de

transformação da área em território, sob a responsabilidade do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - Ibama, mas por causa destas ameaças, muitos deles não entenderam a proposta, que traria benefícios para a comunidade, assegurando a posse coletiva sobre o território. Entretanto, por causa de estranhos à comunidade, infiltrados no meio deles, desestabilizaram o processo, semeando confusão e gerando intranquilidade dentro da própria comunidade. Segundo relatam alguns líderes quilombolas, houve intervenção inclusive da polícia para que o conflito não se agravasse. Tudo isso causado pela ambição do minério, conforme está descrito neste capítulo.

No sexto capítulo descrevi em detalhes a transformação causada na comunidade com a chegada das novas tecnologias. Tudo começa a mudar a partir da chegada da energia elétrica e, bem recentemente, à conexão com a Internet, após a instalação de uma antena da empresa de telecomunicação⁹ na região. Contudo, para que se compreenda o que representam as mudanças nesta comunidade quilombola, elaborei uma sistematização de seis fases, como se fosse uma linha do tempo. A primeira é o da criação desta comunidade, no século 19. A segunda fase é o da organização social e cultural desta comunidade que sucede a da criação e se estende até quase o final do século 20. A terceira fase tem o seu início no final do século 20 até o início do século 21, na qual já começam a ocorrer algumas mudanças na comunidade. A quarta fase tem o seu início no ano de 2004, ocasião em que ocorre a certificação desta comunidade como quilombola, da titulação individual de suas terras e a reorganização da comunidade Lagoa da Pedra e segue até a metade do ano de 2016. A quinta fase tem o seu início com a instalação de uma torre de telefonia celular, da empresa Claro, e é um fator que afetou o modo de viver da comunidade, quando foram incluídos na cultura digital e como estão utilizando as novas tecnologias na luta contra a discriminação e o preconceito. O que foi possível observar e ouvir dos quilombolas é como estão se apropriando das novas tecnologias e como elas estão mudando o comportamento das crianças, dos jovens e até de pessoas um pouco mais velhas. Neste capítulo explanei como conciliam as novas tecnologias com as suas diversas manifestações culturais, tanto de cunho religioso como folclórico e tudo isto baseado na teoria da folkcomunicação.

⁹ Empresa Claro de Telecomunicação.

CAPÍTULO 1 – GLOBALIZAÇÃO, MEIO AMBIENTE E COMUNIDADES TRADICIONAIS

Ao tratar nesta tese sobre a identidade da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, onde analisei o impacto das empresas de mineração na voz dos seus moradores, bem como lidam com as novas tecnologias, fiz uma abordagem inicial sobre o significado, o que representa e os reflexos diretos do processo da globalização. A partir disto, foi possível entender e compreender quais os benefícios, bem como as interferências positivas e negativas do processo de globalização sobre esta comunidade quilombola. O contexto globalizante está ancorado no discurso de desenvolvimento global e sustentável, entretanto para Quijano (2005) e Porto-Gonçalves (2012) isto é denominado de “sistema-mundo moderno-colonial”. Para estes autores, a globalização é a culminância deste processo de colonialidade, de dominação, no qual “[...] um dos eixos fundamentais desse padrão de poder é a classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica de dominação colonial” (QUIJANO, 2005, p. 107).

1.1 Sistema-mundo, moderno-colonial

Ao utilizar o termo “sistema-mundo moderno-colonial”, Quijano (2005) junta distintos conceitos, pois vai ampliar a ideia de sistema-mundo desenvolvido por Immanuel Wallerstein, para denominar o “[...] padrão de poder que passou a governar o mundo após 1492” (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 23), período em que os europeus chegaram e iniciaram o seu domínio na América. Na apresentação do livro *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina* de Edgardo Lander, Porto-Gonçalves¹⁰ afirma que “[...] nesta América, se desenvolveram as primeiras cidades racionalmente planejadas, planejadas para dominar” (PORTO-GONÇALVES, 2005, p. 4). O autor ainda diz que a Europa só passou a se colocar como centro do mundo a partir do domínio da América. A partir desta conquista, se colocou como civilização superior, enquanto que a América passa a ser subalterna, e, por esta razão, fez com que grande parte da riqueza deste continente fosse levada para além-mar. Consequentemente, tudo isto fortaleceu o poder da Europa.

¹⁰ Doutor em geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O que Quijano (2005) quer mostrar, ao utilizar o termo sistema-mundo moderno-colonial, é que na América Latina a colonialidade continua a existir, apesar do colonialismo ter ficado no passado. Para que se possa compreender um pouco melhor o que de fato o conceito sistema-mundo moderno-colonial significa, é necessário definir como se estabeleceu o poder colonial e onde estava a sua força. As relações de dominação que surgiram com a conquista da América, implantaram a ideia de raça, e as relações sociais passaram a ser permeadas com esse conceito. Portanto, a partir disso se “[...] produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras” (QUIJANO, 2005, p. 107). O que o autor deixa claro é que as relações sociais entre os colonizadores europeus se configuravam em relações de dominação. Por este motivo “[...] tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha” (QUIJANO, 2005, p. 107). Inicialmente foi estabelecida a ideia de raça e identidade racial, para em seguida usar estes conceitos como instrumentos de classificação social da população.

Quijano, (2005, p. 116) ilustra com muita propriedade como ocorreu esta inferiorização dos povos conquistados mencionando exemplos, ao afirmar que os colonizadores ao chegarem à América “[...] encontraram um grande número de diferentes povos, cada um com sua própria história, linguagem, descobrimentos e produtos culturais, memória e identidade”. É importante destacar, como faz o autor, que entre estes povos que habitavam estas terras e este continente, alguns eram bem desenvolvidos e sofisticados, tais como: “[...] astecas, maias, chimus, aimarás, incas, chibchas, etc”. Em seguida, o autor descreve o que ocorreu após trezentos anos, ao serem reduzidos, a uma identidade única, ou seja, simplesmente denominados de índios. Para o autor: “Esta nova identidade era racial, colonial e negativa”. Caso semelhante ocorreu com os negros, pertencentes a diversos povos da África, trazidos para a América como escravos, tais como os: “[...] achantes, iorubás, zulus, congos, bacongos, etc. No lapso de trezentos anos, todos eles não eram outra coisa além de negros”.

Dessa forma, a condição de inferioridade foi imposta aos denominados colonizados, e o eurocentrismo foi se legitimando.

Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e

consequentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais (QUIJANO, 2005, p. 107-108).

Esta é a base para o que Porto-Gonçalves (2012) denomina de mundo moderno, que fundamentará a natureza do processo de globalização da atualidade. Lander (2005, p. 08), ao analisar os saberes coloniais e eurocêntricos, evidencia que o neoliberalismo promove um discurso hegemônico sobre a “[...] naturalização das relações sociais, a noção de acordo com a qual as características da sociedade chamada moderna são a expressão das tendências espontâneas e naturais do desenvolvimento histórico da sociedade”. Segundo Lander (2005), este discurso do mundo-moderno, que vai assegurando a sociedade capitalista e que é extremamente excludente, gerando a desigualdade, deve ser desconstruído.

A consolidação hegemônica eurocêntrica foi conquistada a partir da dominação da América, à custa da escravidão dos negros transportados da África, que se tornavam um produto negociável e altamente rentável, com a prática de genocídio dos indígenas, de etnocídios e, como afirma Porto-Gonçalves (2012, p. 24-25), “[...] com a consequente desorganização das sociedades originárias e a exploração de seus recursos naturais por todo lado (ecocídio)”.

É indiscutível que a dominação, gerou riqueza para os dominadores e pobreza para os dominados. Porto-Gonçalves assevera que o sistema hierárquico do poder, moderno-colonial ocorreu basicamente com “[...] trabalho escravo, sobretudo dos negros, e no trabalho servil, quase sempre indígena, que grande parte das florestas da América foi dizimada, seus melhores solos praticamente esgotados e as principais minas de ouro e prata exauridas” (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 25). A dominação sobre as pessoas, consideradas inferiores em todos os sentidos, não foi a única ação dos colonizadores, pois também mantiveram a dominação sobre a própria natureza. Esta prática continua até os dias atuais, dominando as sociedades e a natureza fazendo com que estas relações sejam uma demonstração real de poder, sob a forma de globalização.

1.2 Globalização – sistema de desenvolvimento ou de dominação?

Todo o processo de dominação da atualidade, que vem sendo apresentado como sendo a modernidade e um modelo de desenvolvimento ancorado em um sistema econômico, não é

outra coisa do que, como afirma Quijano (2005, p. 113), “[...] uma incorporação ao novo e comum padrão de poder mundial”.

Entretanto, este modelo de dominação e de desenvolvimento ancorado em um sistema econômico, está gerando uma crise mundial que, cada vez mais, investe no desmatamento, causa poluição ambiental, desloca milhares de pessoas de seus locais de origem onde vivem e preservam suas culturas.

O sistema econômico atual não tem contribuído para que haja um desenvolvimento sustentável, uma promoção da equidade social, tampouco a exploração dos recursos naturais e ambientais tem contribuído na construção de uma sociedade mais justa e ambientalmente sustentável. Muito pelo contrário, o que se pode observar é o aumento da pobreza e a exclusão de milhares de pessoas e sociedades do processo produtivo.

Chegamos a um limite, pois o que está em jogo é a sobrevivência da própria humanidade. Diante deste cenário, as discussões sobre a globalização, as consequências e impactos causados tanto sobre o meio ambiente físico, social, ecológico, ambiental e cultural, têm-se intensificado cada vez mais nas últimas décadas como está descrito a seguir.

O sociólogo britânico Anthony Giddens, que segundo vários autores, entre eles o sociólogo Boaventura de Sousa Santos, tem se dedicado em reformular a teoria social e reexaminar a compreensão do desenvolvimento e da modernidade. Giddens (1990) foi um dos primeiros a definir o conceito sobre globalização, citado, como tal, inclusive por Boaventura de Sousa Santos (SANTOS, 2011). Giddens, em seu livro *The Consequences of Modernity*, publicado em 1990, define globalização como “[...] a intensificação das relações sociais mundiais que ligam as localidades distantes de tal forma que os acontecimentos locais são moldados por eventos que ocorrem a muitos quilômetros de distância e vice-versa”¹¹ (GIDDENS, 1990, p. 64).

Boaventura de Souza Santos¹² também compreende que as interações transnacionais tem se intensificado de forma rápida nas últimas três décadas. O sociólogo afirma que o processo é dramático

[...] desde a globalização dos sistemas de produção e das transferências financeiras, à disseminação, a uma escala mundial, de informação e imagens através dos meios de comunicação social ou às deslocções em massa de pessoas, quer como turistas, quer como trabalhadores migrantes ou refugiados (SANTOS, 2011, p. 25).

¹¹ Texto no original: “*as the intensification of worldwide social relations which link distant localities in such a way that local happenings are shaped by events occurring many miles away and vice versa*”.

¹² Professor catedrático jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e diretor do Centro de Estudos Sociais e Coordenador Científico do Observatório Permanente da Justiça Portuguesa.

Para Santos, o processo da globalização é um fenômeno multifacetado “[...] com dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de modo complexo” (SANTOS, 2011, p. 26). Para Carlos Walter Porto-Gonçalves, a globalização já está entranhada nos corações e mentes das pessoas e sociedades. Ele afirma que, palavras como globalização, mundialização e planetarização têm causado reflexos e “[...] começam a construir uma nova comunidade de destino, em que a vida de cada um já não se acharia mais ligada ao lugar ou ao país onde se nasceu ou, pelo menos, não se acharia mais ligada do mesmo modo como se achava antes (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 12). Segundo o autor, não há neutralidade no termo Globalização, pois a responsabilidade de transformar a escala local em global não são as sociedades que tem uma relação próxima com a natureza, mas é provocada pelas [...] grandes corporações transnacionais, as organizações multilaterais – o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional, a Organização Mundial de Comércio, as organizações (que) não (querem) governos nacionais (ONGs)” (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 12).

Quando o autor acima citado se refere a sociedades que tem uma relação próxima com a natureza está se referindo aos povos originários, comunidades quilombolas, extrativistas, camponeses que, muitas vezes são considerados atrasados, sem cultura ou selvagens, ou ainda na concepção antiga denominados de bárbaros na concepção dos romanos. E com este olhar sobre estes povos, pessoas e comunidades, o capitalismo se reveste e age com uma missão civilizatória, tudo sob a aura do sistema democrático.

Fábio Konder Comparato tem argumentado que o capitalismo mudou a sua estratégia. Ao participar da mesa redonda *Crise Global Contemporânea*¹³, promovido pela Escola de Governo e Ação Educativa de São Paulo, baseado em estudos de historiadores, afirmou que o capitalismo em meados do século XVIII era o capitalismo industrial e que causou uma verdadeira mudança tanto no mundo da época quanto nos séculos que se seguiram, pois investia em produção de bens em um ritmo muito acelerado e, a partir desta prática, um incentivo ao consumo como jamais se havia visto e vivido na história da humanidade. Segundo Comparato, quem estabelecia as regras no campo político internacional neste

¹³ Evento ocorrido no dia 28 de outubro de 2015, *Crise Global Contemporânea*, promovido pela Escola de Governo e Ação Educativa de São Paulo com a participação de: Boaventura de Sousa Santos, sociólogo e professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (Portugal); Fábio Konder Comparato, advogado e jurista brasileiro, professor emérito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, comprometido com as questões sociais, fundador da Escola de Governo de São Paulo, autor de várias obras sobre o desenvolvimento dos direitos humanos, ética, desenvolvimento e capitalismo, considerado um expoente da intelectualidade de esquerda da atualidade; Maria Victoria Benevides, socióloga, com especialização no campo da Ciência Política e do Direito e em temas da História Política brasileira e da Educação.

período eram os representantes do capitalismo industrial. Entretanto, nas últimas décadas este cenário mudou, pois o capitalismo industrial foi substituído pelo capitalismo financeiro e quem estabelece as regras a partir de então são os banqueiros. Por esta razão, Comparato afirma que “[...] os bancos não produzem nenhuma riqueza. Eles, na melhor das hipóteses, são auxiliares na produção através do crédito. Mas, hoje, bancos ganham muito mais além do crédito, fora do crédito” (COMPARATO, 2015).

Para Comparato (2015), a dominação econômica no século 21, que passou da indústria para os bancos, foi provocada pelo neoliberalismo e está fortemente ligada ao sistema de comunicação. O domínio e o controle deste sistema de comunicação estão concentrados nos grandes grupos financeiros, que, por sua vez, impedem a sociedade tomar conhecimento de toda esta articulação que move o mundo. Em uma entrevista ao semanário *el País*¹⁴, publicada no dia 5 de maio de 2018, o filósofo Jürgen Habermas, ao referir-se ao novo sistema de comunicação e informação e seu interesse, comandado por grupos econômicos é taxativo ao afirmar que

[...] o efeito de fragmentação da Internet deslocou o papel da mídia tradicional, em qualquer caso entre as novas gerações. Antes que essas tendências centrífugas e atomizadoras da nova mídia entrassem em cena, a desintegração da esfera cidadã já havia começado com a mercantilização da atenção pública. Os Estados Unidos e seu domínio exclusivo da televisão privada é um exemplo assustador. Agora, as novas mídias praticam uma modalidade de mercantilização muito mais insidiosa. Nela, o objetivo não é diretamente a atenção dos consumidores, mas a exploração econômica do perfil privado dos usuários. Eles roubam os dados dos clientes sem o seu conhecimento para serem capazes de manipulá-los melhor, às vezes até para fins políticos perversos¹⁵ (HABERMAS, 2018, s/p).

Para exemplificar a sua afirmação, Habermas complementa com o caso do escândalo do Facebook, em 2016, que comercializou dados de seus usuários sem o seu consentimento, principalmente na eleição presidencial dos Estados Unidos da América naquele ano. Esta ação de domínio não é resultado de um processo natural, casual ou até por uma intervenção divina e misteriosa, mas é, sim, muito bem pensado e calculado, como afirma Quijano “[...] algo que pode ser produzido pela ação das pessoas, por seus cálculos, suas intenções, suas decisões,

¹⁴ Disponível em: <https://elpais.com/elpais/2018/04/25/eps/1524679056_056165.html>.

¹⁵ Original – [...] el efecto fragmentador de Internet ha desplazado el papel de los medios de comunicación tradicionales, en todo caso entre las nuevas generaciones. Antes de que entrasen en juego estas tendencias centrífugas y atomizadoras de los nuevos medios, la desintegración de la esfera ciudadana ya había empezado con la mercantilización de la atención pública. Estados Unidos y su dominio exclusivo de la televisión privada es un ejemplo espeluzante. Ahora, los nuevos medios de comunicación practican una modalidad mucho más insidiosa de mercantilización. En ella, el objetivo no es directamente la atención de los consumidores, sino la explotación económica del perfil privado de los usuarios. Se roban los datos de los clientes sin su conocimiento para poder manipularlos mejor, a veces incluso con fines políticos perversos.

portanto como algo que pode ser projetado e, conseqüentemente, ter sentido” (QUIJANO, 2005, p. 114).

Tudo isto ocorre em nome de uma modernidade, um novo padrão mundial, que, como já dito anteriormente, denominado de sistema mundo moderno colonial tem a intenção de alcançar todos os povos em um mesmo processo de exploração e dominação. Segundo Quijano (2005), esta modernidade “[...] é, assim, também uma questão de conflito de interesses sociais. Um deles é a contínua democratização da existência social das pessoas. Nesse sentido, todo conceito de modernidade é necessariamente ambíguo e contraditório” (QUIJANO, 2005, p. 115).

Para o sociólogo Boaventura de Sousa Santos está havendo uma contradição entre o capitalismo e a democracia, pois esta está fundamentada em dois pilares, na ideia constitucional que “[...] por um lado é soberana, popular, e por outro, a soberania popular se alicerça na ideia de inclusão através de direitos, direitos de várias gerações, civis, políticas, econômicas, sociais, ecológicas, culturais, etc.” (SANTOS, 2015).

Na sequência de sua explanação, o sociólogo apresenta o funcionamento de um sistema democrático que, em tese, deveria estar pautado e tem uma vertente de distribuição social e é exatamente este fator que está gerando um conflito, uma tensão pelo modelo atual do capitalismo. Este modelo em voga não quer o desenvolvimento de um país, e, sim propõe, quer e estabelece “[...] parcerias transatlânticas, transpacíficas, mercado livre e economia mundial globalizada” (SANTOS, 2015).

Para Santos (2015), já houve épocas em que a democracia se tornou um obstáculo tão grande para o capitalismo que esta foi sacrificada, como ocorreu no fascismo e em regimes ditatoriais. No momento atual, a estratégia não é de sacrificar a democracia, basta apenas esvaziá-la. Ao analisar a atual conjuntura econômica mundial, assevera que não podemos afirmar com certeza para onde estamos indo, além de colocar em dúvida se estamos de fato em um sistema democrático.

Penso ser oportuno associar a esta explanação as palavras proferidas pelo escritor José Saramago, no seu discurso no dia 10 de dezembro de 1998, em Estocolmo, Suécia, durante o banquete que lhe foi oferecido pelo Prémio Nobel de Literatura daquele ano. Saramago fez questão de lembrar, que já se haviam passado cinquenta anos desde a assinatura da Declaração Universal dos Direitos Humanos, entretanto, apesar disto:

[...] As injustiças multiplicam-se, as desigualdades agravam-se, a ignorância cresce, a miséria alastra. A mesma esquizofrénica humanidade capaz de enviar

instrumentos a um planeta para estudar a composição das suas rochas, assiste indiferente à morte de milhões de pessoas pela fome. Chega-se mais facilmente a Marte do que ao nosso próprio semelhante (SARAMAGO, 1998, p. 01).

Na sequência de seu discurso, ele é categórico ao afirmar que os governos estabelecidos democraticamente são incapazes de reverter este quadro caótico, “[...] porque não lhe permitem aquelas que efetivamente governam o mundo, as empresas multinacionais e pluricontinentais cujo poder, absolutamente não democrático, reduziu a quase nada o que ainda restava do ideal da democracia” (SARAMAGO, 1998, p. 01). Em uma entrevista feita pelo repórter Luís Antônio Giron, publicada na *Revista Época*, no dia 31 de outubro de 2005, foi categórico ao responder a razão de tanta crítica ao regime democrático que fez no *Ensaio sobre a Lucidez*¹⁶:

Porque o fato é um só: a democracia funciona apenas no plano institucional, na organização e derrubada de governos pelo voto. Na prática, quem manda são organismos como a Organização Mundial do Comércio e o FMI, que não são eleitos democraticamente, são instituições imperiais. Na falsa democracia mundial, o cidadão está à deriva, sem a oportunidade de intervir politicamente e mudar o mundo. Atualmente somos seres impotentes diante de instituições democráticas das quais não conseguimos nem chegar perto (REVISTA ÉPOCA, 2005, digital).

José Saramago, ao discursar no V Fórum Social Mundial¹⁷, alertou os participantes para mudarem o mundo. Recomendou que todos iniciassem uma discussão sobre algo fundamental, ou seja: “[...] a democracia. Ela está aí, como se fosse uma espécie de santa no altar, de quem já não se espera milagres, mas que está aí como referência. E não se repara que a democracia em que vivemos é uma democracia sequestrada, condicionada, amputada” (SARAMAGO, 2005, p. 01).

Na sequência de seu discurso, ele assevera que há uma falácia no discurso coletivo sobre o tema democracia e alerta:

O poder do cidadão, o poder de cada um de nós, limita-se, na esfera política, a tirar um governo de que não se gosta e a pôr outro de que talvez venha a se gostar. Nada

¹⁶ Livro lançado em 2004, pela Academia das Letras. “Numa manhã de votação que parecia como todas as outras, na capital de um país imaginário, os funcionários de uma das seções eleitorais se deparam com uma situação insólita, que mais tarde, durante as apurações, se confirmaria de maneira espantosa. aquele não seria um pleito como tantos outros, com a tradicional divisão dos votos entre os partidos da direita, do centro e da esquerda; o que se verifica é uma opção radical pelo voto em branco. usando o símbolo máximo da democracia - o voto -, os eleitores parecem questionar profundamente o sistema de sucessão governamental em seu país. É desse corte de energia cívica que fala ensaio sobre a lucidez. não apenas no título José Saramago remete ao seu ensaio sobre a cegueira”.

¹⁷ A 5ª edição do Fórum Social Mundial ocorreu em Porto Alegre, RS, nos dias 26 a 31 de janeiro de 2005. Foi a primeira participação do escritor José Saramago.

mais. Mas as grandes decisões são tomadas em uma outra grande esfera e todos sabemos qual é. As grandes organizações financeiras internacionais, os FMI, a Organização Mundial do Comércio, os bancos mundiais. Nenhum desses organismos é democrático. E, portanto, como falar em democracia se aqueles que efetivamente governam o mundo não são eleitos democraticamente pelo povo? Quem é que escolhe os representantes dos países nessas organizações? Onde está então a democracia? (SARAMAGO, 2005, p. 01).¹⁸

As organizações apontadas por José Saramago, Boaventura de Sousa Santos, Fábio Konder Comparato coincidem com o pensamento de Carlos Walter Porto-Gonçalves quando afirma que a mídia está a serviço destas grandes organizações e de forma ardilosa, sábia e esperta manipula a sociedade para que cada um cuide do seu lixo, de alguma espécie ameaçada de extinção e quer fazer crer que a responsabilidade diante da injustiça ambiental é “[...] igual de cada um, como se o todo fosse a soma das partes, cada qual igual a outra” (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 15).

Nesta época de globalização, de um sistema capitalista financeiro no qual as grandes organizações estabelecem as regras, em que a democracia é distorcida do seu verdadeiro sentido, Porto-Gonçalves (2012) alerta para as ciladas oferecidas pelos meios de comunicação de massa quando apresentam noções, conceitos como qualidade de vida ou desenvolvimento sustentável. O que está por detrás destes discursos e conceitos? Ele afirma que:

O debate ambientalista cada vez mais se torna um debate com fortes conotações esquizofrênicas, onde a gravidade dos riscos com que o planeta se defronta, aliás, gravíssimos como frequentemente se anuncia, contrasta com as pífiás e tímidas propostas do gênero “plante uma árvore”, promova a “coleta seletiva de lixo” (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 16).

Concordo com a argumentação do escritor e intelectual José Saramago no V Fórum Social Mundial ao deixar claro que a sociedade não está sendo levada a pensar na gravidade dos problemas socioambientais, na injustiça ambiental e na solução efetiva dos problemas. Isto tem razões e muitos interesses escusos em jogo quando assevera:

Quem manda no mundo? O mercado, o lucro, a ganância. Se os partidos que governam se submetem aos poderes econômicos, a quem serve o poder político? Apenas para adaptar legislações nacionais e ser vigia de manifestações de protesto? As multinacionais mandam no mundo. Que democracia é essa? Prefiro chamar a isso de Ditadura do Capitalismo. Nunca fomos uma democracia. [...] É uma democracia de aparências (SARAMAGO, 2005, p. 01).

¹⁸ Há também um vídeo no Youtube desta parte do discurso do escritor José Saramago: José Saramago - falsa democracia. Disponível em: <<https://youtu.be/m1nePkQAM4w>>.

Seguindo esta linha de pensamento, encontro em Quijano uma semelhança na abordagem sobre o tema, ao afirmar que a democracia não pode ser considerada algo que promove a cidadania como se promovesse a igualdade jurídica e civil para toda a sociedade, pois as pessoas que compõe esta mesma sociedade estão situadas de forma desigual nas relações de poder. Além disso, se anuncia um estado democrático de direito, quando, na realidade, “[...] as relações sociais em todos os outros âmbitos da existência social fossem radicalmente não democráticas ou antidemocráticas” (QUIJANO, 2005, p. 115).

Para Achille Mbembe¹⁹, em um dos seus mais recentes artigos publicou que está em curso no atual século, um “[...] longo e mortal jogo”, e afirma que a grande disputa ou choque não está centrado entre religiões e civilizações, mas “[...] será entre a democracia liberal e o capitalismo neoliberal, entre o governo das finanças e o governo do povo, entre o humanismo e o nihilismo” (MBEMBE, 2017, s/n).

1.3 Sistema econômico vigente transformou o meio ambiente em mercadoria

O que fica claro e não deixa dúvidas é que o capitalismo, nas últimas três décadas, período em que o neoliberalismo se instalou, sob a aura da democracia, os recursos naturais e o próprio meio ambiente foram transformados em mercadoria. Isto nos coloca diante de um enorme desafio ambiental na contemporaneidade.

Leonardo Boff²⁰, em seu artigo *Sociedade Mundial da Cegueira*, faz severas críticas à sociedade atual, pois está alicerçada sobre uma visão reducionista da realidade, e, concordando com o escritor José Saramago, faz um alerta sobre o destino humano e o futuro da biosfera. No seu artigo, Boff (2010) questiona este fato, que denomina de brutal, de não ser visto por especialistas, nem ter a devida atenção por parte dos chefes de Estado e muito menos por parte da grande mídia que deveriam alertar a sociedade para o cenário futuro, caso

¹⁹ Achille Mbembe (1957, Camarões francês) é historiador, pensador pós-colonial e cientista político; estudou na França na década de 1980 e depois ensinou na África (África do Sul, Senegal) e Estados Unidos. Atualmente, ensina no Wits Institute for Social and Economic Research (Universidade de Witwatersrand, África do Sul). Ele publicou *Les Jeunes et l'ordre politique en Afrique noire* (1985), *La naissance du maquis dans le Sud-Cameroun. 1920-1960: histoire des usages de la raison en colonie* (1996), *De la Postcolonie, essai sur l'imagination politique dans l'Afrique contemporaine* (2000), *Du gouvernement prive indirect* (2000), *Sortir de la grande nuit – Essai sur l'Afrique décolonisée* (2010), *Critique de la raison nègre* (2013). Seu novo livro, *The Politics of Enmity*, será publicado pela Duke University Press neste ano de 2017.

O artigo foi publicado, originalmente, em inglês, no dia 22-12-2016, no sítio do Mail & Guardian, da África do Sul, sob o título "The age of humanism is ending" e traduzido para o espanhol e publicado por Contemporeafilosofia.blogspot.com, 31-12-2016.

²⁰ É teólogo, filósofo, escritor, ecologista e professor emérito de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

persista este modelo. Entretanto as razões não deixam dúvidas: “Simplesmente porque, majoritariamente, se encontram enclausurados em seus saberes específicos nos quais são muito competentes, mas que, por isso mesmo, se fazem cegos para os gritantes problemas globais” (BOFF, 2010, p. 01).

O líder máximo da Igreja Católica e chefe de Estado do Vaticano, Papa Francisco, ao lançar a carta encíclica *Laudato Si*²¹, com o título *Sobre o Cuidado com a Casa Comum*, estabeleceu como tema central a Ecologia e nela faz críticas à degradação humana e ambiental e os privilégios ao setor financeiro. Ao longo do texto afirma que a destruição da natureza e a miséria tem a mesma raiz. Na reportagem sobre Sustentabilidade, publicada na *Revista Carta Capital*, no dia 27/6/2015, o repórter Claudio Bernabucci ao fazer uma matéria sobre esta encíclica afirmou que ela ultrapassaria o âmbito religioso, e nasceu para deixar uma marca muito forte em vários aspectos na sociedade: “Tamanho é a sua profundidade espiritual, amplitude cultural e contundência política que o debate sobre os rumos do planeta neste século não poderá prescindir dela, seja para apoiá-la, seja para combatê-la” (BERNABUCCI, 2015).

Não pretendo aqui fazer uma análise mais profunda desta importante encíclica, entretanto destacar os principais pontos que apresenta, inclusive como alerta para que o mundo tome consciência da gravidade da situação ecológica e ambiental e adote ações para, pelo menos, minimizar os graves impactos que o atual projeto de desenvolvimento vem causando sobre a humanidade.

No primeiro capítulo, ao tratar da atual crise ambiental e ecológica, o chefe maior do Vaticano aponta na Encíclica para a falha da civilização moderna ao entender que a missão humana foi a de dominar a natureza e não entender que não se pode apostar, de forma ilusória, em um progresso infinito. Todo este processo tem gerado as mudanças climáticas que se constituem em “[...] um problema global com graves implicações ambientais, sociais, econômicas, distributivas e políticas, constituindo atualmente um dos principais desafios para a humanidade” (FRANCISCO, 2015, p. 09).

Segundo consta na encíclica, os pobres e os chamados países em desenvolvimento são as primeiras vítimas da cultura do descarte e, por esta razão, eles têm que ser incluídos nas discussões sobre poluição, mudança climática ou sobre a perda da biodiversidade que são resultado de verdadeiros abusos cometidos contra a natureza. No quarto capítulo da encíclica

²¹ Carta Encíclica *Laudato Si*, foi lançada no dia 24 de maio de 2015. É a segunda encíclica lançada pelo papa Francisco. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.pdf>.

Laudato Si foi abordado um tema crucial que trata sobre a ecologia integral. O faz na mesma linha que Leonardo Boff, quando trata das quatro tendências da ecologia ambiental, social, mental, integral (BOFF, 2009). A questão da ecologia integral pode ser considerada como o cerne na encíclica, pois é apresentada como novo paradigma de justiça.

É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza (FRANCISCO, 2015, p. 44).

Ao abordar a relação entre a política que costuma se submeter à economia o papa Francisco é enfático que isto não pode ser tolerado e que a “[...] economia não deve se submeter aos ditames e ao paradigma eficientista da tecnocracia. Pensando no bem comum, hoje é imperioso que a política e a economia, em diálogo, se coloquem decididamente a serviço da vida humana” (FRANCISCO, 2015, p. 58). É possível novamente traçar um paralelo entre suas argumentações e dos autores que apresentei ao longo desta revisão teórica. Ainda sobre a questão econômica, afirma que o esforço que vem sendo feito para salvar os bancos a qualquer custo, faz com que a população pague este preço, “[...] sem a firme decisão de rever e reformar o sistema inteiro, reafirma um domínio absoluto da finança que não tem futuro e só poderá gerar novas crises depois de longa, custosa e aparente cura” (FRANCISCO, 2015, p. 58).

A visão humanista apresentada na encíclica *Laudato Si*, baseada em pesquisas e intelectuais da contemporaneidade, tem gerado reações adversas, tanto por parte de religiosos quanto de políticos defensores do atual sistema econômico desenvolvimentista²².

As reações adversas ao teor da Encíclica *Laudato Si* são uma clara demonstração que este não é um tema fácil de lidar na contemporaneidade. Entretanto, vejo como de suma importância que os intelectuais, filósofos, pesquisadores continuem a se dedicar ao tema, pois, como já dito anteriormente, o que está em jogo é o futuro da humanidade. O grande

²² Conforme reportagem na Revista Carta Capital, elaborada pelo repórter Bernabucci, as hostilidades contra o Pontífice partiram inicialmente de cardeais conservadores norte-americanos e em seguida por parte de políticos conservadores que, abertamente, se manifestaram contrários ao teor do documento apresentado, tais como, o senador republicano de Oklahoma, James Inhofe que vem negando tanto a existência quanto os efeitos do aquecimento global. Ele chegou a dizer que o papa Francisco deve “[...] se ocupar dos seus problemas” (BERNABUCCI, 2015). Do mesmo modo um dos candidatos à Presidência da República dos Estados Unidos, Jeb Bush, emitiu o seguinte comentário: “Não vou receber ordens do pontífice” (BERNABUCCI, 2015). Reportagem publicada originalmente na edição 855 de *Carta Capital*, com o título “O papa verde”. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/855/o-papa-verde-9648.html>>.

questionamento que deve ser feito é: o modelo e tipo de desenvolvimento proposto pelas grandes organizações, às quais os governos estão atrelados, servem a quem efetivamente? O que não se pode negar é a alteração drástica da cultura dos povos neste milênio, tendo sua origem na globalização. Segundo o filósofo Boff (2005), em uma das críticas ao paradigma capitalista e ocidental, a dominação do mito do desenvolvimento data pelo menos do século XVIII.

Entendia-se o desenvolvimento como um processo de crescimento econômico capaz de arrastar consigo toda a sociedade. Supunha tal dinâmica econômica que se podia sustentar um desenvolvimento social e político igualmente universal, transformando a sociedade num conjunto social integrado, no qual todos os seres humanos veriam satisfeitas suas necessidades básicas e, livres delas, ascenderiam a um futuro humano e espiritual maior (BOFF, 2005, p. 50).

Na realidade, nada disto aconteceu muito pelo contrário, os dominadores, conquistadores europeus, ao chegarem às Américas consideraram os nativos como estrangeiros, esquisitos, estranhos e sem direitos. Quijano (2005) exemplifica com o que ocorreu nesta época.

[...] no novo Estado-nação chamado Estados Unidos da América do Norte, os índios foram excluídos dessa nova sociedade. Foram considerados estrangeiros. Mas posteriormente suas terras foram conquistadas e eles quase exterminados. Só então os sobreviventes foram encerrados na sociedade estadunidense como raça colonizada (QUIJANO, 2005, p. 120).

Nas demais Américas o cenário não foi diferente, pois a colonialidade deste novo padrão de poder era exatamente o mesmo, tanto negros escravizados quanto indígenas não tinham lugar, e sempre mantidos à distância do “[...] controle dos recursos de produção, das instituições e mecanismos da autoridade pública” (QUIJANO, 2005, p. 120). Mignolo (2008) propõe projetos para confrontar o que denomina de globalização neoliberal que se pautam em direção contrária, ou seja:

[...] trabalham em direção a uma organização sócio-política, em escala global, baseada na desfetichização do poder político e em uma organização econômica que visa à reprodução da vida ao invés da reprodução da morte e visa à reciprocidade e à distribuição justa da riqueza entre muitos, e não à acumulação de riqueza entre poucos. É esta a última meta econômica que precisa de exploração e dominação, corrupção e trabalho voltado para interesses próprios (MIGNOLO, 2008, p. 298).

Para este autor a economia deve estar à serviço da reprodução da vida e que vise o bem comum e não da forma como atualmente ocorre, no qual o poder está na mão do Estado e/ou outras instituições e não na própria comunidade .

Boff²³ assevera que o resultado do atual modelo de desenvolvimento foi catastrófico, como já explicitado, pois em vez de harmonia entre o desenvolvimento humano e o desenvolvimento econômico, baseado no desenvolvimento técnico, como estava planejado, “[...] trouxe caos e insustentabilidade para 2/3 da humanidade” (BOFF, 2005, p. 50).

O autor da teoria de Gaia, James Lovelock²⁴, em seu livro *Vingança de Gaia*, faz um detalhamento da destruição que Gaia, e apresenta a Terra, denominada de Gaia, como um planeta que está sofrendo, bem como das causas que originam todo esse desequilíbrio. Entre as muitas análises que são mencionadas no livro, ele destaca: o degelo dos polos; o aquecimento dos oceanos, que por sua vez, está matando as algas, necessárias para manter o equilíbrio da geração das nuvens e a absorção do dióxido de carbono; a redução das áreas cobertas pelas florestas tropicais que estão desestabilizadas pelo aquecimento global; a morte dos ecossistemas florestais e das algas faz com que haja mais dióxido de carbono e metano no ar (LOVELOCK, 2006).

Na teoria de Gaia apresentada na sua obra, ele destaca que uma das consequências imediatas de tudo isso é o aumento da temperatura da Terra. Além disso, os gases estufa estão sendo acrescentados ao ar, na medida em que o desmatamento aumenta e estão sendo substituídas por áreas agricultáveis. Ao se referir sobre o estilo de vida atual que se desenvolveu no mundo, Lovelock aponta o uso sem controle de pesticidas agrícolas, atualmente mais conhecidos como defensivos agrícolas, talvez para maquiagem o perigo destas substâncias, sendo que, uma das consequências imediatas dessa ação é a mortandade generalizada de pássaros, entre outros males. Na encíclica *Laudato Si*, citada anteriormente, também é abordado este assunto. Lovelock insiste em afirmar na sua teoria que vários fenômenos que geram o desequilíbrio ambiental não ocorrem por um fator natural e cíclico como argumentam muitos pesquisadores. Por outro lado, concorda com a tese da não imutabilidade do Planeta, isso quer dizer que há, também, fatores naturais de alteração climática.

Ao ter abordado teoricamente de forma reduzida o caráter planetário do modelo de desenvolvimento, o tema meio ambiente como mercadoria e demonstrado que estamos diante

²³ O seu trabalho como escritor, consultor e integrante do grupo de reforma da ONU, especialmente quanto à Declaração Universal do Bem Comum da Terra e da Humanidade, está pautado às questões ambientais.

²⁴ Pesquisador inglês e ambientalista.

de um enorme desafio socioambiental na contemporaneidade é necessário analisar historicamente a mineração e como esta se insere em todo este contexto global.

O modelo de desenvolvimento atual, conforme apresentado até o momento nesta abordagem teórica, é preocupante, pois a população do mundo chegou a 7,3 bilhões em 2015, com previsão de chegar a 11,2 bilhões de habitantes no ano 2100, conforme relatório *Perspectivas da População Mundial*²⁵ da Agência Brasil – EBC (2015). Isto significa que será cada vez mais e mais difícil encontrar na terra um lugar que não esteja afetada pela poluição feita pelo homem.

As sociedades humanas estão alterando a paisagem do planeta desde o início de sua existência, mas, numa velocidade nunca vista e experimentada antes, surgem cidades, regiões tomadas por resíduos tóxicos perigosos e se constituem uma ameaça às civilizações que habitam o nosso planeta.

É inegável que existe um modelo de desenvolvimento sendo imposto às sociedades atuais, pautado pela economia, e que têm sido gerador de conflitos, miséria, desequilíbrios e demonstra ser de caráter planetário de devastação socioambiental, onde a natureza está sendo gradativamente transformada em uma mercadoria. A devastação de nosso planeta é uma realidade e o aquecimento global já não é mais uma fantasia alimentada por ambientalistas, pesquisadores e pensadores que, há muitos anos, de forma isolada ou mesmo grupos e organizações, tem levantado a bandeira da preservação e do cuidado que se deve ter com o meio ambiente (TESKE, 2011).

Ao analisarmos que está havendo uma deterioração ambiental no processo de mudança global, recorreremos ao engenheiro químico e economista mexicano Enrique Leff²⁶, que afirma haver o que denomina de “degradação ambiental” Leff (2007, p. 56). Para este autor, considerado um dos principais intelectuais latino-americanos no âmbito da problemática ambiental, de posição teórica-marxista, a origem desta degradação ambiental está em duas vertentes: no crescimento e na globalização da economia.

Segundo afirma Leff (2007), a realidade atual está marcada por uma degradação das bases da sustentabilidade ecológica do processo econômico e a define como uma “[...] crise de civilização que questiona a racionalidade do sistema social, os valores, os modos de produção e os conhecimentos que os sustentam” (LEFF, 2007, p. 56). Ao discorrer sobre este tema,

²⁵ Divulgado no dia 29 de julho de 2015, pela Organização das Nações Unidas – ONU.

²⁶ Doutor em Economia do Desenvolvimento pela Sorbonne (1975), professor de Ecologia Política e Políticas Ambientais na Pós-Graduação da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) e, desde 1986, coordenador da Rede de Formação Ambiental para a América Latina e Caribe do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA). Conhecido no Brasil como professor do Curso de Pós-graduação no Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná.

alega haver um desequilíbrio em todo o ecossistema do planeta Terra e, por consequência, é causador de uma instabilidade global. Segundo ele, a natureza está sendo coisificada, e é taxativo ao asseverar que:

A superexploração dos ecossistemas, que os processos produtivos mantinham sob silêncio, desencadeou uma força destrutiva que em seus efeitos sinérgicos e acumulativos gera as mudanças globais que ameaçam a estabilidade e sustentabilidade do Planeta: a destruição da biodiversidade, a rarefação da camada estratosférica de ozônio, o aquecimento global. O impacto dessas mudanças ambientais na ordem ecológica e social do mundo ameaça a economia como um câncer generalizado e incontrolável (LEFF, 2007, 56).

Boff (2008), em sua obra *Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra* (2008), destaca que o mundo que habitamos está indo em direção ao caos. Essa situação é resultado de um comportamento do ser humano que, através da implantação de um sistema no mundo, não para de investir na devastação de todo o planeta. Os recursos naturais estão sendo usados de forma acelerada, trazendo consequências previsíveis e imprevisíveis, entre estas, a mais grave de todas é a aniquilação da espécie humana e de muitas outras espécies que habitam o planeta (BOFF, 2008).

Ao se referir sobre a destruição da vida no planeta, conforme exposto, Moacir Gadotti²⁷, usa um termo muito forte e carregado de significado ao dizer que vivemos na “[...] era do exterminismo”, e acrescenta: “Passamos do modo de produção para o modo de destruição” (GADOTTI, 2000, p. 31).

Da mesma forma, Fritjov Capra²⁸ vem desenvolvendo um trabalho na promoção da educação ecológica, e faz comparações entre o pensamento cartesiano, considerando-o como reducionista, a um novo e emergente paradigma científico, surgido durante o século 20, holista ou sistêmico, no qual o mundo deve ser considerado como um todo, indissociável.

Para compreender melhor este pensamento de Capra, recorro ao filósofo, professor universitário e crítico literário da Duke University e Universidad Andina Simón Bolívar, Walter D. Mignolo ao descrever a geopolítica do conhecimento no artigo científico *Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*, ele afirmar que descolonialidade, “[...] entre outras coisas é aprender a desaprender”

²⁷ Escritor e professor titular, livre docente, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) e o atual diretor do Instituto Paulo Freire em São Paulo.

²⁸ É um escritor austríaco, físico teórico de sistemas. Diretor fundador do Centro de Eco-alfabetização de Berkeley, na Califórnia, EUA. Autor de diversas obras: *O Tao da Física* (1975); *O Ponto de Mutação* (1982); *Sabedoria Incomum* (1988); *Pertencendo ao Universo* (1991); *A Teia da Vida* (1996); *As Conexões Ocultas – Ciência para uma Vida Sustentável* (2002); *A Ciência de Leonardo da Vinci* (2007).

(MIGNOLO, 2008, p. 290). Portanto, é necessário inverter a lógica do pensar sobre o assunto, e dessa forma, entenderemos o que Capra diz quanto ao método de estudo das partes, que não permite conhecer o funcionamento do organismo, o que faz com que o todo deve ser estudado de forma integrada entre a medicina, a biologia, a psicologia e a economia. Ao descrever sobre a Ecologia Profunda, baseado em ampla documentação a respeito da extensão e da importância dos problemas globais, afirmou: “Defrontamo-nos com toda uma série de problemas globais que estão danificando a biosfera e a vida humana de uma maneira alarmante, e que pode logo se tornar irreversível” (CAPRA, 2006, p. 23).

Boff também entende esta situação como algo difícil de superar, chegando a falar em caos e insustentabilidade e que há antagonismos, exploração do trabalho, sendo que o resultado do desenvolvimento proposto consiste “[...] numa dinâmica econômica que marginaliza as grandes maiorias e expulsa de seu seio altas porcentagens da população. Esses agrupamentos são de excluídos que, no Brasil, chegam a mais de 30 milhões” (BOFF, 2005, p. 51). Na sequência, ainda afirma: “Campeia, pois, injustiça societária em nível mundial” (BOFF, 2005, p. 51). Ao detalhar ainda mais a sua linha de pensamento afirma que Marx, ao escrever o seu livro *O Capital*, tinha razão ao dizer que “[...] o modo de produção capitalista acabaria destruindo as próprias fontes de sua riqueza, o ser humano e a natureza” (BOFF, 2005, p. 51).

Os autores referenciados até o momento deixam claro que há efetivamente um macro modelo de desenvolvimento em voga, e que provoca prejuízos e degradação ambiental global e uma injustiça ambiental. Este termo, “injustiça ambiental”, tem origem a partir de um documento de circulação interna do Banco Mundial, em 1991, conhecido como *Memorando Summers*²⁹, e que acabou vazando para o público através de uma reportagem publicada pela revista *The Economist*³⁰, com o título *Let them eat pollution*, que traduzido não deixa dúvida das reais intenções do seu conteúdo, ou seja: Deixe-os comer a poluição. O teor do *Memorando Summers*, após sua publicação, causou repercussões negativas à instituição financeira. Na obra intitulada *O que é justiça ambiental*, do economista Henri Acselrad³¹ e

²⁹ "Lawrence Summers, [...], apresentava três razões para que os países periféricos fossem o destino dos ramos industriais mais danosos ao meio ambiente: 1) o meio ambiente seria uma preocupação 'estética' típica apenas dos bem de vida; 2) os mais pobres, em sua maioria, não vivem mesmo o tempo necessário para sofrer os efeitos da poluição ambiental. Segundo ele, alguns países da África ainda estariam subpoluídos. Nesse sentido, lamentou que algumas atividades poluidoras não fossem diretamente transportáveis, tais como produção de energia e infraestrutura em geral; 3) pela 'lógica' econômica, pode-se considerar que as mortes em países pobres têm um custo mais baixo do que nos países ricos, pois seus moradores recebem salários mais baixos" (ACSELRAD; MELLO; BEZERRA., 2009, p. 09).

³⁰ *The Economist* (Londres, Inglaterra), sábado, 8 de fevereiro, 1992; p. 82; Edição 7745.

³¹ Henri Acselrad possui mestrado em Economia pela Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) e doutorado em Planejamento, Econ. Pública e Org. do Território pela Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) (1980).

demais autores, há um relato sobre o autor do memorando, elaborado pelo economista chefe Lawrence Summers, no qual faz questionamentos e recomendações ao Banco Mundial se este não deveria “[...] estimular a migração das indústrias poluentes para os países menos desenvolvidos, visto que os custos nestes países são mais baixos em todos os sentidos” (ACSELRAD; MELLO; BEZERRA, 2009, p. 09).

Sobre o conceito de injustiça ambiental os autores afirmam o seguinte:

Para designar este fenômeno de imposição desproporcional dos riscos ambientais às populações menos dotadas de recursos financeiros, políticos e informacionais, tem sido consagrado o termo injustiça ambiental. Como contraponto, cunhou-se a noção de justiça ambiental para denominar um quadro de vida futuro no qual essa dimensão ambiental da injustiça social venha a ser superada. Essa noção tem sido utilizada, sobretudo, para constituir uma nova perspectiva a integrar as lutas ambientais e sociais (ACSELRAD; MELLO; BEZERRA, 2009, p. 09).

Ao se tornar público o *Memorando Summers*, o então Ministro brasileiro do Meio Ambiente, José Lutzenberger, respondeu a Summers, e chamou sua proposta de “totalmente insana”, um “colonialismo da imundice” (UnB, 2011, clipping impresso). Entretanto, apesar da indignação causada por este documento, o que se observa é que está sendo executado exatamente o que fora divulgado naquele documento.

1.4 Desafio ambiental na contemporaneidade

Este modelo de desenvolvimento em curso no mundo capitalista gera um crescimento econômico, em tese, para alguns poucos e, em contrapartida, inúmeros impactos negativos para boa parte da sociedade, principalmente para os povos indígenas, comunidades quilombolas, extrativistas, camponesas, pescadores e ainda poderíamos arrolar os migrantes, trabalhadores pobres entre muitos outros. Em suma, um modelo que impõe uma "naturalização implícita de inferioridade" conforme afirmam Acselrad; Mello; Bezerra, (2009, p. 20). Segundo estes autores, este cenário caracterizado pela injustiça ambiental, pode ser compreendido como uma “[...] imposição desproporcional dos riscos ambientais às

Atualmente é Professor Associado do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Planejamento Urbano e Regional, atuando principalmente nos seguintes temas: Modelos de desenvolvimento e conflitos ambientais; Ecologia política da sustentabilidade; Política e regulação ambiental; Apropriações sociais da sustentabilidade urbana; Movimentos sociais, desigualdade e justiça ambiental; Cartografia social.

populações menos dotadas de recursos financeiros, políticos e informacionais" (ACSELRAD; MELLO; BEZERRA, 2009, p. 09).

Estes cenários de injustiça ambiental podem ser percebidos facilmente, pois fica evidenciada a ausência de equidade do processo produtivo. Neste modelo de desenvolvimento atual, as populações que integram as classes mais vulneráveis, se constituem nas que são beneficiados em menor escala, as que menos consomem, entretanto são “[...] as que mais diretamente suportam as externalidades negativas do processo produtivo. A lógica econômica dominante ignora por completo a ideia de equidade na repartição de tais externalidades” (RAMMÊ, 2011, p. 37-38).

Para Vandana Shiva³², o desenvolvimento econômico, da forma como está sendo executado, não consegue resolver os problemas, atendendo às necessidades básicas da população mundial, muito pelo contrário, é uma verdadeira ameaça à sobrevivência do ser humano no Planeta. Ao analisar a globalização no cenário mundial usa uma expressão marcante para defini-la: *apartheid* ambiental global e assevera:

Embora as últimas cinco décadas tenham sido caracterizadas pela disseminação mundial do desenvolvimento equivocado e da exportação de um paradigma industrial ocidental e insustentável, em nome do desenvolvimento, as tendências recentes estão orientadas para um *apartheid* ambiental em que, através de a política global estabelecida pela "Santíssima Trindade", as empresas multinacionais do Ocidente, apoiadas pelos governos dos países economicamente poderosos, tentam preservar o poder econômico do Norte e a vida perdulária dos ricos. Para isso, exportam os custos ambientais para o Terceiro Mundo. Indústrias famintas por recursos e altamente poluentes se mudam para o Sul graças à economia de livre comércio³³ (SHIVA, 2001. p. 01).

Shiva (2001) ainda tece sérias críticas às instituições internacionais, tais como: Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional – FMI, Organização Mundial do Comércio – OMC, alegando que estas têm penalizado os países menos desenvolvidos, ou subdesenvolvidos como são denominados por estes organismos.

³² Vandana Shiva é física, ativista política, ambientalista e também é pesquisadora interdisciplinar em ciência, tecnologia e política ambiental no Instituto Indiano de Ciências e do Instituto Indiano de Administração em Bangalore.

³³ Texto original: “*Aunque las cinco últimas décadas se han caracterizado por la difusión mundial de un desarrollo mal orientado y la exportación de un paradigma industrial occidental y no sostenible, en nombre del desarrollo, las tendencias recientes se orientan hacia un apartheid ambiental en el que, a través de la política global establecida por la «santísima trinidad», las empresas multinacionales de Occidente, apoyadas por los gobiernos de los países económicamente poderosos, intentan conservar el poder económico del Norte y la vida de derroche de los ricos. Para ello exportan los costes ambientales al Tercer Mundo. Las industrias hambrientas de recursos y muy contaminantes se trasladan al Sur gracias a la economía del libre comercio*”.

As empresas multi e transnacionais de grande porte estão alicerçadas fortemente sobre as diretrizes estabelecidas pelos organismos econômicos internacionais, conforme apresentado pelos autores citados, especialmente quando usam termos como injustiça ambiental e *apartheid* ambiental global, que não é outra coisa do que Quijano e Porto Gonçalves denominam de *sistema-mundo moderno-colonial*. Basta analisar o que está sendo considerado o maior desastre ambiental da história do Brasil e do mundo, ocorrido no município de Mariana-MG, no dia cinco de novembro de 2015, quando se romperam duas barragens de rejeitos de minério de ferro. Este foi um evento catastrófico, conforme reportagem da jornalista Mariana Durão no *Jornal Estado de São Paulo*³⁴, na qual consta que a empresa responsável desta mineração é a Mineradora Samarco³⁵, controlada por duas gigantes do setor, empresa Vale que detém 50% e a anglo-australiana *BHP Billiton* os outros 50% (DURÃO, *Jornal Estado de São Paulo*, 05 de novembro de 2015).

Segundo consta no laudo técnico preliminar do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA, emitido em novembro de 2015, os impactos ambientais decorrentes do desastre envolvendo o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, Minas Gerais, o volume de material extravasado foi estimado em 50 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério de ferro (IBAMA, 2015). Conforme o laudo, a lama de rejeitos tem compostos de minério de ferro e manganês, e podem conter a presença de diversos metais pesados na água do Rio Doce, como arsênio, mercúrio e chumbo.

O rompimento desta barragem arrasou o povoado de Bento Rodrigues em primeiro lugar, e foi atingindo, destruindo e afetando diversos povoados e distritos, como Gesseira, Barretos e Barra Longa, entre outros distantes a mais de 60 km da barragem. Dali, o mar de lama de rejeitos percorreu mais de 850 km, atingindo principalmente o Rio Doce e de lá seguindo até chegar ao mar, no estado do Espírito Santo, e deixou um rastro de destruição à fauna, à flora e às comunidades que estiveram em seu caminho. Ela causou danos ambientais imensuráveis e irreversíveis e pavimentou as centenas de quilômetros por onde passou devastando, com impactos difíceis de serem calculados, talvez até impossíveis, pela dimensão atingindo grande parte do ecossistema da região (IBAMA, 2015).

³⁴ Reportagem publicada no *Jornal Estado de São Paulo*, no dia 5 de novembro de 2015. Empresa de barragem rompida é a 10ª maior exportadora do país. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,empresa-que-teve-barragem-rompida-e-10-maior-exportadora-do-pais,10000001270>>.

³⁵ A empresa Samarco opera em Minas Gerais e no Espírito Santo e é a 10ª maior exportadora do Brasil. Esta empresa, fundada em 1977, fabrica as chamadas pelotas, pequenas bolas de minério de ferro usadas na produção de aço. A empresa Samarco mantém operações nos estados Minas Gerais e Espírito Santo, e tem capacidade para produzir 30,5 milhões de toneladas anuais deste produto, que é destinado a clientes em mais de 20 países (*Jornal Estado de São Paulo*, 5 de novembro de 2015).

O laudo técnico preliminar do Ibama (2015) subdivide os impactos em: Impactos às áreas de preservação permanente; impactos à icitiofauna; à fauna; impactos socioeconômicos e impactos à qualidade da água. Ao tratar dos impactos socioeconômicos o laudo mostra claramente a situação dramática das pessoas e famílias atingidas, tanto com separação física dos vizinhos, seus locais de vivência e convivência e dá ênfase na questão da perda de “[...] suas identidade e referências tradicionais, culturais, religiosas e de lugar, trazendo transtornos aos seus valores intrínsecos e intangíveis” (IBAMA, 2015, p. 28). Este laudo do Ibama é uma demonstração clara de que o meio ambiente é um sistema complexo e que a mineração é uma atividade que impacta diversos aspectos, tais como a área física, a biodiversidade, recursos hídricos, socioeconômicos e culturais, tema este a ser tratado em capítulo específico neste trabalho.

Esse exemplo que foi trazido para o final deste capítulo é para demonstrar que a mineração é um dos aspectos que trouxe certa insegurança e dúvidas para a Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO em relação ao seu futuro como identidade quilombola. O outro fator é a inovação tecnológica que acompanha e é imposto à toda a sociedade moderna como apresentado anteriormente e que, por sua vez, também altera a vida da comunidade, o que será visto mais detalhadamente no quinto capítulo desta tese.

CAPÍTULO 2 - FOLKCOMUNICAÇÃO: PERSPECTIVAS EM PESQUISAS COMUNICACIONAIS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Para ter-se uma melhor compreensão da base teórica-metodológica na análise dos dados desta pesquisa é necessário descrever parte da história da origem da Folkcomunicação, seu criador, e a evolução e trajetória das pesquisas, além da atualização dos estudos nesta área das Ciências Sociais Aplicadas e afins³⁶.

A Folkcomunicação se originou a partir dos estudos de Luiz Beltrão de Andrade Lima³⁷, que antes da metade do século 20 já atuava como repórter e redator de jornais, principalmente do Diário de Pernambuco. Mas além deste:

Atuou em rádio, revistas, agências e assessoria de imprensa, acumulando uma experiência que incluiu passagens pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), e pela presidência da Associação de Imprensa de Pernambuco e sua participação na criação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais. Também trabalhou [...] no Correio do Povo e Jornal Pequeno, nas agências de notícias Asa Press e France Press e nas revistas Tudo, Guanabara Press, São Paulo Press e Capibaribe. Exerceu a profissão durante quase 30 anos (GOBBI; SANTOS, 2012, p. 105).

Em 1940, Beltrão obteve o registro como jornalista e desde o início de sua trajetória profissional demonstrava ser uma pessoa com sensibilidade de escritor, era criativo e um observador atento à realidade. Foi este espírito que o tornou um ícone e um marco no pioneirismo no Brasil na área da comunicação, conforme amplamente documentado nas mais diversas obras sobre Folkcomunicação, bem como também consta no Acervo do Pensamento Comunicacional Latino-Americano, disponibilizado na Cátedra Unesco/Methodista de Comunicação. A razão deste reconhecimento e registro se deve, como assevera a pesquisadora Maria Cristina Gobbi, “[...] através das pesquisas e da reflexão teórica,

³⁶ Uma das provas do sucesso, se assim podemos denominar as pesquisas realizadas ao longo dos 50 anos de história com base nesta teoria, são os inúmeros trabalhos e pesquisas desenvolvidas, além de uma organização, que é a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) responsável em promover anualmente as Conferências Nacionais, os Grupos de Trabalho (GTs). Também existe uma Rede Internacional de Pesquisadores de Folkcomunicação, (Rede Folkcom), e a Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC). Há também a Revista Internacional de Folkcomunicação (RIF), avaliada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES como qualis B3, e inúmeras outras publicações em diversas revistas científicas, além de constar como disciplina obrigatória e/ou optativa em diversas faculdades e universidades que ofertam cursos na área de Comunicação Social e Jornalismo e várias obras já foram publicadas, por diversos autores e pesquisadores.

³⁷ Luiz Beltrão de Andrade Lima nasceu no dia 8 de agosto de 1918 e era filho de Francisco Beltrão de Andrade Lima, cirurgião-dentista e de Maria Amália de Andrade, de família de classe média. Faleceu em 24 de outubro de 1986.

dinamizando a metodologia de ensino das disciplinas instrumentais, promovendo atividades de extensão cultural e de aperfeiçoamento” (GOBBI, 2007, p. 16).

Luiz Beltrão é considerado um intelectual que se destacou por vários motivos, conforme atestam, principalmente, os chamados primeiros discípulos, os alunos e outros profissionais e estudiosos da Folkcomunicação tais como José Marques de Melo, Roberto Benjamim, Antônio Hohlfeld, Osvaldo Trigueiro, Joseph Luyten, Maria Cristina Gobbi, Cristina Schmidt, Karina Janz Woitowics, Sérgio Gadini, Marcelo Pires de Oliveira, Maria Érica de Oliveira Lima, Betânia Maciel, Marcelo Sabattini, Severino Lucena, Guilherme Moreira Fernandes, Sebastião Breguez, Eliane Mergulhão, Yuji Gushiken, Marlei Sigríst, Maria Isabel Amphilo, entre muitos outros, inclusive dos pesquisadores mais recentes da teoria. Marques de Melo (2008) é enfático ao afirmar que Luiz Beltrão, que havia sido o seu professor, se destaca dentre os intelectuais brasileiros e o denomina de “figura paradigmática”. Isto se deve pela trajetória que Beltrão traçou ao longo de sua vida.

Este reconhecimento é fruto da vasta obra tanto acadêmica quanto literária que Beltrão produziu e deixou como legado, tornando-o um dos clássicos, conforme cita Maria Cristina Gobbi: “Além de seus vinte livros, diversas apostilas e artigos, organizou os currículos de diversas faculdades por todo Brasil, ministrou cursos nas áreas do jornalismo, relações públicas, opinião pública e ensino de comunicação” (GOBBI; SANTOS, 2012, p. 106).

O destaque na trajetória de Beltrão se deu tanto pela sua capacidade na atuação profissional como jornalista como pela demonstração de sua intelectualidade. Segundo Marques de Melo (2008), ele foi o que iniciou efetivamente a disseminar as Ciências da Comunicação no Brasil, e conforme descreve Teske (2011), Beltrão, objetivando fomentar os estudos midiáticos, cria um centro acadêmico em âmbito nacional, quando funda, em 1963, o Instituto de Ciências da Informação na Universidade Católica de Pernambuco (Icinform). Conforme está registrado em (GOBBI, 2007, p. 17), é a partir desta instituição que surge a primeira revista brasileira de ciências da comunicação, denominada *Comunicações&Problemas*³⁸, que possibilitará a publicação de artigos científicos e disseminação de suas próprias pesquisas acadêmicas. Já no primeiro número desta revista, é possível perceber o arcabouço teórico que Beltrão começa a construir e que resultará na teoria da Folkcomunicação dois anos mais tarde. Marques de Melo resgata os registros de Beltrão da primeira edição da revista científica, onde este faz a seguinte análise:

³⁸ Revista Comunicação&Problemas (Icinform), ano 1, n. 01, 1965.

Um dos grandes canais de comunicação coletiva é, sem dúvida, o folclore. Das conversas de boca de noite, nas pequenas cidades interioranas, na farmácia ou na barbearia; da troca de informações trazidas pelo chofer de caminhão, pelo representante comercial ou pelo ‘bicheiro’, ou, ainda, pelos versos do poeta distante, impressos no folheto que se compra na feira [...] – é que a semente da informação germinou no espírito dos analfabetos (MARQUES DE MELO, 2008, p. 19).

Agora, cabe ressaltar que Beltrão não viria a ser um folclorista como Câmara Cascudo e Edison Carneiro, pois o folclore passa a ser a matéria prima para estudar a forma de comunicação dos grupos marginalizados compostos por pessoas, como afirma Schmidt (2004), que vivem no campo e estão afastados ou à margem do que se passa nos chamados centros de poder onde ocorrem as decisões. Outro fato que chama a atenção, conforme Breguez (2013), é que no contexto conjuntural da época entendia-se que o que tinha valor científico e merecedor de pesquisas acadêmicas eram os estudos da cultura da elite, ao contrário da denominada cultura popular ou folclore. Conforme este pesquisador, Gramsci afirmava que a sociedade era composta por dois tipos de cultura, a da elite e a das classes subalternas, do povo. Breguez também afirma que é a partir deste momento que surgem os debates com enfoques na comunicação do fazer cultural, e cita três autores, McLuhan, Edgar Morin e o brasileiro Luiz Beltrão.

O primeiro foi McLuhan, norte americano, sobre a homogeneização cultural e folclore industrial de laboratório. Edgar Morin, francês, vem em seguida com a ideia de uma sociedade tri-cultural: cultura erudita, cultura popular e cultura de massa. No Brasil, aparecem novos enfoques como o de Luiz Beltrão que cria a expressão Folkcomunicação para designar os processos comunicacionais do folclore (BREGUEZ, 2013, p. 92).

Segundo Gobbi (2013), os estudos de Beltrão sobre este novo enfoque da cultura sob o ponto de vista do processo comunicacional iniciaram-se nos anos 60 do século passado, ao observar o cotidiano e perceber que havia uma ação comunicativa que fugia dos padrões adotados pelas técnicas jornalísticas. Conclui-se assim, que foi a sua prática profissional no jornalismo que o levou a formular, inicialmente considerações, e, após sete anos, a criação da teoria da Folkcomunicação, como veremos um pouco à frente. Este processo fez de Beltrão um cientista social. Interessante observar que todo o encaminhamento de Beltrão para as pesquisas que o tornariam o primeiro doutor em Comunicação Social no Brasil surge com vários questionamentos como ele mesmo assevera:

Como se informavam as populações rudes e tardes do interior de nosso país continental? Por que meios, por quais veículos manifestavam o seu pensamento, a sua opinião? Que espécie de jornalismo, que forma – ou formas – atenderia à sua necessidade vital de comunicação? Teria essa espécie de intercâmbio de informações e ideias algo em comum com o jornalismo, que passe a classificar de ‘ortodoxo’? E não seria uma ameaça à unidade nacional, aos programas desenvolvimentistas, aos nossos ideais políticos e à mesma sobrevivência de homem brasileiro, como tipo social definido, o alheamento em que nós, jornalistas enigmática, que é a comunicação sub-reptícia de alguns milhões de cidadãos alienados do pensamento das elites dirigentes? (BELTRÃO, 2013, p. 111).

Segundo ele, a análise da realidade brasileira feita por sociólogos, psicólogos sociais, antropólogos, políticos e economistas enfatizavam a existência de dois brasis, ou seja, o primeiro era um Brasil que apostava e estava em pleno desenvolvimento tanto no aspecto cultural quanto econômico, enquanto que o outro Brasil era o marginalizado, representado pelo atraso que inclusive travava os projetos e objetivos da elite com a subcultura. Ainda se afirmava que o primeiro dos brasis, ancorado pelos meios de comunicação ou veículos jornalísticos, como eram considerados na época, apostava em novas ideias e novas técnicas, enquanto o outro dos brasis era símbolo da alienação, pois cultivava os seus “catimbós” e “[...] rejeitando até mesmo uma argumentação lógica, fundamentada em causas e efeitos para aferrar-se aos seus preconceitos, hábitos e costumes tradicionais, e permanecendo surdo às mensagens jornalísticas convencionais” (BELTRÃO, 2013, p. 111).

Seguindo por esta linha de pesquisa e análise, Beltrão se aprofunda nesta temática e no artigo publicado sobre o ex-voto na primeira revista *Comunicações&Problemas*, apresenta os primeiros resultados de seus contatos com este povo do interior, discriminado com a sua cultura, e é enfático ao afirmar:

Pois é tempo de não continuarmos a apreciar nessas manifestações apenas os seus aspectos artísticos, a sua finalidade diversionista, mas procurarmos entendê-las como a linguagem do povo, a expressão do seu pensar e do seu sentir tantas e tantas vezes discordante e mesmo oposta ao pensar e ao sentir das classes oficiais e dirigentes. Esse sentido camuflado, que não raro escapa ao próprio estudioso dos fenômenos sociológicos, e, contudo, perfeitamente compreendido por quantos tenham com os comunicadores aquela experiência sociocultural comum, condição essencial a que se complete o circuito de qualquer processo comunicativo (BELTRÃO, 2013, p. 230).

Com estas primeiras publicações, a cultura popular passa a ser objeto de estudos científicos de dimensão multidisciplinar, conforme amplamente já publicado e aceito no meio científico e acadêmico, principalmente das Ciências Sociais e, inclusive, conforme publicado,

em um dos documentos do Instituto de Pesquisas Econômica Aplicada – IPEA³⁹ (BRASIL, 2010). Neste documento, a pesquisadora Betania Maciel assegura que o artigo “*O ex-voto como veículo jornalístico*”, publicado por Beltrão na primeira revista *Comunicações&Problemas*, é a “[...] semente germinal das pesquisas em Folkcomunicação” (MACIEL, 2010, p. 243).

Para Severino Vicente, Luís da Câmara Cascudo era um erudito, com vasta cultura e reconhece em Beltrão um dos “[...] mais sábios cultores das ciências humanas e um dos mais humanos cultores da cultura popular do Brasil e do mundo” (VICENTE, 2013, p. 245). Isto se deve pelas suas qualidades e habilidades em aprofundar suas pesquisas sobre a cultura popular, o folclore. Ele fundou em Natal, em 1941, a Sociedade Brasileira de Folclore, e para conseguir realizar os estudos sobre o folclore:

[...] enfrentou a tudo e a todos, sem dar importância às críticas dos que não aceitavam o brilho de sua inteligência. Continuou o trabalho diuturno, indiferente às ninharias provincianas, estudando e analisando os mitos, lendas, usos, costumes, ritos, devoções, credences, folguedos, vestuários, hábitos alimentares, arte, ditos populares do Brasil e do mundo. Era a vitória do homem contra o meio social e cultural do seu tempo. Era o estudioso encantado pela cultura dos saberes populares, o saber do povo, saber que sabe (VICENTE, 2013, p. 245).

Câmara Cascudo, que depois de ler o artigo de Beltrão sobre o ex-voto, publicado na primeira revista, conforme citado um pouco acima, escreve uma carta ao autor que o deixa estimulado a se aprofundar nas suas descobertas, e no segundo número da revista transcreveu a mensagem que recebera de Câmara Cascudo:

O seu artigo-de-abertura (...) é um magnífico master-plan. Valorizará o cotidiano, o vulgar, o realmente popular de feição, origem e função. Não espere que venha um nome de fora, um livro de longe, ensinando a amar o que temos ao alcance dos olhos. Teime, como está fazendo, em valorizar o Homem do Brasil em sua normalidade. E não apenas os produtos do esforço desse Homem. Acredite na força pessoal do seu afeto no plano da penetração analítica. Acima de tudo, veja com seus olhos. Ande com seus pés. Depois compare com as conclusões de outros olhos e com as pegadas de outros pés. (...) Desconfie dos mentores integrais, nada permitindo às alegrias do seu livre trânsito. O papagaio, que tanto fala, não sabe fazer um ninho. E os Pássaros cantadores aprenderam na gaiola essa habilidade de prisioneiros profissionais (MARQUES DE MELO, 1999, p. 01).

³⁹ Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil. Memória das associações científicas e Acadêmicas de comunicação no Brasil. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=6864>.

Na realidade, a mensagem contida nesta carta enviada a Beltrão reforçaram ainda mais o que ele já estava fazendo, ou seja, valorizar e entender a comunicação entre os grupos marginalizados como um movimento comunicacional contra-hegemônico.

Passados dois anos após a publicação dos primeiros artigos na revista da *Icinform*, precisamente em 1967, com estudos ainda mais aprofundados sobre as teorias da comunicação e da cultura popular, Luiz Beltrão defende o seu doutoramento⁴⁰ na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília – UnB, sob o título “*Folkcomunicação, um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressões de ideias*” (MARQUES DE MELO, 2008, p. 20). Um fato histórico e digno de nota é que Luiz Beltrão, ao ter sua tese aprovada pela banca examinadora, “com distinção e louvor” (GOBBI, 2007, p. 17), também lhe foi outorgado outro grau, o de primeiro doutor em Comunicação conquistado em uma universidade brasileira, conforme atesta Marques de Melo (2008).

Entretanto, o seu título de doutor foi cassado logo depois pelo regime militar que estava implantado e que havia imposto uma ditadura no país, pois entenderam que o teor da tese de Beltrão significava uma verdadeira ameaça à soberania nacional e ao regime instaurado, principalmente quando afirmou, como transcreve Gobbi (2013):

Folkcomunicação é um processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore e, entre as suas manifestações, algumas possuem caráter e conteúdo jornalístico, constituindo-se em veículos adequados à promoção de mudança social (GOBBI, 2013, p. 104).

Segundo Luiz Beltrão:

A pesquisa em Folkcomunicação é, sempre, **a procura do que é dito numa metalinguagem** (oral, gráfica, musical, icônica ou cinética), na qual as maneiras de expressar-se, como os trópos (metáforas e metonímias), os recursos de construção (elipses, pleonasmos, reticências, sínquises e anáforas) e as figuras de pensamento (à semelhança dos paradoxos, antíteses, eufemismos, preterições, alusões e antífrases da comunicação verbal) devem ser rigorosamente examinados como partes importantes na decodificação do discurso como um todo (BELTRÃO, 2004, p. 94).

Por esta razão, conforme registra Gobbi; Santos (2012, p. 107) a tese de Beltrão não pode ser publicada integralmente, mas apenas parcialmente. A tese dele parecia uma ameaça, entretanto o reconhecimento e homenagens como Pioneiro do ensino de jornalismo no país só

⁴⁰ “O julgamento foi feito por uma banca de alto nível, composta pelo comunicólogo espanhol Juan Beneyto, pelo midiólogo norte-americano Hod Horton e pelo sociólogo brasileiro Roberto Lyra Filho” (MARQUES DE MELO, 2008, p. 20).

ocorreu em dezembro de 1984, momento em que o “Brasil reconhece publicamente as grandes contribuições desse mestre, estudioso e pesquisador”.

Ao fazer a defesa de sua tese, o termo Folkcomunicação, criado por ele, se tornou a parte central de todo o trabalho. O termo foi definido desta forma: “[...] é o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980, p. 24). Na sua argumentação na defesa de sua tese ele ainda sustenta que a Folkcomunicação

[...] preenche o hiato, quando não o vazio, não só da informação jornalística como de todas as demais funções da comunicação: educação, promoção e diversão, refletindo o viver, o querer e o sonhar das massas populares excluídas por diversas razões e circunstâncias do processo civilizatório, e exprimindo-se em linguagem e códigos que são um desafio ao novo e já vigoroso campo de estudo e pesquisa da Semiologia (BELTRÃO, 1980, p. 26).

Neste ponto fica clara a diferença entre a folkcomunicação, como campo de pesquisa, do folclore, pois entra no cerne do significado das mensagens que se revelam nas manifestações culturais. Trata-se de uma decodificação das mensagens “[...] não apenas sob a forma acomodada da tradição, mas em toda a força do conteúdo crítico vindicatório ou afirmativo da mensagem atualizada que emite” (BELTRÃO, 1983, p. 73). O pesquisador Antonio Hohlfeld esmiúça ainda mais a diferença que existe entre os estudos folclóricos e os realizados na perspectiva folkcomunicacional.

Os estudos folclóricos descrevem e procuram entender a estrutura dos mitos e lendas que embasam cada uma das manifestações populares em estudo. A perspectiva folkcomunicacional, ao contrário, deve se preocupar em entender o quê e como se expressam os grupos populares através daquela manifestação. Ou seja, o estudo folclórico está vinculado a uma perspectiva antropológica, enquanto o estudo folkcomunicacional pertence, antes de mais nada, ao campo da comunicação social, tanto mais que se trata de um fenômeno coletivo, e não individual (HOHLFELDT, 2013, p. 998).

Beltrão faz um detalhamento dos passos da pesquisa e análise que o levaram a criar a teoria da Folkcomunicação, que, diga-se de passagem, é a única teoria brasileira de Comunicação. Afirmar ele:

[...] Compulsando estatísticas; consultando uma vasta bibliografia nacional e estrangeira especialmente constituída de ensaios históricos, etno e antropológicos, sociológicos e os que se ocupavam da teoria e da problemática da comunicação e

seus instrumentos; realizando entrevistas e coletando dados em jornais, revistas, boletins, folhetos, avulsos, volantes, objetos manufaturados pelas camadas populares através de seus artesãos; visitando e observando locais e manifestações coletivas de caráter religioso ou profano, sobretudo no Nordeste, onde vivera meia-idade, reunira, afinal, material suficiente para identificar agentes, audiência, veículos e modalidades da informação de fatos e expressão de idéias, opiniões e atitudes de populações e grupos que se confrontavam com a filosofia e não absorviam ou não tinham meios de utilizar os canais e as mensagens industrializadas ou requintadas que alimentavam o sentir, o saber, o selecionar e o agir dos públicos integrados no processo civilizatório erudito (BELTRÃO, 1980, p. 23-24).

No intuito de compreender melhor a forma usada por diversas classes de pessoas marginalizadas na criação e estabelecimento dos seus processos comunicativos, fazendo com que, através destes houvesse a transmissão dos seus valores, suas referências, seus conhecimentos e sentimentos, Beltrão os sistematizou em três grupos distintos:

1. *Os grupos rurais marginalizados*, sobretudo devido ao seu isolacionismo geográfico, sua penúria econômica e baixo nível intelectual.
2. *Os grupos urbanos marginalizados*, compostos de indivíduos situados nos escalões inferiores da sociedade, constituindo as classes subalternas, desassistidas, subinformadas e com mínimas condições de acesso.
3. *Os grupos culturalmente marginalizados, urbanos ou rurais*, que representam contingentes de contestação aos princípios, à moral ou à estrutura social vigentes (BELTRÃO, 1980, p. 40).

Esta estrutura sistematizada permanece até os dias de hoje e faz parte das pesquisas realizadas à base da teoria da Folkcomunicação, pois, conforme proposto por Beltrão, fica mais fácil perceber e estudar os processos comunicativos destes grupos e como reelaboram a sociedade e suas relações com uma visão própria de sua cultura, e, na maior parte das vezes, muito diferente e questionadora da visão dominante e institucionalizada.

2.1 Resistência

Mesmo com a ditadura militar impondo censuras e boicotes em todo o país, Beltrão continuava os estudos e afirmava que o povo com a sua cultura não iria sucumbir diante do que denominava de “imperialismo cultural”, pois, na sua resistência, contestavam o tipo de cultura imposta pela classe intelectualizada e que dominava de todas as formas para alcançar os seus objetivos, e para tanto, faziam uso dos meios de comunicação de massa. Além disso, também afirmava que a classe marginalizada, diante desta situação, criava os seus próprios

meios de comunicação, tais como: “[...] folhetos, volantes, atos de presença, grafitos” (BELTRÃO, 1980, p. 19).

Nesta época em que Beltrão defende a sua tese e inicia com mais determinação os estudos sobre a folkcomunicação ainda não era usual o termo globalização, entretanto ele já analisa o processo e tece severas críticas e de forma direta fomenta um pensamento contra hegemônico ao asseverar:

Essas camadas elitistas pretendem, como os romanos, os colonizadores portugueses e outros povos que existiram no passado, e os que existem atualmente, o seu momento histórico de liderança, *civilizar* nações, grupos e pessoas, impondo-lhes seu imperialismo cultural, que inclui, sobretudo, a dominação econômica e política, de acordo com modelos tecnológicos e filosóficos que alcançaram e cuja eficácia lhes conferiu a supremacia de que gozam. Acreditam que o caminho e as diretrizes, as instituições que as elevaram ao topo da pirâmide internacional são, não apenas únicos, mas aplicáveis a qualquer povo ou indivíduo que luta por seu lugar ao sol. Dogmatizam a filosofia de vida e convivência social que adotaram e põe todo o empenho em obter a adesão de todo o mundo à sua ideologia e aos seus próprios propósitos de realização (BELTRÃO, 1980, p. 20).

Para Beltrão, o povo marginalizado, reunido nos grupos marginalizados, conforme havia sistematizado, cria os seus próprios meios de intercambiar informações, incentivar a melhoria de suas vidas realizando suas festas e outras formas de entretenimento e realização de seus sonhos adequando-se às condições socioeconômicas de que dispõe.

O jornalista, pesquisador e escritor José Marques de Melo, no prefácio do livro de Beltrão *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*, comenta que o autor da obra quer deixar claro que as classes “subalternas” não são meros consumidores dos bens culturais oferecidos pela classe dominante, mas também estão envolvidas no processo de produção (MARQUES DE MELO, 1980).

As comunidades tradicionais, dentre elas as quilombolas, que na sua maior parte são marginalizadas ou segregadas, quando atingidas pela moderna tecnologia, ressignificam continuamente suas manifestações culturais, como veremos um pouco mais adiante.

A Folkcomunicação, a partir do momento em que a teoria de Beltrão foi aprovada, passou a ser base teórica e metodológica de muitas pesquisas na área da Comunicação e das Ciências Sociais Aplicadas. Solidificou muitos estudos, conforme atesta a pesquisadora Junia Martins (2013), que já ultrapassam as fronteiras das Ciências Sociais e vai fortalecendo cada vez mais este campo científico de pesquisas.

A Folkcomunicação, mesmo estando inserida em uma estrutura curricular de muitos cursos de Comunicação e/ou Jornalismo, tem um caráter inter, multi e transdisciplinar. Um

dos renomados teóricos das Ciências da Comunicação, Antônio Hohlfeldt (2001), declara que a Folkcomunicação volta-se para o estudo dos procedimentos comunicacionais que permitem a expansão, sociabilização e convivência com outras cadeias comunicacionais das manifestações das culturas populares. Estuda, ainda, as modificações sofridas pela influência da comunicação massificada e industrializadas, além das alterações que se evidenciam, quando apropriadas por tais complexos.

2.2 Alicerce teórico da folkcomunicação

A Folkcomunicação incorpora várias ciências, contudo, para dar conta desse leque de assuntos e de forma integrada, esta teoria está alicerçada na Comunicação e na Antropologia. Nesse sentido, pode-se afirmar que ela é uma teoria vanguardista na pesquisa inter-multi e transdisciplinar, pois, “[...] incorpora outras ciências na busca de um diálogo multidisciplinar com a Semiologia, a Política, a Sociologia, a Economia, a Filosofia ou a Psicologia”, conforme assevera Breguez (2004, p. 08), na apresentação do livro do qual é organizador. Em outras palavras, a Folkcomunicação tem um caráter teórico-metodológico “[...] que se localiza no campo da comunicação e transita pelo arcabouço metodológico da área das ciências sociais aplicadas” (SCHMIDT, 2004, p. 02).

A interdisciplinaridade na folkcomunicação ocorre na medida em que essa teoria se torna multidisciplinar, indo “[...] da etnografia à sociologia, passando pela antropologia, o folclore, a comunicação social, a lingüística, a literatura, a semiótica e a música” (HOHLFELDT, 2001, p. 26). Em outro artigo, esse pesquisador vai mais além, ao explicar sobre a essência atual da teoria:

A folkcomunicação é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos. A folkcomunicação, portanto, é um campo extremamente complexo, interdisciplinar - necessariamente - que engloba em seu fazer saberes vários, às vezes até contraditórios, para atingir seus objetivos e dar conta de seu objeto de estudo (HOHLFELDT, 2013, p. 877).

Quando se fala em inter-multi e transdisciplinaridade em uma área de estudos como essa, onde o objeto de estudo são pessoas, ditas marginalizadas, ou excluídas é importante ressaltar que o pesquisador não pode ter uma atitude mecânica, distante, mas terá que ter

espontaneidade e comprometimento e por que não dizer, um projeto de vida. Dessa forma, o resultado da pesquisa será outro e reverterá em benefício de toda uma sociedade. A inter-multi e transdisciplinaridade exige uma mudança no pensamento científico conforme nos apresenta Schmidt (2004).

Para esta autora, para se chegar a esta mudança no pensamento científico é necessário amadurecimento na maneira de pensar, o que só será possível quando houver uma visão diferenciada de mundo e que permita abarcar as macro e micro relações estruturais que existem em cada grupo que constitui uma sociedade.

Ao analisar, em especial, a sociedade e cultura latino-americana, Gaglietti e Barbosa (2007) analisam esta complexa e diversa relação e correlação que denominam de “[...] abrupta interpenetração e coexistência” com culturas estrangeiras, para se referirem ao processo de mesclagem cultural ocorrido em períodos diferentes durante o século XX, afirmando que estes períodos “[...] serão chamados de ocidentalização, aculturação, transculturação, heterogeneidade cultural, globalização e hibridismo” (GAGLIETTI; BARBOSA, 2007, p. 01). Para Canclini (1998) ao detalhar a hibridação cultural atual destaca que ocorre uma junção entre a comunicação, a arte, a antropologia, a história, e, ainda, entre outras áreas do conhecimento, todas sintonizadas com as novas e modernas tecnologias da comunicação.

Vale ressaltar que a interdisciplinaridade na folkcomunicação não reside apenas nesse fator, ou seja, na relação entre pesquisador e objeto pesquisado, conforme foi discutido na 7ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação⁴¹:

O processo da pesquisa das expressões folkcomunicacionais, onde interagem elementos tradicionais e modernos, rurais e urbanos, popular e massivo, vai além de uma relação unilateral investigador-objeto, ele abrange uma relação com todo o contexto na sua totalidade: o pesquisador, o objeto, as instituições, as organizações, a localidade, a região, o país (SCHMIDT, 2004, s/p).

Sob essa ótica, nas observações da pesquisadora citada, a folkcomunicação está sendo demarcada como um campo onde a metodologia participante e transdisciplinar se faz presente traçando caminhos norteadores, pois, segundo ela:

[...] não se pode entender o folclore como ciência, nem tão pouco falar em uma separação entre folclore e cultura popular, assim como não se pode localizar tão facilmente os limites entre o que se definiu como cultura popular, cultura erudita e

⁴¹ Foi realizada na UNIVATES, Lajeado-RS, de 13 a 16 de maio de 2004, com o tema: "Folkcomunicação Política: a comunicação na cultura dos excluídos".

cultura de massa. Os modos culturais que se apresentam entrecruzam as várias culturas (SCHMIDT, 2004, s/p).

É nesse exercício epistemológico que reside a inter e transdisciplinaridade da folkcomunicação. Uma teoria que provoca as discussões acadêmicas e científicas sobre o assunto.

2.3 Folkcomunicação no sistema globalizado de comunicação

Todo o contexto comunicacional atual está muito modificado se o compararmos com a época da criação da teoria da folkcomunicação. Entretanto, apesar disto, houve uma atualização constante dos estudos científicos com base na folkcomunicação, inclusive do esquema classificatório como será exposto mais adiante. A pesquisadora Cristina Schmidt, em uma de suas obras, publicada em 2006, e em um artigo publicado no livro *Metamorfose da Folkcomunicação* de Marques de Melo; Fernandes (orgs.), aborda a questão com um título que não deixa dúvidas, *Folkcomunicação na Arena Global*, em uma demonstração da atualização dos estudos dos processos folkcomunicacionais.

A chegada da energia elétrica na maior parte de todas as regiões interioranas e distantes possibilitou e gerou um novo comportamento nas mais diversas sociedades que habitam nestes locais. Entre estas mudanças está a aquisição de bens de consumo, como a televisão, os modernos meios tecnológicos, antenas parabólicas, acesso à Internet e que, fatalmente, modificam comportamentos e modos de vida. Por outro lado, conforme assevera Antônio Hohlfeld, as tradições populares não deixaram de existir e, da mesma forma, os seus processos comunicacionais. Segundo ele: “Mudou, pois, o contexto, não mudaram as manifestações, Melhor, elas se tornaram mais complexas” (HOHLFELDT, 2013, p. 877). Para exemplificar, o autor menciona o que ocorreu com a festa do Boi de Parintins, no estado de Amazonas, onde este evento foi massificado, atraindo turistas de todas as regiões brasileiras e de várias partes do mundo. Passou a ser um evento midiático, com novo tipo de organização bem diferente do que originalmente era praticado.

Agora, é bom ressaltar, novamente, que a Folkcomunicação não é o estudo da cultura popular ou do folclore, como já dito anteriormente, mas o seu foco está no estudo dos procedimentos comunicacionais. Afirma Hohlfeldt:

A folkcomunicação é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam,

convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos. A folkcomunicação, portanto, é um campo extremamente complexo, interdisciplinar – necessariamente – que engloba em seu fazer saberes vários, às vezes até contraditórios, para atingir seus objetivos e dar conta de seu objeto de estudo (HOHLFELDT, 2013, p. 877).

Diante deste novo momento globalizante da comunicação, provocando uma profunda modificação na informatização dos processos comunicacionais e conectividade em uma velocidade nunca antes presenciada no mundo, percebe-se uma nova relação entre os emissores e receptores das mensagens. Quem anteriormente era apenas um receptor do conteúdo midiático, agora no novo contexto passa também a ser emissor. Quantos programas de televisão, documentários e vídeos postados na Internet nas mais diversas plataformas digitais estão pautados em manifestações culturais e folclóricas diversas. Schmidt (2013, p. 950-951), ao tratar deste tema afirma que, “[...] a implantação da tecnologia digital no sistema televisivo, projeta um ampliação de conteúdos que contemplam as expressões populares rompendo o isolamento de muitas localidades”.

A nova realidade estabelecida a partir da mudança comunicacional fez com que aquele isolamento anterior a que as comunidades estavam submetidas se modificasse. A distância entre os mais diversos povos, nações e gerações desapareceu, pelo simples fato da rede mundial de comunicação desfazer qualquer fronteira. A pesquisadora Cristina Schmidt analisa este assunto centrado na folkcomunicação da seguinte forma:

O que inicialmente já foi difundido pelo rádio e depois pela televisão, formando uma aldeia global, ganha agora outro status – o de uma rede mundial de computadores conectados propondo infinitas possibilidades de expressão e interatividade, uma rede de divulgação e de formação de grupos participantes no mundo virtual e também no histórico, com novas linguagens, novas relações sociais que conduzem mudanças sociais e econômicas, e impelem políticas públicas diversas (SCHMIDT, 2013, p. 951).

Com o novo cenário desenhado a partir da mudança no sistema comunicacional, as relações entre todos, tanto emissores e receptores de mensagens passa a ser paritária. Ao retomar a definição de Folkcomunicação de Beltrão (1980, p. 24) quando diz que “[...] é um processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios ligados direta e indiretamente ao folclore”, isto continua se aplicando à nova realidade.

A relação entre o folclore, a cultura popular e a mídia envolve fatores econômicos, portanto, mas sobre tudo informações estéticas, simbólicas e ideológicas produzidas por ambos. É um processo de troca entre os envolvidos, colocando-os ora em condição de receptor/consumidor, ora como emissor/comunicador/produtor, ora como mensagem/produto. Trata-se de uma articulação permanente entre os dois sistemas comunicativos – o massivo e o folk – e estes com a estrutura social de modo mais amplo (SCHMIDT, 2013, p. 951).

Esta alteração no sistema comunicativo entre o massivo e o folk, resultado desta globalização, mundialização ou planetarização, conforme este processo, é denominado por vários cientistas sociais, tem causado muitos reflexos.

O mosaico cultural na mídia globalizada é um assunto discutido em várias áreas das Ciências. Para o doutor em geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Carlos Walter Porto-Gonçalves, esta nova realidade “[...] começa a construir uma nova comunidade de destino, em que a vida de cada um já não se acharia mais ligada ao lugar ou ao país onde se nasceu ou, pelo menos, não se acharia mais ligada do mesmo modo como se achava antes” (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 12). O pesquisador Osvaldo Trigueiro, ao abordar o assunto das redes de comunicação e dos novos aparatos tecnológicos que provocam grandes alterações na comunicação, fazendo com que a conexão ocorra em tempo real, encurtando distâncias e mudando completamente a forma de entender o mundo, assevera que: “As interações interpessoais, face a face, das redes de comunicação cotidiana – folkcomunicacional – na sociedade midiaticizada, são imbricadas nas interações midiáticas, uma sobrepondo a outra, no processo de hibridização da diversidade cultural” (TRIGUEIRO, 2008, p. 51).

O isolamento social que até recentemente afligia de forma muitas vezes extrema as comunidades tradicionais está sendo rompido e alterado. Para Marques de Melo, a realidade atual se apresenta da seguinte forma:

Costumes, tradições, gestos e comportamentos de outros povos, próximos ou distantes, circulam amplamente na aldeia global. Da mesma forma, padrões culturais que pareciam sepultados na memória nacional, regional ou local ressuscitam profusamente. Facilitando a interação entre gerações diferentes, eles permitem o resgate de celebrações, ritos ou festas aparentemente condenados ao esquecimento (MARQUES DE MELO, 2008, p. 41).

Um fato que acelera ainda mais esta nova realidade midiática é a constante interconectividade com o mundo externo, seja através de programas de televisão ou de centenas de possibilidades nas novas plataformas digitais. Através desta conexão se dá a interferência direta sobre as pessoas e sociedades, até mesmo nas que antes viviam em

isolamento ou muito distantes dos grandes centros urbanos, como já dito anteriormente. O resultado desta alteração é claramente percebido “[...] nos seus modos de agir, de pensar e cria novas estratégias e tática de convivência cotidiana, na casa ou na rua” (TRIGUEIRO, 2008, p. 15).

É inegável que as novas e modernas tecnologias, tanto de utensílios domésticos, de trabalho no campo, ou mesmo os de comunicação, como a televisão, e aparelhos digitais conectados à Internet provocam mudanças. Estas, como afirma Trigueiro, são observadas tanto nas “[...] relações de trabalho, lazer, entretenimento e até nas práticas religiosas, principalmente no catolicismo popular, tradição marcante na cultura do semiárido nordestino” (TRIGUEIRO, 2008, 17). Isto se aplica não só ao semiárido nordestino, mas a qualquer comunidade que vive de modo semelhante.

Para este autor, que é um comunicólogo e pesquisador de Folkcomunicação, a televisão e todos os novos meios tecnológicos de comunicação não podem ser responsabilizados de forma única, seja pela produção ou circulação de tantos produtos fúteis, vulgares ou obscenos, a interferir na vida das pessoas. O que ele quer deixar claro é o que impera nas discussões atuais sobre os impactos e consequências das mensagens midiáticas sobre as sociedades, nas quais se conclui que o espectador ou o receptor não é um mero consumidor, pois “[...] cada sujeito representa uma identidade sociocultural, que interage com outros em diferentes grupos, mas com as mesmas aproximações socioculturais que reinventam os seus produtos de uso” (TRIGUEIRO, 2008, 21).

Marques de Melo (2008) ressalta que esta nova agenda midiática faz com que aquelas tradições populares que, anteriormente, eram discriminadas e marginalizadas, ou mesmo consideradas manifestação de uma cultura menor, inferior, ganhe visibilidade, seja preservada, em uma demonstração de valorização de sua identidade cultural, livrando-a, inclusive, da estagnação ou até do extermínio. Para este autor:

[...] o folclore midiático possui dupla face. Da mesma forma que assimila ideias e valores procedentes de outros países, preocupa-se com a projeção das identidades nacionais, exportando conteúdos que explicitam as singularidades dos povos aspirantes a ocupar espaços abertos no panorama global (MARQUES DE MELO, 2008, p. 42).

A nova forma de comunicação entre os povos, sociedades, grupos e pessoas é imprescindível na sociedade moderna e possibilita que haja um intercâmbio e troca de informações entre todos. O resultado dessa ação comunicativa passa a ser uma “[...] fonte de

transmissão de sabedoria e experiências fundamentais à sobrevivência e ao aperfeiçoamento humano e social” (OLIVEIRA; GALERY; ALVES, 2006, s/p).

Os estudos e pesquisas em Folkcomunicação acompanham esta mudança no sistema de comunicação e informação, onde a interação, intercâmbio e troca de informações sofreu profundas mudanças. Isto fica claro quando há uma alteração na proposta de Beltrão em relação ao agente folkcomunicacional que havia naquela época, nos anos 60 do século passado, isto é, antes da conectividade global. Quando esta ocorre, surge a figura do ativista midiático no sistema folkcomunicacional que substitui o agente folkcomunicacional e nisto reside uma das grandes mudanças nos estudos e pesquisas da folkcomunicação da atualidade e também, precisamente, nesta pesquisa de doutorado.

2.4 Do agente folk à folkmídia e ao ativista midiático do sistema folkcomunicacional

Ao traçar e criar a teoria da Folkcomunicação, Luiz Beltrão ressaltava e se pautava no líder de opinião das comunidades marginalizadas, que era denominado de agente folkcomunicacional, sempre presente tanto nos grupos rurais, urbanos ou dos grupos culturalmente marginalizados como havia sistematizado.

O agente folkcomunicacional dos grupos marginalizados não era necessariamente um representante oficial da comunidade ou do grupo, mas alguém que gozava de prestígio, credibilidade e que inspirava a confiança de todos. Ele era o sujeito que interpretava e socializava as mensagens do sistema de comunicação social da época. Além de agente folkcomunicacional também foi denominado por Beltrão como o comunicador de folk, ou como diríamos atualmente, líder de opinião do grupo. A descrição do autor da teoria da folkcomunicação deste agente comunicador, ou comunicador folk foi a seguinte:

[...] os líderes agentes-comunicadores de folk, aparentemente, nem sempre são ‘autoridades’ reconhecidas, mas possuem uma espécie de carisma, atraindo ouvintes, leitores, admiradores e seguidores, e, em geral, alcançando a posição de conselheiros ou orientadores da audiência sem uma consciência integral do papel que desempenhavam (BELTRÃO, 1980, p. 35).

Da mesma forma como o mundo tem outras referências provocadas pela modernidade, principalmente no final do século 20 e início do atual, o conceito do agente folkcomunicacional também sofreu alterações. Neste novo contexto histórico e cultural, agora

global, os estudos folkcomunicacionais neste aspecto específico são explanados da seguinte forma por Trigueiro:

Nesse novo ambiente planetário o agente intermediário, como foi concebido no modelo da folkcomunicação por Luís Beltrão, já não tem grande importância na interceptação da codificação das mensagens midiáticas para um melhor nível de compreensão e interpretação do local. O chofer de caminhão, o comerciante nômade prestamista, os bicheiros, os ciganos, os tropeiros, os barbeiros e os dentistas ambulantes já não são portadores das novidades dos grandes centros urbanos para os pequenos municípios nordestinos, como parecia acontecer quando Luís Beltrão desenvolveu a maioria das suas pesquisas (TRIGUEIRO, 2013, p. 858).

Estes agentes folkcomunicacionais perderam a sua força exatamente quando os grupos e comunidades, antes isoladas do qual fazem parte, passam a integrar o que é denominado de sociedade globalizada e midiaticizada. São raros os casos em que algum grupo marginalizado ou isolado não tenha conexão midiática, seja por uma antena parabólica, televisão, Internet e sistemas de telefonia fixa ou móvel. Este fato não passou despercebido para os pesquisadores da folkcomunicação.

Atento a todas as mudanças provocadas pelo novo cenário midiático, Joseph M. Luyten, convidado para ser professor da Cátedra UNESCO de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, e posteriormente como Professor-Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, desenvolveu um alentado projeto de pesquisa sobre Folkmídia, estudando o contrafluxo da cultura popular nas redes midiáticas, em 1999. Folkmídia passou a ser o nome de uma disciplina no curso de pós-graduação em Comunicação Social, sob a sua responsabilidade. Segundo Juliana Gobbi Betti, no prefácio ao texto de Luyten no livro *Metamorfose da Folkcomunicação* relata que o termo Folkmídia era utilizado por ele “[...] para explicar a utilização e a apropriação de elementos da cultura popular pelos sistemas de comunicação de massa” (BETTI, 2013, p. 588). A partir da criação deste termo, surge uma nova linha de pesquisa em Folkcomunicação.

Conforme analisado por Schmidt (2013), Luyten criou este termo ao observar o fenômeno da inserção cada vez mais intensa dos mais diversos grupos populares levando e propagando a sua cultura nos meios de comunicação convencionais que, por sua vez, abriam espaço para este tipo de programação. Na VI Conferência Brasileira de Folkcomunicação⁴²,

⁴²A VI Folkcom - Conferência Brasileira de Folkcomunicação, promovida pela Cátedra Unesco-Umesp de Comunicação e a Rede Folkcom de Estudos e Pesquisas em Folkcomunicação, realizou-se, de 3 a 6 de abril de 2003, em São João da Barra (RJ). O evento teve a parceria da Faculdade de Filosofia da cidade de Campos dos Goytacazes (RJ), mediante seu Curso de Comunicação Social, e contou com o apoio do Núcleo de Pesquisas em

que teve como tema central o tema *Folkmídia: difusão do folclore pelas indústrias midiáticas*, Joseph Luyten apresentou em seu trabalho o seguinte:

Cabe-nos analisar a maneira pela qual os meios de comunicação de massa recuperam e recodificam as manifestações populares, seus códigos, seus simbolismos e sua iconografia, bem como a influência dos produtos da cultura de massa no âmbito da cultura popular (LUYTEN, apud SCHMIDT, 2013, p. 957).

A pesquisadora Cristina Schmidt no texto em que explica a razão da temática, centrada na Folkmídia, na VI Conferência Brasileira de Folkcomunicação afirma que era imprescindível estudar os reais motivos que levaram os meios de comunicação de massa e a indústria cultural a de se apropriar e difundir o folclore e as manifestações populares. Desta forma, seria possível identificar “[...] os elementos incorporados e reestruturados por ela, além de localizar os aspectos singulares e os globalizados e, com isso, analisar como a indústria midiática dimensiona tais modos de pensar, sentir e agir dos grupos sociais e das comunidades” (SCHMIDT, 2003, p. 226).

A partir desta conferência já foram realizadas diversas pesquisas e publicados artigos científicos sobre esta interação entre o local e o global das manifestações culturais nos processos folkmidiáticos, demarcando uma área de estudos desta mediação denominada de Folkmídia. Para que não restem dúvidas, entenda-se que a Folkmídia é uma área de estudos da folkcomunicação que investigam todas as formas de apresentação de manifestações culturais, sejam quais forem, na mídia, seja ela a televisão, nas modernas plataformas digitais conectadas à Internet ou mesmo filmes.

Pode-se afirmar que este termo folkmidiático é um conceito recente, pois ainda não tem duas décadas. Conforme Teske (2011, p. 37), foi criado com o objetivo de gerar uma melhor compreensão das “[...] estratégias multidirecionais em que operam protagonistas de diferentes segmentos socioculturais, isto é: das redes midiáticas e das redes folkcomunicacionais. Nesses campos de negociações, cada vez mais intensos, emergem os acontecimentos folkmidiáticos”. A Folkcomunicação integra um dos grupos de pesquisa na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), denominado de: Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade e, em uma parte da ementa explicita a respeito dos estudos da Folkmídia.

Explora as seguintes interfaces explícitas: teoria e metodologia da Folkcomunicação; folclore, cultura erudita e cultura de massa; manifestações espontâneas da Folkcomunicação; intermediações folk-midiáticas e publicidade; intermediações folk-midiáticas e relações públicas; intermediações folk-midiáticas e religiosas; intermediações folk-midiáticas na literatura; intermediações folk-midiáticas nas telenovelas; intermediações folk-midiáticas no cinema; intermediações folk-midiáticas e turismo (INTERCOM).

É nesta nova interação que surge o ativista midiático no sistema folkcomunicacional, conceito desenvolvido a partir da tese de doutoramento do professor Osvaldo Meira Trigueiro⁴³.

Trigueiro, em sua tese de doutorado, faz um exercício para elucidar os enigmas que perpassam a cultura global e local. A figura do ativista midiático ou agente folkcomidiático no sistema folkcomunicacional traça estratégias e táticas para defender o seu grupo social, normalmente excludente, e faz com que se criem espaços de interação entre as culturas populares e as culturas midiáticas. A atuação desse ativista é tanto no sentido de estabelecer uma resistência cultural quanto manter uma cumplicidade na relação com as interações midiáticas.

O Dr. José Marques de Melo, no prefácio do livro publicado por Osvaldo Trigueiro *Folkcomunicação: Ativismo Midiático* (2008) enaltece o trabalho do pesquisador e demonstra a relevância deste tipo de estudos:

Tal exercício comparativo permitiu ao autor ultrapassar as tipologias instituídas por Barbero (mediadores culturais) e Beltrão (líderes folkcomunicacionais) para introduzir sua contribuição ao campo comunicacional, esboçando a fisionomia de um 'protagonista híbrido'. Trata-se do 'ativista midiático', cuja função pode ser bivalente, tanto interpretando os conteúdos midiáticos para o consumo dos cidadãos do seu entorno quanto agendando os conteúdos folkcomunicacionais no fluxo contínuo das indústrias culturais (TRIGUEIRO, 2008, p. 11).

A figura do ativista midiático ou agente folkcomidiático no sistema folkcomunicacional traça estratégias e táticas para defender o seu grupo social, normalmente

⁴³ “Osvaldo Meira Trigueiro é professor associado e pesquisador do Departamento de Comunicação e Turismo da Universidade Federal da Paraíba/UEPB; graduado em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco; Mestre em Comunicação Rural pela Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE; Doutor em Ciências da Comunicação; Área de concentração em processos midiáticos, pela Universidade do Vale dos Sinos/UNISINOS em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul; Especialista em etnomusicologia y Folklore, pelo Instituto Interamericano de Etnomusicologia y Folklore-INIDEF/O.E.A. É pesquisador da Rede Brasileira de Folkcomunicação; membro da Comissão Paraibana de Folclore; sócio efetivo da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM. Exerceu vários cargos na administração, em coordenação de projetos de pesquisa e difusão cultural na UFPB e no governo do Estado da Paraíba. Tem vários trabalhos publicados sobre folkcomunicação e cultura popular” (Folkcomunicação: Ativismo Midiático, 2008, orelha do livro).

excludente, e faz com que se criem espaços de interação entre as culturas populares e as culturas midiáticas. A atuação desse ativista é tanto no sentido de estabelecer uma resistência cultural quanto manter uma cumplicidade na relação com as interações midiáticas, conforme assevera Trigueiro (2008, p. 53):

[...] o ativista midiático é aquele sertanista no sentido de desbravador de novas idéias que tem domínio de diversos conhecimentos; é sagaz, astuto; e vem como quem não quer nada, mas termina conseguindo quase tudo, assim um pouco de ‘João Grilo’ ou de um ‘Pedro Malasartes’. Esses protagonistas, de vez em quando, estão na TV nos programas tipo *Gugus, Faustões, cidades Alerta e Brasília Urgentes e Márcias*, e, conseqüentemente, participam nos programas de rádio ao vivo nos estúdios ou por telefone reclamando, solicitando apoio ou recolocando o seu produto cultural tradicional nas redes eletrônicas de comunicação.

O ativista midiático, portanto, está à frente, como representante do seu grupo social ou comunitário propondo a pauta midiática com temas na área cultural e econômica. Para conseguir fazer isso ele passa a compreender, dominar os dispositivos das novas tecnologias da comunicação, inclusive usa de criatividade ao reinventar “[...] modas, grifes, estilos de vida; reinventa esses bens simbólicos e econômicos, para o reconhecimento e o uso do seu grupo de referência e por isso é doutrinador por que faz da sua atividade a essência da realidade” (TRIGUEIRO, 2008, p. 53).

O ativista midiático do sistema folkcomunicacional usa de todos esses artifícios com o objetivo de penetrar no sistema e rede global de comunicação e, por isso, faz uso de vários meios como:

[...] o cordel, a cantoria, o teatro e as danças dramáticas populares, o jornal mural, os grafites, o artesanato, a culinária, entre outras tantas manifestações do saber popular; potencializa, dá visibilidade a esses produtos culturais, recolocando-os nas redes globais de comunicação, notadamente o rádio, a televisão e a Internet como estratégia da inclusão social. [...] Os produtos culturais populares, veiculados por canais próprios da rede de comunicação cotidiana – folkcomunicacionais – são potencializados pelos ativistas midiáticos, são sistematicamente revigorados e encaixados nas redes de comunicação da sociedade midiaticizada. A mídia reinventa novos espaços na sua programação para abrir os processos transformativos culturais travados entre o local e o global, o popular e o massificado (TRIGUEIRO, 2008, p. 54).

Por essa razão, segundo Trigueiro e outros pensadores, entre eles Edgar Morin, não há mais possibilidade no mundo contemporâneo de desvincular a cultura da comunicação, pois estão intimamente ligadas. Isto nos leva a compreender a ação efetiva dos ativistas midiáticos nos sistemas folkcomunicacionais e sua importância nos meios de comunicação, pois:

[...] atuam nos movimentos participativos da cidadania, como agentes comunicadores vinculados aos movimentos culturais que utilizam estratégias, que legitimam a sua participação como cidadãos conscientes do seu papel na organização da sociedade civil. Esses atores sociais operam dispositivos de comunicação das redes de cooperação e solidariedade entre pessoas, grupos e comunidades de convivência, próximos uns dos outros, e que estão vinculados por laços de parentesco, pela vizinhança, história de vida, encontrando na rede de solidariedade uma alternativa de sobrevivência social, em regiões subdesenvolvidas da ruralidade nordestina brasileira, como a do semiárido (TRIGUEIRO, 2008, p. 54).

As observações e afirmações de Trigueiro, mencionadas acima, bem como dos demais teóricos da Folkcomunicação, demonstram as mudanças que ocorreram ao longo dos anos nos estudos folkcomunicacionais. Quando o autor da teoria da Folkcomunicação morreu, havia, por parte de alguns, certo temor de que os estudos com esta base teórica deixariam de existir, entretanto ocorreu o contrário, se acentuaram. Em 1998, foi constituída a Rede Brasileira dos Pesquisadores Brasileiros de Folkcomunicação – Rede Folkcom e, a partir dela, as pesquisas, eventos e publicações tiveram um novo impulso e atualizações, demonstrando maturidade científica nesta área. Hohlfeldt assevera:

Assim, pode-se dizer que, gradualmente, a Folkcomunicação vem encontrando aproximações com estudos semelhantes na América Hispânica e até mesmo na Europa ibérica, o que lhe garante não apenas sobrevivência, mas também possibilidade de diálogo, o insumo mais importante para vitalidade de toda e qualquer teoria, seja em que campo for do conhecimento humano (HOHLFELDT, 2012, p. 61).

Desde que foi constituída a Rede Folkcom, são organizados anualmente as conferências nacionais, sempre com temas centrais bem definidos e que são estímulo para os pesquisadores mais antigos de folkcomunicação e, também, para os mais novos.

Quando começou a grande mudança tecnológica e digital, provocando a conectividade global, muitos imaginavam e vislumbravam nos anos 60 e 70 do século passado, que as culturas populares simplesmente iriam sucumbir, desaparecer pela força da comunicação massiva que impunha novos padrões culturais. No entanto, no início desse novo milênio observa-se que há um “[...] reflorescimento das culturas locais e regionais” (MELO, 2008, p. 70). Para esse autor, é inegável que houve e que há uma resistência à “globalização unipolar” e o resultado dessa ação é um fortalecimento das manifestações folkcomunicacionais em todas as regiões do País. Dessa forma, a mídia massiva não tem alternativa do que incluir esses movimentos, manifestações e “[...] tais expressões da cultura popular (tanto a gerada

pelos bolsões rurais, remanescentes no interior, quanto a recriada pelos núcleos imigrantes nas comunidades urbanas que se aglomeram nas periferias metropolitanas)”.

Mesmo com a globalização, que, sem dúvida, altera vários padrões culturais, não consegue homogeneizar a cultura ou, como consequência de sua ação, fazer com que desapareçam as culturas tradicionais locais, pois há um contrafluxo cultural. “Está ocorrendo uma ressignificação das manifestações e do folclore, resultando num posicionamento e apropriação das novas tecnologias e linguagens midiáticas” (SCHMIDT, 2006, p. 15). Inúmeros exemplos poderiam ser citados para demonstrar esta realidade que Trigueiro resume desta maneira:

Um exemplo dessas novas clivagens é o aparecimento das diversidades folkcomunicacionais da milenar manifestação religiosa dos ex-votos, das promessas e dos milagres em santuários, capelas, grutas, cemitérios, cruzeiros de beiras de estadas, cruzeiros nos altos dos morros e em tantos outros lugares de romarias que se espalham por áreas urbanas e rurais de todas as regiões do país (TRIGUEIRO, 2005, s/p).

Constantemente e corriqueiramente é possível ver através de todas as plataformas e nos demais meios de comunicação a veiculação de notícias e reportagens sobre estas manifestações culturais. O que há na sociedade moderna são negociações entre os diferentes meios midiáticos e o sistema folkcomunicacional e, como afirma Trigueiro (2013, p. 853) em uma constante “[...] reconfiguração das interações comunicacionais e culturais”. Pode-se concluir que, em momento algum da história da humanidade, a globalização imprimiu tantos novos padrões culturais às sociedades como na atualidade. Em grande parte, isto ocorre pela utilização dos meios de comunicação, cada vez mais interativos, entretanto, apesar disso, não conseguem homogeneizar a cultura e nem eliminar as culturas locais tradicionais.

Como a Folkcomunicação passou a ser uma disciplina acadêmica em cursos de Comunicação Social, Beltrão propôs classificar os fenômenos da comunicação popular em gêneros folkcomunicacionais da seguinte forma: Folkcomunicação oral, musical, escrita, icônica e cinética. O pesquisador José Marques de Melo, em um exercício de atualização da Folkcomunicação objetivando integrá-la ao universo das ciências da comunicação, propôs uma nova classificação, conforme Anexo 1.

E, em seguida, faz toda uma classificação de cada gênero, conforme seu formato e tipo, pelas inúmeras opções simbólicas do emissor, bem como por fatores residuais ou aleatórios típicos da recepção. Esta forma metodológica de pesquisa em Folkcomunicação tem sua atenção voltada para uma “zona híbrida”, ou seja, entre as manifestações e expressões

culturais que se tornam canais de comunicação popular e a mídia com seu moderno sistema globalizado e multimidiático de comunicação. Portanto, na medida em que o povo se comunica por meio do folclore, este passa a ser um canal de comunicação coletiva em potencial.

Atualmente a Rede Folkcom está bem organizada e talvez possa ser considerada como um eixo mobilizador dos pesquisadores de Folkcomunicação. Alguns dos objetivos que norteiam as ações da Rede de Estudos e Pesquisas em Folkcomunicação são assim relacionados pela pesquisadora Cristina Schmidt:

1. Delinear o campo da folkcomunicação definindo um arcabouço teórico metodológico;
2. Compreender o contexto da folkcomunicação a partir da localização do homem: na festa, na culinária, no artesanato, na música, na religião, na arquitetura, no trabalho, etc.;
3. Realizar estudos documentais e empíricos descrevendo-os e analisando-os enquanto processos e fenômenos Folkmidiáticos, localizando seus agentes codificadores, seus canais de expressão, o tipo de mensagem, e o público a que se destina;
4. Intercambiar subsídios com os pesquisadores ligados à Rede Folkcom e com novos pesquisadores de outras organizações de pesquisa, inclusive internacionais;
5. Promover seminário e/ ou reunião científica nas instituições de origem de cada pesquisador a fim de ampliar a discussão da Folkcomunicação;
6. Divulgar os resultados das pesquisas em eventos científicos regionais, nacionais e internacionais (SCHMIDT, 2006b, p. 10-11).

Além das conferências, a Rede Folkcom também mantém a revista eletrônica na Internet⁴⁴, denominada de Revista Internacional de Folkcomunicação, atualmente considerada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) como Qualis B3. Através da Rede Folkcom, a Folkcomunicação tem sido fundamento para várias pesquisas científicas do Grupo de *Estudios de Folk-Comunicación*, criado pela *Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación* (ALAIC).

Atualmente as pesquisas em folkcomunicação abrangem diversas áreas, tais como: Folk-ativismo, Folkmarketing, Folk-ciber, Folkturismo, Folk-erotismo – folkcomunicação erótico-pornográfica, Folkcivismo, Folkmisticismo, Folkficção, Folkmídia, Folkpolítica, Folkreligiosa, entre outras. Diversos artigos sobre estes temas estão disponibilizados tanto na Revista Internacional de Folkcomunicação, como no livro *Metamorfose da Folkcomunicação: antologia brasileira*, entre outras obras.

⁴⁴ Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom>>.

Com esta exposição sobre a teoria da Folkcomunicação ficará mais fácil compreender as relações comunicativas folkcomunicacionais da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO analisadas nesta pesquisa descritiva.

CAPÍTULO 3 – IDENTIDADE, COMUNIDADES TRADICIONAIS E INCLUSÃO TECNOLÓGICA

Em maio de 1999 foi elaborado um amplo documento sobre os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil, pelo Núcleo de Pesquisas Sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras - NUPAUB, da Universidade de São Paulo, para a Coordenadoria da Biodiversidade – COBIO, do Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. Este documento teve como organizador Antonio Carlos Diegues, no qual são apresentadas as características das sociedades ou comunidades tradicionais:

- a) pela dependência frequentemente, por uma relação de simbiose entre a natureza, os ciclos naturais e os recursos naturais renováveis com os quais se constrói um modo de vida;
- b) pelo conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais. Esse conhecimento é transferido por oralidade de geração em geração;
- c) pela noção de território ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente;
- d) pela moradia e ocupação desse território por várias gerações, ainda que alguns membros individuais possam ter se deslocado para os centros urbanos e voltado para a terra de seus antepassados;
- e) pela importância das atividades de subsistência, ainda que a produção de mercadorias possa estar mais ou menos desenvolvida, o que implica uma relação com o mercado;
- f) pela reduzida acumulação de capital;
- g) importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e às relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais;
- h) pela importância das simbologias, mitos e rituais associados à caça, à pesca e a atividades extrativistas;
- i) pela tecnologia utilizada que é relativamente simples, de impacto limitado sobre o meio ambiente. Há uma reduzida divisão técnica e social do trabalho, sobressaindo o artesanal, cujo produtor (e sua família) domina o processo de trabalho até o produto final;
- j) pelo fraco poder político, que em geral reside com os grupos de poder dos centros urbanos;
- l) pela autoidentificação ou identificação pelos outros de se pertencer a uma cultura distinta das outras (DIEGUES, 2000, p.21-22).

Apesar de este documento ter sido elaborado há quase duas décadas, várias das características ali apontadas são percebidas na Lagoa da Pedra, com um destaque para a questão do território que ocupa, pois, esta comunidade quilombola está muito associada à ancestralidade, às suas festas, seus rituais, modo de vida em família e comunidade e uma forma de saberes e fazeres diferenciado. Mesmo que, com o advento das diversas tecnologias,

com ênfase na Internet e uso das diversas plataformas digitais, que altera significativamente as relações sociais e a própria cultura, há uma preservação do seu modo fazer e viver em comunidade. Entretanto, a sociedade moderna tem dificuldade em entender este *modus vivendi* destas comunidades, como afirma Castro (1998) “Respaldando-se em representações que reforçaram, no passado, os preconceitos, nossa sociedade moderna vê aquelas práticas tradicionais de trabalho como improdutivas” (CASTRO, 1998, p. 07).

Para se compreender este processo de mudanças e transformações na sociedade moderna, que conduz a conflitos, é necessário que se faça uma análise sobre questões e conceito de identidade. Bittencourt (2014, p. 130) afirma que “[...] a análise sobre a noção de identidade é fundamental para o estabelecimento de uma nova compreensão de uma dinâmica mundial marcada por vertiginosas transformações axiológicas, culturais e técnicas”.

Um fato é inegável nesta discussão, é a supremacia que o saber tanto técnico quanto científico quer impor a qualquer outro saber, pois isto fica demonstrado ao desqualificar e desvalorizar principalmente os saberes e fazeres das comunidades tradicionais. Castro ao abordar esta questão assevera:

Por isso, a validação a nível nacional e internacional, ainda que parcial, dos conhecimentos e inovações dos povos indígenas, de camponeses e de todas as populações tradicionais demonstra que eles têm um valor não redutível ao valor econômico. A existência dos recursos biológicos está diretamente vinculada a um sistema ancestral de coexistência sustentável entre os homens e o ambiente, razão pela qual esses recursos dependem da sobrevivência desse sistema. A destruição do habitat natural da comunidade será secundada pelo seu desaparecimento como sistema cultural e vice-versa, pois um sem o outro é insustentável (CASTRO, 1998, p. 08).

Esta realidade pode ser entendida a partir do cenário da pós-modernidade como conceituado por Hall (2014), que nos leva à compreensão no sentido de que, da mesma forma como o sistema econômico e midiático se apropriam dos conhecimentos das comunidades tradicionais, ocorrem resistências por parte destas e geram os debates centrais sobre o conceito de identidade.

3.1 Inclusão tecnológica como democratização do conhecimento e da comunicação

Quando se trata de inclusão tecnológica estamos falando sobre a democratização do conhecimento e da comunicação, que, por sua vez, é um direito de todo cidadão em qualquer

lugar ou território em que este se encontra. Os benefícios da inclusão digital e tecnológica, sem dúvida, são essenciais no mundo moderno, entretanto as perguntas que devem ser feitas em se tratando de comunidades tradicionais são: até que ponto esta inclusão ajuda ou prejudica a identidade cultural? As comunidades tradicionais ou mesmo as originárias, que possuem peculiaridades culturais muito próprias, perderão ou não suas tradições, dos fazeres e saberes diante da inclusão digital e tecnológica? Até que ponto, as comunidades tradicionais conseguirão manter suas tradições diante de um mundo globalizado e que tenta homogeneizar costumes e modismos?

Uma das pesquisadoras da teoria da Folkcomunicação Karina Janz Woitowcz destaca três aspectos entre os estudos sobre identidade, que demarcam tanto aproximações quanto confrontos, entre Stuart Hall e a teoria da Folkcomunicação criada por Luiz Beltrão que são: “[...] o conceito de cultura, as noções de marginalidade e subalternidade e a compreensão sobre as dinâmicas do processo de produção/recepção ou codificação/decodificação de mensagens” (WOITOWICZ, 2015, p. 01).

Para Colaço e Sparemberger (2010) a tecnologia da informação deve ser tratada como um patrimônio cultural da humanidade, visto que “[...] as novas tecnologias vieram para ficar e certamente alteram o comportamento social”. E em seguida asseveram: “A sociedade atual é da informação, as soluções digitais são infinitas, surpreendentes e poderosas” (COLAÇO; SPAREMBERGER, 2010, p. 209). Partindo desta premissa, as autoras afirmam que a sociedade da informação tem que ser democratizada e assim possibilitar a todos o acesso às novas tecnologias, com a ressalva de resguardar e respeitar as diferenças e diversidade cultural. O que se quer evitar, com isso, segundo afirmam, é a criação de uma nova casta social, que seriam os excluídos digitais.

Entretanto a discussão sobre o assunto é complexa, pois, se por um lado, há a necessidade da inclusão digital e tecnológica, pela necessidade que se impõe a todos como direito, por outro lado, não se pode esquecer que há uma manipulação e interesses nefastos que são muitas vezes velados e não são explícitos. Para Comparato (2015), a dominação econômica no século 21, foi provocada pelo neoliberalismo e está fortemente ligada ao sistema de comunicação. Segundo ele, o domínio e controle deste sistema de comunicação estão concentrados nos grandes grupos financeiros, que, por sua vez, impedem a sociedade tomar conhecimento de toda esta articulação que move o mundo. Habermas (2018, s/p) assevera em forma de lamento e indignação ao analisar a atualidade tecnológica digital o

seguinte: “[...] O que me irrita é o fato de que se trata da primeira revolução da mídia na história da humanidade, que serve antes de tudo a fins econômicos, e não culturais”.⁴⁵

Contudo, mais um aspecto é relevante nesta abordagem, que é o fato de qualquer sociedade ou comunidade, seja originária ou tradicional, passa por mudanças e adaptações diversas ao longo da história e de seus modos de vida e na sua cultura quando se depara com as novidades tecnológicas. É importante frisar que, quando falamos da importância das novas tecnologias e do acesso universal para a utilização constante, não está em jogo apenas as novas formas de comunicação e informação ou até na questão diversional, mas, também “[...] possibilidades de potencializar a autoafirmação identitária. Não uma identidade, mas de múltiplas” (ZACARIOTTI, 2017, p. 35).

Stuart Hall, no seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, parte do pressuposto de que as “[...] identidades modernas estão sendo ‘descentradas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas” (HALL, 2015, p. 09). Para este autor, o conceito sobre identidade está sofrendo mudanças e sua interpretação não é unânime na comunidade sociológica, por ser complexo e, segundo ele, pouco compreendido na ciência social contemporânea.

3.2 Modernas tecnologias – ameaça de destruição ou ferramenta para as comunidades tradicionais

Segundo Geertz, “[...] os sistemas simbólicos são construídos e reconstruídos o tempo todo, não são nada que se possa amarrar e dizer, é isso” (GEERTZ, 2001, p. 39). Contudo, também há de se considerar, como já foi apresentado anteriormente, que nunca houve na história da humanidade, principalmente nos últimos 40 anos, o efeito que decorre da globalização cultural, proporcionada pelas modernas tecnologias da comunicação. Este processo, ao mesmo tempo em que inclui a todos os cidadãos, faz com que seja uma ameaça real a muitas comunidades tradicionais de perderem seus valores e riquezas de seu patrimônio imaterial. Canevacci⁴⁶ (2015) discorda de Geertz neste ponto ao afirmar que a época atual é

⁴⁵ Entrevista publicada no *El País Semanal*, no dia 5 de maio de 2018. Original: Lo que me irrita es el hecho de que se trata de la primera revolución de los medios en la historia de la humanidad que sirve ante todo a fines económicos, y no culturales. Disponível em: <https://elpais.com/elpais/2018/04/25/eps/1524679056_056165.html>.

⁴⁶ Massimo Canevacci é professor de Antropologia Cultural e Arte e Cultura Digital da Faculdade de Ciências da Comunicação da Faculdade de Ciências da Comunicação da Universidade de Roma *La Sapienza*, e professor visitante na Universidade de São Paulo (IEA-USP).

marcada por uma cultura digital o que possibilita que, diferentemente como ocorria no passado, comunidades tradicionais ou mesmo povos originários se apropriem das novas tecnologias digitais de comunicação e informação e, por esta razão, não podem mais ser encarados como objetos de pesquisa, pois começam a falar por eles mesmos tornando-se, assim, sujeitos da própria história. Isto faz com que estes povos e comunidades ou mesmo os denominados marginalizados culturalmente sobrevivam a todas as tentativas de serem dizimados ou mesmo folclorizados, na medida em que dominam as novas tecnologias. Segundo Canevacci, a

Autorrepresentação toma o lugar de hetero-representação, com cada vez mais clareza conceitual expressiva, ao lado e muitas vezes contra este poder discursivo. Ele pode ser visto na pluralidade de maneiras pelas quais aqueles que foram por muito tempo considerados objetos de pesquisa, apresentados apenas como parte da paisagem, tornaram-se os sujeitos da pesquisa, interpretando a si mesmos em primeiro lugar e, em seguida até mesmo a cultura do antropólogo (CANEVACCI, 2015, p. 107).

Canevacci (2017), ao escrever o prefácio do livro (In)visibilidades das juventudes pós-modernas utiliza um neologismo “polifonias digitais” para exemplificar a realidade do cenário atual, no qual está surgindo uma “[...] cruzada digital e cultura, oferecendo perspectivas inéditas”.

Em vez de oposição dialética e classista entre aura e reprodutibilidade, as articulações digitais misturam essas duas perspectivas que – de dicotômicas – se tornam sincréticas, polifônicas, diaspóricas. Surge uma comunicação aurática reproduzível além do dualismo das tecnologias analógicas (CANEVACCI, 2017, p. 21).

Esta relação entre o passado e o presente no que diz respeito à cultura, nos fazeres e saberes, que na atualidade é intermediada pelas novas e modernas tecnologias digitais e que já fazem parte do cotidiano das comunidades, anteriormente, totalmente marginalizadas, me leva a parafrasear Canevacci (2017) ao afirmar que a mudança ocorrida nesta questão temporal foi e está sendo radical. “É um salto paradigmático claro e expressivo com relação com o passado” (CANEVACCI, 2017, p. 21). Da mesma forma, e na mesma linha de pensamento Zacariotti (2017) afirma que “[...] há de se perceber uma mudança paradigmática que define a Pós-Modernidade, como defendem alguns filósofos, sociólogos e antropólogos” (ZACARIOTTI, 2017, p. 27). Nas considerações de Hall (2015), a transformação das sociedades modernas a partir do final do século 20 é radical, pois se trata de uma mudança

estrutural e “[...] isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (HALL, 2015, p. 11).

Sem dúvida, a mudança pode ser entendida como paradigmática, o que implica em perdas culturais em alguns aspectos e ressignificações de outros, conforme veremos mais à frente quando será descrita a análise da identidade cultural quilombola da Lagoa da Pedra. Portanto, em parte concordo com Geertz e em outro ponto com o próprio Canevacci. De todo o modo, o que a própria UNESCO observou é que foi necessário encontrar mecanismos para proteger e promover milhares de manifestações e/ou expressões culturais, sendo que, muitas delas, estão beirando a extinção, em decorrência do modelo de desenvolvimento em curso.

Por esta razão:

Diante de um mundo globalizado e midiaticizado, a UNESCO elaborou um documento em 2005, no qual, pela primeira vez, no plano de pactuação internacional, ficou estabelecida a necessidade de combinar o desenvolvimento econômico com a preservação do patrimônio cultural dos povos, das comunidades e das culturas (TESKE, 2011, p. XXXVI).⁴⁷

Este documento foi denominado de Convenção Internacional de Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais e entrou em vigor, no Brasil, no dia 18 de março de 2007⁴⁸ (BRASIL, 2007), para cumprir com o seu objetivo, ou seja, adotar medidas de proteção quando expressões culturais correrem o risco de extinção frente a uma ameaça grave e aprimorar a diversidade de tais expressões seja de caráter nacional ou internacional. Segundo este documento, quanto maior a disseminação da diversidade criativa, maiores serão também as vantagens culturais e sociais, alcançando assim uma dimensão que vai muito além da esfera comercial e econômica. Por sua vez, este documento tem em sua base propositiva assegurar aos países a criação de mecanismos de defesa das culturas locais contra o monopólio da indústria do entretenimento.

O enfoque, portanto, nesta tese, também é fazer uma descrição da identidade cultural a partir da inclusão tecnológica da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO, em uma perspectiva folkcomunicacional.

⁴⁷ Numeração romana para as páginas iniciais do livro incluindo a Introdução. Normas da Editora do Senado Federal.

⁴⁸ DECRETO Nº 6.177, DE 1º DE AGOSTO DE 2007. Promulga a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, assinada em Paris, em 20 de outubro de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6177.htm>.

3.3 Identidade cultural de comunidades tradicionais e grupos marginalizados

O uso do termo cultura para definir os fazeres e saberes de uma comunidade quilombola, ou mesmo qualquer outra comunidade ou grupo marginalizado, é algo que se modificou ao longo dos anos. Conforme Burke (2005), este termo nos primórdios de seu uso, apesar de há muito tempo superado, se referia ao que eram consideradas práticas da elite, denominada de “alta cultura” como as artes e as ciências. Este autor ainda assevera que:

Depois, foi empregado para descrever seus equivalentes populares - música folclórica, medicina popular e assim por diante. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar) (BURKE, 2005, p. 43).

Geertz (1989) da mesma forma entende que o termo cultura, ou os estudos que se referem a símbolos ou mesmo elementos simbólicos são perfeitamente passíveis de estudo e análise científica, “[...] pois são formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças” (GEERTZ, 1989, p. 68). Para este autor, os símbolos e os elementos simbólicos tem uma relação intrínseca com o ser humano, chegando a ser “[...] decisivos para sua viabilidade como criatura e, em função disso, sua sensibilidade à indicação até mesmo mais remota de que eles são capazes de enfrenar um ou outro aspecto da experiência e que provoca nele a mais grave ansiedade” (GEERTZ, 1989, p. 68). Para Malinowski (1975), ao conceituar o termo cultura, em sua obra *Uma teoria científica da Cultura*, o panorama da cultura “[...] é, obviamente, o todo integral constituído por implementos e bens de consumo, por cartas constitucionais para os vários agrupamentos sociais, por ideias e ofícios humanos, por crenças e costumes” (MALINOWSKI, 1975, p. 42).

Malinowski deixa explícito que não há diferenciação na questão de importância entre as diversas culturas, quando afirma:

Quer consideremos uma cultura muito simples ou primitiva, ou uma extremamente complexa e desenvolvida, deparamo-nos com uma vasta aparelhagem, em parte material, em parte humana, em parte espiritual, com a ajuda da qual o homem é capaz de lidar com os problemas concretos, específicos, com que se defronta (MALINOWSKI, 1975, p. 42).

Portanto, a partir deste conceito de cultura, observa-se como afirmam os autores mencionados que nas comunidades ou grupos, ou mesmo nos núcleos familiares há um

padrão cultural. Este padrão cultural, por sua vez, vai sofrendo alterações conforme surgem necessidades ou adequações aos próprios costumes e é o que se denomina de tradição cultural. Esta tradição cultural, conforme Malinowski (1975, p. 43), “[...] é transmitida de cada geração para a geração seguinte”. Na comunidade quilombola Lagoa da Pedra, por muitos anos, esta tradição cultural era transmitida apenas de forma oral, pois suas histórias, costumes, festas, os fazeres e saberes não estavam documentados nem de forma escrita, ou mesmo em alguma imagem fotográfica.

É importante ressaltar, que mesmo sofrendo readequações ao ressignificar suas manifestações culturais, a comunidade quilombola Lagoa da Pedra mantém as suas raízes na religiosidade em praticamente todas as suas manifestações culturais, mesmo que miscegenadas entre práticas herdadas dos ancestrais africanos com as tradições católicas. Como sabemos da história e registrada também por Teske (2011), os negros escravizados de Arraias, foram forçados a se adaptar às crenças impostas pelos seus senhores na base do chicote, das ameaças e perseguições. Dali surgiu o que é denominado de catolicismo popular em uma abordagem científica. As celebrações, festas, pagamentos de promessas e até algumas danças, podem parecer apenas manifestações de caráter folclórico para os não quilombolas, entretanto para os que integram a comunidade, são demonstrações de fé, devoção e de identidade cultural, como assevera Geertz (1989):

Enquanto para os “visitantes”, pela natureza do caso, as realizações religiosas só podem ser apresentações de uma perspectiva religiosa particular, podendo ser apreciadas esteticamente ou dissecadas cientificamente, para os participantes elas são, além disso, interpretações, materializações, realizações da religião – não apenas modelos daquilo que acreditam, mas também modelos para a crença nela. É nesses dramas plásticos que os homens atingem sua fé, na medida em que a retratam (GEERTZ, 1989, p. 83).

Portanto, quando a comunidade quilombola transmite de geração a geração, inicialmente através da tradição oral e atualmente já documentando, filmando e fotografando as suas práticas culturais, interpretando, materializando suas crenças e múltiplas manifestações culturais estão transmitindo informações. Diante disso, conclui-se que cultura é informação, como conceitua Lotmann apud Schmidt (2000, p. 11) quando assevera que a cultura é “[...] o conjunto de informações não hereditárias que as diversas coletividades da sociedade humana acumulam, conservam e transmitem”. Da mesma forma, Edgar Roberto Kirchof, que escreveu no artigo *Yuri Lotman e semiótica da cultura*, no qual analisa este autor, explica que “[...] as várias manifestações da cultura, pelo fato de possuírem uma espécie de essência linguística,

podem ser compreendidas como sistemas de comunicação, cuja especificidade é a capacidade de veicular mensagens ou informações” (KIRCHOF, 2010, p. 65).

Ora, é exatamente isto a que se propõe esta tese, que é demonstrar, em primeiro lugar, que há a presença de uma riqueza cultural na Lagoa da Pedra, e que os seus fazeres e saberes são cultura em sua essência, mesmo quando vai resignificando a sua cultura conforme as mudanças e ameaças que vem acontecendo ao longo dos anos. Ao fazer esta análise do processo comunicacional, como propus nesta pesquisa, utilizei a folkcomunicação, como já foi dito anteriormente, baseado em Hohlfeld (2013, p. 877), que é a análise “[...] dos processos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada”.

Entendendo que a cultura é uma complexa rede de signos densos de significados, ainda mais em se tratando de comunidades tradicionais ou originárias, e neste caso específico, de comunidade quilombola, na qual fica evidente a força da tradição oral, e compreendendo, por outro lado, a força de uma sociedade midiaticizada e da globalização cultural, se faz necessário assegurar a cultura quilombola por meio de leis e decretos, como explicitados a seguir, pela Constituição Federal de 1988:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Art. 68. Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos (BRASIL, 1988).

A partir destas definições legais e constitucionais o Instituto Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (2016) se baseou para salvaguardar os bens imateriais de nosso país:

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas e nos lugares, tais como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas (IPHAN, 2016).

Em âmbito internacional, a Convenção da UNESCO, aprovou a *Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*⁴⁹, em Paris, no dia 17 de outubro de 2003, e ratificada pelo Brasil em 12 de abril de 2006⁵⁰, define no artigo 2º o patrimônio cultural imaterial:

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências – bem como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, grupos e, eventualmente, indivíduos reconhecem como fazendo parte do seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio envolvente, da sua interação com a natureza e da sua história, e confere-lhes um sentido de identidade e de continuidade, contribuindo assim para promover o respeito da diversidade cultural e a criatividade humana. Para efeitos da presente Convenção, só será tomado em consideração o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais relativos aos direitos humanos existentes, bem como com a exigência do respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e de um desenvolvimento sustentável (UNESCO, 2003, p. 03).

Também nesta Convenção se observa a importância da ressignificação que é natural, quando as comunidades ressignificam as suas mais diversas manifestações culturais, entretanto mantendo a sua identidade, como veremos mais adiante, com relatos dos próprios quilombolas.

⁴⁹Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial.

Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>>.

⁵⁰ DECRETO Nº 5.753, de 12 de abril de 2006, da Presidência da República. Promulga a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, adotada em Paris, em 17 de outubro de 2003, e assinada em 3 de novembro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5753.htm>.

CAPÍTULO 4 – A COMUNIDADE QUILOMBOLA LAGOA DA PEDRA: PASSADO E PRESENTE

Para que se compreenda melhor a origem da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, localizada em Arraias, estado do Tocantins, é necessário analisar um contexto histórico, geográfico, político, econômico e cultural da região em que ela se criou e desenvolveu, bem como saber as causas de sua origem e fontes que atestam estes fatos.

Neste capítulo farei uma apresentação geral do passado e presente desta comunidade quilombola, como se fosse um cenário geral, já destacando para alguns pontos, fatos, realidades que estão desdobrados no capítulo cinco e seis. Como se fosse uma pintura olhada a certa distância, na qual alguns dos cenários saltam aos olhos e depois, ao se chegar mais perto, se perceberá o desdobramento e detalhamento dos fatos.

4.1 O surgimento de Arraias no século 18

No início do século XVIII, todo o território que compreendia as comarcas de Cuiabá e Goiás estava sob o domínio da Capitania de São Paulo. D. João, rei de Portugal, no dia 9 de maio de 1748, determina que sejam criadas a capitania de Goiás e outra a do Mato Grosso e Cuiabá, separando-as da Capitania de São Paulo (MENDES, 1868). Conforme Barbo; Schlee, (2009), a Capitania de Goiás foi instalada no ano seguinte, sendo o primeiro governador D. Marcos de Noronha, Conde dos Arcos.

A Capitania do Goiás que foi separada da Capitania de São Paulo estabelecia os limites conforme descreve Mendes (1868) ao relatar em carta enviada ao Rei, que a oeste o “[...] limite era a grande linha do rio Araguaya, a mais clara e saliente possível” (MENDES, 1868, p. 28), entretanto ressalta que os limites a leste teriam que ser naturais, ao norte com a Capitania do Maranhão e do Grão Pará, definição esta, que viria ocorrer apenas muitos anos depois. Em 1753, foi desenhado por Tosi Colombina o mapa desta nova Capitania. Segundo (BARBO; SCHLEE, 2011, p. 02), quando a Capitania de Goiás ganhou autonomia política, ela abrangia os atuais Triângulo Mineiro, Tocantins, parte do Mato Grosso e Maranhão.

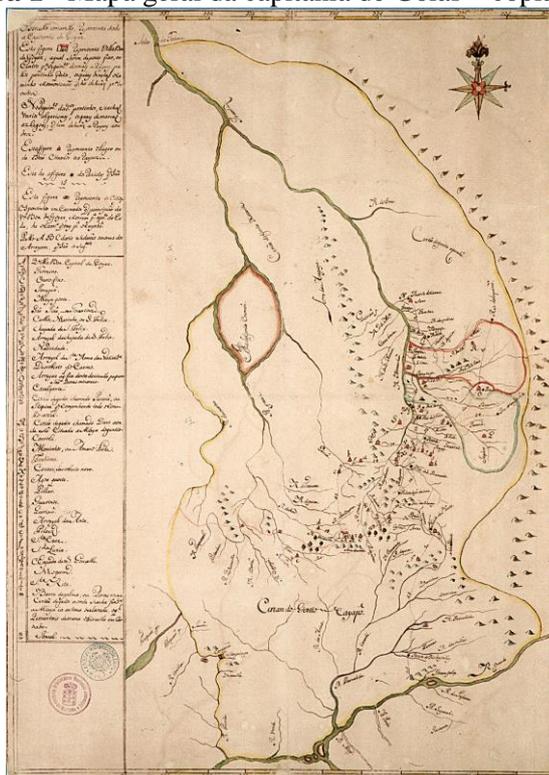
Em 1777, Thomas de Souza, a mando do Barão de Mossâmedes, confeccionou uma Carta de Goiás, também conhecida por Mapa dos Julgados, que reproduziu as fronteiras da Capitania de Goiás, dividiu a capitania em 13 Julgados, representou o relevo e a rede hidrográfica da região e assinalou a capital, os arraiais com

freguesia, os arraiais sem freguesia, as aldeias e as estradas que cruzavam a região (BARBO; RIBEIRO, 2015, p. 443).

No mapa, Fig. 1, constam as localidades descritas na leitura paleográfica, com letras e nomenclatura como segue:

A – Villa Boa Capital de Goyaz. B – Ferreiro. C – Ouro Fino. D – Jaraguá. E – Meya Ponte. F – São Jozê _ou Tocantinz. G – Carllos Marinho, ou São Felix. H – Chapada de S. Felix. I – Arrayal da chapada de S.Felix. L – Natividade. M – Arrayal de S.ta Anna da Nativide. N – Descoberto do Carmo. O – Arrayaz aq. fica dentro do circullo pequeno são terras mineraes. P – Cavalgante. Q – Certão de gados chamado Paranã, ou Itiquira q. comprehende todo o circullo azul. R – Certão de gados chamado Duro aonde está Cituada a Aldeya do gentio. S – Corriola. T – Morrinhos, ou Amaro Leite. Y – Trahiras. X – Cocaez, descoberto novo. Z – Agoa quente. a – Pillar. b – Guarinos. c – Quirixâ. d – Arrayal da Anta. e – Piloez. f – S.ta Cruz. g – S.ta Luzia. h – Chapada de S. Gonçallo. i – Moquem. l – S.ta Rita. m – Barra do palma, ou terras novas. Certão de gados aonde se acha fund.a a Aldeya ja asima declarada, oq.l terrantório demarca o sircullo emcarnado. n – Pontal (BRASÍLIA, s/d).

Figura 1 - Mapa geral da capitania de Goiás – cópia d-867



Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino⁵¹

Na letra “O” da citação acima a descrição da região aparece com o nome de Arrayaz e um pequeno círculo, deixando explicitado e destacado o motivo desta menção, pois

⁵¹ Medidas – 51,3 cm × 36,4 cm, em folha 51,6 cm × 36,5 cm. Data – 1753. Localização – AHU_CARTm_008, D. 0866 /D.867. Originalmente anexo ao documento AHU_ACL_CU_008, Cx.9, D. 603 – 1753, Setembro, 12. Disponível em: <<http://www.arpdf.df.gov.br/mapa-geral-capitania/>>.

demarcava as terras em que havia metais preciosos, principalmente o ouro. Neste Mapa Geral da Capitania de Goiás, há pontilhados que são indicações dos caminhos, incluindo o número de léguas, além de marcar os rios e várias outras marcas naturais, há detalhes, inclusive, com menção do nome das vilas, arraiais e da capital da Capitania, Villa Boa de Sant'Anna (BARBO; SCHLEE, 2009).

É neste contexto que surge o que atualmente se conhece como o município de Arraias, pois após estes momentos de definições e redefinições geográficas que perpassam o Império e a República, vai consolidar-se com a Constituição Federal de 1988, a mais nova unidade político-administrativa da federação brasileira, ou seja, a criação do estado do Tocantins.

Contudo o nascedouro de Arraias é demarcado pelo “[...] ciclo minerador do século XVIII, e agregou milhares de homens de diferentes raças e origens na corrida pela riqueza” (COSTA, 2008, p. 127). Segundo esta pesquisadora, esses dados remontam ao ano de 1740, quando Arraias surgiu como um pequeno povoado de mineradores. Entretanto, Costa (2008) afirma⁵² que a época do surgimento da ocupação desta região, segundo outros autores é anterior a esta data, quando “[...] Arraias e Cavalcante receberam a denominação de arraial”. A professora Rosolinda Batista de Abreu Cordeiro deixa registrado em seu livro⁵³ palavras do cronista Raymundo José da Cunha Mattos⁵⁴, que se refere a essa região e ao Arraial de Arraias, como área riquíssima em ouro, em 1733. A organização da “Companhia de Infantaria, uma de Cavalaria e uma de Henriques, boa gente e uma de Ordenanças” foi instalada neste período, com o objetivo de extrair o rico mineral, o que não era difícil, pois “[...] o ouro tirava-lhe da superfície da terra às arrobas, e as arrobas se encaminhavam a Portugal e, de lá, para toda Europa e o Oriente” (apud Cordeiro, 1989, p. 16). Isso significa que a ocupação se deu, anteriormente, como descreve a professora:

1731 – Foi na Chapada dos Negros que surgiu o riquíssimo garimpo aurífero onde mais de dez mil mineiros, dos quais menos de um terço constituído de brancos, movidos pela ambição do ouro, que se deu o início de Arraias. O núcleo já estava oficializado e sob a administração do Capitão-Mor: Domingos Antônio Cardoso (CORDEIRO, 1989, p. 14).

⁵² Magda Suely Pereira Costa fez o seu doutoramento com o tema: Poder Local em Tocantins: Domínio e Legitimidade em Arraias, no Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), 2008. É professora titular no Campus da Universidade Federal do Tocantins de Arraias.

⁵³ Arraias: suas raízes e sua gente. Goiânia: Editora, 1989.

⁵⁴ (1776-1839), natural de Portugal. Uma biografia dele foi escrita por Neuma Brilhante Rodrigues: **A Biografia Intelectual de Cunha Mattos e o contexto da consolidação da Independência do Brasil**. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1458.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

Pohl (1976, p. 136) em seu diário relata a descoberta da região de Arraias e a descreve como “[...] uma das mais ricas jazidas de ouro”.

Devido à feia cor acinzentada do minério ali achado, que, aliás, era muito bom, recebeu a jazida o nome de Descoberto do Ouro Podre. O metal foi achado em veias de quartzo que atravessa a baixas profundidades a rocha decomposta (piçarra). Pode-se avaliar a produtividade desses veios pela circunstância de que muitas vezes numa gamela cheia de rocha decomposta eram colhidas cerca de 220 gramas de ouro. De certa feita, durante uma noite, foram recolhidas três arrobas de ouro (POHL, 1976, p. 136).

A ocupação por parte dos portugueses na época do Brasil Colônia e também no Império não foi pacífica, pois enfrentaram povos indígenas e muitos foram dizimados, por não aceitarem a dita “domesticação e cristianização” por parte dos seus opressores, como bem relata Apolinário (2006). Os portugueses, literalmente, ao invadirem e tomarem a “nova terra”, o fizeram julgando serem mensageiros do Deus que adoravam, trazendo consigo símbolos de sua religiosidade, que é imposta a quem encontram pela frente, entretanto a história revela que o objetivo era meramente mercantilista e econômico.

A cruz fincada na terra, ao longo da história do Ocidente, significava tomar posse dos espaços territoriais “em nome de Deus”. Assim se dava também no processo de conquista da América portuguesa e espanhola. Os territórios tradicionais indígenas tinham cruces fincadas como se os europeus pudessem repetir a tomada da “Terra Santa” aos infiéis. Os infiéis agora não eram os de descendência árabe, mas aqueles “gentios” que teimavam em querer permanecer na posse de territórios considerados paradisíacos, como os que margeavam o rio Araguaia. Terras que pareciam emanar leite e mel de probabilidades lucrativas para no futuro alimentarem a ambição dos vassallos de El Rei e dos tesouros da Coroa Portuguesa. Nem que para isso a alteridade do “outro” fosse negada, a ponto de se justificar o seu extermínio (APOLINÁRIO, 2006, p. 191).

Tanto os religiosos quanto as autoridades constituídas agiam dessa forma, sejam os governadores das províncias, a própria Corte ou o Conselho Ultramarino, que reafirmava: “[...] não tem sido bastante exterminar ou reduzir estas nações”, isso por uma razão explícita, segundo afirma Apolinário (2006, p. 64): “[...] as suas culturas, [referindo-se aos povos indígenas], eram tidas como exóticas demais para serem respeitadas”. E acrescenta algo digno de nota: “E ao mesmo tempo em que aqueles portugueses se diziam herdeiros naturais de uma civilização superior, portadora de uma religião ‘misericordiosa’, a sua prática cotidiana e discursiva diante do ‘outro’ não era nada benevolente”. Apenas eram merecedores de misericórdia, por parte dos colonizadores, os que não interferissem nos seus interesses, “[...]”

todavia os que se encontravam tão próximos e negando a fé, a lei e o rei de além-mar tinham que ser combatidos” (APOLINÁRIO, 2006, p. 62).

Há farta documentação demonstrando a crueldade dos colonizadores em relação aos povos indígenas que habitavam esta região. Da mesma forma como tratavam os indígenas, os negros escravizados também o eram. A perseguição, massacre, aprisionamento e dizimação aos povos indígenas e principalmente os Akroá parecia não ter fim, e ocorria em toda a região do sertão brasileiro. Especificamente,

[...] esse grupo indígena não imaginava que a sua presença em terras minerais tornara-se um grande entrave aos objetivos dos moradores dos arraiais do norte goiano, que diante da instabilidade dos seus veios auríferos, precisavam mudar-se de um lugar ao outro, como que empurrados pelo vento em busca do precioso metal (APOLINÁRIO, 2006, p. 92).

A época que marca o início da mineração em Arraias e, conseqüentemente, sua origem na história oficial, entre os anos 1740 e 1741, os Akroá viam-se acudados pelos colonizadores, exatamente ali, em Arraias, bem como nas povoações de Natividade, Ribeira do Paranã e Terras Novas. Uma prova documental desse fato pesquisado pela historiadora Juciene no Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra, no Conde dos Arcos, é um trecho da carta⁵⁵ enviada por D. Luíz de Mascarenhas ao rei D. João V, em 2 de agosto de 1743, onde se lê: “[...] só se deve de informar a Vossa Majestade das ousadias e cruéis invasões nos distritos das Terras Novas, Ribeiras do Paranã, e mais minas de Natividade e Arraias [...] aquele continente indefeso da ferocidade de seus horríveis confinantes” (APOLINÁRIO, 2006, p. 94).

A resposta de D. João V, representante maior da Coroa portuguesa, veio em 23 de maio de 1744, aprovando a guerra contra os povos originários dos Akroá e Kayapó, possibilitando, assim, o extermínio dos indígenas com a justificativa de que eram muito ferozes, o que demonstrou, segundo Apolinário (2006, p. 95), que “[...] os indígenas eram olhados como ‘estranhos seres’ por não conhecerem e, notadamente, não vivenciarem as leis, regras e normas dos colonizadores”. Outro dado descoberto na pesquisa da historiadora Juciene, através dos documentos oficiais do Conselho Ultramarino, foi a questão de que as ações dos povos indígenas, sejam mortes causadas aos colonizadores, roubos de gado e outras que os atentavam eram considerados crimes hediondos, entretanto a preação, banição e

⁵⁵ Carta do governador e capitão-general da capitania de São Paulo, D. Luíz de Mascarenhas, ao ouvidor-geral da Comarca de Goiás, Manuel Antunes da Fonseca. 27 de outubro de 1745. Fundo Coleções Particulares Conde dos Arcos, Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra (APOLINÁRIO, 2006, p. 71).

extermínio dos indígenas era um ato heróico. Tudo pelo fato, conforme assevera Apolinário (2006, p. 97), os indígenas não eram considerados seres humanos, e, sim, comparados aos animais, usava-se, inclusive, o termo “domesticar”, usual para os irracionais.

Também constam nos documentos do Conselho Ultramarino, pesquisados pela historiadora Juciene, que “[...] os moradores dos arraiais de Natividade, Arraias, Paranã e Terras Novas não tinham interesses em manter relações afáveis com os Akroá. A sua extinção seria a saída mais simples e cômoda” (APOLINÁRIO, 2006, p. 97).

Um dos registros históricos marcantes é o relato do médico, mineralogista e botânico, Johann Emanuel Pohl que detalha a realidade com a qual se confrontou na capitania de Goiás.

Goiás foi habitada por várias tribos selvagens, algumas das quais já não existem, como por exemplo as dos goiás e crixás, por terem sido exterminadas ou assimiladas. Outras dessas tribos retiraram-se para a floresta virgem, para ali continuarem o seu modo de viver natural. São os caiapós, xavantes, araés, canoeiros, apinajés, os capepuxis, temimbós, amadus, xerentes, tapirapés, poxetis, carajás gradaús, tecemedus, guaiaguçus, porecramecãs, coroados ou coroás e coroás-mirins, macamecrãs, curemegrãs, etc. Avalia-se o número de todos os índios desta capitania em mais de 50.000 (POHL, 1976, p. 125).

Além desta comprovação documental, os achados arqueológicos na região, especialmente na própria Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, comprovam a ocupação indígena da região. Estas descobertas ocorreram pelo Núcleo de Arqueologia da Universidade do Tocantins (UNITINS), em 2008, durante o período de pesquisa do meu mestrado, e descritas no meu livro *Cultura Quilombola*, (TESKE, 2011). Ter vivenciado este fato foi algo que marcou a pesquisa com os quilombolas e pela sua importância simbólica, segue transcrição de alguns trechos e ilustrado com duas fotografias.

O Núcleo Tocantinense de Arqueologia (NUTA), da Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS), Porto Nacional-TO, executou um projeto de levantamento arqueológico⁵⁶ na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra e região circunvizinha, objetivando inventariar o Patrimônio Histórico Cultural Paisagístico e Arqueológico da região. Nas escavações realizadas foram encontrados fragmentos tanto de material lítico⁵⁷ quanto cerâmico, tais como: vários cacos cerâmicos, dois machados de pedra polida, um machado

⁵⁶Programa Saltovia – BR 242. Programa de levantamento e resgate do Patrimônio Histórico Cultural Paisagístico e Arqueológico na Rodovia BR 242, no Estado do Tocantins.

⁵⁷Material lítico. Um dos primeiros elementos que o homem usou para elaboração de seus instrumentos foi o material lítico, ou seja, rochas e minerais. Esta matéria-prima era confeccionada e utilizada de diversas maneiras dependendo do grupo e sua finalidade. Sua utilidade podia ser das mais diversas, machadinhos, moedores de alimentos, lascas para corte de carne, couro etc. O material servia até para confecção de símbolos religiosos, tais como estátuas marajoara e tapajônicas (GRUPOTERRA 1).

não polido, fusos e peso de rede, esses de material lítico⁵⁸. No total, foram demarcados quatro sítios arqueológicos litocerâmicos a céu aberto classificados, na Ficha de Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) da seguinte forma: “Sítio Arqueológico Lagoa da Pedra I” (FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO TOCANTINS, 2009), localizado dentro da roça, bem próximo da residência de Diomar Antonio de Farias, Fig. 2. Houve uma reunião com os líderes da comunidade, ocasião em que foi exposta a importância desse projeto e as crianças da escola acompanharam as escavações.

Figura 2 - Sítio Arqueológico Lagoa da Pedra I, no meio da roça



Fonte: Fotografia de Rene Francisco Machado/UNITINS/NUTA, 28/10/2008.

Os moradores comprovam que no passado, encontravam muitas peças cerâmicas enterradas no chão, em suas roças, alguns as usavam para brincadeiras, já para outros essas peças impunham medo, pois sabiam se tratar de povos indígenas do passado. Várias histórias são contadas pelos quilombolas em que lembram que os antigos, referindo-se aos seus pais e avós, falavam da aparição vez por outra dos índios.

Na região do Belém, próxima da Lagoa da Pedra, ocorreu a demarcação de outro sítio arqueológico, denominado de “Sítio Arqueológico Lagoa da Pedra II”, onde os arqueólogos localizaram fragmentos de material lítico e também cerâmico. O achado arqueológico mais

⁵⁸Todo material arqueológico coletado foi transportado para o laboratório do Núcleo Tocantinense de Arqueologia (UNITINS/NUTA), em Porto Nacional-TO, onde está sendo classificado. Imagens disponibilizadas no link: <<https://www.unitins.br/nuta/Galeriabr242.aspx>>.

impressionante na região se deu no dia 30 de outubro de 2008, a 15 quilômetros da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, na Fazenda União da Água Doce, que faz divisa com a Fazenda Boa Nova, onde os arqueólogos Jorge Luiz de Medeiros Bezerra e Marcelo Ribeiro localizaram um cemitério indígena com mais de 10 urnas mortuárias, algumas danificadas pelo tempo, outras intactas com tamanhos diferenciados. Todas em material cerâmico. A urna maior tinha 90 cm de altura e circunferência de 1m e 20 cm. Estavam alinhadas quase em linha reta bem no meio da estrada da Fazenda, Fig. 3. Esse novo sítio arqueológico foi denominado de “Sítio Arqueológico Lagoa da Pedra III”.

Figura 3 - Sítio Arqueológico Lagoa da Pedra III. Três primeiras urnas mortuárias encontradas



Fonte: Fotografia Émerson Silva, 31/10/2008.

Bem próximo desse local foi demarcado um quarto sítio que faz parte deste provável cemitério indígena, denominado de “Sítio Arqueológico Lagoa da Pedra IV” (FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO TOCANTINS, 2009). Este sítio arqueológico com sepulturas de povos originários foi o primeiro do gênero descoberto no estado do Tocantins.

Todos estes achados arqueológicos são comprovações da ocupação dos povos originários como relatado anteriormente. As histórias do banimento e aniquilamento dos povos originários se misturam às dos negros escravizados que igualmente sofriam com o trabalho a eles imposto e o não reconhecimento como cidadãos. É neste contexto de trabalho forçado que compreendemos a fuga de vários escravos das minas de ouro, que se refugiavam em busca da liberdade e da vivência do que restava de sua cultura ancestral. Nos relatos de Pohl (1976) fica evidente que a resistência dos negros escravizados.

Os negros servem-se em geral de remédios baseados nas credices que trouxeram da pátria, atravessando o mar, e conservam zelosamente. Apegam-se muito, especialmente na escolha dos alimentos, às antiqüíssimas observações sobre a distinção entre eles, se são por natureza frios, quentes ou secos (POHL, 1976, p. 125).

Os negros escravizados de Arraias, da mesma forma como ocorria em outras regiões do Brasil, forçosamente tiveram que se adaptar sob o jugo da escravidão, reconstruindo novas relações sociais. Na medida em que modificavam o seu comportamento alteravam “[...] suas práticas discursivas (linguagem), na cultura e na religiosidade” (APOLINÁRIO, 2000, p. 92). Essa prática resulta em uma nova identidade desses homens e mulheres negras que, na impossibilidade de cultuar os seus deuses africanos na sua forma original, “[...] dissimuladamente os recriavam integrando ritos e símbolos católicos” (APOLINÁRIO, 2000, p. 93). Assim surgem as festas religiosas que revelavam a espiritualidade cristã portuguesa, mas com forte influência de manifestações da espiritualidade africana.

Os negros domiciliados em Arraias ao dançarem no interior da igreja, reviviam seus ritos africanos e retomavam a linha do relacionamento comunitário construindo novas relações e representações sociais. Mesmo que a escolha dos reis e rainhas, juízes e juízas, cantos e danças das congadas fossem manipulados, direta ou indiretamente, pela classe senhorial, no âmbito dessa relação negociável, os negros souberam ultrapassar as fronteiras do mundo real e, juntos, compartilharam um imaginário de liberdade, ao reafirmarem a sua identidade africana (APOLINÁRIO, 2000, 95-96).

Temos aí uma clara demonstração da luta dos negros escravizados para defender os seus interesses e denota inteligência e muita coragem que irá se refletir nas gerações futuras. Entretanto a vida no quilombo não foi fácil, conforme demonstrado em Teske (2011).

Apolinário (2000) relata em sua pesquisa documental realizada no Arquivo Histórico de Goiás de registros oficiais nos quais são mencionados os negros aquilombados de Arraias, já desde a época oitocentista, o que comprova a existência de quilombos nesta região antes mesmo da assinatura da Lei Áurea⁵⁹. Estes quilombos eram organizados por negros escravizados que haviam fugido da mineração. A pesquisadora também relata que houve resistência ao cativo e que os negros que viviam nos quilombos souberam estabelecer espaços para a sua sobrevivência.

⁵⁹ A Lei Áurea (Lei nº 3.353), foi sancionada pela Princesa Dona Isabel, filha de Dom Pedro II, no dia 13 de maio de 1888. Declara extinta a escravidão no Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm>.

Em outro documento analisado e destacado como citação direta por Apolinário e que demonstra claramente a existência de quilombos na região, é uma carta⁶⁰ que D. Marcos de Noronha escreveu ao Coronel Félix Caetano de Araújo, em 20 de dezembro de 1749, na qual o primeiro relata ao segundo as ações de aquilombados conforme segue:

Por várias cartas que recebi presentemente do arraial de Arraias, tive a notícia que junto a ele havia um grande quilombo de negros fugidos, que com suas grandes desordens e roubos tinham posto os moradores na maior consternação, e de tal forma que para ir aos córregos para buscar água ou lava a sua roupa, se lhe seria preciso mandar escoltar os negros e negras, por quem mandavam fazer esta diligência, porque não o fazendo assim, se lhes furtavam estes escravos (apud APOLINÁRIO, 2000, p. 108).

Para a historiadora, é possível deduzir através dessa carta, que os negros aquilombados praticavam “desordens” e “roubos”, no entender dos governantes, mas é bem possível que um de seus objetivos era o recrutamento de mais pessoas para o quilombo. Também relata o teor de outra carta⁶¹ de D. Marcos de Noronha, destinada ao Coronel Félix Caetano de Araújo em 7 de janeiro de 1750, na qual solicita o extermínio desses quilombos (APOLINÁRIO, 2000, p. 108). Na pesquisa documental realizada pela historiadora, conforme afirma: “[...] não se encontrou nenhum documento que informasse se esses quilombos fixados nos arredores de Arraias foram destruídos e os negros capturados”. Isso demonstra que houve resistência ao cativeiro e que os negros que viviam nos quilombos souberam estabelecer espaços para a sua sobrevivência (APOLINÁRIO, 2000, p. 111). Graças a esta resistência e verdadeira luta de inúmeros movimentos no Brasil pelo reconhecimento de direitos, foi possível incluir as conquistas quanto ao reconhecimento de fato e de direito das comunidades remanescentes de quilombos na Constituição Brasileira de 1988.

4.2 Constituição de 1988 e o reconhecimento das comunidades remanescentes de quilombo.

A partir da aprovação da Constituição Brasileira, de 1988, mas, principalmente, a partir da aprovação do Decreto Nº 4.887/2003, fica estabelecido uma profunda mudança legal

⁶⁰ A historiadora Juciene R. Apolinário teve acesso a esse documento no Arquivo Histórico de Goiás (AHEG), Goiânia-GO. Livro Especial. nº 3. p. 48 e 49 (APOLINÁRIO, 2000, p. 108).

⁶¹ Documento pesquisado no Arquivo Histórico de Goiás (AHEG), Goiânia-GO. Livro Especial. nº 3. p. 54 (APOLINÁRIO, 2000, p. 108).

em relação às comunidades remanescentes de quilombo. A aprovação do artigo 216⁶² da Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, gerou uma nova discussão que, pela primeira vez em nosso país, ao promover o reconhecimento das comunidades remanescentes de quilombo, pois anteriormente eram conhecidas como terras de preto ou expressões similares, e entendidas como terras devolutas, da União ou mesmo pertencentes a grilheiros que se apossaram delas. Diz o texto do referido artigo constitucional

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: [...] § 5º - Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos (BRASIL, 1988).

A Assembléia Constituinte de 1988 faz emergir a expressão “remanescente das comunidades de quilombos” que, segundo Leite (2000, p. 339), “[...] é tributária não somente dos pleitos por títulos fundiários, mas de uma discussão mais ampla travada nos movimentos negros e entre parlamentares envolvidos com a luta antirracista”. Segundo a autora, a inclusão desse artigo é resultado de uma luta e discussão reivindicatória que diz respeito a “[...] uma ‘dívida’ que a nação brasileira teria para com os afrodescendentes em consequência da escravidão, não exclusivamente para falar em propriedade fundiária”.

Foram necessários cem anos, após a assinatura da Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888, que decretava o fim da escravidão, para que, através do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, fossem reconhecidos os direitos às terras aos descendentes dos antigos quilombos, onde está estabelecido que: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988). Havia muitos anos que diversos movimentos negros no país lutavam e reivindicavam por esta aprovação do texto constitucional.

Os avanços assegurados pela “Constituição Cidadã” de 1988, são inquestionáveis neste aspecto, mas por outro lado os negros “[...] enfrentaram muitos questionamentos sobre a legitimidade de apropriarem-se de um lugar, cujo espaço pudesse ser organizado conforme suas condições, valores e práticas culturais” (LEITE, 2000, p. 334). Little ao exemplificar a

⁶² TÍTULO VIII - Da Ordem Social; Capítulo III - Da Educação, da Cultura e do Desporto; Seção II - Da Cultura.

importância do lugar para os povos tradicionais, afirma que a conquista se deve a um “movimento com dimensões nacionais” e argumenta:

Os territórios dos povos tradicionais se fundamentam em décadas, em alguns casos, séculos de ocupação efetiva. A longa duração dessas ocupações fornece um peso histórico às suas reivindicações territoriais. O fato de que seus territórios ficaram fora do regime formal de propriedade da Colônia, do Império e, até recentemente, da República, não deslegitima suas reivindicações, simplesmente as situa dentro de uma razão histórica e não instrumental, ao mesmo tempo em que mostra sua força histórica e sua persistência cultural. A expressão dessa territorialidade, então, não reside na figura de leis ou títulos, mas se mantém viva nos bastidores da memória coletiva que incorpora dimensões simbólicas e identitárias na relação do grupo com sua área, o que dá profundidade e consistência temporal ao território (LITTLE, 2002, p. 11).

Em outubro de 2018, se completam 30 anos da entrada em vigor da nova constituição, e o que se constata é que ainda falta muito, para que, efetivamente, ela seja concretizada e cumprida, pois até o momento apenas uma pequena parte das comunidades quilombolas certificadas tiveram o seu território demarcado.

[...] os descendentes de africanos, chamados negros, em todo o território nacional, organizados em associações quilombolas, reivindicam o direito à permanência e ao reconhecimento legal de posse das terras ocupadas e cultivadas para moradia e sustento, bem como o livre exercício de suas práticas, crenças e valores considerados em sua especificidade (LEITE, 2000, p. 334).

Sem a posse definitiva com a demarcação do território continua a insegurança jurídica de suas terras, ressaltando que muitas delas estão ocupadas por posseiros, grilheiros e envolvendo em alguns casos políticos, operadores do direito e até instituições como o Exército e a Marinha, que ocuparam determinados espaços pertencentes por direito às comunidades quilombolas.

A regularização fundiária se torna fundamental para evitar os conflitos fundiários, jurídicos e políticos, muitas vezes provocando assassinatos e mortes. Os artigos 215 e 216 da Constituição Brasileira, conforme Anexo 2, asseguram o tombamento dos locais e de “[...] todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos” (BRASIL, art. 216, § 5º, 1988). Além disso, ficou estabelecido que é responsabilidade do Estado brasileiro, defender, promover, difundir, dar proteção da cultura destas comunidades, inclusive podendo desapropriar, pois tanto terras ou bens materiais e imateriais destas comunidades são considerados patrimônio histórico nacional.

Quando o Decreto 4.887 que regulamentou o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias estabelecendo “[...] o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos” (BRASIL, 2003), também estabeleceu a quem cabia a responsabilidade de sua execução, conforme está explicitado no Art. 3º:

Compete ao Ministério do Desenvolvimento Agrário, por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas pelos remanescentes das comunidades dos quilombos, sem prejuízo da competência concorrente dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (BRASIL, 2003).

Entretanto, com a posse na presidência da República, do vice-presidente Michel Temer, no dia 31 de agosto de 2016, após o evento do impeachment da presidente Dilma, ele neutralizou esta conquista e tirou a responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Agrário desta atribuição, o que, na prática, anulou o decreto aprovado pelo presidente Lula, de 2003, ao passar a delimitação dos territórios quilombolas para o Ministério da Educação e Cultura (MEC), comandado pelo então deputado federal José Mendonça Bezerra Filho (DEM-PE), nomeado para este Ministério, conforme consta no Diário Oficial da União – D.O.U⁶³, publicado no dia 13 de maio de 2016. O curioso é que o partido político ao qual o Ministro está filiado é exatamente aquele que já se posicionou várias vezes contra as cotas raciais e a regularização quilombola, tanto no que diz respeito à certificação quanto à posse definitiva de seus territórios.

O atual Partido dos Democratas (DEM) é sucedâneo do antigo Partido da Frente Liberal (PFL) que, no ano de 2004, ajuizou uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 3239, no Supremo Tribunal Federal (STF), na qual questionava a legitimidade do Decreto 4.887/2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, conforme citado anteriormente. Nesta Ação apontavam pretensas inconstitucionalidades, destacando-se, principalmente, o critério de autoatribuição fixado no decreto para identificar os remanescentes dos quilombos e a caracterização das terras a serem reconhecidas a essas comunidades.

⁶³ Diário Oficial da União. República Federativa do Brasil – Imprensa Nacional. Ano CLIII No - 90-B. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=12/05/2016&jornal=1000&pagina=3&totalArquivos=10>>. Acesso em: 17 mai. 2018.

O STF iniciou o julgamento desta ADI, em abril de 2012, e o ex-ministro César Peluso votou pela procedência desta Ação e, conseqüentemente, declarando o Decreto inconstitucional. Entretanto, a validade dos títulos emitidos até esta data estava mantida. No entendimento de Peluso, a regulamentação do Artigo 68, do Ato das Disposições Transitórias (ADCT) da Constituição de 1988, deveria estar atrelada ao Poder Legislativo e não ao Executivo, concordando com o que a Inconstitucionalidade (ADI 3239), do DEM requeria. Depois de um pedido de vistas pela ministra Rosa Weber o julgamento deste processo ficou suspenso até o ano de 2015, data em que novamente foi adiado por um pedido de vistas do ministro Dias Toffoli.

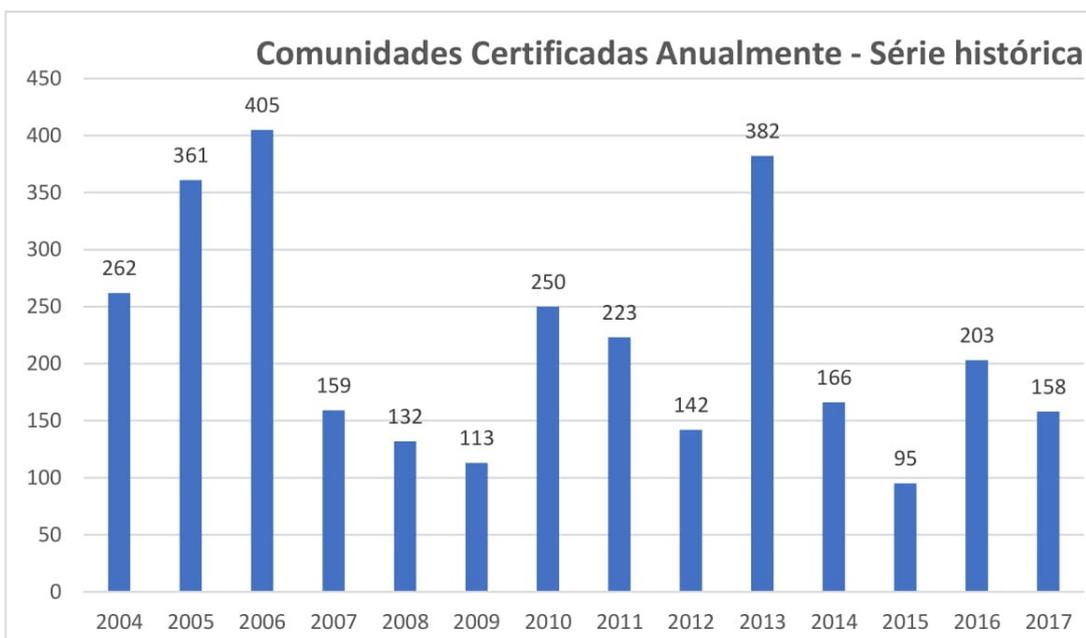
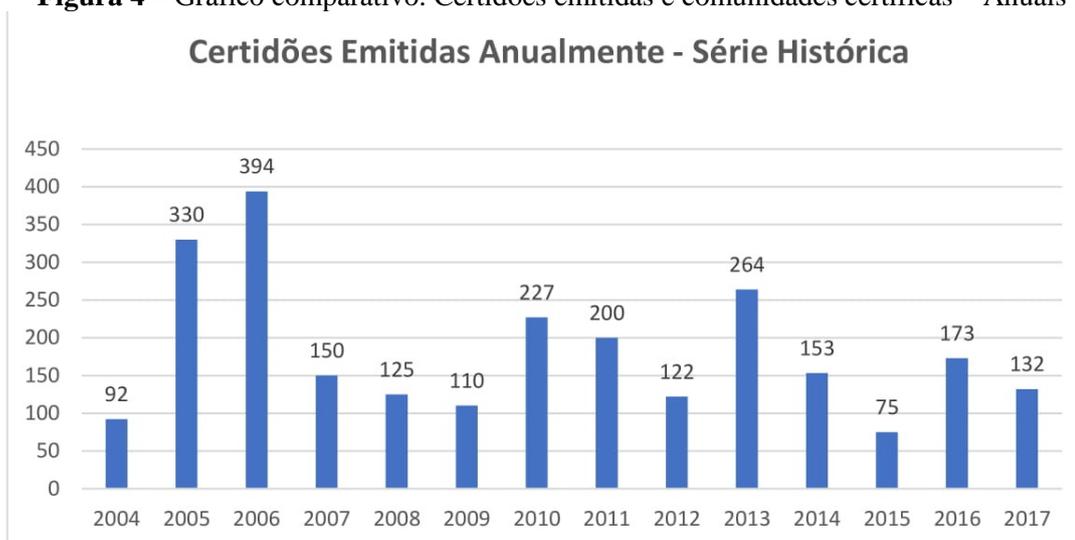
Depois da retomada do julgamento, no dia 08 de fevereiro de 2018, “[...] por maioria de votos, o Supremo Tribunal Federal (STF) declarou a validade do Decreto 4.887/2003, garantindo, com isso, a titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades quilombolas” (BRASIL, STF, 2018), tornando improcedente a Ação de Inconstitucionalidade⁶⁴ (ADI) 3239, promovida pelo DEM.

Com o fim da insegurança jurídica que a finalização do julgamento no STF sobre esta questão, todas as comunidades quilombolas reconhecidas e certificadas no país, ficam asseguradas indiscutivelmente para desenvolver seus projetos e garantir a cidadania de todos os seus moradores. Segundo dados da Fundação Cultural Palmares, existem no Brasil mais de três mil comunidades remanescentes de quilombos, já mapeadas, conforme segue em dois quadros demonstrativos. Na figura 4 é possível se observar uma comparação anual, das certidões de autorreconhecimento emitidas na parte superior e logo abaixo as comunidades reconhecidas, do primeiro ano em que ocorreram as emissões, ou seja, no ano de 2004 até o final do ano de 2017, o que soma um período de 13 anos.

⁶⁴ Votaram pela improcedência integral da ação a ministra Rosa Weber e os ministros Edson Fachin, Ricardo Lewandowski, Luiz Fux, Marco Aurélio, Celso de Mello e a presidente, ministra Cármen Lúcia. O ministro Luís Roberto Barroso também votou pela improcedência, mas com a diferença que, além das comunidades remanescentes presentes às terras na data da publicação da Constituição Federal de 1988, têm direito à terra aquelas que tiverem sido forçadamente desapossadas, vítimas de esbulho renitente.

Já os ministros Dias Toffoli e Gilmar Mendes votaram pela parcial procedência da ação, dando interpretação conforme a Constituição ao dispositivo para também dizer que têm direito às terras, além das comunidades presentes na data da promulgação da Constituição, os grupos que comprovarem a suspensão ou perda da posse em decorrência de atos ilícitos praticados por terceiros.

O ministro Cezar Peluso (aposentado), relator do caso, foi o único voto pela total procedência da ação.

Figura 4 – Gráfico comparativo. Certidões emitidas e comunidades certificadas – Anuais

Fonte: Adaptação própria, mantendo gráfico original da Fundação Cultural Palmares. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/file/2018/01/QUADRO-DE-COMPARATIVO-DE-CERTIFICA%C3%87%C3%95ES-ANUAIS-29-01-2018.pdf>.

Na fig. 5 é possível se observar todo o detalhamento anual, do ano de 2004, até final de 2017, de cada um dos 26 por estados da Federação e do Distrito Federal, tanto o número de comunidades que foram reconhecidas como as certidões emitidas. Estes dados atualizados foram publicados em janeiro de 2018.

Cultural Palmares, que pode ser feito diretamente, ou mesmo, através das secretarias de Estado que cuidam desta área.

No estado do Tocantins até o momento o quadro demonstrativo das comunidades remanescentes de quilombo, somam 44 comunidades e estão detalhadas por município de localização, denominação da comunidade, numeração da certificação e data da assinatura e/ou entrega da certidão de autorreconhecimento para a respectiva comunidade, por ordem alfabética, conforme Quadro 1.

Quadro 1 - Comunidades Quilombolas certificadas no estado do Tocantins

	MUNICÍPIO	DENOMINAÇÃO DA COMUNIDADE	Nº CERTIFICAÇÃO	DATA DA ASSINATURA DA CERTIDÃO
1	ALMAS	BAIÃO	135/2010	04/11/2010
2	ALMAS	POÇO DANTAS	263/2017	02/10/2017
3	ARAGOMINAS	PROJETO DA BAVIERA	fev/06	16/01/2006
4	ARAGOMINAS	PÉ DO MORRO	162/2010	27/12/2010
5	ARAGUATINS	ILHA SÃO VICENTE	162/2010	27/12/2010
6	ARRAIAS	LAGOA DA PEDRA	35/2004	25/8/2004
7	ARRAIAS	FAZENDA LAGOA DOS PATOS	75/2014	03/07/2014
8	ARRAIAS	FAZENDAS KÁAGADOS	75/2014	03/07/2014
9	ARRAIAS PARANÁ	KALUNGA/MIMOSO	37/2005	11/6/2005
10	BREJINHO DE NAZARÉ	CÓRREGO FUNDO	fev/06	12/12/2005
11	BREJINHO DE NAZARÉ	MALHADINHA	fev/06	12/12/2005
12	BREJINHO DE NAZARÉ	CURRALINHO DO PONTAL	51/2010	24/03/2010
13	BREJINHO DE NAZARÉ	MANOEL JOÃO	82/2010	06/07/2010
14	CHAPADA DA NATIVIDADE	SÃO JOSÉ	fev/06	12/12/2005
15	CHAPADA DA NATIVIDADE	CHAPADA DA NATIVIDADE	fev/06	16/01/2006
16	CONCEIÇÃO DO TOCANTINS	ÁGUA BRANCA	191/2015	03/12/2015
17	CONCEIÇÃO DO TOCANTINS	MATÕES	191/2015	03/12/2015
18	DIANÓPOLIS	LAJEADO	59/2010	28/04/2010
19	DOIS IRMÃOS DO TOCANTINS	SANTA MARIA DAS MANGUEIRAS	185/2009	13/7/2009
20	ESPERANTINA	CARRAPICHÉ	191/2015	03/12/2015
21	ESPERANTINA	CIRÍACO	191/2015	03/12/2015
22	ESPERANTINA	PRAIACHATA	191/2015	03/12/2015
23	FILADÉLFIA	GROTÃO	94/2008	15/10/2008
24	JAÚ DO TOCANTINS	RIO DAS ALMAS	51/2010	24/03/2010

25	LAGOA DO TOCANTINS/ NOVO ACORDO/SANTA TEREZA DO TOCANTINS	BARRA DA AROEIRA	fev/06	16/01/2006
26	MATEIROS	MUMBUCA	fev/06	16/01/2006
27	MATEIROS	AMBRÓSIO	185/2009	07/8/2009
28	MATEIROS	CARRAPATO	185/2009	07/8/2009
29	MATEIROS	FORMIGA	185/2009	07/8/2009
30	MATEIROS	MARGENS DO RIO NOVO	87/2014	31/07/2014
31	MATEIROS	RIACHÃO	87/2014	31/07/2014
32	MATEIROS	RIO PRETO	87/2014	31/07/2014
33	MATEIROS	BOA ESPERANÇA	19/2015	02/02/2015
34	MONTE DO CARMO	MATA GRANDE	43/2009	02/3/2009
34	MURICILÂNDIA	DONA JUSCELINA	51/2010	24/03/2010
35	NATIVIDADE	REDENÇÃO	fev/06	16/01/2006
36	PARANÃ	CLARO	41/2014	18/03/2014
37	PARANÃ	OURO FINO	41/2014	18/03/2014
38	PARANÃ	PRATA	41/2014	18/03/2014
39	PONTE ALTA DO TOCANTINS	LAGOA AZUL	104/2016	20/05/2016
40	PORTO ALEGRE DO TOCANTINS	SÃO JOAQUIM	fev/06	16/01/2006
41	PORTO ALEGRE DO TOCANTINS	LAGINHA	fev/06	16/01/2006
42	SANTA FÉ DO ARAGUAIA	COCALINHO	fev/06	16/01/2006
43	SANTA ROSA DO TOCANTINS	MORRO DE SÃO JOÃO	fev/06	20/01/2006
44	SÃO FÉLIX DO TOCANTINS	POVOADO DO PRATA	fev/06	16/01/2006

Fonte: Elaboração própria. 9/5/2018. Adaptado dos dados da Fundação Cultural Palmares. Certidões expedidas às comunidades remanescentes de quilombos (CRQS). Dados atualizados até 05/3/2018. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/comunidades-remanescentes-de-quilombos-crqs>>.

O quadro acima é um demonstrativo das comunidades que efetivamente já estão reconhecidas, contudo ainda há outras em fase de encaminhamento de documentação, o que significa que estão espalhadas por várias localidades do estado do Tocantins. Como é possível comprovar no quadro acima, a Lagoa da Pedra foi a primeira comunidade a ser reconhecida como remanescente de quilombo no Tocantins.

4.3 Comunidade quilombola Lagoa da Pedra – história da sua origem, certificação, reconhecimento oficial e desenvolvimento.

Os moradores mais antigos da Lagoa da Pedra falam pouco sobre a história dos antepassados, alegando não lembrar o que os mais velhos contavam, entretanto nas

entrelinhas e em alguns momentos eles não negam que houve sofrimento e perseguição, que remonta à época da escravidão, conforme observei nas palavras da quilombola Altina de Farias Dias, na minha primeira pesquisa em 2006, já falecida, que na época tinha, 65 anos, e era bisneta de Vitorino Evangelista Machado, possível fundador do quilombo. Ela se expressou da seguinte maneira na entrevista realizada no dia 10 de fevereiro de 2006:

Os nossos pais quase não falavam sobre a história dos escravos, mas o que eu sei é que havia revoltosos⁶⁵ que caçavam os escravos nessa região, quando encontrados muitos eram ferrados com fogo, como se marca o gado, alguns foram pregados pelo beijo no portal da casa e não poucos foram mortos (TESKE, 2018, p. 50).

Da mesma forma como Altina afirma que os seus pais não falavam muito no que diz respeito à época da escravidão, e a sua geração também evitou repassar essas histórias aos descendentes. Para ilustrar esse fato, menciona a sua própria família, e enquanto estava falando comigo, apontou para um de seus netos, Diogo, de 18 anos, em 2006, nascido e criado em Campos Belos-GO. Este neto, que estava passando férias na casa da avó, por sua vez, percebendo e acompanhando a conversa, afirmou que, apenas recentemente, ficara sabendo que ele próprio era um descendente de escravos, e que a Lagoa da Pedra era uma comunidade quilombolade (TESKE, 2018, p. 51). Entretanto, para os jovens que residem na comunidade, não há dúvidas de sua origem, entretanto desconhecem histórias detalhadas dos antepassados que remontam a uma época de muitos sofrimentos impostos pela escravidão.

Por outro lado, os jovens da comunidade, além de já se assumirem como quilombolas, conforme se pode observar na pesquisa monográfica⁶⁶ da quilombola e pedagoga Marly Ribeiro de Farias (2015) ao descrever as representações dos jovens na Lagoa da Pedra:

Sim. Porque somos uma comunidade reconhecida como remanescente de quilombo e a partir do reconhecimento passamos a ter nossa identidade como quilombola, a qual me sinto orgulhosa. (Jovem 1);

Sim. Porque sou filho, neto, bisneto de remanescente de quilombo e moro numa comunidade quilombola. (Jovem 2);

⁶⁵ Ela, possivelmente, está se referindo aos capitães-do-mato. Na tentativa de acabar com as fugas de escravos, “[...] a Colônia concebeu estratégias repressivas que, se não puderam eliminar a fuga, tentaram manter sob controle o número de escravos fugidos e a formação de mocambos. Foi nesse processo que se inventou o famigerado capitão-do-mato (também conhecido como capitão-de-entrada-e-assalto e outros termos), instituição disseminada por toda colônia como milícia especializada na caça de escravos fugidos e destruição de quilombos” (REIS, 95/96, p.17).

⁶⁶ Pesquisa monográfica Marly Ribeiro de Farias, em 2015, na Universidade Federal do Tocantins, campus de Arraias-TO. Título: PROJETOS DE VIDA: Um estudo das representações de jovens de uma comunidade quilombola. Ela é prima da outra quilombola e pedagoga já mencionada anteriormente Rosana Antônio de Farias.

Sim, por ser descendente de quilombo e pelo reconhecimento. (Jovem 3) (FARIAS, 2015, p. 26).

Conforme Farias (2015) atesta em sua análise “[...] as respostas recebidas foram espontâneas, aparecem associadas, à cor, descendência familiar, moradia, cultura e reconhecimento e pertencimento à comunidade” (FARIAS, 2015, p. 27). Esta é uma constatação que eu mesmo fiz e registrei em meus livros e artigos ao longo destes anos de pesquisa na comunidade quilombola Lagoa da Pedra.

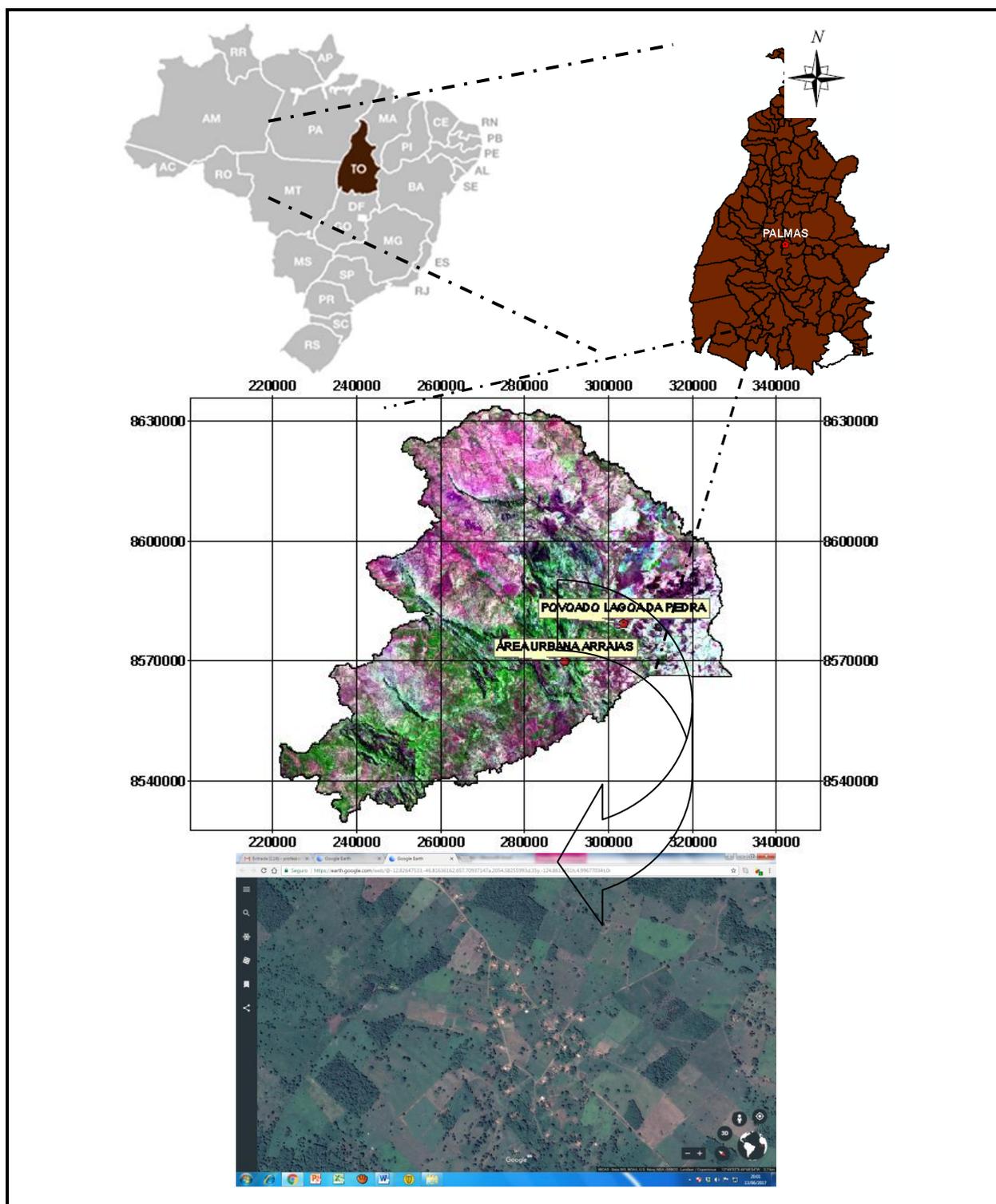
Outra constatação é que, através da oralidade, uma herança dos antepassados, os mais novos continuam a seguir os costumes e acompanhar os rituais e festejos religiosos e folclóricos da forma como aprenderam com os mais velhos, com o detalhe agregado do uso da tecnologia, como se verá no último capítulo. Contudo o que os mais jovens quilombolas da Lagoa da Pedra sabem sobre a história da escravatura é o que aprendem na escola e nos livros, bem como, atualmente, com o acesso à Internet, em suas pesquisas escolares, principalmente no Ensino Médio. Por sua vez, o termo “quilombola” é algo recente para esta comunidade.

Todo o preâmbulo, feito neste capítulo, possibilita uma melhor compreensão do contexto histórico, geográfico, jurídico, político e cultural da origem da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, em Arraias, que teve início no século XIX, no ano de 1854, conforme aponta a pedagoga e quilombola Rosana Antonio de Farias (2005), em sua pesquisa monográfica.

Há duas versões sobre a história da origem da comunidade da Lagoa da Pedra. Uma das versões diz que ela surgiu em meados do século XIX, antes da abolição da escravatura, com a chegada de Joaquim Machado, na região, cujas terras eram devolutas e de difícil acesso. Ele teve dois filhos, Paulino Evangelista Machado e Vitorino Francisco Machado, este último, fora do casamento. Quando Joaquim Machado morreu, Paulino assumiu a responsabilidade sobre as dívidas que o pai havia deixado e, depois de saldá-las ficou com as terras que ocupavam. Como os irmãos se davam bem, fizeram um acordo e cada um ficou com uma parte das terras. Paulino ficou na propriedade onde já moravam até então, atualmente denominada de comunidade Macaco, e Vitorino, avô de Diomar Antônio de Farias, com as terras que hoje compreendem os 80 alqueires que pertencem a Comunidade Quilombola da Lagoa da Pedra. [...] Outra versão diz que tudo teve início em 1854, com a chegada, para essa região do casal Paulino Evangelista e sua esposa Eduarda, que posteriormente, vendo que as terras eram muito boas para a formação de lavouras, chamou o irmão Vitorino entregando-lhe 80 alqueires que hoje compreendem a Lagoa da Pedra (TESKE, 2018, p. 49-50).

A Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra ocupa atualmente uma área total de 80 alqueires e está localizada no sudeste do Tocantins, a 34 quilômetros da sede do município de Arraias e a 450 km de Palmas, capital do Estado, Fig. 6.

Figura 6 - Localização da área de estudo



Fonte: <https://earth.google.com/web/@-12.82647533,-46.81636162,657.70937147a,2054.58255993d,35y,-124.8611451h,4.99677034t,0r>.

Estado do Tocantins no Brasil (a); Município de Arraias no Estado do Tocantins (b); Município de Arraias com destaque a localização da área urbana e do povoado Lagoa da Pedra (c) Fonte: Base Cartográfica do Naturatins, 2002 e Google Earth, 2009. Elaboração da figura feita pela Eng. Ambiental Rejane Freitas Benevides.

Fotoimagem da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra localizada aproximadamente a 34 km da área urbana de Arraias, TO, do Google Earth, 2017 (d).

Conforme descreve Farias (2005), no dia 17 de abril de 1993, foi criada a Associação de Pequenos Produtores da Comunidade da Lagoa da Pedra. Este fato demonstra que já havia a necessidade de organização da comunidade para ir em busca de sua autonomia e demarca uma luta por direitos, antes mesmo do efetivo reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo. Esta Associação

[...] tinha por intenção de fixar e contribuir para a permanência dos moradores na comunidade, garantindo-lhes assistência e contribuindo para com o plantio agrícola, a saúde, o lazer, melhores condições de moradia, ou com qualquer outro tipo de necessidade existente na comunidade. Esta associação permaneceu por 12 anos, nos quais a comunidade continuou se reunindo todos os dias 17 de cada mês, com o objetivo de fortalecer a associação e a comunidade. Houveram muitas dificuldades, e nem sempre se conseguia ter sucesso, o que fez com que muitos de seus membros não mais acreditassem na associação o que levou muitos a se afastarem e se desligarem desta (FARIAS, 2005, p. 28).

A base de subsistência da Lagoa da Pedra é a agricultura familiar, e as famílias se dedicam ao cultivo do arroz, da mandioca, do feijão de espécies variadas, do milho, da batata e da cana de açúcar. Além disso, produzem hortaliças e cultivam espécies frutíferas como a banana, manga, laranja, acelora entre outras. Cada família também mantém a criação de gado em pequena escala, galinhas e porcos. Outra fonte de renda é a fabricação de farinha, vendida na região.

Uma nova realidade ocorre na Comunidade da Lagoa da Pedra, no século atual, após uma mobilização da então secretária de cultura do município de Arraias, Ione Evangelista Araújo⁶⁷ quando esta toma conhecimento da aprovação do Decreto Nº 4.887/2003. A partir disto, ela entrou em contato com a senhora Maria Inácia Antonio de Farias e Silva, filha da Lagoa da Pedra, ex-professora e líder da comunidade, apesar de residir atualmente no distrito da Canabrava, distante cinco quilômetros da Lagoa da Pedra e juntas mobilizaram a comunidade a se organizar e encaminhar a documentação necessária em busca da certificação pela Fundação Cultural Palmares. A concretização deste projeto ocorreu precisamente no dia 25 de agosto de 2004, quando foi assinada a Certidão de Autorreconhecimento como Comunidade Quilombola⁶⁸, pela Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura, através da Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro, Fig. 7 e entregue oficialmente

⁶⁷ Em 2005, assumiu o cargo de uma gerência na Secretaria de Cidadania e Justiça, com o objetivo de auxiliar no reconhecimento e desenvolvimento das comunidades quilombolas do Estado. Faleceu repentinamente em maio de 2006.

⁶⁸ Registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 001, Registro n.º 058, f. 61, nos termos do Decreto n.º 4887 de 20 de novembro de 2003 e da Portaria Interna da FCP n.º 06, de 1º de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n.º 43, de 4 de março de 2004, Seção 1, f. 07.

na sede da comunidade no dia 1º de setembro do mesmo ano, numa cerimônia especial com a presença da então Diretora de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro da Fundação Palmares, Maria Bernadete Lopes da Silva.

Figura 7 – Certidão de Auto-Reconhecimento



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
Criada pela Lei n.º 7.668 de 22 de agosto de 1988

Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTO-RECONHECIMENTO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, **CERTIFICA** que a **Comunidade de LAGOA DA PEDRA**, localizada no município de **Arraias**, Estado do Tocantins registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 001, Registro n. 058, f.61, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n.º 43, de 04 de março de 2004, Seção 1, f. 07, **É REMANESCENTE DAS COMUNIDADES DOS QUILOMBOS.**

Declarante(s): Associação de Produtores do Povoado de Lagoa da Pedra
CNPJ n.02.289.893/0001-62

Eu, **Maria Bernadete Lopes da Silva** (Ass.).........., Diretora da Diretoria de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília, DF, 25 de Agosto de 2004.

O referido é verdade e dou fé


UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO
Presidente da Fundação Cultural Palmares

SBN Quadra 02 – Ed. Central Brasília – CEP 70040-904 – Brasília – DF – Brasil
Fone: (0 XX 61) 424-0106/(0 XX 61) 424-0137 – Fax: (0 XX 61) 326-0242
E-mail: chefiadegabinete@palmares.gov.br http://www.palmares.gov.br

Fonte: Arquivo da documentação da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra.

A Comunidade Lagoa da Pedra foi a primeira das atuais 44, a obter a Certidão como Comunidade Remanescente de Quilombo no Estado do Tocantins. Na mesma ocasião, todas as famílias receberam o título de suas propriedades pelo Instituto de Terras do Tocantins (ITERTINS). Um momento histórico e marcante para cada quilombola da Lagoa da Pedra, conforme consta no livro de atas da comunidade.

Até o momento do reconhecimento, esta comunidade sofria toda sorte de preconceitos e discriminações. Viviam abandonados, esquecidos, sem atenção por parte das autoridades e do poder público de todas as áreas, como bem expressa um dos moradores da comunidade

Ruimar Antonio de Farias: “Antes de primeiro de setembro, [está se referindo ao dia 1/9/2004, quando receberam a Certidão de Autorreconhecimento da Fundação Palmares], era como se a gente não existisse. Escureciam a gente. Agora não, fomos reconhecidos” (TESKE, 2011, p. 117).

Vários depoimentos de moradores comprovam este sentimento do Ruimar. Então, o que se observa em um primeiro momento, é o reconhecimento que tiveram pela sociedade circundante, além de uma autoestima que, aos poucos, substitui o sentimento de rejeição e desprezo sofrido por tantos anos pelos moradores das outras localidades.

A partir do reconhecimento oficial como quilombolas, começam a chegar políticas públicas que irão transformar profundamente toda a comunidade. Este novo cenário que os moradores passaram a experimentar é o que Hall (2014) define como o indivíduo na pós-modernidade, na qual o sujeito pós-moderno é marcado por uma fragmentação e passa a se identificar com várias identidades, por vezes até contraditórias e em outros momentos não resolvidas.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas duas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2014, p.13).

Em outras palavras, percebe-se que na pós-modernidade ocorrem transformações contínuas, em um sistema cultural diverso. Relacionando com a apresentação inicial desta tese, no qual foram destacados os efeitos da globalização, alicerçada no sistema capitalista, observa-se que isto altera a noção de identidade, conforme assevera Giddens (1991), quando esta está relacionada diretamente com uma tentativa de lidar com toda sorte de dificuldades que os indivíduos enfrentam no cotidiano. Para Bauman (2001) estamos vivendo numa época líquida, volátil ou fluída, aonde os indivíduos vão sofrendo transformações constantes nesta nova configuração de sistema social.

Cabe ressaltar que as mudanças na comunidade foram significativas e recheadas de tensões, tendências e desafios. A quilombola e pedagoga Rosana Antônio de Farias expressa este sentimento de mudança que está ocorrendo na Lagoa da Pedra ao afirmar:

Quanto à minha infância, até hoje, houve muitas mudanças. Até mesmo relacionado com a personalidade das pessoas, porque as crianças na época da minha infância, também da minha geração, por exemplo, era bem mais, né! Tímida. E as crianças de hoje não, elas são bem mais ativas, bem mais participativas, tanto na comunidade como na sala de aula e em outros lugares.

Então eles participam mais do que na minha época. E relacionados assim com as dificuldades naquele período era bem mais difícil do que hoje (Entrevista realizada com Rosana Antônio de Farias, no dia 7 de janeiro de 2017).

Ruimar Antônio de Farias, um dos líderes da comunidade, ainda lembra-se da época em que não tinha a escola construída e tanto ele quanto os demais alunos se reuniam na casa do seu tio e de seu pai para estudar. “Tinha que estudá na casa de pais de alunos. Eu mesmo cheguei estudá na casa do meu tio Dorival” (entrevista realizada no dia 7 de janeiro de 2017). A casa de adobe do seu tio na qual funcionava a escola ainda existe, e atualmente é usada como casa de fabricação de farinha, Fig. 8.

Figura 8 - Local da antiga escola, na casa de Dorival Antônio de Farias



Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 7/01/2017.

Ruimar Antônio de Farias, ao fazer uma análise da situação atual da Lagoa da Pedra com o passado disse: “Desde a minha infância modificô muita coisa, muito, muito, muito mesmo”, e relata a diferença entre as condições precárias para estudar na época em que estava nas séries iniciais com a atual.

[...] não me lembro o ano, veio a escola com a estrutura que tem hoje, [Fig.9]. Aí já não cheguei estudá nela. Já tinha cadeira diferente, podia sentá em banco. Na minha época pra escrevê no caderno tinha que ajoelhá no chão, e o caderno ficava na mesa, era uma coisa bem esquisita, mas era gostoso, era bom. [...] Hoje, cada ano que passa, as coisa vão modificando cada vez mais (Entrevista realizada com Ruimar Antônio de Farias, no dia 7 de janeiro de 2017).

Figura 9 - Escola Municipal Joaquim Aires França

Fonte: Foto de Wolfgang Teske. 7/01/2017.

Ruimar continuou dizendo que “[...] quando a gente ia pra Canabrava a gente ia a pé. São três quilômetro, três pra í e três pra voltá. A gente percorria seis quilômetro todos os dias. Nisso terminei, minhas irmã terminô, os ôtros irmãos todos, como diz, o ensino médio”. Este deslocamento diário para o distrito vizinho não era fácil naqueles anos, pois a estrada era muito precária, conforme afirmou: “As estrada naquela época não era boa, igual é agora. Era mais como a gente chama, era carrero, estrada estreitas, ou então, com muitas poças d’água. Difícil acesso”. Entretanto o que ficou claro nas palavras deste líder é que não se deixavam vencer pelas dificuldades, pois estas eram enfrentadas, inclusive com o apoio dos pais iletrados.

[...] nós ia de carro de boi, a cavalo ou carrinho de mão, que na época não era esses de metal, era feito de madeira mesmo, pessoal criativo, fazia rodeiro de madeira, aí ia busca na Canabrava, era muito sofrimento, passava com água com chuva, era difícil (Entrevista realizada com Ruimar Antônio de Farias, no dia 7 de janeiro de 2017).

O senhor Domingos Pereira Ramos, que chegou na Lagoa da Pedra no ano de 1962, recorda com detalhes as mudanças ocorridas nesta comunidade no que diz respeito à questão da mobilidade.

Quando cheguei aqui a mudança foi muito, bastante mesmo. As coisa era tudo diferente di hoje, as istradinha era tudo, nem carro tinha, era a coisa mais difícil vê um carro aqui. As istradinha era pra mexê com carro di boi, essas coisa (Entrevista com Domingos Pereira Ramos, realizada no dia 9 de janeiro de 2017).

Ele afirma que não sente saudade desta época, pois tudo era muito difícil e impunha sofrimento.

Naquele tempo era o maior sofrimento pra gente. Quando cheguei aqui ó, as istradinha, as casa você ia assim, quando o mato assim e aí chegava na casa. As istradinha era tudo, naquele tempo tinha uns carrapatinho aqui, intão na época do carrapato, as istradinha era tão istreito, que a genti roçava dum lado doutro assim ó, modo dus carrapato, as istrada era mato como um túnel, tampava tudo assim, só fazia as istrada por debaixo assim ó e saía lá nela. Intão, era desse jeito as istradinha. Hoje pode andá inté de lanterna aí, tranquilo, as istrada tudo beneficiada, boa demais. Hoje tem luz na istrada. Naquele tempo inté as iluminação pra gente era diferente, que, a gente usava aqueles candiero, comprava o querosene, o óleo, a luz era essa aí. Lanterna quase num tinha também, era mais no escuro mesmo (Entrevista com Domingos Pereira Ramos, realizada no dia 9 de janeiro de 2017).

Sentado na área dos fundos, próximo ao fogão à lenha e do forno caipira, onde também é a cozinha da casa de seu pai, Ruimar descreveu em detalhes diversas mudanças que ocorreram na sua comunidade desde a sua infância até o momento atual e falou sobre as condições precárias da estrada: “E antes, se adoecesse alguém na época da minha infância, tinha que levá o doente na rede até na Canabrava, porque o carro não conseguia entrá na estrada até na Lagoa da Pedra”.

Domingos Pereira Ramos também contou como era a vida antigamente, quando a Lagoa da Pedra ainda era uma comunidade isolada, e da vida que levavam associada ao trabalho e sobrevivência comparando com os dias atuais.

Era cedinho, inxada nas costa aí, trabaiava na roça, só vinha meio dia, meio dia vinha. A roça era di foice e ia e metia o machado pra derrubá. Nessa época num tinha motosserra. Já é diferente di hoje demais, né! Naquele tempo era na roçada, roçada di foice e derrubada de machado. Aí vinha inxada né! Limpava i plantava. Naquela época tinha uma veis, inté isso mudô. Naquela época negócio di plantadeira foi fais pouco pra cá. O povo era di inxada mesmo sabe! Fazia curvinha, as ruazinha assim, i ia imhora. Mais aquilo demorava, num é como hoje que planta em pôcas hora. Hoje já mudô muito. Primeiro, hoje tem motosserra, mete motosserra i derruba, i agora já tem o tratô, né! Tá mió inda (Entrevista com Domingos Pereira Ramos, realizada no dia 9 de janeiro de 2017).

Devido ao isolamento da comunidade, havia muito mais tranquilidade e silêncio, como bem observa Domingos Pereira Ramos, mas por outro lado, só trabalhavam para a subsistência, visto que a comercialização era difícil, devido a dificuldade em transportar o excedente.

Nessa época o pessoal era mais pouco, né! Nessas época, intão num tinha essa zuada qual hoje, que, igual hoje, tem esses carro, tem as moto, tem isso, tem aquilo. Naquele tempo não. Era um silêncio. Dava noite aí, era um silêncio. De dia quase num via zuada nenhuma, pra começá todo mundo era pras roça, né! Tinha nêgo, tinha uns que nem vinha pra casa meio dia. Ficava lá mesmo, muié levava comida lá, comidinha lá e cê vinha só à noite. E naquele tempo era cedo, hoje o povo dorme inté lá pras oito. Naquele tempo não, quatro hora da manhã, cinco hora da manhã já jogava inxada nas costa e vazando. Nós saía na istradinha era iscuro ainda. [Naquela época] Plantava a mesma coisa, plantava feijão, mío mesmo, arrozinha. Era só pra cumê. Vendia não. Tinha nem como saí, quando saía era í pros vizinho aí, na Canabrava, no Jacaré, umas pessoa comprava, mas era só pra aqui na região mesmo, nem pra Arraias num saía. Os transporte naquele tempo num tinha nem cumo. Naquele tempo só usava cargueiro, carro de boi, o transporte era esse (Entrevista com Domingos Pereira Ramos, realizada no dia 9 de janeiro de 2017).

No aspecto de melhoramento da estrada e, por consequência, este aspecto facilitou o escoamento e comercialização do excedente da produção da agricultura familiar, Domingos Pereira Ramos vê isso como um ponto positivo e que imprimiu uma mudança no comportamento dos quilombolas e de seu modo de vida.

Hoje já consegue vendê, já é uma grande vantagem, né! Hoje os transporte ficô bom demais. Hoje tá tão bom que a maioria dos povo tem inté transporte. Hoje quase todo mundo tem um carrinho. Um carro ou uma moto. Então quem tem os negócio, os que planta e colhe já leva lá pra Arraias. Agora mesmo tem uma feira lá em Arraias mesmo, o pessoal daqui, seu Diomar, vendeu muito, coisa aí da horta. Botava nos carrinho deles aí, ó, e levava e vendia tudo. Oxi! Era foia verde, verdura, repoio essas coisas de horta, vendia tudo. Com esse dinheiro já compra muitas coisa pra dentro de casa, o que falta dentro de casa já compra. É importante demais (Entrevista com Domingos Pereira Ramos, realizada no dia 9 de janeiro de 2017).

Ruimar Antônio de Farias concorda com estas afirmações ao dizer: “[...] com o passá do tempo, cada vez mais, vem melhorando. A partir do reconhecimento, aí veio não uma mudança, e sim uma transformação na comunidade quilombola Lagoa da Pedra” (Entrevista realizada no dia 7 de janeiro de 2017). Ao falar sobre a estrada que vai até à Canabrava faz a comparação ao passado:

Hoje não, não é asfalto, mas a estrada tá boa. [...] com essa mudança, a Lagoa da Pedra começô a tê ônibus, uma linha de ônibus que leva o pessoal pra cidade. [...] Vem treis veiz por semana. Então, a pessoa escala o dia, vou tal dia, ó, vou pra cidade tal dia. (Entrevista realizada no dia 7 de janeiro de 2017).

A estrada da qual o Ruimar fala, é boa, apenas dificulta a trafegabilidade em alguns trechos na época chuvosa, Fig 10.

A pedagoga Joelma Dias Pereira que saiu da Lagoa da Pedra com 17 anos de idade, para morar com uma irmã que reside em Brasília, e em visita aos pais que permanecem na comunidade comentou das dificuldades e discriminações que enfrentava na sua infância, por ser moradora da Lagoa da Pedra. Segundo afirmou, estudou as séries iniciais até a terceira série na escola da comunidade e, a partir da quarta série, foi estudar no distrito da Canabrava, e uma das dificuldades era a locomoção, pois não tinha transporte.

A gente saía daqui a pé com sol ou chuva e estudava na Canabrava. Às vezes eu lembro quando estava chovendo a gente pegava o uniforme da escola e colocava dentro de um saco de arroz, ia molhando. Chegava lá a gente tirava a roupa molhada e vestia o uniforme para estudar (Entrevista com Joelma Dias Pereira, no dia 9 de janeiro de 2017).

Entretanto o maior problema não era a questão do tempo ou até mesmo de ter que fazer o trajeto a pé, apesar do sofrimento que isso impunha, porque as marcas do preconceito e discriminação sofridas foram as piores. Pois, naquela época, não conseguiam estabelecer um relacionamento com os demais moradores daquele distrito, apesar de estar localizado tão próximo da Lagoa da Pedra.

A gente não tinha muito contato com o pessoal da Canabrava, mas sim com o pessoal daqui da Lagoa da Pedra. A gente tinha até medo desse pessoal da Canabrava. Eu lembro que a gente era muito rejeitado, assim, até na hora dos pais encontrar vaga pra gente. Às vezes davam preferência para o pessoal da Canabrava do que aqui pra gente da Lagoa da Pedra. Às vezes era até criticado, dizendo: olha! Lá vem os sujos da Lagoa da Pedra, os sapos da Lagoa da Pedra. E falavam isso abertamente. Uma vez até uma professora falou isso (Entrevista com Joelma Dias Pereira, no dia 9 de janeiro de 2017).

Esta pedagoga, aos trinta e três anos, demonstra que estas marcas da discriminação estão gravadas no íntimo, como cicatrizes que não desaparecem, mesmo que a situação atual seja muito diferente. Ela expressa esse sentimento ao afirmar:

Isso revoltava a gente bastante. Chegamos ao ponto de arrumar uma turma para bater nela [está referindo-se à professora que discriminava os alunos da Lagoa da Pedra] aí ela ficou com medo da gente. A gente era assim, mexia com um, mexia com todo mundo (Entrevista com Joelma Dias Pereira, no dia 9 de janeiro de 2017).

Outro aspecto que chama muito a atenção na história da Joelma é que, apesar da discriminação sofrida no passado, depois da formação em pedagogia e início de sua vida profissional em Brasília, a vontade dela é de retornar para a sua origem.

Minha vontade é de voltar para cá, eu nunca gostei de Brasília. Fico lá por causa do trabalho, custo de vida, porque eu tenho muita vontade de ajudar meus pais. Então eu fico lá pra ajudar eles aqui, mas a minha vontade é ficar aqui, eu amo aqui. Eu já disse pra minha mãe, do jeito que está esta crise, eu vou voltar. É um lugar que eu amo, que eu quero um dia voltar de novo pra cá (Entrevista com Joelma Dias Pereira, no dia 9 de janeiro de 2017).

Nestas palavras fica novamente evidente que a cultura vivenciada, em determinado lugar, conforme conceituado por Augé (1994), é algo muito forte e reforça a questão de que a Lagoa da Pedra é uma comunidade não restrita aos atuais moradores, mas engloba todos, inclusive aqueles que estão residindo em outros lugares e cidades. Portanto, a real motivação deste retornar à comunidade, não é a crise que mencionou primeiro, mas, sim, o ambiente e pela identificação com o lugar. A pedagoga Joelma ao falar expressou empolgação nos gestos e seus olhos brilhavam.

Eu gosto de tudo, do lugar, dos meus pais, da minha família, porque minha família toda é daqui. Porque aqui é um lugar pra gente viver, lá a gente não vive, aqui a gente vive. Lá a gente vive quase obrigado, a gente fica lá porque o salário é melhor essas coisas, a gente tem uma vida melhorzinho, mas as coisas pra vivê, é vivê aqui. Aqui tem paz, tem sossego, lá a gente não vive, e correria o tempo todo (Entrevista realizada com Joelma Dias Pereira, no dia 9 de janeiro de 2017).

Em outras palavras ela está dizendo que o dinheiro, o bem estar sob a ótica capitalista não é tudo e que o sistema de vida da Lagoa da Pedra, sua terra natal, com bem menos conforto comparado com o que tem em Brasília é bem melhor e um lugar onde há uma vida de paz e sossego.

Figura 10 – Estrada atual que liga a Lagoa da Pedra ao Distrito da Canabrava



Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 7/01/2017.

A partir do ano de 2005, ficou bem mais fácil para que os alunos do quinto ano se desloquem para a escola estadual localizada no Distrito da Canabrava. Além disso, houve melhorias na escola municipal da Lagoa da Pedra. A partir do reconhecimento como comunidade quilombola, ocorreu a reativação da Escola Rural Multisseriada⁶⁹ de séries iniciais da comunidade, Fig. 11, na qual, atualmente, já tem acesso à Internet com conexão WI-FI.

Figura 11 – Antena parabólica na Escola Municipal da Comunidade Lagoa da Pedra



Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 5/01/2017.

Além disso, oito jovens da comunidade concluíram algum curso superior, sendo que um destes está em programa de Pós-graduação, Mestrado em Matemática, e outros oito acadêmicos ainda estão cursando o Ensino Superior.

Na infraestrutura também se observam profundas mudanças. Anteriormente as casas eram feitas de adobe e, em sua grande maioria, cobertas com palha, imburuçu ou telhas tipo antigo, apesar de que ainda existem construções deste feitio. Ruimar Antônio de Farias relata como eram construídas as casas no passado.

[...] nos meus tempo de infância, então as casa era de, uns de [incompreensível] outras era de adobe, parece um tijolo, outras era de tala, a gente tira no mato, tala do umburuçu. As casa era feito desse jeito. Outras, o teto era de telha, ôtras era coberta com a própria tala do umburuçu, e a cumiera era jogado capim, com cobertura de capim. Então, desses tempo pra cá, modificou bastante. Hoje as casa são de adobe, as que é de adobe são rebocadas. As que não são de adobe, são de alvenaria e com boas estruturas, e com telha plan (entrevista realizada com ruimar Antônio de Farias, no dia 7 de janeiro de 2017).

⁶⁹ Escola Municipal Joaquim Aires França.

Na última década, principalmente a partir de 2007, os tijolos vêm substituindo as novas construções e reformas, os telhados cobertos com telhas plan e algumas já possuem piso de cerâmica substituindo o chão batido ou piso de cimento queimado Fig. 12.

Figura 12 – Estilo de construção de casa antiga e nova, lado a lado



Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 7/01/2017.

Valcy Antônio Dias contou como argumentou com a família para fazer a mudança do adobe para tijolo e do tipo de telha usada na construção de uma cozinha nova, apesar de construir outra com o adobe que tinha sobrado onde instalou o fogão caipira.

Vamo desmanchá essa cunzinha aqui gente, é que molhava, hora que chovia, era coberta de telha, mas dessa telha aí, tava tudo quebrada, mas molhava tudo. Aí eu falei: vô em Campos Belo [está se referindo à cidade de Campos Belos, GO], comprá tijolo. Aí já não foi mais adobe. Cabô os adobe, porque se tivesse, levantava tudo de adobe, né! (Entrevista realizada com Valcy Antônio Dias, no dia 9 de janeiro de 2017).

Valcy lamenta que não haja mais a fabricação de adobe, pois se tivesse teria usado na construção da nova cozinha, alegando mais segurança e menos calor no ambiente, pois o adobe deixa a casa muito mais fresca. “Não tem mais lugá pra fazê, sabe. Já não teve mais barro, foi acabando tudo.

Quando foi aqui, nessa época tinha muito. É mais seguro do que isso aí, oh! Você vê que essa cunzinha esquenta tanto que pra li não esquenta tanto assim [enquanto que falava apontava para o restante da casa construída com adobe] (Entrevista realizada no dia 9 de janeiro de 2017).

Houve a instalação de rede de energia elétrica em todas as residências através do programa federal Luz para Todos, visto que antes da certificação havia só energia até o poço semi-artesiano. Ruimar Antônio de Farias, que acompanhou todo este processo de mudança e fala emocionado sobre a situação anterior:

Aqui tudo era iluminado com lamparina, a gente fala candeia. É... um candeeiro, de diesel. Isso prejudicava muito as vista das pessoa, tanto, principalmente das mães das famílias, porque era as que mais tomava essa fumaça no olho, então, pode olhá que boa parte tem o olho vermelho, tem carne no olho. Eles fala que é que...me fugiu o nome agora, fala que é a catarata né! Então o óleo diesel prejudicava as vista das mulheres. E hoje já tem energia. Hoje todos tem energia na casa deles (Entrevista realizada no dia 7 de janeiro de 2017).

Também foi realizada a implantação de um sistema de saneamento básico, melhoramento no poço semi-artesiano e distribuição de água para todas as residências, construção de banheiros e fossas sépticas em todas as residências através de um programa federal, na época executado pela extinta Fundação Nacional da Saúde (FUNASA). A dona Valcy Antônio Dias, sentada ao lado do marido e de uma filha e sobrinhos, ao falar sobre as mudanças a partir da certificação da comunidade como quilombola afirmou: “Ah! Mudou muitia coisa, viu! Muitia coisa, porque de primeiro não tinha o poço artesiano né! A gente vivia na vida, só Deus é que sabia, né! Hoje já tem, o poço artesiano, água em casa, né! Graças a Deus” (Entrevista realizada no dia 9 de janeiro de 2017).

A pedagoga Joelma Dias Pereira também comentou sobre a dificuldade de obter água na época de sua infância.

Antes era um lugar muito sofrido pra gente, né! Antes para pegar água, como minha mãe fala, a gente pegava água na cacimba e quando esta secava a gente tinha que abrir outra pra beber água, senão não tinha água pra beber. Hoje já melhorou muito, porque abriu um poço artesiano aí, e tem água pra todo mundo. Hoje tem água na porta, aqui dentro de casa. Antes tinha que descer e subir ladeira com balde na cabeça, com pote na cabeça. Fiz isso muito quando era criança (Entrevista realizada com Joelma Dias Pereira, no dia 9 de janeiro de 2017).

Foi feita também uma horta circular comunitária⁷⁰, pelo Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (RURALTINS), como projeto experimental no Estado, que,

⁷⁰ O processo se inicia em uma área de 50x50m (2.500m²) de forma concêntrica e multiplicativa de NOVE CÍRCULOS de distribuição de água ao redor de um RESERVATÓRIO CENTRAL, cuja forma cônica possui 6m de diâmetro, profundidade de 1,85m com capacidade de armazenamento de 28 a 30m³ de água. Uma estrutura de VÉRTICE PIRAMIDAL constituída de: 06 caibros de 4m cada, 2,0 bomba submersa com capacidade de recalque de 2200 l/h, 22 registros de gaveta de ¾, que deverá alimentar as seis linhas mestras,

desde a sua implantação, passou por várias fases. Inicialmente, vários quilombolas envolveram-se no plantio e cuidado com as hortaliças, que serviam para enriquecimento da alimentação de suas famílias, bem como para comercialização do excedente. Várias comunidades e até escolas agrícolas iam visitar este novo modelo de horta para conhecer esta nova tecnologia, para, por sua vez, também implantarem o mesmo sistema em seus locais, Fig. 13.

Figura 13 – Horta circular na fase de implantação em 2007



Fonte: Foto de arquivo pessoal.

Entretanto, com o passar do tempo muitas famílias foram saindo deste projeto, porque este trabalho demandava tempo e esforço para a manutenção, ficando a responsabilidade para uma única família da comunidade, que continua com a manutenção do projeto e continuam cultivando diversos tipos de hortaliças e algumas espécies frutíferas e no círculo central, um reservatório com água para criação de peixes e, ao redor deste, um cercado para criação de pequenos animais, Fig. 14.

Figura 14 – Horta em plena produção de hortaliças com Rosana Antônio de Farias



Fonte: Foto do arquivo pessoal.

Outra conquista que veio atender uma demanda e necessidade da comunidade foi a doação a fundo perdido um trator agrícola⁷¹ novo, pela Fundação Banco do Brasil, no ano de 2007. Este projeto de doação inicia a partir de uma reportagem escrita pelo jornalista Laílton Alves da Costa e publicada no Jornal do Tocantins, em 2006, Fig. 15, que me acompanhou na primeira visita à Lagoa da Pedra, na condição de professor do curso de Comunicação Social/Jornalismo, no Centro Universitário Luterano de Palmas (Ceulp/Ulbra). Foi esta reportagem que chamou a atenção do então superintendente⁷² do Banco do Brasil, no estado do Tocantins, que escolheu a Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, de Arraias, para ali implantar um novo projeto do Banco denominado de Desenvolvimento Rural Sustentável.

⁷¹Trator agrícola Marca Massey Fergusson, modelo MF 283/4, Série 283-241949. Ano de fabricação 2007, Modelo 2007. Adquirido através da empresa COMAC de Palmas-TO, Nota Fiscal 2933. Doação ocorreu através de um projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável (DRS), a fundo perdido, no valor de 115 mil reais, objetivando a diversificação da produção rural e o aumento da área de plantio. Essa doação se concretizou em uma cerimônia especial no Palácio Araguaia, no dia 8 de outubro de 2007, com a presença do presidente nacional do Banco do Brasil, do Governador do Estado do Tocantins, Marcelo Miranda e várias autoridades. A chave e o trator, que estava exposto em frente ao Palácio Araguaia, foram entregues para o então presidente da comunidade Ruimar Antonio de Farias (TESKE, 2011, p. 125-126).

⁷² Sr. Paulo Massuia.

Figura 15 – Capa do Arte&Vida, Jornal do Tocantins 6/3/2006



Fonte: Fotoimagem, elaboração própria, arquivo pessoal.

O título da reportagem especial era “*Lagoa da Pedra. Cotidiano de uma comunidade quilombola*”, elaborada pelo jornalista e professor Laílton Alves da Costa, com fotos de minha autoria para ilustrar a matéria. Inicialmente seria um projeto financiado de uma Casa de Farinha, mas após argumentação da Associação dos moradores da comunidade um trator foi incluído na proposta. Após alguns meses, a Fundação do Banco do Brasil entrou com um novo projeto, desta vez a fundo perdido, ou seja, fazer uma doação deste veículo agrícola, Fig. 16, para a Lagoa da Pedra.

Projeto este concretizado com a entrega do trator e treinamento para os operadores, no mês de novembro de 2007, e que está em perfeitas condições de uso, atendendo todas as famílias da comunidade até a presente data. Ruimar comenta este fato, ao lembrar-se das mudanças ocorridas na comunidade após a certificação como quilombola.

Temos um trator também que conseguimos depois do reconhecimento da comunidade, com trabalho da associação. E todos esses benefício que chegaram aqui, chegamos com apoio de parcerias juntamente com a associação que tem dentro da comunidade (Entrevista realizada no dia 7 de janeiro de 2017).

Figura 16 – Trator agrícola Massey&Ferguson da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra



Fonte: Foto do arquivo da Associação dos moradores da Lagoa da Pedra.

No ano de 2016, foram instaladas as caixas d'água ou cisternas em cada uma das residências da comunidade, pela Agência Tocantinense de Saneamento (ATS), em parceria com o Governo Federal, por meio do Ministério da Integração Nacional, Fig. 17.

Figura 17 - Cisterna instalada na residência de Diomar Antonio de Farias



Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 7/01/2017.

A Lagoa da Pedra, a partir da chegada da energia elétrica, modificou seu modo de vida, destacando-se as novas tecnologias. Uma das primeiras aquisições foram os aparelhos de televisão, conectando os quilombolas da comunidade com um sistema de comunicação anteriormente inexistente e que passou a ser um bem de consumo. Atualmente, das 42

famílias, apenas três não tem um aparelho de TV em sua casa. Além disso, possibilitou a aquisição de geladeiras, DVDs, computadores e notebooks. Outro dado que chama a atenção é que muitas das famílias já possuem o fogão a gás, entretanto não abrem mão do fogão caipira, que é o mais utilizado por todos. Tema que será analisado em mais detalhes no último capítulo desta tese.

Na mobilidade também ocorreram mudanças. Foi autorizada uma linha de ônibus⁷³ que circula três vezes por semana, bem como a disponibilização de transporte escolar rural, para atender os alunos diariamente, da segunda fase do ensino fundamental e ensino médio, na Escola Estadual do distrito da Canabrava. Outro dado que se destaca é na questão de mobilidade, é o fato de até o presente momento, já existirem oito veículos e 15 motocicletas na comunidade.

Outro aspecto de mudança foi o acesso à diversos programas sociais e a conquista de direitos. Dentre os 142 moradores, 31 são aposentados, tudo isto alcançado após o reconhecimento como quilombolas, o que permite um ganho financeiro adicional e fundamental para estas pessoas. Outro dado importante é o de terem acesso ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), que financia projetos individuais ou coletivos, que gerem renda aos agricultores familiares, da mesma forma como ocorre com os assentados da reforma agrária. Ao longo destes anos foram realizadas algumas Feiras de Agricultura Familiar dentro da comunidade, bem como, vários membros da comunidade participaram de diversos eventos em âmbito municipal, estadual e nacional.

No sistema de comunicação também houve mudanças significativas e radicais. Inicialmente, em 2006, foi instalado o primeiro telefone público, orelhão, via satélite, instalado ao lado da Escola. Quatro anos depois, algumas poucas famílias instalaram telefones celulares rurais. E, recentemente, em meados de 2016, foi instalada uma antena da empresa Claro, no distrito da Canabrava, Fig. 18 que dista a três quilômetros da comunidade, o que gerou a mudança radical na comunidade no quesito comunicação. Praticamente todos os jovens e famílias possuem aparelhos celulares e, conseqüentemente, ligados às redes sociais, com um destaque especial para o WhatsApp.

⁷³ O transporte coletivo é feito pela empresa de ônibus São José de Campos Belos, e atende a comunidade três vezes por semana, cujo trajeto é até Campos Belos-GO, distante, aproximadamente, a 50 quilômetros da comunidade, passando por Arraias, a 34 quilômetros. Esta linha funciona desde meados de 2005.

Figura 18 – Antena da empresa Claro, Distrito da Canabrava, Arraias



Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 6/01/2017.

A influência deste novo meio de comunicação é visível. Seja nos negócios, na interação com os familiares que residem em outras cidades e estados em uma conexão intensa e nas conversas intermediadas pela rede de comunicação. Entretanto, também foi observado em uma das manifestações culturais que é mantida na comunidade, como por exemplo, a Festa de Santos Reis, ocorrida no dia 6 de janeiro de 2016, em que toda a celebração, a cantoria nas casas e o pagamento de promessas são filmadas e fotografadas pelos aparelhos celulares e postados de forma imediata nas redes sociais. Este é um dos dados que demonstra a resistência e o contrafluxo à força da globalização abordada por Schmitd (2006) e a existência da Folkcomunicação em movimento contrário à tentativa de homogeneização cultural, como ficará explicitado um pouco mais adiante.

A Lagoa da Pedra, apesar de ter sofrido toda sorte de discriminação e preconceito, ter sido ignorada pelo poder público, não ter tido acesso aos direitos garantidos por lei que promovem a cidadania até o momento do reconhecimento como comunidade quilombola, se destaca, por outro lado, pela preservação do seu patrimônio histórico-cultural intangível, ou seja, do seu patrimônio imaterial. São os saberes e fazeres, o seu linguajar e todas as formas de expressão, a celebração de suas danças, festas e cerimônias que denotam a riqueza cultural desta comunidade e que demarcam a sua identidade. Apesar da chegada das novas tecnologias e da globalização, esta comunidade vai ressignificando as suas expressões culturais utilizando os novos meios de comunicação na preservação de sua cultura. Isto reforça uma das afirmações de Geertz (1989) ao descrever sobre o impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem: “[...] a humanidade é tão variada em sua essência como em sua expressão” (GEERTZ, 1989, p. 27).

Com esta visão geral da comunidade apresentada neste capítulo, será possível compreender melhor a percepção que os quilombolas têm a respeito da implantação de empresas mineradoras na região, bem como, as mudanças causadas na comunidade com a chegada das novas tecnologias e como estão se apropriando delas.

CAPÍTULO 5 – IDENTIDADE CULTURAL QUILOMBOLA E OS IMPACTOS DA MINERAÇÃO NA VOZ DA COMUNIDADE LAGOA DA PEDRA

5.1 Implantação da Itafós Fertilizer em Arraias-TO

Apesar das muitas mudanças que ocorreram na comunidade quilombola Lagoa da Pedra serem positivas após a certificação, em 2004, um dos fatores que gerou insegurança, intranquilidade, apreensão e conflito interno entre os próprios moradores foi a instalação de empresas mineradoras, principalmente de fostato em toda a região. A chegada da primeira empresa mineradora no município de Arraias-TO, a partir de 2010, que lá se instalou foi a multinacional canadense Itafós Fertilizantes Ltda, que, inicialmente era subsidiária da MBAC Fertilizer Corporation e atualmente é ITAFOS, importante produtora integrada dos fertilizantes de fosfato e potássio nos mercados brasileiro e latino-americano, Fig. 19.

Figura 19 – Sede de processamento da ITAFOS, Arraias-TO



Fonte: Relatório da empresa⁷⁴.

No site oficial da empresa é divulgada a visão e missão da seguinte forma: “Leveraging its fertilizer market experience to capitalize on Brazil's growing agriculture sector”⁷⁵, ou seja, traduzindo, estão alavancando sua experiência no mercado de fertilizantes para capitalizar o crescente setor agrícola do Brasil. Após a conclusão das obras de

⁷⁴ Disponível em: <<http://www.sulphuric-acid.com/sulphuric-acid-on-the-web/acid%20plants/MBAC-Fertilizer.htm>>.

⁷⁵ Disponível em: <<http://mbacfert.com/company/vision-mission/default.aspx>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

implantação, a empresa iniciou a exploração do minério em 2013, e amplamente divulgado pela imprensa e pelo governo do Tocantins. A jornalista Carine Ferreira descreveu, conforme Anexo 3, no *Valor Econômico*⁷⁶ a importância, em seus vários aspectos, deste empreendimento tanto para o Brasil como para a América Latina: “A produção é considerada pela companhia um marco importante em um momento de transição para o desenvolvimento da produção integrada de fertilizantes nos mercados do Brasil e da América Latina” (FERREIRA, 2013).

Os investimentos que foram anunciados e que beneficiariam toda a região de Arraias-TO, anteriormente à data do início da autorização de funcionamento, por toda a imprensa do Tocantins e pelo governo, sempre asseguravam que haveria um grande desenvolvimento para a região e para o Estado, conforme demonstra uma matéria publicada no *Portal de Notícias Conexão Tocantins*⁷⁷.

O investimento da empresa, segundo o vice Presidente, será acima de R\$400 milhões, com geração de 500 empregos diretos, todos da região de Arraias, e 300 indiretos. Três projetos considerados de suma importância já estão sendo executados pela empresa desde o ano passado: o de Qualificação de Pessoas, que proporciona formação a mão de obra; outro de Desenvolvimento de Fornecedores, que prepara o empresariado do Município para atendimento da Itafós e o de Desenvolvimento Ambiental que envolve, além de funcionários, várias comunidades (CONEXÃO TOCANTINS, 9/01/2012, p. 01).

Além disso, conforme publicado pelo Governo do Estado do Tocantins⁷⁸ o governador do Tocantins, na época, ao conceder a licença de operação à empresa MBAC Fertilizer, assinou vários decretos autorizando diversas obras, tais como: a construção de um aeroporto internacional, asfaltamento de rodovias ligando toda a região sudeste, investimentos de infraestrutura na sede do município entre muitas outras (TOCANTINS, 2012, p. 01), conforme Anexo 4.

Entretanto, apesar das notícias a respeito dos decretos assinados, na época, pelo governo estadual com as promessas de que a empresa Itafós Mineração Ltda., subsidiária da Mbac Fertilizer Corporation seriam responsáveis pelo progresso da região, ancoradas em um desenvolvimento sustentável, segundo amplamente divulgado, em nenhum momento sequer, nestes anúncios, não constam ações que seriam executadas em relação à proteção e promoção

⁷⁶ Reportagem publicada no *Valor Econômico*, no dia 11 de julho de 2013. MBAC anuncia início da produção de fosfato no projeto Itafós.

⁷⁷ Notícia publicada no dia 9 de janeiro de 2012. Governador assina Termo de Uso para consolidação da Itafós no Tocantins. Editado pela Redação do portal de notícias.

⁷⁸ Notícia publicada no site do Estado do Tocantins, pela SECOM, no dia 31 de julho de 2012. Governador assina autorização para obras em Arraias.

do patrimônio material e imaterial desta região histórica afetada diretamente, na área de abrangência da mineração. Destaco a Chapada dos Negros, local de mineração aurífera no séc. XVIII; três sítios arqueológicos - Sítio arqueológico Lagoa da Pedra I, II, III (TESKE, 2011, p. 96-98); quatro comunidades quilombolas – Lagoa da Pedra, Kalunga do Mimoso, Fazenda Lagoa dos Patos e Cágados; a Caverna Furna do Bom Jesus; o Centro Histórico de Arraias; as diversas manifestações culturais de cunho religioso, folclórico e/ou popular.

O parâmetro legal que deveria ser adotado por este tipo de empreendimento de mineração e que impacta diretamente comunidades tradicionais ou originárias deveria ser o que já foi apresentado anteriormente, ou seja, o da Constituição Federal de 1988, que define o conceito sobre patrimônio material e imaterial conforme estabelecido pelos artigos 215 e 216 (BRASIL, 1988), descrito como os modos de criar, fazer e viver dos grupos formadores da sociedade brasileira.

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas e nos lugares, tais como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas (IPHAN, 2016).

É neste conceito que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN se baseia para salvaguardar os bens imateriais de nosso país.

Conforme publicação no seu site de notícias, no dia 22 de maio de 2018, as Operações de Fosfato de Arraias, é um negócio de fosfato integrado verticalmente que produz aproximadamente 500.000 toneladas por ano de superfosfato simples localizado em Tocantins, Brasil⁷⁹.

⁷⁹ “Itafos is a vertically integrated phosphate based fertilizers and specialty products company with an attractive portfolio of long-term strategic assets located in key agricultural and fertilizer markets worldwide. Itafos is managed by an experienced and diverse team with extensive operations, commercial and financial expertise. Itafos owns and operates the Conda Phosphate Operations, a vertically integrated phosphate business which produces approximately 540,000 tons per year of mono-ammonium phosphate, super phosphoric acid, merchant grade phosphoric acid and specialty products located in Idaho, United States and the Arraias Phosphate Operations, a vertically integrated phosphate business which produces approximately 500,000 tons per year of single super phosphate located in Tocantins, Brazil. Itafos’ development portfolio includes the Paris Hills Project, a high-grade phosphate mine project located in Idaho, United States, the Farim Project, a high-grade phosphate mine project located in Farim, Guinea Bissau, the Santana Project, a vertically integrated high-grade phosphate mine and fertilizer production project located in Pará, Brazil, the Araxá Project, a high-grade rare earth elements, niobium and phosphate mine project located in Minas Gerais, Brazil and the Mantaro Project, a high-grade phosphate mine project located in Junin, Peru”.

Disponível em: <<https://itafos.com/news/2018/itafos-announces-us-165-million-credit-and-guaranty-agreement/>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

A Itafos é uma empresa verticalmente integrada de fertilizantes e produtos especiais à base de fosfato com um atraente portfólio de ativos estratégicos de longo prazo localizados nos principais mercados agrícolas e de fertilizantes em todo o mundo. A Itafos é gerenciada por uma equipe experiente e diversificada, com extensa experiência operacional, comercial e financeira. A Itafos possui e opera o Conda Phosphate Operations, um negócio de fosfato integrado verticalmente que produz aproximadamente 540.000 toneladas por ano de fosfato mono-amônio, ácido fosfórico, ácido fosfórico grau comercial e produtos especiais localizados em Idaho, Estados Unidos e as Operações de Fosfato de Arraias, um negócio de fosfato integrado verticalmente que produz aproximadamente 500.000 toneladas por ano de superfosfato simples localizado em Tocantins, Brasil. O portfólio de desenvolvimento da Itafos inclui o Projeto Paris Hills, um projeto de mina de fosfato de alto grau localizado em Idaho, Estados Unidos, o Projeto Farim, um projeto de mina de fosfato de alta qualidade localizado em Farim, Guiné Bissau, o projeto Santana projeto de produção de minas e fertilizantes em fosfato localizado no Pará, Brasil, Projeto Araxá, projeto de terras raras de alto grau, mina de nióbio e fosfato localizado em Minas Gerais e Projeto Mantaro, um projeto de mina de fosfato de alta qualidade em Junin, Peru (ITAFOS, 22/5/2018. Texto traduzido).

A empresa está localizada em uma área aproximada de 105.421 ha de terra e a expectativa de vida útil de exploração além de superfostato simples também de produção de ácido sulfúrico de 210kt por ano é de 19 anos⁸⁰, e não se encontram ações em favor das comunidades quilombolas, indiretamente atingidas e impactadas com a atividade industrial da mineração. Assim foi desde o início de suas atividades, não houve incentivos ou proteção nem por parte das empresas mineradoras e nem por parte do governo estadual.

Quando esta empresa iniciou as sondagens e aquisições de extensas áreas na região de Arraias, vizinhas da Lagoa da Pedra, os emissários da empresa fizeram propostas para moradores da comunidade quilombola para aquisição de suas terras. Segundo informações de quilombolas, cujos nomes não serão mencionados neste trabalho para evitar maiores conflitos, a primeira proposta foi de aquisição das propriedades, isto porque ocorreu sondagem prévia nas terras da Lagoa da Pedra, mesmo sem autorização dos quilombolas e que constatou a existência de minério de alta qualidade e de interesse da empresa mineradora. Como não houve aceitação para esta proposta, fizeram uma segunda tentativa propondo fazer um arrendamento das terras, o que também não foi aceito.

Por último, não foi feita uma proposta, e, sim, uma ameaça, de que tomariam as terras de qualquer forma. Diante disto, inicialmente, a Associação de Moradores da Comunidade encaminhou um ofício ao INCRA, denunciando a ação da empresa mineradora e solicitando ajuda para resolver este impasse, conforme Anexo 5. Depois acionou o Ministério Público

⁸⁰ Principais destaques. Disponível em: <<https://itafos.com/site/assets/files/1688/presentation-2017-11-2.pdf>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

Federal, em busca de ajuda e proteção, o que gerou uma série de reuniões e encontros⁸¹ entre a Associação, Órgãos Públicos, empresas envolvidas com mineração a Empresa Mineradora, conforme Anexo 6.

Ante as pressões em prol da Lagoa da Pedra, protegida pela certificação como comunidade remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares (FCP), a área de 85 alqueires que está demarcada, mesmo que em forma de lotes individuais, pelo Instituto de Terras do Tocantins (ITERTINS), titulação ocorrida por ocasião da cerimônia de entrega da certificação pela FCP, ficou livre de ameaças por parte da empresa mineradora. Para o líder Ruimar Antônio de Farias o fato de a comunidade ter sido certificada impediu que a empresa entrasse na área quilombola.

A única coisa que segura eles [está se referindo às empresas mineradoras], um pouco é a Certidão de Autorreconhecimento. Porque se não fosse essa Certidão de Autorreconhecimento, acho que na Lagoa da Pedra não tinha mais ninguém não. Eles já teriam entrado. Mesmo que não tivessem explorando, mas já táva assegurado que era deles. Eles já tinha detonado boa parte da região aqui fazendo sondagem (Entrevista realizada com Ruimar Antônio de Farias, no dia 7 de janeiro de 2017).

Entretanto, a comunidade foi impactada de outras formas pela empresa mineradora, que se instalou na região como vou detalhar em seguida.

5.2 Primeiros impactos da empresa de mineração sobre a Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra.

Um dos primeiros impactos sofridos pela comunidade foi a impossibilidade de continuar buscando água potável no rio Bezerra, Fig. 20, e de uma fonte perene que ficava localizada muito próximo ao rio, localizado a 15 km de distância da comunidade. Eu mesmo sou testemunha, desta verdadeira romaria, pois acompanhei algumas vezes esta busca de água no rio Bezerra no ano de 2006. Este rio, muito importante para toda a região, inclusive é um dos que faz a divisa com o estado de Goiás foi contaminando toda a água, fazendo com que os moradores tivessem que ir ainda mais longe em busca de água doce como a denominam, visto que toda a água subterrânea nas terras da Lagoa da Pedra é salobra.

⁸¹ Reunião debate interferência de mineradoras em território quilombola em Arraias. Reunião ocorrida no dia 5 de maio de 2010. Disponível em: <<http://www.prto.mpf.mp.br/news/reuniao-debate-interferencia-de-mineradoras-em-territorio-quilombola-em-arraias>>.

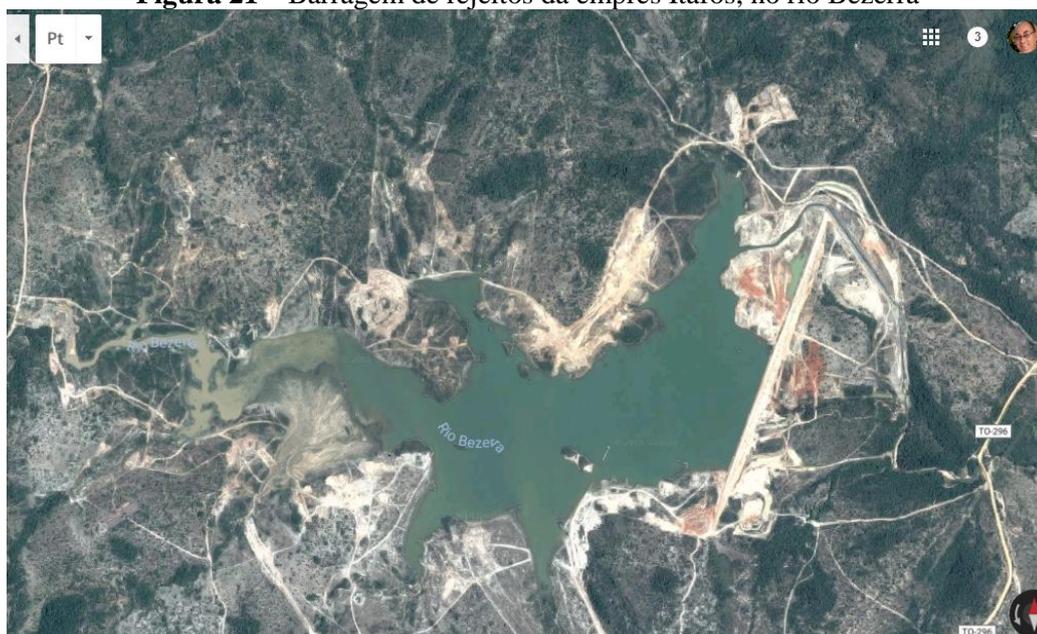
Figura 20 – Helena Ferreira da Silva buscando água no rio Bezerra



Fonte: Foto de Émerson da Silva, 1/6/2006.

A empresa mineradora barrou este rio para o funcionamento de seu empreendimento, e construiu duas barragens nele. A primeira destinada para os rejeitos da produção e a segunda para a captação de água utilizada no processo produtivo da própria empresa. Como as barragens foram implantadas no leito do rio, Fig. 21, a empresa teria que ter respeitado e seguido as normas estabelecidas pela resolução 357 do Conselho Nacional do Meio Ambiente – Conama⁸² (BRASIL, MMA/CONAMA) que estabelece os limites a serem garantidos no ponto de lançamento, e não apenas na saída do extravasor do barramento.

⁸² RESOLUÇÃO Nº 357, DE 17 DE MARÇO DE 2005. Publicada no D.O.U nº 053, de 18/03/2005, págs. 58-63. Alterada pelas Resoluções nº 370, de 2006, nº 397, de 2008, nº 410, de 2009, e nº 430, de 2011. Complementada pela Resolução nº 393, de 2009. Dispõe sobre a classificação dos corpos de água e diretrizes ambientais para o seu enquadramento, bem como estabelece as condições e padrões de lançamento de efluentes, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=459>>.

Figura 21 – Barragem de rejeitos da empres Itafós, no rio Bezerra

Fonte: Imagem através de Print do Google Maps⁸³, 1/6/2018.

A construção destas barragens de rejeitos no leito do rio gerou uma ação civil pública por parte do Ministério Público Federal (MPF) (2014), contra a empresa ITAFOS pelos danos causados ao meio ambiente, em maio de 2014, Anexo 7. Um fator que chama a atenção e salta aos olhos é que o Órgão licenciador do Estado, o Naturatins, que concedeu a licença de operação não agiu como é determinado pelas normas ambientais nestes casos. Por esta razão o MPF arrolou o próprio Órgão na ação civil pública, para que as licenças de operação emitidas em favor da Itafós fossem anuladas e novos estudos apresentados. A ação civil pública proposta pelo MPF é uma consequência de um inquérito civil que havia sido instaurado anteriormente, e teve por objetivo discutir o licenciamento ambiental da exploração e beneficiamento de fosfato pela empresa mineradora. Os danos causados ao meio ambiente, atingindo todo o bioma e comunidades localizadas a jusante do barramento do rio são mencionados na ação civil pública do MPF.

A ação civil também registra que a barragem de rejeitos não foi construída em um sistema fechado, mas sim no próprio leito do rio Bezerra, devendo ser considerada a possibilidade de alteração da qualidade da água ao longo de todo trecho do rio pela acumulação de rejeitos na barragem. Ainda é ressaltada a importância do rio Bezerra para toda região, uma vez que é utilizado por diversas comunidades e

⁸³ Disponível em:

<<https://www.google.com.br/maps/place/Arraias+-+TO/@-12.8960831,-46.8327549,2994m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x93485f1387d9244d:0xeccfcfce55815bc5!8m2!3d-12.6770601!4d-46.9805103?hl=pt-BR>>. Acesso em: 1 jun. 2018.

propriedades rurais ao longo da bacia sendo considerado um dos principais rios da região (MPF, 2014).

Quando o MPF cita que o Rio Bezerra tem importância estratégica e é utilizado por diversas comunidades e propriedades rurais, está subentendido a inclusão da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra nestes impactados.

Um dos graves problemas dos governantes, como é o caso do estado do Tocantins, é o fato das ações propostas e autorização de licenciamento de grandes empreendimentos, como é o caso da Itafós, é que estes sejam implantados o mais rápido possível, para que, desta forma, possam tirar proveito eleitoral do processo. Como diz um ditado: “as preocupações estão nas próximas eleições e não nas futuras gerações”. Isto fica claro, pois todos os governantes deram incentivos à empresa mineradora, desde o início, e no ano de 2011, o Governo do Tocantins anunciava que a partir desta empresa outras seis pretendiam se instalar na área industrial de Arraias, “[...] geralmente misturadores e transportadores, em função da construção de sua unidade de produção de fertilizantes à base de superfosfato simples, a partir de jazidas de rocha fosfática existentes naquela região” (CONEXÃO TOCANTINS, 6/5/2011).

O resultado destes licenciamentos irresponsáveis tem trazido prejuízos incalculáveis para o meio ambiente, como já havia sido denunciado pelos meios de comunicação e blogueiros da região, destacando-se Dinomar Miranda⁸⁴ que tem feito diversas denúncias sobre o não cumprimento da legislação ambiental por parte da Itafós. Uma das matérias publicadas, inclusive com registros fotográficos de técnicos do Naturatins, foi no dia 14 de janeiro de 2014, ocasião em que a água ficou esverdeada e houve grande mortandade de peixes (MIRANDA, 14/01/2014).

Passados quatro anos após desta Ação Civil Pública do MPF, a situação continua a mesma. O quilombola Ruimar Antônio de Farias foi até a barragem no dia 25 de março de 2018, e constatou nova contaminação, a jusante deixando a cor da água completamente alterada, Fig. 22.

⁸⁴ Dinomar Miranda é jornalista concursado do Poder Judiciário Federal, Analista Judiciário, lotado em Tribunal Superior, na capital federal.

Figura 22 - Rio Bezerra à jusante da barragem de rejeitos da Itafós



Fonte: Foto de Ruimar Antônio de Farias, 25/3/2018.

Esta última contaminação do rio Bezerra ocorrida nos primeiros meses do ano de 2018, associada ao constante desrespeito à legislação ambiental por parte da Itafós e o não cumprimento do acordo resultante da Ação Pública Civil do MPF, do ano de 2014, fez com que fosse convocada nova audiência pública, conforme Anexo 8, para o dia 19 de junho de 2018, na cidade de Arraias, pois o TAC (Termo de Ajustamento de Conduta) entre a Itafós e a Naturatins para se recuperar a devastação ambiental sofrida pelo não cumprimento do acordo (MPF, 2018).

O quilombola Domingos Pereira Ramos lamenta o fato de não poderem mais utilizar a água do rio Bezerra tanto para consumo como para lavarem as roupas, pois atualmente a barragem não possibilita o uso daquela água.

No Bezerra eles fez um monte de coisa lá, fez uma barrajona lá. Era uma água boazinha, a gente ia pra lá lavá ropa lá e tudo lá. Essa água hoje é pra eles lavá minério né! Você oia hoje na barrage é um mundo de água lá, mas de rejeito, já

num serve né! (Entrevista realizada com Domingos Pereira Ramos, no dia 9 de janeiro de 2017).

Ruimar Antônio de Farias relatou que outra empresa que também está fazendo a mineração na região é a DUSOLO, e ele inclusive chegou a trabalhar para esta empresa. Fazendo uma pesquisa no Instituto Natureza do Tocantins - NATURATINS não consta nenhuma empresa com este nome. Entretanto esta empresa aparece em vários sites na qual faz divulgação de seus produtos, se identificam, detalham a qualidade de seu produto, o local da extração e outras informações técnicas sobre o produto, como citado pela MFRURAL:

Po de Rocha

Somos uma empresa onde produzimos e comercializamos Fosfato Natural de origem Sedimentar Orgânico com 12% e 15% de P2O5 (Pó de Rocha). somos certificado pelo IBD Certificações.

Empresa:

Adquirimos a planta da Itafós e retomou a produção e comercialização do Fosfato Natural anteriormente comercializado pela Itafós em Arraias - TO / Campos Belos - GO.

Nosso produto tem excelente aceitação no mercado de Cana-de-açúcar, pastagens, Frutíferas, reflorestamento e abertura de áreas para lavouras.

Assim nos colocamos à disposição para novas visitas, levando demais informações sobre nosso produto e condições comerciais.

- Fosfato de Arraias?

É um fosfato natural de rocha sedimentar, de textura mole, contendo % de Fosforo (P2O5) e % de cálcio (CaO), e % de Silicato (SiO2) de grande valor agrônômico, com liberação lenta e gradativa destes elementos para as plantas. Isso diminui as perdas do produto por fixação tendo importante ação residual, maior que dos fosfatos solúveis. Deve-se considerar ainda a relação custo / benefício.

- Onde é extraída?

O Fosfato DuSolo é extraído de uma jazida própria, com características únicas no Brasil, localizada no Município de Arraias - TO, produzida mecanicamente (secagem, britagem, re britagem, e moagem) sem sofrer nenhum processo químico que altere sua natureza. Vale lembrar que os fosfatos de origem sedimentar são de qualidade superior a outros tipos de rochas.

- Comparando Fosfato Dusolo com Fosfatos decantados:

- Maior teor de Fósforo (P2O5) (%), Maior teor de Cálcio (Ca) (14 %), Maior teor de Sílica (SiO2)(13%) e menor umidade (0,05%);

- Liberação gradativa do fósforo, possibilitando melhor aproveitamento pela planta;

- Baixa umidade, enquanto outros produtos podem chegar com umidade superior a 10%;

- Produto natural, sem tratamento químico;

- Melhor custo X benefício quando comparado com fosfatos acidulados, principalmente nesse momento, com dólar de R\$ 3,15;

- A liberação gradativa do fósforo diminui perdas por fixação, fornecendo o nutriente durante todo ciclo da planta;

- Existem trabalhos que mostram o aumento do IEA (índice de eficiência agrônômica) do fosfato natural Dusolo Fertilizantes com o passar dos anos de cultivo (MFRURAL, s/d).

A empresa DUSOLO Fertilizers divulga o seu produto em forma de peça publicitária, na qual descreve sua ligação com a ITAFOS, sediada em Arraias-TO e Campos Belos-GO. Uma das áreas de mineração está localizada próxima da Lagoa da Pedra, no distrito da Canabrava, Fig. 23.

Figura 23 - Mina da DUSOLO Fertilizers, Distrito da Canabrava, Arraias-TO



Fonte: Foto de Ruimar Antônio de Farias, 6/01/2017.

Ao que tudo indica, e pelos dados de qualidade apresentados nos relatórios da ITAFOS Fertilizer (ITAFOS, 22/5/2018), é possível deduzir a razão da cobiça sobre as terras da comunidade, pois são riquíssimas no material básico de mineração destas empresas. A área de mineração da foto está em litígio com os proprietários anteriores, entretanto a mina está em plena atividade, Fig. 24.

Figura 24 – Área da mina da DUSOLO Fertilizer, distrito da Canabrava, Arraias-TO



Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 6/01/2017.

Desde o momento da chegada de empresas mineradoras na região verifica-se certa insegurança e conflitos internos na própria comunidade. Um dos motivos destes conflitos se

deu pelo seguinte motivo. Por ocasião do reconhecimento como comunidade quilombola pela Fundação Cultural Palmares, também houve a demarcação individual interna da área de cada família, por parte do ITERTINS (Instituto de Terras do Tocantins), Órgão estadual, que não levou em conta o direito assegurado que esta comunidade tinha pelo Decreto Federal (BRASIL, 2003), possibilitando a criação de um território quilombola. Isto quer dizer, após um laudo antropológico, transformar a área pertencente à Lagoa da Pedra em um território, em uma área única, não permitindo fragmentações e comercialização de suas terras, mesmo que continuasse a divisão interna para cada família, garantindo assim as terras para as futuras gerações e assegurando sua cultura local.

Sem dúvida, conseguir tanto a escritura como o registro da área que ocupavam desde o século 19, foi algo inédito e de importância fundamental, e que garantia um dos aspectos de sua cidadania. Por outro lado, não foi levado em conta de que atualmente ocupam uma área total de 85 alqueires, mas que antigamente esta ocupação compreendia algo em torno de 500 alqueires. Uma das provas desta ocupação é a localização do antigo cemitério, Fig. 25, que dista em torno de 9 km da comunidade. Ali estão sepultados seus antepassados, inclusive com sepulturas de pedras, muro de pedras, onde vão acender velas e fazer orações todos os anos por ocasião do feriado de Finados.

Figura 25 – Sepultura de pedra no cemitério Boa Esperança



Fonte: Foto de Émerson Silva, 2/11/2008.

O curioso é que a área onde este cemitério está localizado, no qual estão sepultados muitos dos antepassados dos quilombolas e também há alguns familiares falecidos até uns dez

anos, pertence a um fazendeiro que se diz proprietário desta área e não permite que se sepultem mais pessoas ali. A pergunta que surge é exatamente esta. Como este cidadão pode se dizer proprietário de uma área que originalmente era unicamente ocupada por descendentes de negros escravizados que se aquilombaram e atualmente são oficialmente reconhecidos como tal. Na realidade, não se trata apenas de impedir que quilombolas sejam sepultados dignamente neste local sagrado para a comunidade Lagoa da Pedra, mas, também, de que pisem em “suas terras” até para se comunicarem com os seus antepassados, Fig. 26.

Figura 26 – Ritual no dia de Finados no Cemitério Boa Esperança



Fonte: Foto de Émerson Silva, 2/11/2008.

Para os quilombolas da Lagoa da Pedra, a relação com os espíritos dos mortos, o seu lugar de permanência é parte integrante de sua cultura e há rituais específicos em diversas ocasiões, como já descrito e detalhado no livro *Cultura Quilombola*⁸⁵ (TESKE, 2011).

⁸⁵ TESKE, Wolfgang. **Cultura Quilombola na Lagoa da Pedra**. Capítulo 4.4 Imaginário e espírito dos mortos. p.p. 219-260. Goiânia: Kelps, 2011.

Para Eliade (2008), a morte implica em ritos de passagem e que exercem um papel importante para o homem religioso, marcando uma nova etapa que ele denomina de iniciação “[...] e pode-se dizer que, [...] se trata sempre de uma iniciação, pois envolve sempre uma mudança radical de regime ontológico e estatuto social (ELIADE, 2008, p. 150)”.

Segundo Eliade (2008, p. 151), os ritos de passagem realizados por ocasião da morte de uma pessoa oficializam a recepção deste no mundo dos mortos. As cerimônias fúnebres é que validam a própria morte da pessoa. Segundo o autor,

[...] a morte chega a ser considerada como a suprema iniciação, quer dizer, como o começo de uma nova existência espiritual. Mais ainda: geração, morte e regeneração (renascimento) foram compreendidas como os três momentos de um mesmo mistério, e todo o esforço espiritual do homem arcaico foi empregado em mostrar que não devem existir cortes entre esses três momentos. Não se pode parar em um dos três momentos O movimento, a regeneração continuam sempre (ELIADE, 2008, p. 160).

Na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra há características diferenciadas sobre a relação dos vivos com os espíritos de seus mortos, algumas, talvez, remontem aos seus antepassados mais distantes e que ocorrem, em plena época onde se vê uma expansão cada vez maior dos meios de comunicação com o uso de modernas tecnologias imprimindo o ritmo da globalização. Apesar disso, os “comportamentos míticos” ainda sobrevivem sob os nossos olhos, diz Eliade (2007, p. 156), o que para ele não significa que esse comportamento seja a sobrevivência de uma mentalidade arcaica. Para Benjamim (2000), muitos imaginavam e trabalhavam com a hipótese da extinção dos mitos com a chegada das novas tecnologias, que seriam considerados e lembrados como histórias de povos primitivos ou com interpretação infantilizada. Ao abordar esse assunto⁸⁶ diz:

A observação das sociedades que têm incorporado estas tecnologias – especialmente da informação – que são hoje consideradas altamente racionalizadas demonstra exatamente o contrário. Os mitos ocorrentes em sociedades rurais têm sobrevivido à urbanização e outros mitos estão sendo criados pelas populações urbanas, nos mesmos padrões dos mitos tradicionais (BENJAMIM, 2000, p. 01).

A Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra e comunidades vizinhas, ainda mantém a prática de transmissão e difusão de seus mitos através da tradição oral, que ocorre de forma tanto interpessoal quanto em grupal, quando se reúnem e repercutem a história dos mais

⁸⁶ Apresentação de estudo no V CONGRESSO LATINOAMERICANO DE CIENCIAS DE LA COMUNICACIÓN – ALAIC 2000, no GT - Folkcomunicación, em 26-29 de abril de 2000, na Universidad Diego Portales, Santiago – Chile.

velhos. Nesses momentos, além de anedotas e outras histórias tradicionais aparecem os mitos e que, muitas vezes, se entrelaçam uns aos outros. Essa prática, conforme nos apresenta Benjamim (2000) é típica das sociedades de cultura folk, onde também, os mitos aparecem, em “[...] advertência de natureza repressivo-preventiva, a fim de evitar desvios de conduta”. Um dos exemplos é o apresentado na narrativa sobre a Roda de São Gonçalo que ocorre na comunidade, na qual esse comportamento fica bem evidente (TESKE, 2018).

Outra perda que a comunidade teve de caráter sagrado, carregada com aspectos simbólicos, foi a caverna conhecida como Furna do Bom Jesus, Fig. 27, pois foi afetada pelas detonações e pela mineração de fosfato. Uma tradição muito antiga dos moradores da região de Arraias, incluindo-se os quilombolas da Lagoa da Pedra, era dirigir-se para esta caverna, entrar nela e ali realizar o pagamento de suas promessas no dia de São Bom Jesus da Lapa, festejado anualmente, no dia seis de agosto e de Nossa Senhora D’Abadia, no dia 15 de agosto⁸⁷.

Figura 27 – Caverna do Bom Jesus da Lapa, Arraias-TO⁸⁸



Fonte: Foto de Émerson Silva, 1/11/2008.⁸⁹

Domingos Pereira Ramos conta que iam até este lugar para cumprirem as suas promessas, mas isto agora não é mais possível.

⁸⁷ Esta celebração é amplamente analisada no livro *Cultura Quilombola* (TESKE, 2011, p. 236-260).

⁸⁸ A composição da desta caverna é de rocha carbonática, de feições cársticas (MORAES, 2011, p. 97-100).

⁸⁹ Foto tirada durante a pesquisa do meu mestrado em Ciências do Ambiente/UFT.

Lá na Lapa, ninguém entra lá mais, as bomba que soltô lá, as pedra desceu. Porque lá a gente entráva assim, tinha uma pedrona assim, a gente entrava, a pedra foi desceu, tava quase topando assim em baxo, num tem comu entrá, não tem não. Eles inté isolô lá (Entrevista realizada no dia 9 de janeiro de 2017).

Segundo Ruimar Antônio de Farias, o acesso até a caverna ficou muito complicado e é um dos fatores que impede os quilombolas irem até lá.

Eles, [está se referindo à empresa mineradora], acabô com quase tudo, com a estrada, e acabô aquela região quase toda, tirando material pra eles, fosfato. Então aquela área tá quase toda detonada agora, buracos grandes. Tem ainda a estrada que dá acesso até lá, mas tá bem detonada. Bomba não soltaram mais não, mas cavá, cavaram demais (Entrevista realizada por WhatsApp, no dia 4 de junho de 2018).

Outro fator é o perigo que a caverna representa atualmente, após as detonações que foram feitas pela empresa mineradora nos arredores da caverna, situação esta, que impõe medo aos quilombolas, inclusive porque foram alertados por geólogos, conforme Ruimar disse.

Daqui da Lagoa da Pedra não vai mais ninguém lá. Tem uns geólogo que falô que lá tava em caso de risco, então tem várias rachaduras nas paredes. Tem umas pessoas que frequenta lá ainda, mas da Lagoa da Pedra não. Até meu cunhado, marido de Cici, que trabalham em fazenda próximo, iam lá, mas também não tem ido mais. Ao invés de ir prá lá vem pra cá. [...]. Frequentá mesmo não tão mais não, tão com medo de desabá. Porque vai mexendo com a natureza, a gente não sabe como é (Entrevista realizada com Ruimar Antônio de Farias por WhatsApp, no dia 4 de junho de 2018).

Este impedimento fez com que uma das tradições muito antigas da Lagoa da Pedra fique apenas registrada na memória dos quilombolas e na publicação das pesquisas realizadas. Esta celebração fazia parte da identidade quilombola, porque era um momento tanto sacro como de convivência com as pessoas que vinham de outras localidades, para ali se encontrarem e confraternizarem. Ali, de forma semelhante a uma romaria, se encontravam com outras pessoas vindas de vários lugarejos e cidades, tais como: Arraias, Combinado e até de Campos Belos-GO, com o objetivo de pagar e fazer novas promessas, orações e acender velas, Fig. 28.

Figura 28 – Momento de pagamento de promessa dentro da Caverna



Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 6/8/2009.⁹⁰

O interior desta caverna é composto por vários salões, com vãos que ultrapassam, aproximadamente, 15 metros de altura, cheias de estalactites e estalagmites com uma beleza natural que chama a atenção de todos que entram nela. Para se deslocar de um a outro salão, é necessário arrastar-se, em alguns trechos, por espaços bastante apertados o que gera vários mitos entre os quilombolas e devotos do São Bom Jesus da Lapa e este mosaico de ritos, mitos, misticismo e religiosidade relacionado com esta caverna é um dos componentes identitários dos quilombolas. Para os quilombolas e demais moradores da região, nesta caverna era possível sentir a presença de Deus e dos santos, sendo, portanto um local que, além de sua beleza natural era cercado de sacralidade e poder.

Todo este conjunto de acontecimentos envolvendo esta celebração popular, visto que não há líder religioso que a conduz é um acontecimento fortemente marcado pela Folkcomunicação, principalmente pela presença dos ex-votos. Lucena Filho (2004) define o ex-voto como uma das maneiras de agradecimento que um devoto faz a algum santo ou divindade pelo restabelecimento da saúde ou pedido atendido, que pode ser a cura de uma doença, uma boa safra, um bom casamento, a aquisição de uma casa, por ter deixado de beber, por ter passado nos exames finais, e até mesmo pela cura de um animal. O ex-voto pode ser apresentado em forma de “[...] madeira, cerâmica, pano, cera, papel, fitas, linhas, cordões, papelão, cartolina, chifre, gesso, pedra-sabão, coco e outros materiais, inclusive plásticos” (LUCENA FILHO, 2004, p. 56). “[...] São nos ex-votos que as populações mais humildes das

⁹⁰ Pesquisa do mestrado em Ciências do Ambiente/UFT.

zonas rurais e das periferias das grandes cidades manifestam os seus pensamentos, os seus pedidos, contam as suas histórias e transmitem às várias notícias e tragédias” (LUCENA FILHO, 2004, p. 57).

Assim, o ex-voto, nas formas escrita, artística – em bi e tridimensão do documento –, como uma casinha colocada no cantinho da "sala de milagres", a muleta (símbolo da enfermidade ou desenfermidade), enfim uma infinidade de "coisas" (objetos) passíveis de serem lidas e interpretadas, um mundo em que a percepção visual e táctil reserva para a codificação-explicação da comunicação entre o crente e a divindade (OLIVEIRA, 2011, p. 02).

Dentro da caverna foi possível encontrar vários destes materiais, na época em que lá estive durante a pesquisa de mestrado. Muitos devotos também ajuntavam algumas pedras soltas da caverna que eram levadas para casa para servirem de amuletos.

Os romeiros em suas cartas e nos ex-votos expressam e contam aos santos as suas dificuldades, os seus segredos íntimos, os seus problemas de vida, mulheres pedem a volta de seus esposos, empregados chamam por ocupações profissionais, estudantes querem ajuda do céu para abrandar o coração dos mestres, mães reclamam a ingratidão dos filhos que nunca tornaram à casa paterna (LUCENA FILHO, IN: BREGUEZ, 2004, p. 56-57).

A caverna do São Bom Jesus da Lapa era preservada e não havia sinais de depredação, ambiente este que foi alterado após as detonações feitas pela empresa mineradora, pois abalaram partes da estrutura deste patrimônio natural e, por consequência, atingiram aspectos simbólicos importantes da comunidade quilombola Lagoa da Pedra.

5.3 Conflitos e divisão interna da comunidade com a tentativa da demarcação do território quilombola da Lagoa da Pedra.

A partir da certificação da Lagoa da Pedra, esta comunidade quilombola começou a ganhar visibilidade, ser valorizada como nunca antes em sua história havia vivenciado, a receber benefícios básicos, a exercer sua cidadania entre muitas outras conquistas.

Obviamente, estas conquistas também atraíram o olhar e interesse de algumas pessoas de fora da comunidade, principalmente daquelas que tinham conhecimento da sondagem que a empresa mineradora tinha feito clandestinamente, ou ao menos sem autorização formal e oficial, na área da comunidade, a partir do ano de 2009. A partir de então, convenceram duas ou três famílias para que vendessem parte de suas terras individuais para que pudessem fazer

parte da comunidade. Isto desagradou boa parte das demais famílias, mas, por outro lado, ninguém pode impedir este tipo de transação imobiliária.

Até este momento, a comunidade vivia em paz e a Associação dos Moradores funcionava regularmente, e no ano de 2010, liderada pelo então presidente Neres Francisco Machado que intermediava a implantação de vários projetos de diversos Órgãos estaduais, municipais e do governo Federal. Entre estes projetos estava a transformação da área da comunidade em território quilombola. O presidente se muniu da Instrução Normativa INCRA nº 57 de 20/10/2009 (INCRA, 2009)⁹¹ e requereu junto ao INCRA que desse início a estes procedimentos, conforme ofício enviado ao INCRA Regional, na pessoa do presidente José Roberto Ribeiro Forzani, conforme Anexo 5.

Neste ofício já constava a instabilidade causada por alguns moradores ao venderem parte de suas terras para estranhos, conforme consta no ofício nº 1, enviado ao INCRA “Isso tem permitido a venda de terras do nosso território por parte de alguns poucos proprietários” Anexo 5, e também o temor da empresa mineradora tomarem as terras da comunidade quilombola ao afirmar: “Essa situação se agrava ainda mais com a intenção de uma mineradora instalada próxima à comunidade, em utilizar nossas terras para exploração de minério” Anexo 5.

A Instrução Normativa INCRA nº 57, de 20/10/2009, está sistematizada em vários artigos, da qual destaco os seguintes:

Art. 8º O estudo e a definição da terra reivindicada serão precedidos de reuniões com a comunidade e Grupo Técnico interdisciplinar, nomeado pela Superintendência Regional do INCRA, para apresentação dos procedimentos que serão adotados.

Art. 9º A identificação dos limites das terras das comunidades remanescentes de quilombos a que se refere o art. 4º, a ser feita a partir de indicações da própria comunidade, bem como a partir de estudos técnicos e científicos, inclusive relatórios antropológicos, consistirá na caracterização espacial, econômica, ambiental e sócio-cultural da terra ocupada pela comunidade, mediante Relatório Técnico de Identificação e Delimitação - RTID, com elaboração a cargo da Superintendência Regional do INCRA, que o remeterá, após concluído, ao Comitê de Decisão Regional, para decisão e encaminhamentos subsequentes.

Art. 10. O RTID, devidamente fundamentado em elementos objetivos, abordando informações cartográficas, fundiárias, agrônômicas, ecológicas, geográficas, sócio-econômicas, históricas, etnográficas e antropológicas, obtidas em campo e junto a instituições públicas e privadas, abrangerá, necessariamente, além de outras informações consideradas relevantes pelo Grupo Técnico (LEGISWEB, 2009).

⁹¹ Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação, desintrusão, titulação e registro das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que tratam o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988 e o Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003.

Os dados gerais e específicos, conforme estabelece esta Instrução Normativa INCRA nº 57 possui uma série de itens, iniciando com o Art. 10, I “Relatório antropológico de caracterização histórica, econômica, ambiental e sócio-cultural da área quilombola identificada” (LEGISWEB, 2009), e seus detalhamentos; seguindo com um levantamento fundiário e todos os procedimentos para concretizar esta ação; a elaboração de uma “[...] planta e memorial descritivo do perímetro da área reivindicada pelas comunidades remanescentes de quilombo, bem como mapeamento e indicação dos imóveis e ocupações lindeiros de todo o seu entorno e, se possível, a indicação da área ser averbada como reserva legal, no momento da titulação” conforme consta no Art. 10. III (LEGISWEB, 2009); a elaboração de um “cadastramento das famílias remanescentes de comunidades de quilombos, utilizando-se formulários específicos do INCRA” conforme Art. 10. IV (LEGISWEB, 2009); e, por fim, a entrega de um “[...] parecer conclusivo da área técnica e jurídica sobre a proposta de área, considerando os estudos e documentos apresentados”, conforme Art. 10. VI (LEGISWEB, 2009).

A partir da junção destes documentos é feita a publicação da área do território e compete ao Presidente do INCRA publicar no Diário Oficial da União e do Estado do Tocantins, quando o caso for a titulação nesta unidade da Federação, uma portaria reconhecendo e declarando os limites da terra quilombola; a desapropriação de fazendeiros e reassentamento de posseiros. As propriedades que tiverem títulos válidos serão desapropriadas e os ocupantes não quilombolas serão reassentados em outra área. O território será demarcado conforme os procedimentos contidos na Norma Técnica para Georreferenciamento de imóveis rurais do INCRA, e, por fim, o território será titulado de forma coletiva, não podendo ser dividido, vendido, loteado, arrendado ou penhorado.

Quando todo o processo de início dos trabalhos estava agendado, para o ano de 2013, aqueles novos moradores não quilombolas mobilizaram várias famílias da Lagoa da Pedra para que não aceitassem que o INCRA iniciasse o levantamento e a execução da Instrução Normativa. A alegação era de que o governo iria tomar as suas terras e eles perderiam tudo. Esta notícia falsa criou um tumulto e divisão entre as famílias, uns a favor da demarcação do território que, inclusive aumentaria o tamanho da área atual, comprovado pelo laudo antropológico que seria elaborado, e outros literalmente barrando a entrada dos técnicos e sequer deixando que explicassem todo o processo. Mesmo com a presença de membros do MPF, para intermediar o conflito, não houve acordo, pois os que eram contrários radicalizaram toda a questão.

Dois aspectos importantes que observei ao analisar este conflito, o primeiro é que esta comunidade ficou ocupando a área onde está localizada por mais de um século e meio sem documentação alguma e perdeu grande parte dela para grilheiros e fazendeiros que foram se apossando da região de grande parte das terras ocupadas por eles ao longo destes anos. Quando finalmente o ITERTINS tituló de forma individual as áreas ocupadas, juntamente com a certificação da comunidade como quilombola, em 2004, isto representou a maior conquista e anseio deles, pois trazia segurança e sentimento de pertencimento, por direito, como afirma o líder Ruimar Antônio de Farias:

A partir do momento que eles vieram e demarcaram lotes por lotes e documentaram e registraram, eles não aceitaram mais desfazer daquele documento que tinham em mão, que tinham posse, que aí eles podiam bater no peito e dizer: isso aqui é meu (Entrevista realizada com Ruimar Antônio de Farias, no dia 7 de janeiro de 2017).

Na realidade, estas terras já pertenciam a esta comunidade de fato, mas sem a documentação legal, ou seja, sem a área escriturada e registrada deixava todas as famílias em situação de vulnerabilidade.

O segundo aspecto a ser considerado está relacionado com o primeiro, entretanto boa parte das famílias não compreendeu a proposta da transformação de toda área em território quilombola. O líder Ruimar, que estava à frente desta luta ponderou que todos continuariam cada um com as suas terras “[...] só que de uma forma diferente, mas como território”. A maior dificuldade de compreensão era a questão de procedimento do INCRA nesta regularização do território, pois as famílias iriam abrir mão de suas escrituras, o INCRA iria adquirir as áreas individuais e pagar por elas de forma individual e por fim, transformar as propriedades e mais toda área que viesse a ser agregada por desapropriação de terceiros, mediante a conclusão do laudo antropológico aprovado, e transformar tudo em território quilombola, como esclarece o Ruimar Antônio de Farias que acompanhou todo este processo.

Mas, aí a partir deste momento o INCRA tentou interagir aí pra vê se fazia essa demarcação, entrá em contato com eles. Fizeram proposta de comprá as terras e eles permanecê nas próprias terras deles, mas mesmo assim não se convenceram e nem quiseram entendê que seria bem pra comunidade (Entrevista realizada com ruimar Antônio de Farias, no dia 7 de janeiro de 2017).

Na afirmação do Ruimar ao mencionar “eles” está se referindo a todos os contrários à proposta de transformar a área em território e duas constatações se evidenciam, uma que, mesmo a proposta do INCRA não foi aceita, porque alguns não se convenceram da seriedade

dela por parte de Órgão oficial e outros, porque sequer quiseram entender que isso seria para o bem de toda a coletividade quilombola. Foi a partir deste momento que os ânimos se acirraram e ocorreram dois momentos distintos. No primeiro, a equipe do INCRA esteve na comunidade, reunida na parte exterior do prédio da escola, no dia 18 de julho de 2013. Esta tentou dialogar com as famílias, mas estas, instigadas principalmente por estranhos à comunidade, que estavam infiltrados, entre eles, inclusive um vereador da cidade que adquirira parte de área de uma das famílias quilombolas, não permitiram o início dos trabalhos. Só não houve confronto físico, pois havia a presença da Polícia Militar para garantir a segurança dos representantes públicos, conforme é possível ver no vídeo postado no Youtube⁹².

Houve um segundo momento, em que a equipe do INCRA iria até a comunidade e aquele mesmo grupo contrário se mobilizou, novamente instigado pelos infiltrados na Lagoa da Pedra defendendo interesses pessoais e não o coletivo, e fechou a estrada de acesso e os homens se armaram para impedir a entrada. Ao comentar sobre este acontecimento Ruimar Antônio de Farias se expressou assim:

Se tivesse polícia, seriam preso, porque isso não se faz. Montaram um negócio lá, porque não pode fazê isso, porque eles não tinham conhecimento. Mas foi influência de outros, que nem táva com eles e jogaram ele, como diz o ditado, jogá eles no fogo que a gente vai pulá na água. Bem assim, fizeram com eles, então, os espertos pularam na água e jogaram eles no fogo. A sorte deles é que no dia em que estavam na estrada não teve polícia (Entrevista realizada com Ruimar Antônio de Farias, no dia 7 de janeiro de 2017).

Nesta declaração de Ruimar fica claro que algumas famílias da Lagoa da Pedra foram literalmente usadas por pessoas infiltradas na comunidade e impediram o que seria a consolidação desta comunidade quilombola, inclusive com ampliação da área, resultando em maior garantia contra as empresas mineradoras no território quilombola que seria criado.

A partir deste episódio, o então presidente da Associação Ruimar Antônio de Farias, um verdadeiro líder folkcomunicacional no conceito da teoria da Folkcomunicação, conforme apresentado no segundo capítulo desta tese, tomou a decisão de se afastar da Associação pela qual tanto tinha lutado e afirmou: “Na época eu era o presidente, então deixei”. As consequências desta saída do líder que era responsável por toda a interlocução com o poder público, com as autoridades e diversas organizações não governamentais foram desastrosas para a Lagoa da Pedra. Ele mesmo confessa:

⁹² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dzil8xWd4FE>>.

Aí, com isso também, parô de vim os benefícios, porque a associação não correu mais atrás, entendeu! [...] sei que os contato que a gente tinha com o desenvolvimento que tava tendo, o crescimento que a comunidade tava tendo, a evolução. Que táva evoluindo cada vez mais, buscando benefícios, cada vez mais tecnologias, mais aperfeiçoamento, sim, então com a parada da Associação tudo isso parô. Sim, as feira também parô (Entrevista realizada com Ruimar Antônio de Farias, no dia 7 de janeiro de 2017).

Com esta saída da presidência do líder Ruimar, tudo desandou na Lagoa da Pedra. Ninguém o substituiu e, vários projetos que estavam encaminhados não tiveram continuidade. Houve uma grande decepção com os seus próprios parentes que o menosprezaram e encararam como alguém que os quisesse prejudicar. Inclusive as feiras a que se refere, são as Feiras de Agricultura Familiar que aconteciam na comunidade e que era resultado de parcerias com a Secretaria de Estado da Agricultura (SEAGRO), Ruraltins, Prefeitura Município de Arraias e algumas empresas particulares. Eram momentos de muita confraternização, venda de seus produtos orgânicos e de apresentações culturais, entre elas a sússia, capoeira com grupo de Arraias dentre outras apresentações.

Tive oportunidade de participar da II Feira de Agricultura Familiar, ocorrida no ano de 2006, ocasião em que foi assinado o convênio de doação do trator agrícola para a comunidade pela Fundação do Banco do Brasil, e da IV Feira da Agricultura Familiar, no ano de 2011, ocasião em que também foi lançado o livro *Cultura Quilombola* na comunidade, e reuniu “[...] cerca de 100 produtores rurais procedentes das cidades de Arraias, Brejinho de Nazaré, Conceição do Tocantins, Almas, Dianópolis, Paranã, Porto Alegre do Tocantins, Santa Rosa do Tocantins, Natividade, Chapada da Natividade e região circunvizinha” (SEAGRO, 15/9/2011), conforme Anexo 9. Nesta ocasião, também ocorreu o I Encontro das Comunidades Quilombolas do Sudeste do Tocantins, reunindo no total mais de 800 pessoas, Fig. 29.

Figura 29 – IV Feira de Agricultura Familiar na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra



Fonte: Foto de Mariseth Farias, 17/9/2011.

As camisetas confeccionadas especialmente para esta data especial estampavam a frase “Sou quilombola com muito orgulho” e no centro da estampa estava pintada a bandeira do Brasil. Era uma demonstração clara de afirmação de sua identidade quilombola e reconhecida pelo Estado brasileiro. Vejo um caráter simbólico com muitos significados e para os quilombolas especialmente, representava um orgulho que antes da certificação jamais experimentaram. Todo este conjunto de fatores, Feira da Agricultura Familiar com comercialização de seus produtos orgânicos, das apresentações folclóricas, das danças, na forma como organizaram o evento foi um acontecimento folkcomunicação e folkmidiático, pois teve ampla repercussão por vários meios de comunicação. No site da Seagro (2011) foi destacado este aspecto folkcomunicação, Anexo 9.

Durante a feira serão realizadas várias atividades com objetivo de resgatar a identidade cultural dos integrantes das comunidades quilombolas e ainda fortalecer a agricultura familiar. [...] A programação contará ainda com apresentações culturais como a Folia do Divino, Congada e a dança da Sússia. A feira pretende ainda proporcionar às pessoas a oportunidade de conhecerem a diversidade da produção da agricultura familiar que cultiva o arroz, a mandioca, feijão, milho, farinha, paçoca, tapioca, rapadura, doces, açúcar mascavo, cachaça, mel, queijo, manteiga, banana, mamão e abóbora. O artesanato em cerâmica, palha, corda, madeira, pedra, capim dourado, móveis de buriti, além de bordados e crochês, também poderá ser apreciado e adquirido (SEAGRO, 15/9/2011).

Nesta ocasião, a Congada foi apresentada pela Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso, a sússia pela Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra e a Folia do Divino pela Comunidade Quilombola Baião, Fig. 30.

Figura 30 – Folia do Divino – Comunidade Quilombola Baião – IV Feira de Agricultura Familiar na Lagoa da Pedra



Fonte: Foto de Lúcia Brito – Ruraltins, 17/9/2011.

A apresentação da comunidade quilombola Baião trouxe algo diferente, pois foi liderada por uma jovem, quando em todo o sudeste do estado o alferes, a competência de conduzir a bandeira do Divino é de um folião homem, bem como os demais integrantes da folia. Foi uma demonstração de empoderamento da mulher, mesmo que não explícita.

No site oficial do Governo do Estado do Tocantins também foi repercutida a opinião de caráter folkcomunicação de uma das líderes da comunidade Maria Inácia Antônio de Farias e Silva sobre o evento dizendo que foi algo grandioso: “É gratificante ver que os jovens deram continuidade ao nosso trabalho. Vejo com muita grandeza esse primeiro encontro, pois é uma forma de valorizar nossos antepassados. Temos orgulho da nossa origem” (TOCANTINS, 2011).

Esse é apenas um dos exemplos para entender o que o líder Ruimar Antônio de Farias disse ao afirmar que tudo parou de acontecer na comunidade. Havia todo um incentivo nas questões culturais com vários projetos em andamento, envolvendo crianças, jovens e adultos e que ficaram sem continuidade. Era justamente ele que fazia as viagens para Palmas, capital do Estado e conhecia os caminhos, trâmites e tinha todos os contatos para dar o andamento aos projetos. Todo este transtorno ocorrido na comunidade foi um reflexo do conflito gerado com a chegada da mineração, pois ali está o pivô de todo o movimento e divisão na comunidade.

Ruimar teme pelo futuro e lamenta que muitos moradores da comunidade não percebem que estão sob constante ameaça de tomada de suas terras pelas empresas mineradoras. Ruimar disse que tenta mostrar para as famílias a gravidade das ameaças, mas as pessoas não compreendem, “[...] pois alegam que estas empresas só entram nas suas terras se

eles deixarem. Ah! Já cheguei conversá com algum deles, dizem: no meu só entram aqueles que eu quisé. Mas eles não conhecem”. Quando Ruimar ao afirma que “eles não conhecem” está se referindo à lei que garante à União dar autorização ou concessão para pesquisa e lavra dos recursos e jazidas de minerais a exploração mineral do subsolo⁹³. Como ele já trabalhou para a empresa mineradora e teve acesso a várias informações sobre o assunto assevera:

Eu já trabalhei nas áreas lá. Nas empresa. E aquelas que não trabalhei, tive acesso muito grande aos chefões lá de dentro. Então não é você querê botá o pé na parede e dizê aqui na porta, aqui você não entra. Não é bem assim. Eles não negocia. Eles falam com você uma vez, então na outra vez já não é aqueles primeiro que veio, já vem outras pessoas. E aí quer sim quer não, seu é só o solo, o subsolo é deles, é da União, então, eles querem explorar só o subsolo não o solo. Não tem como. Eles aqui, única coisa que segura eles um pouco é a Certidão de Autorreconhecimento (Entrevista realizada com Ruimar Antônio de Farias, no dia 7 de janeiro de 2017).

Na opinião de Domingos Pereira Ramos a empresa mineradora traz insegurança para a comunidade e ele deixa transparecer na sua fala a constante tensão que é imposta, mesmo que subliminarmente a todos os quilombolas e afirma que isto não é bom para eles.

Pra mim, esses negócio, pra gente do lugá não é bom né! Porque igual eles tão tomandu di conta daí, tá desabrigandu tanta gente aí, pessoal tantus anos aí, nasceu e criô ali, e hoje tá obrigando a saí né! O quera ou num quera. Porque se eles descobri minério aqui dentro, a pessoa dum jeito o di ôtro tem que saí. Se combiná mais eles tudo bem, se num combiná eles invadi da mesma coisa (Entrevista realizada com Domingos Pereira Ramos, no dia 9 de janeiro de 2017).

O medo é que possa acontecer com eles o que está ocorrendo com muitos proprietários de áreas e fazendas que são obrigados a sair de suas terras, por causa da lei que permite a exploração mineral do subsolo.

Eles diz que tem um negócio do subsolo, que é o governo que manda, é um negócio que eles fala né! Então a pessoa, mesmo a gente é dono do lugá, mas nessa área a gente num tem mando. A de cima que é da cultura, [está se referindo a camada superior da terra, a cultivável], a de baxo ali num vale nada né! No dizê deles da gente é essa parte de cima (Entrevista realizada com Domingos Pereira Ramos, no dia 9 de janeiro de 2017).

Domingos Pereira Ramos tem conhecimento da ação da empresa mineradora que vai desapropriando as áreas onde é localizado o minério que, na realidade, já foi descoberto

⁹³ Constituição Federal. Trechos selecionados. Disponível em: <<http://www.dnpm-pe.gov.br/Legisla/CF.htm>>.

através de sondagens anteriores e que não há nada que impeça a empresa desta ação. O local é próximo da Lagoa da Pedra.

Agora aqui pra baxo aqui ó, já tão fazendo, já tão entrando na área dus fazendêro, uns forte aí, e os cara começa a querê barra eles, mas eles entra em acordo e faz mesmo. Aqui na mata do [incompreensível] meio mundo de mata aí, aí mesmo descobriram, aí diz que tem um minério aí do que eles tavam querendo mesmo (Entrevista realizada com Domingos Pereira Ramos, no dia 9 de janeiro de 2017).

Há certo temor por parte dos quilombolas da Lagoa da Pedra, pois estão observando a empresa mineradora avançando e aumentando o raio de ação da mineração, ao ponto do Ruimar Antonio de Farias usar a palavra expulsão dos proprietários de suas propriedades, o que denota resistência por parte destes, mas não há nenhuma ação que impeça este tipo de atividade industrial.

Aquele pessoal da fazenda que tavam bem encostadinho lá, uma pequena comunidade que tinha lá pertinho da empresa, da sede onde prepara o minério, retiraram todos, todos, todo mundo. Não mora mais ninguém lá encostado, eles guaritaram todo mundo. Até um fazendêro que tinha mais pra lá, eles já expulsaram o cara também, tiraram. Então tá desse jeito, tira o cara lá da terra produtiva e manda pro lugá onde nem o capim sai (Entrevista com Ruimar Antônio de Farias realizada por Whatsapp, no dia 4 de junho de 2018).

O temor reside exatamente no que estão vendo acontecer em todas as redondezas da Lagoa da Pedra. A maioria dos quilombolas, exceto os mais jovens e crianças, não se acostumariam em outro lugar, mesmo que fossem compensados financeiramente ou com alguma propriedade em alguma cidade próxima. A vida deles é totalmente integrada ao lugar onde estão e é por este motivo que lutam e brigam para permanecer onde estão. Por outro lado, não sabem por quanto tempo resistirão às investidas da empresa mineradora, como se expressa Domingos Pereira Ramos.

Intão, isso aí é, quando fô daqui uns dez, intê falô pra Fábio, isso num é pra agora não, isso é pra daqui vinte ano, trinta ano que fô, né! Aí vão entrá. Aonde dá certo aí, já dexa marcadinho, tudo documentadinho tudo ali, eles num perde desse não. Pode passá os ano que passa, eles tá tudo certo aí (Entrevista realizada com Domingos Pereira Ramos, no dia 9 de janeiro de 2018).

Nas palavras de Domingos fica demonstrada a desconfiança que eles nutrem em relação à empresa mineradora. Para ele paira uma constante ameaça sobre a comunidade.

[...] eles ficam só rodeandu ali, como diz o povo com medo de gato e vai só comendo ao redó aí, du meio pro fim num existe não né! É capaiç mais tarde eles querê invadi. Isso vai sê ruim demais, vai sê um desmanteio feio. Ninguém resiste não. Eles dizem que pagam direitinho, mas se não, eles entra do mesmo jeito e quem guenta aquelas bomba que eles solta, aquelas máquina trabalhando o tempo todinho, aquela buraquêra (Entrevista realizada com Domingos Pereira Ramos, no dia 9 de janeiro de 2018).

Da mesma forma, não acreditam no que é dito e anunciado pela empresa mineradora, que após o término da extração do mineral, tudo voltará ao normal e a terra será restaurada.

Eles fala que tampa, tampa nada, o trem aí, só o buracão aí, tudo bagaçado. No começo eles fala que recupera e mete o tratô. Que nada, lá no Coité eles bagaçô lá, cê vai lá hoje só vê uns buracão feio lá. [...] Estão começando a entrá agora e as nossa cultura, e as coisa bunita que a gente tinha tão acabando né! E vai acabá! (Entrevista realizada com Domingos Pereira Ramos, no dia 9 de janeiro de 2018).

O temor, apreensões e resistência ao que vem ocorrendo em toda a região circunvizinha da comunidade quilombola Lagoa da Pedra e muito bem detalhada pelos líderes da comunidade, pode ser resultado de toda a explanação que receberam por parte do responsável técnico da empresa Bunge, ligada à empresa Vale, pela prospecção de fosfato, ocasião em que respondeu questões sobre autorização para pesquisa e lavra, compensação aos moradores em casos de exploração e anunciou compra do setor de mineração, no dia 7 de maio de 2010, conforme noticiado pelo MPF⁹⁴, conforme Anexo 10. O procurador da República Álvaro Manzano acompanhou toda esta reunião juntamente com representantes de vários Órgãos e Instituições, tais como: o Incra, Prefeitura de Arraias, Naturatins, Universidade Federal do Tocantins, Secretaria Estadual de Planejamento e Ruraltins. Nesta reunião o procurador Álvaro Manzano já chamava a atenção da empresa responsável pela prospecção por apresentarem dados diversos do programado por eles, pois baseado em informações do Ibama, afirmou que haviam sido encontrados e realizados 90 pontos de prospecção ao invés dos 40 informados pela empresa. Deduz-se que a empresa ultrapassa, em muito, o limite que registram nas propostas escritas. Esse fato já tinha sido verificado por moradores da comunidade quilombola, pois técnicos haviam entrado em suas terras sem a devida autorização e sem dar a menor explicação, como afirmou Ruimar Antônio de Farias.

Sim, chegaram até a coletar amostra de pedras na área. Aí chegou um dia que um rapaz da comunidade, quando o cara desceu da camionete e disse pra ele que táva

⁹⁴ Disponível em: <<http://www.prto.mpf.mp.br/news/comunidade-quilombola-recebe-informacoes-sobre-pesquisas-minerais-com-presenca-do-mpf-to>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

pegando material em propriedade alheia. O cara disse: não. Peguei na estrada. O cara táva próximo dele e disse: Não. Você pegou lá de dentro da cerca, e lá de dentro da cerca é meu. Isso foi um fato real aqui dentro da comunidade. Dentro da cerca é meu. E vou dizer mais pra você. Você é da comunidade tal tal, você pesquisa, quais as norma que tem, qual as prioridade que vocês tem para entrar aqui, entendeu, como vocês tem que entrá aqui (Entrevista realizada no dia 7 de janeiro de 2017).

Por outro lado, nesta reunião ocorrida na comunidade quilombola Lagoa da Pedra também ficou claro de que se tratava de uma comunidade certificada pela Fundação Palmares e que, na época, estava em andamento a titulação coletiva, para transformá-la em um território quilombola, que, por uma série de razões já explicitadas anteriormente, não foi possível de concretização.

A presença da empresa mineradora nas redondezas da Lagoa da Pedra mexe com os sentimentos de muitos quilombolas. Para Joelma Dias Pereira a possibilidade de a empresa entrar na área da comunidade significa

[...] o fim, mas a gente vai lutar, mas vai ser o fim pra gente, porque aqui é a vida nossa, é aqui. E a gente vai lutar, com forças, garra e tudo. Isso será o fim da vida da comunidade, a vida da gente. Se entrar aqui, vai ser muito triste mesmo. Vai acabar e vai ficar tudo desestruturado (Entrevista com Joelma Dias Pereira, no dia 9 de janeiro de 2017).

As palavras da Joelma denotam angústia, sentimento de revolta e, ao mesmo tempo, um posicionamento de defesa diante da constante ameaça. Também é um pedido de socorro, para que este lugar fique protegido e que a comunidade possa continuar existindo e possibilitando a vida dos quilombolas exatamente ali.

A angústia, temores, receios de boa parte dos quilombolas que estão mais antenados e informados sobre o que efetivamente está ocorrendo, é plenamente justificável, pois eles não conseguem se imaginar em outro lugar para trabalhar e viver a sua vida e cultura. Nos diálogos que eu denominei de entrevistas fica evidente a preocupação dos mais informados com os desinformados, porque nem todos os quilombolas sabem exatamente o que se passa, pois ainda se encontram vários entre eles que estão alheios à gravidade do cenário que está desenhado.

CAPÍTULO 6 – IDENTIDADE CULTURAL QUILOMBOLA E A APROPRIAÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS NA LAGOA DA PEDRA

Para que se entenda melhor a identidade cultural da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, associado com a apropriação das novas tecnologias, neste período da pesquisa e escrita da tese, é necessário compreender o processo histórico cultural de sua formação e constituição. No capítulo quatro fiz uma apresentação geral e neste faço um detalhamento de todo o processo, desde a criação da comunidade, com negros escravizados que se refugiaram e quilombaram, sofrendo perseguição, até os dias atuais, já como uma comunidade reconhecida e numa luta de resistência em defesa de sua cultura. São quase dois séculos de história e só é possível compreender o processo, fazendo uma retrospectiva histórica. Para os que vivem em centros urbanos talvez soe estranho falar em estar conectado com a Internet, acessar dados utilizando um aparelho celular, pois isto faz parte de seu dia a dia, entretanto para uma comunidade que há menos de duas décadas viviam em isolamento o sentido é completamente outro. E é isto que pretendo apresentar neste último capítulo.

A comunidade quilombola Lagoa da Pedra devido ao isolamento em que se encontrava, sofrendo toda sorte de preconceitos e discriminação, pela dificuldade de locomoção, pelo iletramento da maioria da população quilombola não viu, experimentou vários aspectos que a sociedade, dita moderna, vivenciou. Por esta razão, saltou do anonimato para se tornar conhecida por muitos, de uma fase rudimentar para o uso das modernas tecnologias. Poderia aqui citar vários exemplos, mas destacarei apenas alguns.

Esta comunidade não conheceu os primórdios de uma máquina fotográfica, e nem a evolução desta ao longo dos anos, também não conheceu a máquina fotográfica analógica, pois passou direto para a máquina digital e aos modernos *Smartphones*. Da mesma forma, não conheceu a máquina de datilografia, tampouco a elétrica ou a eletrônica e passou direto para os notebooks e tablets. Por quase duzentos anos a casa dos moradores era iluminada com candeias, feitas de algodão e cera de abelha. Por mais de 150 anos não havia sequer como se comunicar com o mundo externo, não tomando conhecimento do telégrafo, nem do fax e passou direto, após a certificação como quilombola, para um telefone público rural, que opera via satélite, para, em seguida, alguns instalarem o telefone celular rural via antena de rádio, para chegar à moderna telefonia da operadora de telefonia celular. Esta comunidade passou direto da forma mais que centenária de fazer as suas roças com o sistema de coivara, também conhecida como roça de toco, para o uso de um trator agrícola próprio. As diversas

manifestações culturais, de uma riqueza inestimável, eram celebradas apenas internamente na comunidade, para se tornarem conhecidas no Brasil e no mundo através da Internet.

Conhecendo, pesquisando e convivendo com a comunidade quilombola Lagoa da Pedra ao longo destes últimos 13 anos, arrisco fazer uma sistematização dos vários estágios ou fases históricas e culturais pela qual passou, desde a fase rudimentar aos momentos atuais integrada com as novas tecnologias. A base que adoto para tanto, é o conhecimento que reuni ao longo de vários anos de pesquisa sobre a sua história, sua origem e processo de organização, fortemente pautada na oralidade, que durante quase dois séculos foi o fundamento, o alicerce, inclusive, da educação de várias gerações da Lagoa da Pedra e, mais recentemente, associado, sobretudo, ao que foi escrito e pesquisado com os seus moradores, divulgado pela Internet, sua organização, politização e empoderamento.

6.1 Primeira fase – Criação do quilombo

A primeira fase, poderíamos dizer, foi a época da criação do quilombo, no século 19, como já apresentado anteriormente, quando ocorreu a fuga da condição de escravizados, na ausência de humanidade na qual não havia liberdade. A cultura e religiosidade ancestral africana haviam sido negadas por imposição de uma nova religiosidade portuguesa e eurocêntrica, no período colonial. Não há como se entender um momento de fuga e busca de refúgio na criação de um quilombo, geralmente em lugar de difícil acesso, no meio da mata e enfrentando toda sorte de dificuldades e perigos, senão pelo fato do sofrimento causado pela escravidão ter sido muito maior e insuportável.

6.2 Segunda fase – Organização desta sociedade quilombola com novo *modus vivendi*

A segunda fase poderia ser classificada, nesta sistematização, como o momento histórico em que esta comunidade começa a se organizar como uma sociedade, neste lugar escolhido pelos primeiros que ali se estabeleceram. A partir da criação do quilombo, observa-se que este passa a se constituir em lugar de resistência, com uma organização própria e inicia-se um novo *modus vivendi*, e, conseqüentemente, um novo modo de ser e vivenciar a religiosidade. Este lugar de resistência escolhido para viver não se trata apenas do espaço geográfico ocupado para tal, mas como conceituado por Marc Augé (1994), constitui-se de um lugar antropológico, que é uma sociedade com a ausência da escrita, contudo este lugar

antropológico é identitário, relacional e histórico. Para Rieth (1995), ao analisar este conceito de Augé, o lugar é:

Identitário porque o lugar de nascimento, as regras de residência, etc., são como uma inscrição no solo que compõe a identidade individual. Referências compartilhadas que designam fronteiras marcam a relação com seus próximos e os outros. Por fim, é histórico na medida em que os nativos vivem na história (RIETH, 1995, p. 271).

A cosmovisão dos quilombolas da Lagoa da Pedra está ancorada nesta fase inicial no século 19, e que permanece nas atuais gerações, agregadas, por sua vez, com as novas tecnologias, como será visto em seguida. A professora Solange Aparecida do Nascimento em pesquisa de doutoramento recente sobre educação aborda este aspecto e afirma:

[...] em pesquisa realizada na comunidade quilombola Lagoa da Pedra, em Arraias, Tocantins, na qual identificamos elementos referentes à cultura local e à cosmovisão africana, aqui entendida como a relação que a comunidade estabelece com o meio, com seus pares, com o ambiente, suas percepções, interpretações e suas formas de ser e fazer pautados na ancestralidade (NASCIMENTO; ABIB, 2017, p. 2).

Esta fase será marcada por muitas dificuldades e perigos conforme registrado em uma das entrevistas⁹⁵ que fiz com Balbino Francisco Machado, e publicadas em Teske (2018) ao relatar suas lembranças das histórias que sua mãe contava e de sua própria infância, como era a vida neste atual lugar que escolheram para viver:

Minha mãe dizia que esse nosso lugar era conhecido como Ôio D'água do Taquaruçu. Aqui, não tinha água, não tinha gente, não tinha nada, só o meu avô com os fíio. O que tinha era muito catitu, tinha queixada e até onça, que pegava bezerro na porta da casa. Eu me lembro quando uma onça comeu uma moça “prá lá, prá cá”⁹⁶, e só dias depois foram achadas parte da roupa. Aqui se plantava cana, arroz, feijão e caçava veado, tatu e outros bicho do mato (TESKE, 2018, p. 51).

Este é o período em que as remanescências culturais da ancestralidade destes primeiros negros aquilombados estabelecem uma relação com a nova religiosidade que havia sido imposta pelos dominadores portugueses e já estava incorporada em suas vidas. É ali, que inicia a prática religiosa que é denominada como catolicismo popular. Apolinário afirma que os negros escravizados “[...] estrategicamente descobriram a África no Brasil, ao criarem

⁹⁵ Entrevista realizada no dia 11 de fevereiro de 2006.

⁹⁶ A expressão “prá lá, prá cá” na concepção dele significa uma pessoa com deficiência mental.

novas identidades, seja nos aspectos linguístico, cultural e religioso. Os senhores não conseguiam dominar as linguagens, sensibilidades e os olhares africanos” (APOLINÁRIO, 2000, p. 70).

No momento em que puderam organizar-se neste novo lugar, estes aspectos permaneceram. Este processo, na realidade, inicia-se sob o regime escravista, pois estes negros escravizados, para resistir ao sistema e lutar pelos seus interesses, usaram da inteligência e coragem e criaram formas de adaptação cultural autônoma, como afirma Hasenbalg (2005), “[...] desenvolvidas de forma coletiva para resistir à desumanização e à privação psicológica”. Segundo este autor, esta adaptação só foi possível devido os negros escravizados de valerm e basearem-se nos seus valores originários, tradicionais. “Estruturas familiares e de parentesco foram a chave para a formação de uma consciência de comunidade e a transmissão da herança cultural de uma geração a outra” (HASENBALG, 2005, p. 43).

Reis (1996, p. 19) usa apropriadamente a palavra “reinvenção” para designar o que ocorreu. Para ele era “[...] uma mistura fina de valores e instituições várias, a escolha de uns e o descarte de outros recursos culturais trazidos por diferentes grupos étnicos africanos ou aqui encontrados entre os brancos e índios”. Para Reis inicia uma gama diversificada espalhada pelo país que chama de “processo de formação das culturas africanas de sincretismo cultural”. Há uma assimilação e mistura de vários aspectos mítico-religiosos tanto de influência europeia quanto africana e indígena.

Na medida em que os africanos escravizados eram trazidos ao Brasil e se juntavam com os negros escravizados brasileiros iniciava uma interação entre eles, e os problemas no plano religioso eram muito menores do que a língua. Mattoso (1990, p. 105) observa que “[...] quanto ao culto, os escravos brasileiros fizeram-no rapidamente aceitável por quase todos os africanos, juntando nele elementos bantus, iorubás, fons e católicos”. Essa prática resulta em uma nova identidade desses homens e mulheres negras que, na impossibilidade de cultuar os seus deuses africanos na sua forma original, “[...] dissimuladamente os recriavam integrando ritos e símbolos católicos” (APOLINÁRIO, 2000, p. 93). Assim surgem as festas religiosas que revelavam a espiritualidade cristã portuguesa, mas com forte influência de manifestações da espiritualidade africana.

Assim surge o que é denominado de catolicismo popular e que foi sendo moldado desde o final do século 19 e durante o século 20, fazendo com que esta prática religiosa fosse incorporada pela comunidade e tornando-se um fator identitário marcante. O catolicismo popular pelas suas características, muitas vezes não é aceito por alguns setores intelectualizados da Igreja, como apresenta Souza (2013).

Seus costumes e práticas são de caráter tradicional, sendo transmitidos de uma geração para outra e com eventuais alterações sendo vistas como sacrílegas ou como uma perda de respeito, e seus praticantes se situam, majoritariamente, entre os setores mais pobres e menos escolarizados da população, possuindo, ainda, profunda ressonância no meio rural (SOUZA, 2013, p. 5).

Para Souza (2013) este conjunto de manifestações, apesar de gerar desconfiança e até desprezo por parte da classe “intelectualizada”, é tolerado por entenderem que, mesmo se diferenciando da sacralidade oficial da Igreja, é uma estratégia de manutenção da religiosidade católica por parte de quem a pratica.

Foi isso que ocorreu na comunidade quilombola Lagoa da Pedra ao longo desta segunda fase, que é a mais longa em período de tempo espacial. As diversas festas e celebrações associadas à religiosidade, que é a essência do catolicismo popular, formam o que podemos chamar de expressões culturais folkcomunicacionais da Lagoa da Pedra. É nesta segunda fase que a riqueza cultural da Lagoa da Pedra se constitui e se fortalece, onde o imaginário, a religiosidade, o secretismo, a mitologia e o folclore se fundem e moldaram a identidade da comunidade, fazendo surgir uma enorme gama de rituais, crenças, símbolos carregados de simbologia e significados.

Desta forma é possível compreender como, através da tradição oral, esta comunidade conseguiu preservar ao longo de tantos anos a Roda de São Gonçalo, a Folia dos Santos Reis, as novenas de maio também chamada de Doce Coração de Maria ou Festa dos Solteiros e as novenas de junho, também chamada Sagrado Coração de Jesus ou Festa dos Casados, a Folia do Divino Sagrado Coração de Jesus, a Festa do Judas, as fogueiras de São João e de São Pedro, os vários rituais sobre o Imaginário e o espírito dos mortos, para destacar apenas algumas, conforme descrito em detalhes no livro de minha autoria *Cultura Quilombola* (TESKE, 2011).

6.3 Terceira fase – Alguns jovens começam a sair da comunidade em busca de uma vida melhor.

A terceira fase da comunidade quilombola, conforme proposto nesta sistematização, vai ocorrer mais para o final do século 20, principalmente a partir dos anos 70, época em que alguns moradores, notadamente os mais jovens, irão sair da comunidade à procura de uma melhoria de vida ou mesmo por motivo de casamento com pessoas que não eram da comunidade. O destino de alguns foi a cidade de Arraias, outros para Campos Belos-GO e

ainda outros que foram mais longe como Goiânia capital de Goiás ou Brasília no Distrito Federal. Entretanto, estes que saíram nunca se desligaram da comunidade, muito pelo contrário mantiveram uma ligação umbelical com a mesma.

Uma exemplificação desta ligação dos que saíram da comunidade com os que continuam morando no local, percebi por ocasião da Festa dos Solteiros, durante as novenas de maio, na qual uma das peculiaridades é a montagem de uma lista com o nome dos noveneiros. A elaboração artesanal e montagem desta lista ficam por conta de alguns jovens, e que depois de concluída é afixada na porta da escola, onde ocorrem as novenas. Nesta ocasião, em que estive presente, a lista com contava com 158 nomes de solteiros, todos manuscritos. Para montá-la, colaram 15 folhas de ofício, tipo A4, três folhas coladas lado a lado e cinco de cima para baixo, Fig. 31.

Figura 31 - Lista dos noveneiros da Festa dos Solteiros



Fonte: Foto de Adilvan Nogueira, 1/5/2008.

Para cada dia do mês são escolhidas duplas, sempre respeitando a questão de gênero, ou seja, um do sexo masculino e outro feminino, conforme explicado por Ruimar Antônio de Farias: “A gente faz uma relação de todas as pessoas da comunidade, dos recém-nascidos ao mais velho solteiro, sempre formando um par. Até o idoso que não foi casado, entra nessa lista” (Entrevista realizada no dia 1 de maio de 2008). Os noveneiros são os responsáveis para providenciar as velas e os fogos para as novenas no dia em que foram escalados. Quando se trata de crianças pequenas essa tarefa cabe aos pais.

A lista não é um papel qualquer, pois simboliza a ligação e a união com todos os membros das famílias, inclusive os que saíram para morar em outros lugares. Todos se

comunicam para saber qual o dia em que estão escalados como noveneiros. Disse Rosalina Francisco Machado, na época: “Querem saber quem é o par. Eles cobram e dizem, vá rezar pra mim. Esse momento ajuda a crescer a união”. Ruimar Antônio de Farias acrescentou: “É uma maneira de manter a ligação com quem está fora daqui”. Por esta razão esta lista de nomes tem um caráter simbólico extraordinário. Familiares que residem fora da comunidade, por terem saído, alguns há muitos anos, ligam para a comunidade e querem saber para qual dia foram escalados, e não raras vezes enviam dinheiro para compra de velas, fogos ou para auxiliar na confraternização do encerramento das novenas além de solicitar orações e pedidos específicos.

Da mesma forma, ocorre durante as novenas do mês de junho, também conhecida como Festa dos Casados ou Festa do Sagrado Coração de Jesus, quando também é confeccionada uma lista, só que diferentemente da anterior, nesta estão relacionados os nomes dos casais, tanto da comunidade como os que residem em outros lugares, contudo tem as suas raízes na Lagoa da Pedra. Esta lista está colada na parede bem ao centro nos fundos do altar improvisado, dentro da sala de aula, em um cartaz confeccionado por eles em cartolina, onde estão escritos os nomes dos casais sempre em par, correspondente a cada dia do mês de junho. As laterais da lista são enfeitadas com papel crepom vermelho e no topo se lê: Lista. Noveneiros do mês de junho. Sagrado Coração de Jesus. Logo abaixo, a lista dos nomes dos noveneiros do mês e o desenho de um coração encarnado com uma tira verde sobreposta onde estava escrito: Amor. Em cada um dos lados do coração estava escrito um versículo da Bíblia, em um dos lados: O amor é o mais importante de todos, e do outro: Aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus nele.

A lista de nomes demarca um momento de união com todos aqueles que nasceram na comunidade e, em vários casos, constituíram família em outras cidades, mas são considerados quilombolas. Cada nome que consta na lista e seu par é motivo de comentários nas rodas de conversa das famílias, durante os sessenta dias de novenas. Percebe-se através desse gesto que a Lagoa da Pedra é uma comunidade bem maior sob o ponto de vista identitário e cultural, pois não se restringe estatisticamente aos moradores da Lagoa da Pedra. Antes da chegada das novas tecnologias o contato era feito, primeiramente, por recados de conhecidos ou familiares de Arraias ou Campos Belos, depois por telefone e atualmente pelas redes sociais.

Todas estas celebrações na segunda e terceira fase, sempre foram conduzidas pelos quilombolas, podendo ser homens ou mulheres, dependendo do evento e nunca com a presença de algum padre ou religioso, que nos estudos teóricos da Folkcomunicação são denominados de agentes Folk.

Nesta fase, o rádio era um dos meios de comunicação pelo qual os quilombolas ficavam informados dos acontecimentos tanto do país quanto das cidades vizinhas.

Nas últimas décadas desta fase, algumas práticas culturais, fortemente ligadas à ancestralidade deixam de acontecer e permanecem apenas na memória coletiva da comunidade, como por exemplo, bater em uma pessoa falecida cujo espírito estava resistente em ser levada ao cemitério. Um costume dos antigos era dar cipoada, como dizem, fazer uso de um cipó e bater no corpo do defunto que dava de que não estava preparado para ser levado ao cemitério. Para eles, um sinal claro é quando o caixão ou a rede com o defunto ficava tão pesado que ninguém dava conta de carregá-lo. Para que o funeral pudesse ter sequência e ser concluído alguns dos antigos que dominavam esta prática, pois não eram todos que o podiam fazer, usavam deste artifício, denominado, por eles, de simpatia, ou seja, surram o morto com ramos de árvores e aí ficava leve e estava pronto, conforme relatam alguns entrevistados.

É uma lenda antiga, que passa de pessoas para pessoas. Diz que a pessoa não que é para o cemitério e aí se pega uns ramos e dá umas lapadas e aí fica leve e as pessoas conduzem até o cemitério. Esses dois dias aconteceu um negócio aí, desses. Um senhor aí, o nome dele é Profiro, segundo falaram, ele tava com peso muito grande, tava com paixão, não queria sair da casa e tava muito pesado. Então eles pegaram um cipó verde lá deu umas batida no caixão e aí ficou que leve. [...] ta fazendo quase um mês que aconteceu isso. Agora eu vejo isso como uma lenda, é um costume (entrevista realizada com Maria Inácia Antônio de Farias e Silva, no dia 2 de novembro de 2008).

Para Diomar Antônio de Farias, a prática de surrar o defunto é uma lenda dos antigos, mas que de fato ocorria e, eventualmente, segundo ele, ainda pode ocorrer.

O povo de primeiro tinha aquela ilusão de batê em defunto, de ispancá, di dá cipoada im nêgo que táva pesado demais pra ficá mais leve. [...] mas é ilusão, quem tá lá morto, não sente mais nada, oque. Diz que era nêgo que não queria í [risos] [...] uns tinha fé que era, [os antigos] mas eu, eu não sou ateu, mas não tenho fé nisso não (entrevista realizada com Diomar Antônio de Farias, no dia 2 de novembro de 2008).

Na opinião de Cizesnande Ribeiro Dias o fato de ficar pesado, segundo ouviu dizer, se dava pelo fato do defunto não querer largar a família e aí o povo gritava: “ei chega e dá uma peia nele, dava uma lapada e diz que o caixão ficava mais leve, dizendo o pessoal mais véio, né” [risos]. Para encontrar uma explicação para o peso de um defunto, Balbino Francisco Machado, já falecido, quando o entrevistei em 2008, aos 80 anos, recordou a época em que se carregava o defundo na rede até chegar ao cemitério, necessitando percorrer um trajeto de oito

quilômetros. Ele mesmo presenciou esta prática e levantou duas hipóteses para este tipo de acontecimento, poderia ser o peso dos pecados do falecido ou porque morreu repentinamente e as forças do corpo o faziam pesar. Só conseguiam carregar o defunto porque havia muitos homens que faziam um revesamento constante.

[...] finado Cicino, foi um peso que você num rompia dali té aqui onde eu táva. Tinha que guentá, tinha que pô no chão e gritá pra chegá outros. Chegava a entrá no ombro assim, pesado. Num sei se era os pecado dele, num sei se era o corpo dele que morreu nas força [...] num ficou muitos dias de cama pra quebrantá as força, as carne, porque depois de uns dias na cama a pessoa diminui, fraqueia (entrevista realizada no dia 2 de novembro de 2008).

Altina de Farias Dias, 63 anos na época da entrevista, também já falecida, contou em detalhes como era o processo de levar o morto ao cemitério.

[...] botava o corpo na rede, pegava um pau, um pau grande, cumprido, que dava a quantia que sobrava daquela pessoa. Aí panhá as corda, enrolá o punho da rede no pau e pegava corda e amarrava e passá cá pelo meio do corpo e marrá pra endurecê e agora botava nas costas, um na frente e otro atrás e levava. Eu acompanhava, [...] tinha veis que sofria, quando era poca gente, botava a rede um poco em baixo. Tinha deles pesado, não sei o que qui dáva que ficava mexendo assim. A rede ficava sacudindo assim, pra levá dava trabáio, chovendo, escorregando, assim, sofria muito pra levá lá, mas levava, enterrava lá (entrevista realizada com Altina de Farias Dias, no dia 2 de novembro de 2008).

Ela ainda contou que viu como os mais velhos faziam para que o finado ficasse mais leve quando demonstrava resistência em ir para o cemitério, inclusive relatou o caso de sua tia.

Pegava um raminho, uns ramo lá [...] povo falava que o corpo tava muito pesado, muita complicação, aí passava uma cipoadá na rede, aí ficava mais leve. Fazia! [risos] Eu vi da finada Cinita, tia nossa. Ela não queria ii por tudo, não queria não, acho que queria fica cá memo, se enterrada memo. [...] chega balançava ó. E eles botô bem em riba na casa de Quinca, pra riba de casa de Quinca, botô ela em riba dum chantão lá que serrava madeira aí. Aí botô ela lá em cima e marrára essa rede, apertou essa rede e botava nas costa pra rompê e nada, chêga sacudia. Aí os mais véio dizia: ela não qué rompê, ela tá com birra – aí pegô um cipó lá e deu umas lapada. Pois não consertou? [risos]. Mais não é qualqué um que pegava, era as pessoa mais véia, não era as pessoa mais nova, era as mais véia, porque esse povo mais véio era muito inteligente, sabia muitas coisa, mais não ensinava pra ninguém. Era uma simpatia (entrevista realizada com Altina de Farias Dias, no dia 2 de novembro de 2008).

Atualmente, a estrada está boa e os defuntos são levados de carro até o cemitério do distrito da Canabrava, e, raramente, ao cemitério antigo dos quilombolas, pois se encontra em

terra de um fazendeiro e, por essa razão, está caindo em desuso o velho costume que praticavam, quando tinham que carregar os mortos dentro de redes, como explicou Diomar Antonio de Farias.

[...] hoje tem carro, é a funerária que pega e que leva, né. [...] Agora, hoje tá civilizado, já leva de carro até lá. Os defunto hoje ficou tudo civilizado, não tem o negócio de a pé mais não, [risos] mas naquele num tinha transporte nenhum, era obrigado ii na vara memo (entrevista realizada com Diomar Antônio de Farias, no dia 2 de novembro de 2008).

Na opinião de Altina Farias Dias, os antigos eram muito inteligentes, mas não passavam a informação de como faziam esta “simpatia” e, por isso, os mais jovens não a aprenderam e para o seu Diomar é uma questão de modernidade, alegando que atualmente os defuntos estão mais civilizados. Sobre a origem deste costume eles apenas dizem que isso vem dos antigos. No Portal *Cultura Afro-brasileira* há uma referência sobre este costume, em uma pesquisa realizada por Alceu Maynard⁹⁷, e registrado em um texto sobre o Ritual da Morte⁹⁸, em São Luiz do Paraitinga-SP, ao afirmar: “Ao amanhecer, colocam-no na rede. Para tal, vão ao mato e cortam uma vara de tacuruçu e amarram a rede embira. ‘Se defunto estiver muito pesado, deve-se surrá-lo com uma vara, para ficar mais leve’” (PORTAL DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA, s/d). Entretanto não há menção sobre a origem deste costume. Apenas faço questão de registrar este fato, demonstrando que esta prática não é originária na Lagoa da Pedra, talvez tenha suas raízes na cultura originária africana.

De todo modo, mesmo que a prática de surrar os defuntos resistentes ao sepultamento não exista mais, estas histórias continuam sendo contadas aos mais novos, fazendo com que continuem a integrar a identidade cultural da Lagoa da Pedra e agora, suas histórias, anteriormente só conhecidas através da tradição oral, repercute ao mundo pela rede mundial de computadores. Esta fase da comunidade se estende até o início do século 21, em que ocorrem mudanças substanciais, como nunca antes havia acontecido ao longo de toda a sua história.

⁹⁷ Na Escola de Sociologia e Política fez estudos na área de etnografia e sociologia que o transformaria em um dos mais importantes especialistas em folclore da história das ciências sociais no Brasil. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/2494466>>.

⁹⁸ Fonte do texto publicado originalmente: "Ritos de morte". Correio Paulistano. São Paulo, 17 de abril de 1949.

6.4 Quarta fase – Certificação como comunidade quilombola, titulação individual das propriedades e reorganização.

No meu entender ao fazer a sistematização das fases da comunidade, é que o início da quarta fase da Lagoa da Pedra, se dá no momento da certificação da comunidade pela Fundação Cultural Palmares como uma comunidade remanescente de quilombo e a titulação individual das terras pelo Itertins, em setembro de 2004. É a partir deste momento, as políticas públicas começam a chegar na comunidade; os idosos finalmente conseguem a aposentadoria; vários programas sociais são implantados; o primeiro telefone público via satélite é instalado; a implantação de rede de distribuição de água e instalação de banheiros, com fossa séptica em todas as residências; a energia elétrica chega a todos através do Programa Federal Luz pra Todos; conseguem um trator agrícola por doação da Fundação do Banco do Brasil; a implantação de uma horta comunitária circular; uma linha de ônibus ligando a comunidade à Arraias-TO e Campos Belos-GO; transporte escolar; acesso ao financiamento do Programa Nacional de Agricultura Familiar - Pronaf; melhoramento na Escola Municipal da comunidade; realização de Feiras de Agricultura Familiar; participação em Conferências Municipais, Estaduais e Nacionais diversas; reconhecimento por parte da sociedade circundante e visibilidade no âmbito municipal, estadual e nacional. Estes são alguns dos aspectos que, efetivamente, mudaram o perfil da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, entretanto fica evidente que é neste período que ela reafirma a sua identidade, através de suas manifestações culturais diversas.

Ao preservar contando as suas histórias, seus saberes e fazeres está demonstrando um processo de resistência. Como já exposto anteriormente, a vida e a lida dos quilombolas não foi fácil e sempre foi marcada por lutas pela sobrevivência, denotando que não houve passividade, mas procurando pelos seus direitos como cidadãos, mesmo que, com muita dificuldade, visto que a maioria dos adultos era analfabeta. O isolamento desta comunidade fez com que encontrasse alternativas de cura em remédios caseiros, chás feitos de diversas raízes, folhas e frutos, sempre acompanhados com rezas e benzimentos, demonstrando um saber tradicional herdado dos antepassados. Pela dificuldade que as mulheres grávidas tinham em ir até um hospital para dar à luz a seus filhos, principalmente pela distância, a prática do parto domiciliar era absolutamente normal, realizada pela parteira, dona Maria Dias, nas mãos pelas quais nasceu grande parte dos moradores da comunidade. Todas estas práticas de saber tradicional e popular e, ainda acrescento, um saber e fazer folkcomunicação começa a

ganhar visibilidade e respeito na academia, através das pesquisas científicas que ocorreram na comunidade ao longo desta fase.

Melhoria das condições econômicas – geradora de mudanças

É neste período que os quilombolas começam a melhorar suas condições econômicas, consequência das políticas públicas a que tiveram acesso e conseguem comercializar os produtos da agricultura familiar, sem uso de agrotóxicos. Alguns conseguem melhorar a construção de suas casas, adquirir alguns bens, inclusive veículos como motos e carros. É interessante observar como os quilombolas estão lidando com as mudanças causadas com a chamada modernidade, seja no uso dos bens adquiridos, dos antigos costumes, das vestimentas e cuidados com o próprio corpo, principalmente as mulheres, notadamente as mais jovens.

Um dos aspectos de mudança foi a aquisição de fogão a gás, entretanto, mesmo que este esteja ali, não abrem mão do antigo fogão caipira ou a lenha. Uma das razões que fez com que alguns adquirissem o fogão a gás se deu por conta do pretume e foligem que fica impregnado nas paredes, como disse Valcy Antônio Dias, que desmanchou uma cozinha velha e, inicialmente iria dispensar o uso do antigo fogão caipira. É como uma onda de modernidade que chega nestas comunidades e faz com que alguns pensem que os seus costumes estão ultrapassados e, por esta razão, são impelidos à modernidade.

Aí aqui a cuzinha quando chovia, era essa cuzinha aqui, o fugão caipira aqui, inclusive essas parede que tá preta é sinal de fugão caipira, né! [...] E desmanchei essa cuzinha véia, fizemo essa daqui. Aí falei, agora não vô mais sabê fazê cumida no fugão caipira aqui dentro de casa mais. Aí fez essa barraquinha aí fora (Entrevista com Valcy Antônio Dias, no dia 9 de janeiro de 2017).

Esta cozinha nova foi construída com tijolos, pois alega que o adobe está difícil de encontrar, e nesta cozinha agora reconstruída instalou um fogão a gás, contudo não abriu mão do antigo fogão, e construiu um anexo com o adobe da cozinha velha para reinstalá-lo. Segundo afirma, o gosto da comida feita no fogão caipira é muito melhor.

E o fugão à lenha, caipira. Aí se fô assá uma carne, uma costela, feijão já cuzinha prá lá. [...] Ixi. É muito mais melhó. Frango caipira é muito difícil eu cuzinhá aqui no fugão a gás. O gosto é ôtro. É ôtro. Tudo eu faço lá. Agora aqui faço um arroz, uma abobrinha, né! Um macarrão, pois mais rápido. Um café (Entrevista com Valcy Antônio Dias, no dia 9 de janeiro de 2017).

Em outras palavras, é a resistência cultural que está vencendo a modernidade, contudo sabe conviver com as duas realidades. Por outro lado, sabe muito bem a diferença entre um e outro, tanto no gosto da comida quanto na duração da temperatura da comida que é feita nos dois tipos de fogões.

Esse aí, [enquanto estica o dedo e mostra o fogão a gás] o que faço é mais o arroz e café. Mais, é tudo lá, [estica o braço e aponta para o anexo do lado de fora da casa, ao lado da cozinha onde está o fogão a gás]. Essas coisas mais pesada, carne, que demora mais. Às vezes faço uma friturinha duma carne aí, mas é poquinho. Um ovo que tá querendo aí, eu frito um ovo, rapidão, né! Mas mais é lá mesmo. Às vezes, quando tivé muito avexado, às vezes faz rapidão aí, mas eu num acho o gosto da comida aí do fogão a gás, já muito bem. Às vezes faço aí, quando mais de meia hora aí, tá tudo frio, sabe. E lá no fogão não. Lá você faz e pode ii na Lagoa da Pedra tudo aí, e quando chegá a comida tá quente. Isso aí, mudô muito sabe! Mudô demais. Mas toda vida eu tinha meu fogão a lenha, toda vida (Entrevista com Valcy Antônio Dias, no dia 9 de janeiro de 2017).

Nestas palavras da quilombola Valcy fica claro novamente a resistência cultural, ao mesmo tempo em que entende as profundas mudanças que a modernidade impôs e começa a fazer parte do cotidiano e é incorporada à identidade cultural da comunidade, a resistência fica evidente ao afirmar que durante toda a sua vida tinha fogão a lenha e não deixará de usá-lo, apesar do fogão a gás também já fazer parte de sua vida. Helena Ferreira da Silva confirma isso ao falar sobre as mudanças e permanências culturais da comunidade: “Por exemplo, hoje quase todo mundo tem o seu fogão a gás em casa, mas eles continuam usando o fogão de lenha” (Entrevista realizada com Helena Ferreira da Silva, no dia 8 de janeiro de 2017).

Em determinada ocasião, durante a minha pesquisa, enquanto estava ali na cozinha, ao lado do fogão à lenha, Fig. 32, na casa de Diomar Antônio de Farias, que, com o seu bom humor costumeiro, saiu correndo e disse: “Espere um pouco aí que já volto, é rapidinho, vou ali buscá meu butijão de gás”. De imediato não o entendi, mas, em seguida, ele retornou com dois troncos secos para aumentar o fogo no fogão caipira dizendo: “Resolvido. Esse funciona e é mais barato”.

Figura 32 – Fogão a lenha ou caipira na casa de Diomar Antônio de Farias



Fonte: Foto de Wolfgang Teske. 5/01/2017.

Outro aspecto que demonstra a compreensão de um sistema para outro é o fator econômico, conforme afirma Valcy Antônio Dias.

É mais caro, custô o que, setenta e oito. Inclusive acabô mês passado aqui, táva cheio de gente pro Natal aí cabô. Todo mundo feiz uma vaquinha aqui, um deu vinte, deu vinte, deu vinte, foi lá, num instante comprô gás no minino de Jair. Mas de Campos Belos meu genro trais ele aqui de sessenta, agora que passou pra setenta, né! Mais aqui é setenta e oito. Aí graças a Deus a gente não fica sem ele não. Acho que mudô muito, demais (Entrevista com Valcy Antônio Dias, no dia 9 de janeiro de 2017).

Os quilombolas compreendem perfeitamente o custo de cada um e o tempo para substituir quando falta, além do trabalho adicional que é necessário para adquirir o botijão de gás quando este acaba.

Outro aspecto que causou profundas mudanças, a partir da chegada da energia na comunidade, foi a televisão. Este foi um sonho de consumo imediato e que, obviamente, influenciou em vários aspectos a comunidade, como ocorre em todos os lugares. Quando iniciei as pesquisas na Lagoa da Pedra, em 2006, apenas quatro famílias possuíam aparelhos de televisão, e atualmente, todos possuem esse eletrodoméstico. As antenas parabólicas já não são mais novidades ao lado das casas de adobe, visto que na comunidade não pega sinal direto de nenhuma retransmissora do Tocantins. A partir de um fato como esse, a alteração cultural é inevitável, pois muitas rodas de conversa, tão comuns, anteriormente, começam a ceder espaço para as novelas e outros programas televisivos, que passam a ser imperdíveis, atraindo

a atenção e modificando comportamentos, principalmente dos mais jovens. A quilombola Helena Ferreira da Silva comenta sobre este assunto:

Eu acredito que sim. Influencia no modo de vida, de fala, e de tudo. Acho que, mas não completamente. Aqui na comunidade eles usam a tecnologia, a televisão, mas eles não deixam a cultura um pouco dos costumes deles não. Influencia em parte (Entrevista realizada no dia 8 de janeiro de 2017).

Por uns instantes ela fica pensando e, em seguida, exemplifica a sua argumentação. Para ela o esporte, notadamente o futebol praticado pelos jovens da comunidade, não perdeu espaço para a televisão. “Os jovens, final de tarde, por exemplo, a televisão não segura eles. Eles vêm pro campo jogá bola, pra deixá a diversão, o esporte. Acho que isso não segura, porque isso, sempre tão vindo, tão participando, tão jogando”. Já à noite houve alteração no comportamento das pessoas da comunidade, conforme afirmou Helena.

À noite, antes, o pessoal se reuniam mais, né, em roda de conversa, de brincadeiras. E hoje, acho que a televisão atrapalha nessa parte, porque muitos ocupam mais o tempo assistindo novela, assistindo os programa da televisão, e deixa esse lado de tá visitando as pessoas, os vizinho, acredito que é isto (Entrevista realizada com Helena Ferreira da Silva, no dia 08 de fevereiro de 2017).

Esta fala da Helena me trouxe à memória momento da pesquisa que fiz na comunidade sobre a Novena de Maio, no ano de 2008. Um fator que começa a interferir, de certa forma, na programação das novenas é a televisão. Naquela época várias famílias já tinham adquirido um aparelho de TV e, conseqüentemente, as novelas são programas de grande audiência e atraem a atenção de muitos, como ocorreu no segundo dia das novenas. Naquela ocasião, enquanto grande parte dos participantes já estava reunido na sala de aula para o início das ladainhas, duas jovens estavam sentadas em frente à TV assistindo o último capítulo da novela *Desejo Proibido*, da Rede Globo. Uma das tias, ao vê-las ali, as convidou para participar do evento religioso com caráter sagrado, mesmo que não conduzido por nenhum padre, ao que responderam: “Tô indo, tô indo” e em seguida se dirigiram para a escola.

Para Maria Inácia Antônio de Farias e Silva, a programação televisiva pode atrapalhar, mas a manutenção das manifestações culturais depende muito mais do interesse das próprias pessoas: “Eu vejo hoje como a evolução, televisão, essas coisa, tão atrapalhando, mas eu não vejo como atrapalhá, eu acho que a pessoa, ele vê que não tem interesse de conhecê a história e de que a história continue” (Entrevista com Maria Inácia Antônio de Farias e Silva, no dia 1 de maio de 2008).

Anteriormente, as rodas de conversa giravam em torno da agricultura, criação de gado, da fabricação de farinha, das notícias que ouviam nas rádios e agora é a televisão que impõe ou acrescenta a pauta das conversas, seja das histórias das novelas ou das notícias, como diz Helena Ferreira da Silva.

Quando se reúnem, a gente vê os menino comentando os capítulos, as notícia. Por um lado é bom, porque está aprendendo e ficando informado da notícia no mundo inteiro, o que está se passando. Principalmente, as pessoa mais velha, eles assistem mais os jornais, jornais informativos (Entrevista realizada com Helena Ferreira da Silva, no dia 8 de fevereiro de 2017).

Pela explicação da Helena fica claro de que a TV os deixa conectados com o mundo e, segundo afirma, isso é bom, porque vão aprendendo, o que quer dizer, está tirando eles do isolamento a que pertenciam anteriormente. Ao comentar sobre a chegada da televisão, das mudanças de comportamento que isto provocou nos quilombolas e do que vêem na telinha, dona Valcy Antônio Dias, 62 anos, em uma roda de conversa ao lado do marido, da filha Joelma que a estava visitando, pois reside em Brasília, disse:

Nossa, assisto jornal aí. Foi ela que comprô, né! [apontando para Joelma, filha] é digital né! Comprô pra mim, custô nessa época, mil e tanto [filha diz mil reais] mil reais. Ela tá aí. Foi um presente da filha. Tela plana, bonita. Foi da Joelma (Entrevista com Valcy Antônio Dias, no dia 9 de janeiro de 2017).

Observa-se que os quilombolas começam a incorporar novos termos relacionados com as modernas tecnologias como mencionou, ao dizer que o televisor que a filha lhe havia presenteado era digital e tinha tela plana. Mesmo não sabendo tecnicamente a diferença entre o que é analógico e digital, aparelhos de TV de tela plana ou de tubo, o que chama a atenção é que a linguagem já está incorporada e sabendo enxergar a diferença com outros aparelhos de TV que existem no mercado e na própria comunidade. Também deixa a entender que este tipo de aparelho é mais moderno e que lhe traz alguma satisfação em saber que está sintonizada com a modernidade.

Entretanto, para ela, mesmo que o aparelho seja moderno, nem tudo o que passa na programação é bom ou adequado e discorda de algumas coisas que são exibidas nos programas na TV, em uma demonstração de resistência a tudo que é tido como moderno.

Eu não gostei daqueles negócio de as muié só de calcinha, fio dental assim ó, uns bejo véio nojento, num gosto. É homem com homem, é muié com muié. Naa. Não bate não. Na minha época num tinha essas coisas né! A criação era ôtra. Hoje tá

diferente. Eu inclusive falo pra Domingo aí, [Domingos é o marido dela que estava acompanhando a conversa que a maioria desses minino novo, essas menina nova tão se perdendo por causa dessas televisão, sabe! (Entrevista com Valcy Antônio Dias, no dia 9 de janeiro de 2017).

Ao se referir à televisão, ela não está se referindo ao aparelho em si, pois isto para ela é uma coisa boa e moderna, e, sim, a determinados programas que são exibidos e que, no seu entender, estão fazendo com que os meninos e meninas, os (as) jovens estejam se perdendo. O que ela quer dizer, que está havendo uma mudança do comportamento, da cultura local afetando a própria identidade quilombola.

Ao analisar esta situação, ela detalhou mais um pouco do reflexo dos programas da televisão no comportamento dos jovens. “Tem influência né! Aí vendo, esses minino assistindo isso daí, assiste, vê essas coisa, esses rapaizinho vê essas coisa na televisão né! Pode gostá da mesma coisa. A televisão é assim, mostra as coisa boa, mas as coisa ruim também”. Neste momento está se referindo à questão da homossexualidade e de comportamentos liberais que ainda chocam a comunidade, principalmente os mais velhos. Outro ponto que ela analisa são os filmes que são exibidos e que atraem a atenção.

Esse negócio de filme, essas coisa de revólve atirando, essas coisa. Eu acho que é esquisito, né! Porque na minha época se tivesse esses minino assim, eu num deixava assisti essas coisa aí não. Por isso que a violência tá no mundo inteiro, porque acho que [incompreensível] da televisão né! (Entrevista com Valcy Antônio Dias, no dia 9 de janeiro de 2017).

No entender dela, a televisão ao exibir esse tipo de filmes com violência, assassinatos e coisas do gênero, incita as pessoas a agirem do mesmo modo e isso ela não quer para a sua comunidade. “Aqueles que tem o consentimento assim, bom, eles não praticam umas coisas dessas, mas os que já é mei, mais coisa, acho que vão aprendendo né! E agora eles começa a fazê as coisa ruim né”! Nesta parte da conversa, ela deixa claro que já há tanta violência como comportamento nas relações interpessoais que diferem da cultura anterior, por parte de jovens da comunidade e que estão se espelhando no enxergam na TV.

Acho que muitos qué fazê aquela, assim né! Inclusive, passa a gente já vê, né! Quase imitando mesmo. Até os vestuário, aquelas ropinha curta [risos] aqueles shortinho tudo curto, Gente, como vestem uma ropa dessa? Mas vê na televisão as pessoa quase pelado, né! Qué vestí assim também. [Domingos, o marido diz: é a moda] É a moda não. Isso aí num é moda. Não. [...] Mas a criação da gente era totalmente diferente do que hoje. Hoje, os fio mudô. (Entrevista com Valcy Antônio Dias, no dia 9 de janeiro de 2017).

O que choca os mais velhos da comunidade quilombola é a questão do liberalismo sexual, tão presente e explícito no século atual.

Por outro lado, os quilombolas não tem a intenção de impedir que suas famílias assistam os programas de televisão e, diante disso, conseqüentemente, ocorre frequentemente a ressignificação de suas manifestações culturais. Um exemplo é o que eu mesmo vivenciei por ocasião da pesquisa que realizei, no ano de 2006, sobre a Roda de São Gonçalo⁹⁹. Nesta manifestação cultural, de caráter religioso, realizada por pagamento de promessa, também conhecida como celebração de ex-votos, dentre outras alegorias, há o costume de fazer flores de papel, Fig. 33, que enfeitam os arcos que as mulheres carregam para dançar e embelezam o altar improvisado em meio a imagens dos santos e das velas. Nesta ocasião, todas as flores de papel crepon escolhidas foram confeccionadas nas cores verde, amarelo e branco e isto por uma razão especial e que não tinha nada a ver com o pagamento da promessa. É que esta celebração ocorreu bem no período que antecedeu a Copa do Mundo naquele ano, e a intenção foi homenagear a Seleção Brasileira com este gesto.

Figura 33 – Jovem quilombola confeccionando as flores de papel



Fonte: Foto de Émerson Silva, 4/6/2006.

Para algumas rodeiras¹⁰⁰ o significado das flores é só para enfeitar o arco, já para o Guia-Mestre, Joaquim Bento da Silva, além de enfeitar “[...] é para ter uma influência com o santo, é para cumprir o voto bonito” (Entrevista realizada no dia 22 de abril de 2006). Há outro fator agregado a esta ressignificação, pois os quilombolas gostam muito de futebol e este espírito esportivo dos devotos é agregado ao pagamento de promessa, tornando-se uma comunicação folkcomunicação ainda mais rica do ponto de vista cultural.

⁹⁹ A história completa desta celebração está no livro *A Roda de São Gonçalo: um estudo de processo folkcomunicação*. Goiânia: Kelps, 2018.

¹⁰⁰ São as mulheres que dançam a Roda de São Gonçalo, normalmente composta por doze pares de mulheres, ou seja, 24 rodeiras.

O detalhe desta ressignificação é que ela resultou de uma ação midiática, pois a Copa do Mundo estava ocorrendo na Alemanha e o povo brasileiro naquele ano se preparou para este evento, sendo que ruas, casas, escolas, clubes dentre outros enfeitavam todos os lugares, vendiam artefatos, roupas e tantos outros objetos com as cores da seleção brasileira. Este efeito midiático, veiculado pela televisão, aparelho que havia chegado à Lagoa da Pedra alguns meses antes deste evento esportivo mundial, fez com que os participantes do pagamento de uma promessa a São Gonçalo, envolvessem o próprio santo no clima da Copa do Mundo, como é possível perceber até na ornamentação do altar improvisado, Fig. 34.

O cumprimento de uma promessa que ocorreu em uma comunidade quilombola no interior do Brasil e que ressignificou uma manifestação cultural local com um evento de repercussão mundial demonstra criatividade e, por sua vez, sem perder a sua seriedade e nem é levado na brincadeira, muito pelo contrário, é original e se trata de um processo folkcomunicação de uma beleza icônica e visual, provocado pela influência midiática.

Figura 34 – Altar com a imagem do São Gonçalo em meio às flores de papel



Fonte: Foto de Émerson Silva. 3/6/2006.

Penso que este é um fenômeno que Canclini denomina de cruzamentos socioculturais em que o tradicional e o moderno se misturam (CANCLINI, 1998, p. 18). Esta mistura de dois sistemas de comunicação que ocorreu na Roda de São Gonçalo pode ser considerada um fenômeno, conforme conceituado por Canclini, de manifestação cultural híbrida.

Foi nesta quarta fase que a comunidade quilombola Lagoa da Pedra ganhou visibilidade através do sistema midiático, seja na televisão, nos impressos, jornais e revistas e

na Internet. É neste período que iniciam as pesquisas acadêmicas, pautadas no valor e importância da cultura da comunidade e também quando começam a promover eventos tanto na própria comunidade ou em outras cidades nas quais estão envolvidos e que são repercutidas no sistema midiático. Aqui inicia a minha trajetória como pesquisador que, a partir deste momento, não teve mais interrupção até o presente momento. Portanto, na sequência seguirá um itinerário tanto das pesquisas como das ações, projetos e conquistas que aconteceram em conjunto e em parceria com a comunidade quilombola Lagoa da Pedra. Nenhuma destas ações ocorreu de forma unilateral, mas sempre articulada contando com o envolvimento e autorização dos quilombolas.

1ª Conferência Estadual de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

A primeira pesquisa que realizei na Lagoa da Pedra, teve início ao manter os primeiros contatos com três quilombolas da comunidade, Ruimar Antônio de Farias, Helena Ferreira da Silva e Rosimaria Antônio de Farias, durante a 1ª Conferência Estadual de Políticas de Promoção da Igualdade Racial¹⁰¹ ocorrida, em Palmas nos dias 5 e 6 de maio de 2005. Esta Conferência foi promovida pelo Governo do Tocantins, por meio da Secretaria da Cidadania e Justiça, com o tema “Estado e Sociedade Promovendo a Igualdade Racial”. Nesta época, 12 comunidades quilombolas no Tocantins estavam identificadas pela Fundação Cultural Palmares. A cerimônia de abertura contou com a presença do governador Marcelo Miranda, da ministra da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – Seppir, da Presidência da República, Matilde Ribeiro e do secretário da Cidadania e Justiça Télió Leão Ayres. A partir desta conferência é que, pela primeira vez, no estado do Tocantins foram definidas ações para que a igualdade racial fosse priorizada, com um tratamento diferenciado e que os afrodescendentes tivessem os seus direitos reconhecidos, com um destaque para as comunidades quilombolas.

Foi neste evento que apresentei o primeiro projeto de pesquisa para Ione Evangelista Araújo, que foi a responsável em reunir a documentação necessária da comunidade quilombola Lagoa da Pedra para que fosse certificada como quilombola pela Fundação Cultural Palmares, quando ocupava a função de secretária de cultura de Arraias-TO. Nesta Conferência, ela e o Ruimar Antônio de Farias, como representante da Lagoa da Pedra,

¹⁰¹ Disponível em: <<https://secom.to.gov.br/noticia/5964/>>.

fizeram uma apresentação dos trâmites que haviam sido adotados, visto ser a primeira a ser reconhecida como quilombola no Tocantins. A Ione Evangelista Araújo, a partir desta Conferência foi nomeada como gerente da Secretaria de Cidadania e Justiça e foi a ponte para viabilizar a minha chegada à comunidade e fortalecer os laços de amizade com os três representantes da comunidade que estavam presentes no evento. Entre maio e dezembro de 2005, o projeto de pesquisa foi organizado e, em fevereiro do ano de 2006, iniciei a pesquisa para analisar e sistematizar uma das mais antigas manifestações da comunidade, a Roda de São Gonçalo, que foi um estudo de caso de processo folkcomunicação desta celebração.

I Encontro de Comunidades Quilombolas do Tocantins

Para conhecer melhor, não só a comunidade quilombola Lagoa da Pedra teve a oportunidade de participar do I Encontro de Comunidades Quilombolas do Tocantins que ocorreu na cidade de Brejinho de Nazaré, entre os dias 10 a 12 de maio de 2006, evento promovido pela Secretaria de Cidadania e Justiça, Ministério Público Federal, Prefeitura Municipal e outros Órgãos governamentais. Deste evento participaram dez das 14 comunidades quilombolas reconhecidas até aquela data. Comunidades participantes: Lagoa da Pedra, Arraias; Chapada da Natividade, Chapada da Natividade; São José, Chapada da Natividade; Redenção, Natividade; Morro de São João, Santa Rosa do Tocantins; Prata, São Félix; Lajinha, Porto Alegre; São Joaquim, Porto Alegre do Tocantins; Córrego Fundo, Brejinho de Nazaré; Malhadinha, Brejinho de Nazaré. A comunidade quilombola Lagoa da Pedra foi representada naquele evento por um grupo de 30 pessoas. Este encontro já era um dos resultados decorrentes da I Conferência de Políticas de Promoção da Igualdade Racial que havia ocorrido há um ano. Também foi a primeira vez que vários representantes quilombolas da Lagoa da Pedra saíram da comunidade para debater a questão dos direitos humanos, ouvir palestras que trataram sobre o resgate da cidadania e interação com as demais comunidades quilombolas presentes. Houve ampla divulgação e repercussão na mídia local deste encontro, pois se tratava de algo inédito no Estado, Fig. 35. Sob o ponto de vista dos estudos teóricos com base na Folkcomunicação, este foi o primeiro evento Folkmidiático com enfoque quilombola, pois vários aspectos da cultura quilombola ficaram em evidência durante os dias do encontro na mídia local, através de jornais impressos, noticiários da televisão e nos programas de rádio de toda a região.

Figura 35 – Matéria publicada no Jornal do Tocantins, 12/5/2006



Fonte: Acervo particular do autor.

Três destaques colocaram a comunidade da Lagoa da Pedra em evidência e que foi destaque na mídia. O líder quilombola Ruimar Antônio de Farias falou em nome de todas as comunidades, o grupo de dança da Sússia veio com roupas especialmente confeccionadas para o encontro de integração com as outras comunidades, na noite cultural e a fotografia da garota Janaíza Dias dos Santos que ilustrou o banner e o folder. Para a grande surpresa de todos os quilombolas da Lagoa da Pedra, viram a sua menina ali no folder e no banner principal em tamanho gigante no palco atrás da mesa de honra, Fig. 36.

Figura 36 – Banner com foto da Janaíza, I Encontro de Comunidades Quilombolas do Tocantins

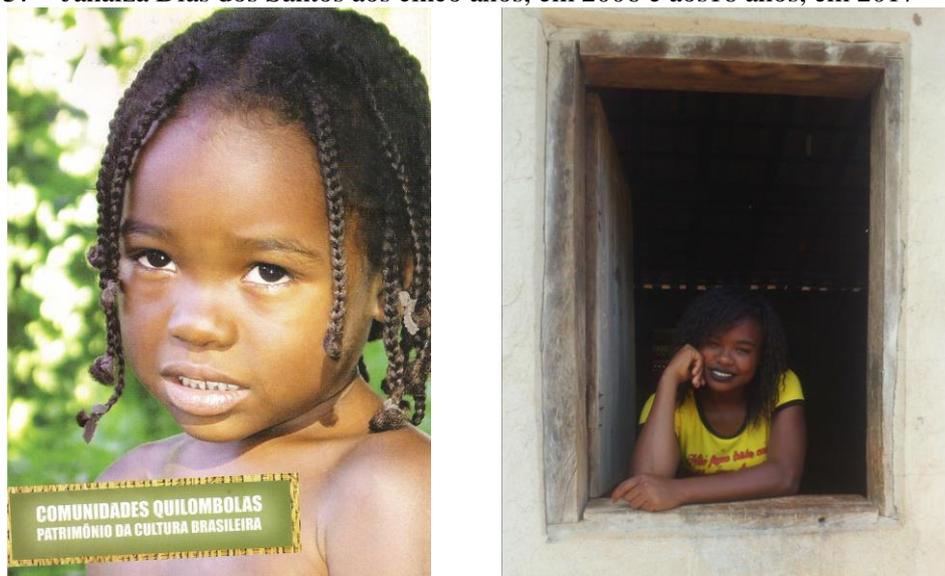


Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 10/5/2006.

Foi a primeira vez que esta comunidade quilombola se viu representada desta forma e isto foi motivo para espanto e, simultâneamente, de honra e muita alegria.

Para minha surpresa e alegria particular, esta fotografia fora selecionada pela Secretaria de Cidadania e Justiça do Tocantins, para ser colocada no folder do evento e no banner do I Encontro de Comunidades Quilombolas do Estado do Tocantins, Fig. 37.

Figura 37 – Janaíza Dias dos Santos aos cinco anos, em 2006 e aos 16 anos, em 2017



Fonte: Fotos de Wolfgang Teske, abril de 2006 e 9 de janeiro de 2017.

Esta primeira foto da Janaíza tem um significado especial para mim, pois faz parte do acervo de fotografias que tirei durante a primeira pesquisa que fiz na comunidade quilombola Lagoa da Pedra. Era a segunda viagem, ocasião em que comecei a visitar as famílias, e fotografei esta criança, a Janaíza Dias dos Santos, de cinco anos, menina criada apenas pelo pai e pelos avós. Nunca tinha sido fotografada, como as demais pessoas da comunidade, pois eram os primeiros registros fotográficos da comunidade.

Este I Encontro das Comunidades Quilombolas do Tocantins foi um momento em que os grupos de Sússia destas comunidades puderam interagir, dançando e celebrando a união quilombola. O comentário entre eles girava em torno das pequenas diferenças na dança e no ritmo das caixas, dos pandeiros e zabumbas, Fig. 38.

Figura 38 – Noite cultural, dança da Sússia – 1º Encontro de Comunidades Quilombolas do TO



Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 10/5/2006.

O ritmo dos pandeiros, das caixas (tambores), dos bumbas (zabumbas) movimentou todos os participantes que se envolveram e acompanharam a dança neste batuque cultural, de identidade afro-brasileira.

A Roda de São Gonçalo e a Folkmídia

Menos de um mês após o I Encontro das Comunidades Quilombolas do Tocantins, outro evento colocou a comunidade Lagoa da Pedra na pauta midiática. Ocorreu no dia 4 de junho de 2006, momento em ocorreu uma Roda de São Gonçalo, em cumprimento a uma promessa feita por Maria José Barbosa dos Santos e cumprida pelo marido Balbino Francisco Machado, pelo fato da esposa ter falecido antes de cumprir a promessa.

Por ser uma história peculiar, e um acontecimento de caráter sagrado, mítico e místico, com aspectos de africanidade e que remontam à ancestralidade desta comunidade, divulguei e mobilizei a TV pública estadual para fazer uma cobertura televisiva deste acontecimento, o que de fato, ocorreu, Fig. 39. O repórter Sydney Neto foi até lá e fez uma reportagem especial veiculada, inclusive, em rede nacional pela Redesat, TV Cultura, no dia 06 de junho de 2006, com duração de 5 minutos e 57 segundos. Foi a primeira reportagem televisiva de ampla

repercussão desta manifestação cultural. Esta reportagem também foi postada e disponibilizada no canal do Youtube¹⁰².

Figura 39 – Repórter Sydney Neto fazendo reportagem especial da Roda de São Gonçalo



Foto: Foto de Êmerson Silva, 4/6/2006.

No dia 18 de junho de 2006, o Jornal do Tocantins publicou uma reportagem especial ilustrada com fotografias, de capa inteira no Caderno Arte&Vida, sobre a Roda de São Gonçalo ocorrida na Lagoa da Pedra, que eu havia escrito e encaminhado para a redação, Fig. 40.

Figura 40 – Jornal do Tocantins, 18/6/2006



Fonte: Acervo particular do autor.

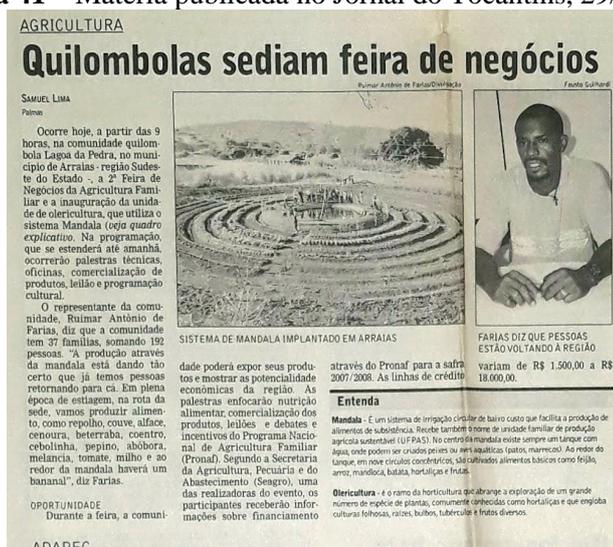
¹⁰² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gpK27zkRzYE&t=83s>>. 15.421 visualizações até o dia 22/6/2018.

Estas duas reportagens especiais foram o ponto de partida para uma sequência de matérias, reportagens, palestras, publicação de livros e artigos como será apresentado a seguir, colocando a comunidade quilombola Lagoa da Pedra na pauta cultural e midiática do estado do Tocantins.

Feiras de Agricultura Familiar na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra

As quatro Feiras de Agricultura Familiar promovidas pela comunidade quilombola Lagoa da Pedra em parceria com Órgãos governamentais, prefeitura municipal, secretarias do governo estadual, Ruraltins entre outros, também foram divulgadas por reportagens de TV e pelos jornais impressos, além dos sites de notícias e blogs. Para exemplificar segue uma matéria da 2ª Feira de Agricultura Familiar promovida na Lagoa da Pedra, por ter chamado a atenção da mídia, pela programação, Fig. 41, evento no qual foi inaugurada a primeira horta circular do estado do Tocantins; ministradas palestras sobre financiamento através do Programa Nacional de Agricultura Familiar – Pronaf, com linhas de crédito que variaram entre R\$ 1.500,00 a R\$ 18.000,00, algo inédito para os quilombolas da comunidade e apresentações culturais.

Figura 41 – Matéria publicada no Jornal do Tocantins, 29/9/2007.



Além disto, também foi assinado o documento pela Fundação do Banco do Brasil, pelo representante de Brasília, da doação de um trator e implementos agrícolas. De forma

simbólica, foi entregue uma chave de papelão, que gerou alegria para muitos e desconfiança em outros, pois ainda não estavam acreditando que essa doação se concretizaria. Na ocasião, também foram comercializados os produtos orgânicos, livres de agrotóxicos.

Em razão desta comunidade quilombola estar localizada na rota da seca como é denominado o sudeste do Tocantins no período de estiagem, a horta circular, apelidada de “horta mandala” foi uma demonstração de ser perfeitamente possível produzir diversos tipos de hortaliças como repolho, couve, alface, cenoura, beterraba, coentro, cebolinha, pepino, abóbora, melancia, tomate, milho e ao redor da horta pés de banana, entre outros, com irrigação.

O presidente da Associação, Ruimar Antônio de Farias foi entrevistado pelos meios de comunicação presentes e em todas elas defendeu os interesses da comunidade quilombola. Estas feiras sempre tiveram a parceria da Secretaria de Agricultura do Estado, do Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins – Ruraltins e da Prefeitura municipal.

Reportagens nos jornais impressos dando visibilidade à cultura quilombola

No ano de 2008, durante o meu mestrado no Programa de Ciências do Ambiente, na linha de pesquisa Cultura e Meio Ambiente da Universidade Federal do Tocantins – UFT, várias reportagens foram veiculadas tanto em jornal impresso como online, colocando na mídia a importância da preservação da cultura quilombola.

Duas reportagens, Fig. 42, que eu escrevi foram publicadas na íntegra, em capa inteira do Jornal do Tocantins. A primeira foi publicada no dia 27 de maio de 2008, e trazia no título a seguinte manchete: *Manifestação Doce Coração de Maria*. Uma manifestação cultural com aspectos religiosos e folclóricos, repleta de simbologia, que é uma tradição antiga na comunidade e demonstra união entre os familiares. Também é denominada de Festa dos Solteiros.

A segunda reportagem trouxe como manchete: *Manifestação, Simbolismo na Festa dos Casados*. Nesta reportagem descrevi esta manifestação cultural, também conhecida como Festa dos Casados ou Sagrado Coração de Jesus, que ocorre todos os anos durante todo o mês de junho e o final dela coincide com a chegada da Folia do Divino Sagrado Coração de Jesus na comunidade. Ainda foi apresentada, de forma resumida, a riqueza simbólica de vários elementos e aspectos presentes nesta celebração.

Figura 42 – Reportagens publicadas no Jornal do Tocantins, 27/5/2008 e 9/7/2008



Fonte: Acervo particular do autor.

Além da publicação das reportagens acima mencionadas também foi publicado um artigo científico sobre esta manifestação cultural na *Revista Internacional de Folkcomunicação- RIF*¹⁰³. As riquezas desta manifestação cultural estão detalhadas em capítulo específico no livro *Cultura Quilombola* (TESKE, 2011).

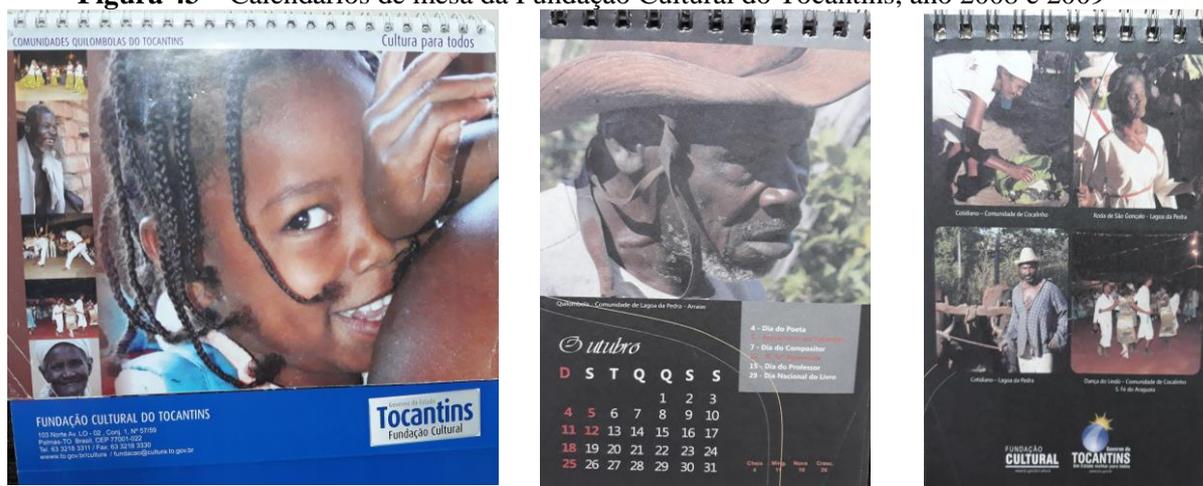
Parceria com a Fundação Cultural do Tocantins promove a Lagoa da Pedra

Em contrapartida pelo apoio logístico que eu recebia da Fundação Cultural do Tocantins, que disponibilizava um veículo com motorista e um fotógrafo para que pudesse realizar as pesquisas na Lagoa da Pedra, eu deixava para o acervo da Fundação Cultural do Tocantins todas as fotografias que eram tiradas durante as viagens, sempre com a concordância da comunidade quilombola. Por sua vez, a Fundação Cultural usava as imagens para divulgar a riqueza cultural da comunidade.

¹⁰³ v. 14, n. 32 (2016). Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/2106/1469>.

No ano de 2008 e 2009, foram confeccionados calendários de mesa pela Fundação Cultural, Fig. 43, com imagens fotográficas que retratavam as riquezas culturais do Tocantins e, pela primeira vez, utilizaram as fotos da pesquisa para inserir a comunidade quilombola Lagoa da Pedra com as suas manifestações culturais e também pessoas, como os idosos seu Diomar, dona Maria Dias, seu Balbino e a menina Samara, nas páginas dos calendários.

Figura 43 – Calendários de mesa da Fundação Cultural do Tocantins, ano 2008 e 2009

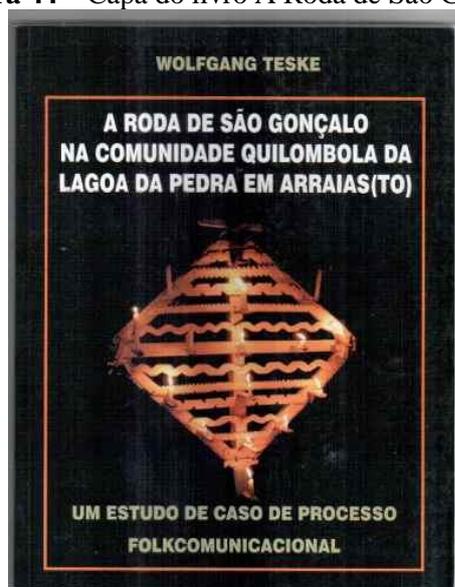


Fonte: Acervo particular do autor.

Esses calendários foram distribuídos por todo o Estado e também enviados para diversas secretarias de cultura do país, estados, municípios, Governo Federal, parlamentares entre outros. Mas o que deve ser ressaltado é o fato de cada família quilombola da Lagoa da Pedra ter recebido um exemplar. Para os quilombolas, o valor simbólico desta representação, em se enxergarem desta forma, gerou um aumento da autoestima, como todos temunharam ao receberem esta lembrança, que está enfeitando as suas casas até os dias atuais.

Publicação do livro A Roda de São Gonçalo na comunidade quilombola Lagoa da Pedra

No ano de 2009, foi lançada a primeira edição do meu primeiro livro, a Roda de São Gonçalo na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, patrocinado pela Fundação Cultural do Tocantins, Fig. 44, que, naquela época, sempre apoiava as pesquisas que realizei na comunidade.

Figura 44 – Capa do livro A Roda de São Gonçalo

Fonte: Acervo particular do autor.

O lançamento desta obra ocorreu no sertão quilombola a céu aberto, no dia 8 de abril de 2009, e foi amplamente divulgado por sites de notícias, blogs, TVs, jornais impressos e em programas de rádio, por ter sido um fato inusitado. Na cerimônia de lançamento estavam presentes representantes do Governo Federal, Ministério Público Federal, Secretaria de Cidadania e Justiça do Tocantins, Fundação Cultural do Tocantins, Ruraltins, Universidade Federal do Tocantins, Prefeito Municipal, vários vereadores representando a Câmara e ainda diversas autoridades. O evento foi embelezado com músicas executadas pela Banda da Polícia Militar de Arraias. A comunidade participou ativamente da cerimônia, sendo que, vários líderes falaram sobre a importância desta obra para eles, ornamentaram a mesa com seus produtos e artesanato e fizeram uma apresentação parcial da dança da Roda de São Gonçalo, visto que, de forma completa, só é dançada por pagamento de promessa. Várias faixas foram afixadas perto do local agradecendo pela publicação da obra que enaltecia a riqueza cultural da comunidade. Um grupo de capoeira de Arraias, sob o comando do Mestre Fumaça também fez uma apresentação.

Após as apresentações neste evento, todas as famílias, representantes dos diversos Órgãos governamentais, Instituições, professores da universidade e demais autoridades foram presenteados com um exemplar do livro.

Tudo isto foi notícia na mídia, contribuindo para o aumento da visibilidade da comunidade quilombola Lagoa da Pedra. Apenas para exemplificar, duas reportagens conforme Fig. 45.

Figura 45 – Matérias publicadas no O Jornal, 29/3/2009 e no Jornal Primeira Página, 6/4/2009



Fonte: Acervo particular do autor.

A Fundação Cultural do Tocantins distribuiu esta obra para todas as bibliotecas públicas do Estado e prefeituras, difundindo a cultura quilombola da Lagoa da Pedra. O valor arrecadado com os demais livros foi destinado para a comunidade desenvolver projetos na área da educação. Como a primeira edição esgotou, a Secretaria de Cidadania e Justiça do Tocantins patrocinou a 2ª edição, e a Secretaria Estadual da Educação publicou a 3ª edição, que foi destinada para todas as escolas estaduais.

Figura 46 – Lançamentos do livro A Roda de São Gonçalo da Lagoa da Pedra

Lançamentos do livro A Roda de São Gonçalo da Lagoa da Pedra



Fonte: Acervo particular do autor.

Esta obra foi lançada em vários eventos, Fig. 46 destacando o 5º Salão do Livro do Tocantins, em Palmas; II FEPEC/UFT Arraias; II Conferência Estadual de Promoção da

Igualdade Racial, em Palmas; II Seminário Científico da CONSAÚDE, em Porto Nacional e Diálogos Culturais, no Centro Universitário Luterano de Palmas. Em abril de 2018, foi lançada a 4ª edição da obra. Com estas publicações, a Roda de São Gonçalo da Lagoa da Pedra ficou conhecida por muitos que sequer sabiam da existência desta celebração. Os lançamentos e palestras sempre tiveram ampla cobertura midiática, o que ajudou a difundir a cultura quilombola como causa a ser debatida, defendida e promovida.

Lagoa da Pedra ganha destaque na obra Vivências e Sentidos: o patrimônio cultural do Tocantins do IPHAN

A riqueza das manifestações culturais da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, também ganhou destaque na obra *Vivências e Sentidos: o patrimônio cultural do Tocantins*¹⁰⁴, publicado pelo Instituto Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, Fig. 47.

Figura 47 – Capa do livro *Vivências e Sentidos*



Fonte: Acervo particular do autor.

Foi a primeira vez que a Lagoa da Pedra era arrolada com as suas manifestações culturais como patrimônio cultural do Estado. O objetivo da publicação desta obra está registrado no site do IPHAN:

¹⁰⁴ Obra lançada no dia 7 de maio de 2009, na Fundação Cultural de Tocantins - Galeria Mauro Cunha, em Palmas-TO.

[...] a obra apresenta uma ação de mapeamento cultural, que tem como objetivo a localização das percepções do patrimônio obtidas em uma perspectiva espacial. O material busca também constituir unidades territoriais, cuja identidade não é formada apenas por variáveis geográficas ou históricas, na perspectiva do patrimônio, com função de gerar conhecimento e detectar possíveis linhas de políticas públicas para a preservação do patrimônio cultural em Tocantins (IPHAN, 2009).

As sete fotografias publicadas bem na parte central do livro foram extraídas do acervo da pesquisa de mestrado que eu estava realizando na comunidade.

II Conferência Estadual de Promoção da Igualdade Racial

Outro momento significativo e marcante para a comunidade quilombola Lagoa da Pedra foi a participação na II Conferência Estadual de Promoção da Igualdade Racial, Fig. 48, que ocorreu nos dias 6 a 8 de maio de 2009, realização do governo do Estado do Tocantins, por meio da Secretaria de Cidadania e Justiça, no auditório da Ordem dos Advogados do Tocantins – OAB. O presidente da Lagoa da Pedra, Ruimar Antônio de Farias, foi o quilombola indicado para representar todas as comunidades quilombolas do estado do Tocantins na mesa de abertura, com a presença da representante do Ministro da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial – Seppir, Maria do Carmo Ferreira da Silva e demais autoridades.

Figura 48 – Abertura da II Conferência Estadual de Promoção da Igualdade Racial



Fonte: Foto Émerson Silva, 6/5/2009.

A representante do Ministro da Seppir, Maria do Carmo Ferreira da Silva enfatizou da importância dos municípios realizarem trabalhos e políticas públicas adequadas com as comunidades quilombolas, objetivando uma redução das desigualdades sociais. “É lá que as coisas acontecem. Precisamos criar um Brasil de todos e de todas. O povo brasileiro tem que ser visto como cidadão”, disse ela no evento da abertura.

1º Prêmio Nacional de Expressões Culturais Afro-brasileiras

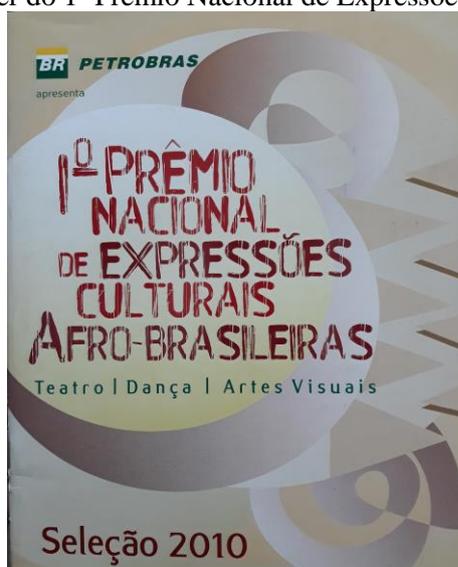
No início do ano de 2010, tendo concluído a dissertação de mestrado¹⁰⁵ e de posse de um acervo fotográfico considerável, tendo retratado, nesta época, a comunidade quilombola Lagoa da Pedra, há quase cinco anos, o repórter fotográfico Émerson Silva, que me acompanhou em grande parte das viagens à Lagoa da Pedra durante este período, o fotojornalista Manoel Junior e eu decidimos fazer um projeto e o inscrevemos no edital do 1º Prêmio Nacional de Expressões Culturais Afro-brasileiras, na categoria Artes Visuais, Fig. 49, com o título “LAGOA DA PEDRA E A RODA DE SÃO GONÇALO”.

Este Prêmio¹⁰⁶ é um projeto realizado pelo Centro de Apoio ao Desenvolvimento Oswaldo dos Santos Neves - CADON, em conjunto com a Fundação Cultural Palmares – FCP, Ministério da Cultura e patrocinado pela Petrobrás. Nesta edição, foram inscritos 1.001 projetos e apenas quatro projetos em cada uma das cinco regiões do país seriam selecionados dentre as três áreas propostas, totalizando 20 prêmios. Para a nossa alegria e da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, o projeto enviado foi selecionado, sendo o único contemplado no estado do Tocantins. A repercussão desta vitória foi imediata na mídia local, regional e nacional.

¹⁰⁵ Defesa da dissertação de mestrado em Ciências do Ambiente/Cultura e Meio Ambiente ocorreu no dia 23/02/2010, na Universidade Federal do Tocantins. Banca examinadora: Dra. Juciene Ricarte Apolinário, Dr. Lucas Barbosa e Souza e pelo orientador Dr. José Ramiro Lamadrid Marón. Título: *Rituais, Símbolos e Rede de Significados da manifestações culturais da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO: um processo folkcomunicação de saber ambiental*.

¹⁰⁶ O Prêmio Expressões Culturais Afrobrasileiras foi concebido em 2006, após o II Fórum Nacional de Performance Negra, realizado no Teatro Vila Velha, em Salvador, cujo destaque principal de temas debatidos girou em torno da falta de elaboração de editais públicos e das linhas de financiamentos, direcionadas exclusivamente para o desenvolvimento de artistas, grupos e companhias que trabalhem com a produção artística de estética negra, a fim de valorizar a cultura afrodescendente e suas manifestações contemporâneas, potencializando tanto as ações de grupos já estabelecidos no Brasil, quanto as dos grupos emergentes. Disponível em: <<http://www.premioafro.org>>.

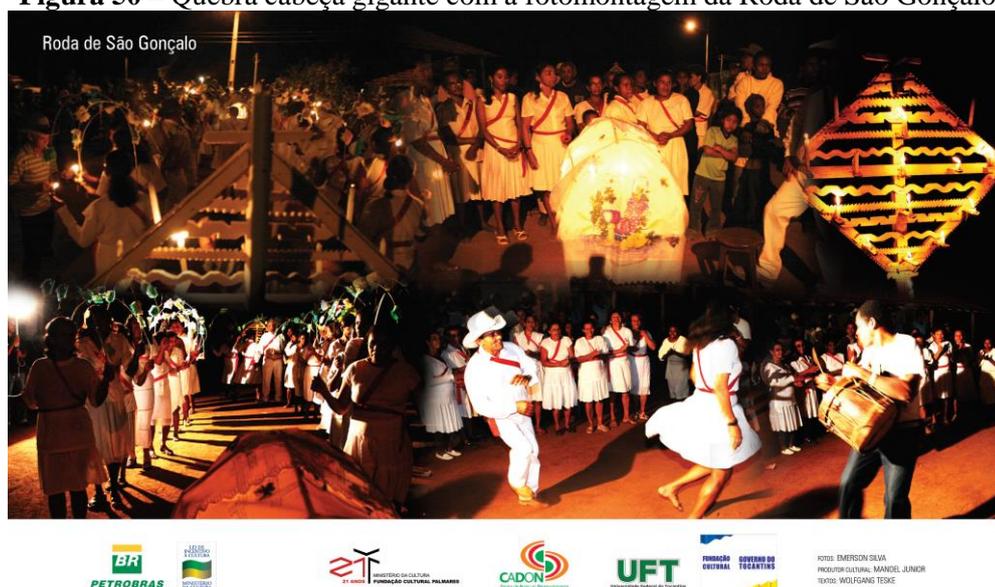
Figura 49 – Capa do folder do 1º Prêmio Nacional de Expressões Culturais Afro-Brasileiras



Fonte: Acervo particular do autor.

O projeto encaminhado consistia no seguinte: Realizar exposição fotográfica interativa com 30 fotos coloridas, tamanho 0.60 cm x 0.90 cm; montar quebra cabeça fotográfico de 1,00 x 1,70, Fig. 50, para interagir com os visitantes da exposição; elaborar um fotolivro, 12 selos dos Correios e 12 cartões postais customizados para distribuição entre parceiros e instituições de cultura do Estado; realizar exposições virtuais e atividades fotográficas.

Figura 50 – Quebra cabeça gigante com a fotomontagem da Roda de São Gonçalo



Fonte: Arte final – Arquivo pessoal do projeto.

A exposição, conforme constava no projeto, seria apresentada nas principais cidades do Estado e na própria comunidade quilombola Lagoa da Pedra, com o objetivo de valorizar e

preservar suas origens, rituais e a manifestação religiosa conhecida como Roda de São Gonçalo, ritual empregado em pagamento a alguma graça alcançada ou concedida, por meio de uma promessa a São Gonçalo. No total, foram selecionadas 96 fotografias que retratavam diversos símbolos, as manifestações culturais, aspectos da religiosidade, da lida no campo, da culinária, do artesanato, do aspecto sagrado, da paisagem, dos traços fisionômicos, entre outros.

A entrega do prêmio ocorreu em uma cerimônia no dia 27 de abril de 2010, às 19h, no Museu Nacional do Conjunto Cultural da República, Esplanada dos Ministérios, Brasília, DF, e o fotojornalista Manoel dos Santos Júnior recebeu o prêmio como representante do grupo executor do projeto e curador da exposição.

Para a execução do projeto, no que se referia à circulação da exposição fotográfica interativa pelas principais cidades do Estado, foram feitas parcerias com a Fundação Cultural do Tocantins e com a Universidade Federal do Tocantins através da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura com um projeto de extensão¹⁰⁷, incluso no Programa Universidade. O início da exposição interativa ocorreu no dia 7 de outubro de 2010 e encerrou no dia 10 de dezembro de 2010, com duração de dois a seis dias em cada um dos locais em que era montada. O lançamento ocorreu na Galeria Mauro Cunha, na sede da Fundação Cultural do Tocantins, em Palmas-TO, com ampla cobertura midiática, Fig. 51.

Figura 51 – Abertura da Exposição na Galeria Mauro Cunha-FCT



Fonte: Foto de Ana Kanitz, 7/10/2010.

¹⁰⁷ PROEX - código EE.CUL. 098.08.00.05/10.

A circulação da exposição interativa, com palestras e oficinas foi levada para todos os câmpus da UFT, localizados nas cidades de Araguaína, Tocantinópolis, Porto Nacional, Gurupi, Arraias, bem como na comunidade quilombola Lagoa da Pedra em Arraias, palestras na Faculdade Unirg¹⁰⁸ de Gurupi, Colégio Dom Bosco e Colégio Militar de Palmas¹⁰⁹. No câmpus de Palmas, integrou o I Seminário de Extensão e Cultura da UFT, ocorrido entre os dias 26 a 29 de outubro de 2010. Por fim, novamente na Galeria Mauro Cunha da FCT, onde ocorreu o encerramento.

No total, esta exposição, considerada a maior do estado do Tocantins e a segunda maior da região norte do país deste gênero, foi visitada por 2.684 pessoas, foram ministradas 26 palestras sobre a riqueza cultural da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, com uma participação de 2.005 pessoas, além de seis oficinas de fotografia que contou com 88 participantes. Toda esta movimentação teve ampla cobertura midiática, tanto em programas de televisão, de rádio, jornais impressos e Internet, conforme exemplo, Fig. 52.

Figura 52 – Capa Jornal Stylo, Ano XVI, nº 322, 6/10/2010.



Fonte: Acervo particular do autor.

¹⁰⁸ Palestra sobre a importância das pesquisas culturais, no 2º Encontro de Comunicação, dia 2/12/2010.

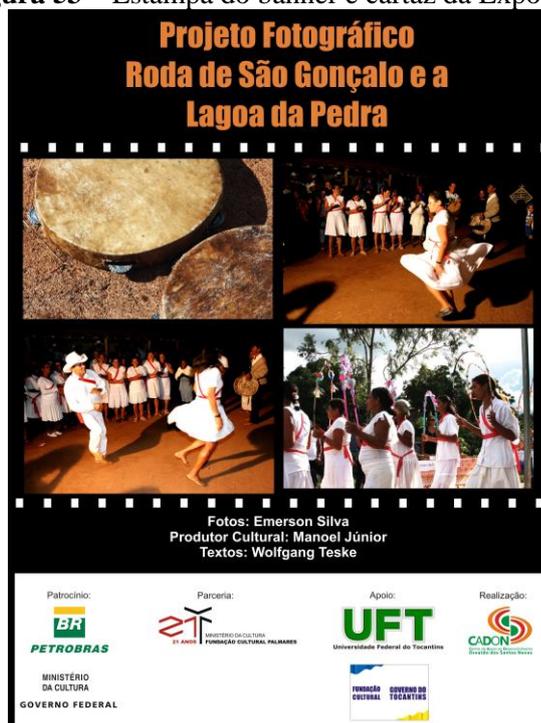
¹⁰⁹ Palestras na Semana da Consciência Negra sobre a riqueza cultural da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, novembro de 2010.

Este projeto, sem dúvida, foi o que deu a maior visibilidade e projeção local, regional e nacional para a comunidade quilombola Lagoa da Pedra. Vários jornais publicaram reportagens especiais em capa inteira sobre o Prêmio e a circulação da exposição com o valor agregado de palestras e oficinas e interação com as comunidades locais, tanto alunos dos cursos da UFT, alunos de escolas estaduais, municipais e particulares que levavam os alunos até o local da exposição, quanto a população em geral.

Todos os jornais impressos da região noticiaram em destaque esta conquista, que, na realidade, era uma conquista de todas as comunidades quilombolas, pois colocou em pauta a situação das comunidades quilombolas do Tocantins, conforme exemplo do Jornal Stylo em capa inteira, com a manchete *Cultura Quilombola registrada em imagens*, Fig. 52.

Também estão disponibilizados na Internet, na plataforma do Youtube, alguns vídeos e reportagens deste Projeto Fotográfico, Fig. 53, que recebeu visitantes de várias partes do Estado, conseguindo ampliar a visibilidade da Lagoa da Pedra através deste meio midiático.

Figura 53 – Estampa do banner e cartaz da Exposição



Fonte: Acervo particular do autor.

Segue a relação de alguns dos vídeos e reportagens.

Reportagem no Jornal do Meio Dia, programa de Notícias da Redesat, no dia 8 de outubro de 2010, com duração de 2:18¹¹⁰.

Entrevista gravada em três partes na TV Jovem Palmas, Record, para o programa Tudo de Bom, exibido no dia 16 de outubro de 2010, com duração total de 14:95¹¹¹.

Reportagem do programa Balanço Geral da TV Jovem Record – Gurupi, no dia 22 de outubro de 2010, com duração de 2:35¹¹².

Vídeo da semana 01 - Cerimônia na Galeria Mauro Cunha, FCT, Palmas, TO, postado no dia 26 de outubro de 2010, com duração de 7:17¹¹³.

Vídeo da semana 02 – Exposição Roda de São Gonçalo e a Lagoa da Pedra, como integrante do I Seminário de Extensão e Cultura da UFT, 26 a 29/10/2010, postado no dia 2 de novembro de 2010, com duração de 5:59¹¹⁴.

Entrevista ao vivo na TV Jovem, SBT de Araguaina, durante o programa Boca do Povo, na TV Jovem, SBT, no dia 4 de novembro de 2010, com duração de 9:16,¹¹⁵

Reportagem sobre Exposição Roda de São Gonçalo e a Lagoa da Pedra, no programa de Notícias do SBT Araguaina, no dia 5 de novembro de 2010, com duração de 3:21¹¹⁶.

Vídeo da Semana 03 Exposição em Araguaina e Tocantinópolis, postado no dia 20 de novembro de 2010, com duração de 5:02¹¹⁷.

Reportagem exibida na TV Anhanguera de Gurupi, no dia 22 de novembro de 2010, com duração de 1:35¹¹⁸.

Na Internet, quase uma centenas de sites, portais de notícias e blogs de várias regiões e cidades do país noticiaram tanto a conquista do Prêmio, como a circulação da exposição interativa, Fig. 54, ilustrativa.

¹¹⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a8mkybbAhws>>.

¹¹¹ Parte 1-Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nwvdQ2b93H4>>. Parte 2 – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5G1cxcV7Ltw>>. Parte 3 – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nP8GTKQnMuo&t=69s>>.

¹¹² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3Ek7We3Yyrg>>.

¹¹³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=n36zvmRG5iM>>.

¹¹⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1ge9XAd-faY>>.

¹¹⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZFWNuIZG2bY>>.

¹¹⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WzguSNZ8ANc>>.

¹¹⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RPqm1a6ycdk>>.

¹¹⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=baWjNVJIYeo>>.

Figura 54 – Diversidade de sites, portais de notícias e blogs



Fonte: Acervo de clipping particular do autor.

As frases que constam no verso dos 12 diferentes cartões postais também retratam a cultura da comunidade quilombola Lagoa da Pedra. Foram distribuídos mais de sete mil destes cartões postais durante o período da circulação deste Projeto Fotográfico, Figs. 55 e 56.

- 1- A Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias, TO, ao continuar com as suas festas, danças e a Roda de São Gonçalo, dá um exemplo de resistência diante da força da televisão que tenta impor novas e idênticas práticas culturais em todo o país.
- 2- As manifestações culturais, as festas de caráter religioso acompanhadas de tambores e rabecas, recheada de muitos símbolos, danças e cores, faz a Lagoa da Pedra, Arraias, TO, brilhar como comunidade quilombola.
- 3- Quando ocorre a Roda de São Gonçalo na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias, TO é sinal de que haverá pagamento de alguma promessa acompanhada de muita comida, danças e união das famílias com as comunidades vizinhas.
- 4- Os jovens e crianças da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias, TO, aprenderam a dançar, a fazer suas festas e a Roda de São Gonçalo com os mais velhos, que vem contando as histórias de uma geração para outra, através da tradição oral.
- 5- Os saberes e fazeres, as celebrações com suas variadas formas de expressão, materializados na culinária, na música, nos rituais, nas danças e nos símbolos na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias, TO demonstram que a diversidade cultural é a maior riqueza de um povo.

6- A Roda de São Gonçalo na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias, TO é um exemplo da força da tradição oral, pois consegue, ao manter uma manifestação centenária, preservar um importante patrimônio cultural tocantinense, herança imaterial viva e dinâmica.

7- O pagamento de promessa, a preparação para a festa, a dança motivada pela fé em São Gonçalo, as refeições com seus rituais e símbolos, os arcos, as candeias, o cruzeiro e o altar, as vestes e suas faixas vermelhas formam o rico mosaico da cultura quilombola da Lagoa da Pedra, Arraias, TO.

8- Dia de Roda de São Gonçalo na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias, TO é momento de consagração e alegria, em que os moradores receberão seus vizinhos, amigos e conhecidos para uma grande e importante confraternização com muita comida, rezas e danças.

9- Não importa para as 24 rodeiras se estão de chinelos, sandálias, ou descalças ao dançarem a Roda de São Gonçalo, na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias, TO, pois o que conta mesmo é o vestido branco com a fita vermelha e a fé no coração para pagamento de promessa.

10- Durante a Roda de São Gonçalo na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias, TO, o Cruzeiro feito de buriti é o candelabro que ilumina a noite escura; o violeiro não se cansa de tocar enquanto os dois guias cantam e orientam as rodeiras no dançar.

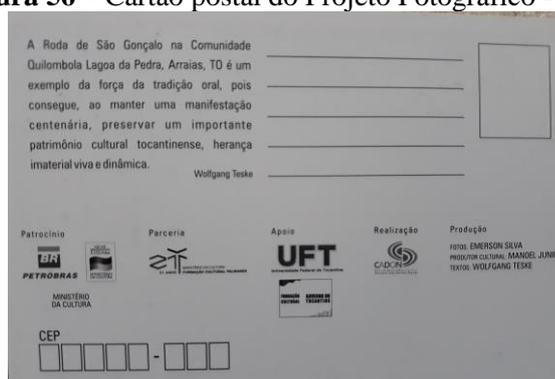
11- A Roda de São Gonçalo na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra sempre é anunciada no boca a boca, pois não há divulgação no jornal, rádio, TV ou carro de som, tampouco cartazes, banners, faixas ou outdoors, não há convite impresso como manda a tradição.

12- Para a Roda de São Gonçalo são confeccionadas candeias de algodão e cera de aratim, o corte de taboca para montagem dos arcos e flores com papel crepom, o cruzeiro talhado com galho do buriti, e preparação de toda a alimentação com envolvimento de toda a Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias, TO.

Figura 55 – Cartão postal do Projeto Fotográfico



Fonte: Acervo particular do autor.

Figura 56 – Cartão postal do Projeto Fotográfico - verso

Fonte: Acervo particular do autor.

Com a distribuição destes cartões postais foi possível transmitir uma mensagem em uma perspectiva folkcomunicação, sobre a Roda de São Gonçalo, que, para muitos, era apenas um tipo de dança.

3ª Conferência Nacional do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)

A circulação do Projeto Fotográfico ainda não tinha sido finalizada, quando o líder da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, Ruimar Antônio de Farias integrou um grupo de agricultores familiares do sudeste do Tocantins para participar da 3ª Conferência Nacional do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), realizada entre os dias 24 a 26 de novembro de 2010, no salão azul do Hotel Nacional, em Brasília–DF.

Deste evento participaram agricultores, técnicos, representantes de entidades sociais e instituições de assistência técnica e extensão rural responsáveis pela execução do programa da agricultura familiar nos estados brasileiros. Esta 3ª Conferência Nacional, com quase um mil participantes, foi promovida pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), ocasião em que foram discutidos os efeitos do PAA no desenvolvimento do setor rural e, principalmente, a questão da inclusão de milhares de famílias rurais, que viviam da agricultura famílias e para que isso fosse possível teriam que ser inseridas nas políticas públicas do governo federal. A razão desta inserção como política pública se fez necessária, pois deixaria de ser apenas uma política de governo.

Dois fatos foram marcantes para o líder Ruimar Antônio de Farias neste evento. O primeiro, porque ele foi indicado pela comitiva do Tocantins para falar sobre a importância da assistência técnica e extensão rural oficial na execução do PAA e os resultados conquistados

em sua comunidade. Isto tem um caráter simbólico da visibilidade, organização e representatividade da Lagoa da Pedra.

O segundo fato que está marcado na história da comunidade quilombola Lagoa da Pedra e na do líder Ruimar é que ele foi escolhido por representantes do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) para falar em nome de todos os agricultores familiares do país na cerimônia especial, na presença presidente Luis Inácio Lula da Silva; da ministra Márcia Lopes, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; do ministro Eloi Ferreira, da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial; do ministro Altemir Gregolin, do Ministério da Pesca e Aquicultura; da Senadora Serys Marly Silhessarenko; dos Deputados federais Assis do Couto, Emília Fernandes e Nazareno Fonteles; José Graziano da Silva, representante da FAO para a América Latina, e que depois tornou-se o seu Diretor Geral; Naidison Baptista, conselheiro do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea); Francisca Izabel da Silva Bueno, presidente da Associação Cultural de Mulheres Negras de Passo Fundo, Rio Grande do Sul; Elisângela, representante dos movimentos sociais do campo e demais autoridades, Fig. 57.

Conforme noticiado na época pelo Ruraltins, Ruimar Antônio de Farias, diante daquela plateia, com as maiores autoridades do Governo Federal presentes “[...] destacou em especial, o apoio dos governos federal e estadual e do Ruraltins na inclusão do seu povo nas políticas públicas e no aumento da geração de renda”.¹¹⁹ Não faltaram aplausos ao final do pronunciamento para este humilde agricultor familiar quilombola.

Figura 57 - Ruimar Antônio de Farias falando em nome de todos os participantes



Fonte: Foto arquivo do Ruraltins, 25/11/2010.

¹¹⁹ Disponível em: <<https://ruraltins.to.gov.br/noticia/2010/11/26/agricultores-do-tocantins-participam-de-evento-com-presidente-da-republica/>>.

Coube também ao Ruimar fazer a entrega uma placa de agradecimento ao presidente Luis Inácio Lula da Silva, em nome do MDS.

Na saudação inicial do discurso do presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, no rol das autoridades mencionadas não faltou a menção ao representante especial dos agricultores familiares, ao dizer: “Nosso companheiro Ruimar Antônio de Farias, da comunidade quilombola Lagoa da Pedra”.¹²⁰

Esta cerimônia ocorrida às 9 horas, daquela manhã do dia 25 de novembro de 2010, uma quarta-feira, no salão azul do Hotel Nacional está definitivamente registrada na história da Lagoa da Pedra e na memória de todos os que tomaram conhecimento do fato.

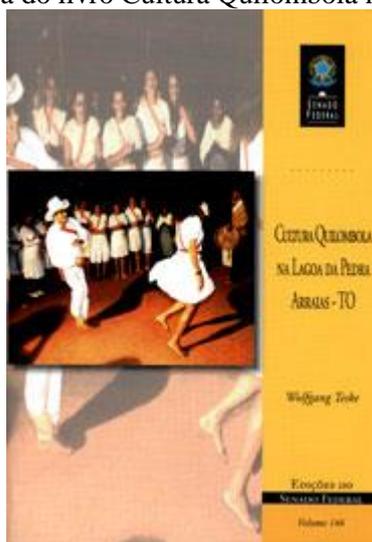
Publicação do livro Cultura Quilombola na Lagoa da Pedra, Arraias-TO

Outro fato marcante para a comunidade quilombola Lagoa da Pedra foi a publicação do livro *Cultura Quilombola na Lagoa da Pedra, Arraias-TO*, Fig. 58, pela Editora do Senado Federal, no final do ano de 2010 e lançado publicamente em 2011. Esta obra foi o resultado da dissertação de mestrado, no Programa de Ciências do Ambiente, na linha de pesquisa Cultura e Meio Ambiente, da Universidade Federal do Tocantins, com o título *Rituais, símbolos e rede de significados das manifestações culturais da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO: um processo folkcomunicação de saber ambiental*. A seleção desta obra se deu pela importância do tema, segundo argumentou o vice-presidente do Conselho Editorial Joaquim Campelo Marques. A publicação desta obra foi a primeira de um autor do estado do Tocantins a ser selecionada no rol de livros históricos e literários da Editora do Senado Federal, e está disponibilizada através da Livraria do Senado Federal¹²¹ a preço de custo. O próprio Senado distribuiu centenas de exemplares para Instituições, Órgãos Governamentais, Fundações culturais, parlamentares e ainda, o comercializa nas Feiras de Livros, que ocorrem em várias cidades e regiões do país e na própria Livraria do Senado Federal.

¹²⁰ Discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. 25/11/2010. PDF. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/2o-mandato/2010/25-11-2010-discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-durante-o-3o-seminario-nacional-do-programa-de-aquisicao-de-alimentos-paa/view>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

¹²¹ Livraria do Senado Federal. Livros históricos e literários. Disponível em: <<http://livraria.senado.leg.br/historia/cultura-quilombola-na-lagoa-da-pedra-arrais-to.html>>.

Figura 58 – Capa do livro Cultura Quilombola na Lagoa da Pedra



Fonte: Acervo particular do autor.

No site da Livraria do Senado Federal consta o seguinte resumo:

Wolfgang Teske, que viveu as manifestações culturais dos quilombolas na Lagoa da Pedra, em Arraias, no Estado do Tocantins, analisa com rigor a cultura local, que se imbrica com patrimônios ambientais. O culto a São Bom Jesus da Lapa, por exemplo, é realizado num espaço geológico: uma caverna localizada em certa fazenda da região. No estudo, o autor relaciona práticas culturais, na qualidade de comunicações folk (“folkcomunicação”) vinculadas ao saberes ambientais. Fruto de extenso e minucioso trabalho de campo, este volume mostra ainda pequena iconografia dos eventos narrados, além do competente entendimento do fenômeno da cultura nas comunidades de afro-brasileiros em sua relação com a natureza.

Esta obra passou a fazer parte das referências bibliográficas do Incra e do MPF/TO, para servir de suporte nas questões de conflitos agrário e quilombola.

A somatória de fatos envolvendo a comunidade Lagoa da Pedra, nos primeiros seis anos após a certificação como quilombola fez com que se fortalecesse culturalmente, e várias pesquisas foram sendo realizadas, desde alunos de graduação, pesquisas acadêmicas de professores e alunos, principalmente do câmpus da UFT de Arraias, na área da educação, da etnobotânica, etnomatemática, educação do campo, entre outras.

O livro *Cultura Quilombola na Lagoa da Pedra* foi lançado oficialmente pela Editora do Senado Federal, na época, durante o maior evento cultural do Tocantins, na Feira Literária Internacional do Tocantins - FLIT¹²². Houve dois momentos de lançamento do livro específico, um no *stand* do Senado Federal e outro no Café Literário com a participação dos representantes quilombolas, das Academias Palmense e Tocantinense de Letras, reitor da

¹²² A abertura da FLIT 2011 ocorreu no dia 25/7 e encerrou no dia 1/8/2011.

Universidade Federal do Tocantins, Dr. Alan Barbiero, do Diretor do Senado Federal, Florian Madruga, parlamentares, professores, alunos e visitantes da feira. A divulgação midiática foi ampla, com participação dos representantes da Lagoa da Pedra. O presidente da comunidade Ruimar Antônio de Farias falou sobre a importância desta obra para a Lagoa da Pedra e para a questão quilombola, Fig. 59.

Figura 59 – Ruimar Antônio de Farias falando em nome da Lagoa da Pedra



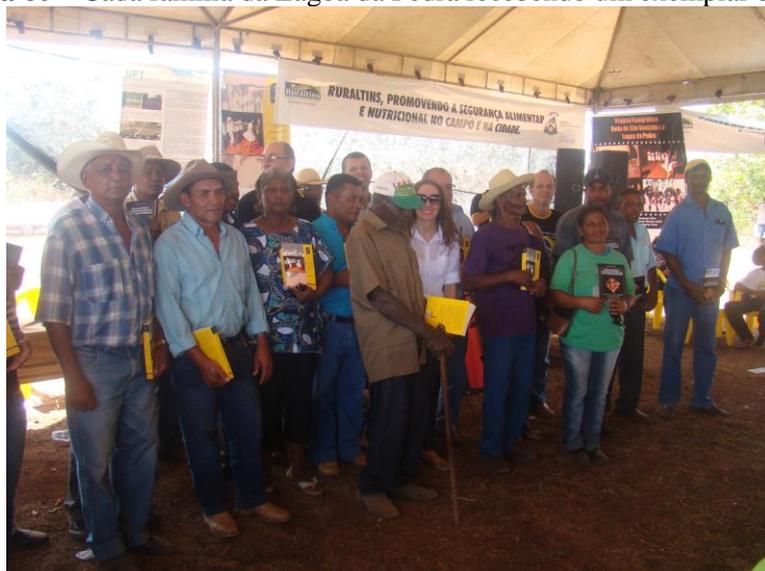
Fonte: Foto acervo particular do autor. 28/7/2011.

A primeira edição desta obra, que foi de hum mil exemplares, esgotou-se em menos de quatro meses, o que motivou o Conselho Editorial do Senado Federal fazer uma reedição imediata.

O lançamento do livro na comunidade quilombola Lagoa da Pedra ocorreu durante a IV Feira da Agricultura Familiar e I Encontro de Comunidades Quilombolas do Sudeste do Tocantins, no dia 17 de setembro de 2011, evento que reuniu mais de 800 participantes. Novamente jornais impressos, reportagens televisivas, entrevistas nas rádios, sites e portais de notícias da Internet deram ampla divulgação através do lançamento desta obra, sobre a importância da valorização da cultura popular, quilombola e da luta contra o preconceito e a discriminação.

Cada família e universitário da Lagoa da Pedra, bem como os representantes de cada comunidade quilombola do Sudeste que estavam presentes, receberam um exemplar do livro, doados pela Editora do Senado Federal, Fig. 60.

Figura 60 – Cada família da Lagoa da Pedra recebendo um exemplar do livro



Fonte: Foto de João Luiz Neiva. 17/9/2011.

Ainda houve um lançamento especial durante a 57ª Feira do Livro de Porto Alegre-RS, Fig. 61, pela Editora do Senado Federal, levando o nome da Lagoa da Pedra para o sul do país, entre os dias 28 de outubro a primeiro dia de novembro de 2011.

Figura 61 – Recorte do Jornal do Tocantins, 2/11/2011

LITERATURA

Cultura Quilombola é destaque em Porto Alegre

Palmas - O escritor e jornalista Wolfgang Teske lançou, no último final de semana, o livro *Cultura Quilombola na Lagoa da Pedra Arraias- To*, durante a 57ª Feira do Livro de Porto Alegre, na cidade de Porto Alegre (RS). Participaram do lançamento o ex-ministro das Cidades Olívio Dutra e um dos pesquisadores referenciados na obra, Antônio Hohlfeld. Para o escritor, o lançamento no Sul foi uma grande surpresa, pois os acadêmicos ficaram interessados com a temática do livro que, na sua opinião, é diferenciada. O livro é o resul-

tado da dissertação de mestrado do pesquisador sobre *Ciências do Ambiente focado em cultura e meio ambiente* pela Universidade Federal do Tocantins (UFT).

VALORIZAÇÃO
No Tocantins, o lançamento aconteceu município de Arraias e na *Feira Literária Internacional (Flit)*, no mês de setembro. Segundo Teske foi um orgulho quando a editora do *Senado Federal* tomou conhecimento do trabalho, resolveu editar e publicar o primeiro livro de um autor do Tocantins. "Estudei os ri-

tuais, os símbolos e a rede de significados das manifestações culturais da comunidade, que foi a primeira a ser reconhecida como quilombola Tocantins, em 2004, pela Fundação Cultural Palmares", diz. (W.A.)

Anand Rao/Divulgação

Teske (D) durante lançamento em Porto Alegre (RS)

Fonte: Acervo particular do autor.

Filme curta-metragem do Microprojetos Mais Cultura – Amazônia Legal

Ainda no ano de 2011, outro projeto folkmediático deixou a comunidade quilombola Lagoa da Pedra em evidência, desta vez com o enfoque na etnobotânica. O cinegrafista Rafael Lopes participou do edital do Microprojetos Mais Cultura – Amazônia Legal, uma realização da Fundação Nacional de Artes - FUNARTE, da Secretaria de Articulação Nacional do Ministério da Cultura e foi um dos 88 contemplados. O objetivo do edital era:

[...] promover a diversidade cultural local, por meio do financiamento de projetos de artistas, grupos artísticos e produtores culturais. Desta forma, é possível gerar oportunidades de renda, valorizar a cultura, desenvolver a cidadania e a economia local, e principalmente promover a inclusão numa região que, historicamente, não tinha acesso a financiamentos para pequenas produções (FUNARTE, 2011).

O proponente foi contemplado pelo edital e gravou um curta-metragem sobre medicina alternativa com a senhora Altina de Farias Dias, da Lagoa da Pedra, que conhecia muito bem o tratamento contra doenças utilizando ervas, raízes e cascas de árvores, conhecimentos que adquiriu através da tradição oral de seus antepassados.

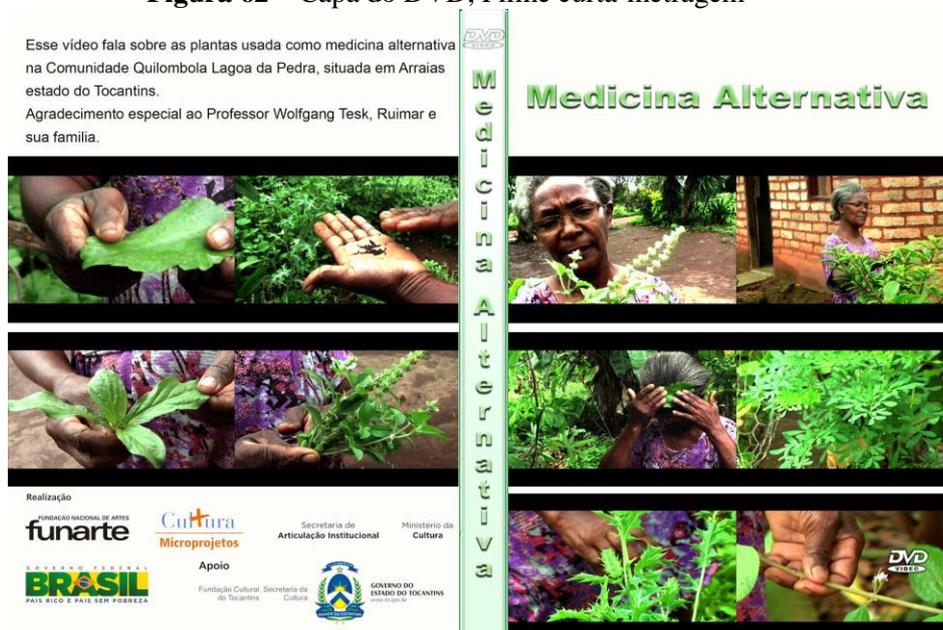
Ao final do ano de 2011, o curta-metragem estava concluído, Fig. 62, com duração de 13:05 e disponibilizado no canal do Youtube.¹²³ Altina de Farias Dias também fazia benzimentos utilizando vários tipos de ervas, dependendo do tipo de doença ou mal estar que a pessoa tivesse. No filme, Altina de Farias Dias mostra as plantas utilizadas, para quais doenças elas são indicadas e a maneira de preparar ou usá-las. As pessoas mais idosas da comunidade quilombola Lagoa da Pedra mantêm nos arredores da casa várias plantas medicinais. A monografia de Neuzeni Rodrigues de Queirós, do curso de pedagogia apresentada na UFT, câmpus de Arraias, teve como tema a “Etnobotânica: o uso das plantas pela comunidade remanescente de quilombo Lagoa da Pedra” e relacionou algumas das plantas utilizadas para algumas doenças, tais como:

- * Antiinflamatório – barbatimão, arnica, sucupira, romã, algodão, mastruz;
- * Antibióticos – carrapicho de ovelha, chapéu de couro, raiz de perdiz, gervão;
- * Pressão – congonha, alevante, alho, cana caiana, erva cidreira;
- * Reumatismo – canela de macaco, tipi, fedegoso;
- * Controlador do intestino – sete dor, carrapicho, tiú, artemijo;
- * Tratamento de tosse – manjerição, sabugueiro, alfavaca, capim de cheiro, vick, hortelã, óleo de pau, andu;

¹²³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VOKGUHXHQc&t=3s>>.

- * Vermífugo – mastruz, flor de mamão, quióiô, alho, semente de abóbora;
- * Problemas renais – quebra-pedra, caroço de abacate, alfavaca;
- * Calmante – maracujá, erva- doce, puejo (QUEIRÓS, 2007).

Figura 62 – Capa do DVD, Filme curta-metragem



Fonte: Acervo particular do autor.

Em se tratando de uma comunidade quilombola, que há tantos anos ficou muito isolada e detém esta riqueza de conhecimento, tendo curado através do manejo dos recursos vegetais naturais os membros de sua sociedade, percebe-se a enorme contribuição dos afrodescendentes na formação da cultura brasileira.

Em uma perspectiva folkcomunicação, podemos classificar este tipo de cultura como folkbotânica, ou medicina alternativa folk, e neste filme curta-metragem a Lagoa da Pedra deixa uma enorme contribuição de sua arte com um produto folkmidiático.

Filme curta-metragem A Promessa

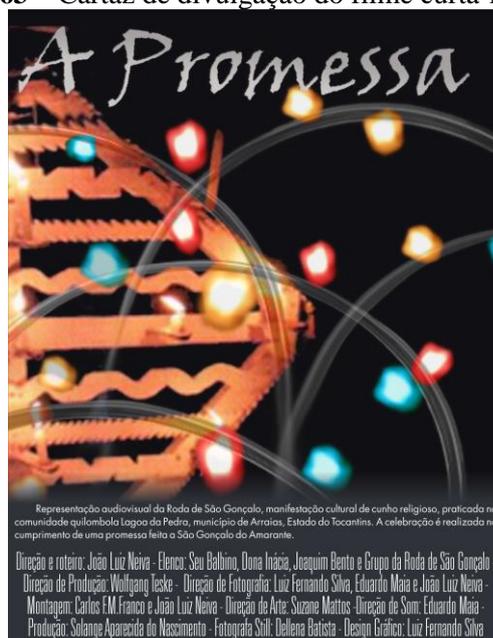
No ano seguinte, 2012, a comunidade quilombola Lagoa da Pedra ficou novamente em evidência, pois ocorreu a filmagem de outro curta-metragem, de 18 minutos, “A Promessa”, baseado no livro da Roda de São Gonçalo, com um detalhe, houve o pagamento real de uma promessa e a filmagem ocorreu durante este evento na comunidade. Este filme curta-

metragem foi resultado de um edital¹²⁴ promovido pela Secretaria de Cultura e Fundação Cultural do Tocantins e selecionado em primeiro lugar na área de produção audiovisual.

Os atores foram os quilombolas pagadores de promessa juntamente com o povo que estava lá participando deste ritual de ex-voto, e que reúne o sagrado com o folclórico, que ocorreu na noite do dia 24 de novembro de 2012. É importante ressaltar que, apesar de todos terem conhecimento que estava ocorrendo uma filmagem que resultaria em um curta-metragem, toda a celebração e dança da Roda de São Gonçalo transcorreu sem estarem focados nas câmeras de filmagem, mas concentrados no ritual do pagamento de promessa.

A produção do filme curta-metragem *A Promessa* foi uma ação conjunta de vários profissionais, da Idearte Audiovisual, como realizadora, dos incentivos da UFT em parceria com a comunidade quilombola Lagoa da Pedra, Fig. 63. No início do ano de 2013, o filme estava editado e pronto em DVD. Para a divulgação a UFT, através da Pró-Reitoria de Extensão confeccionou cartazes, convites e marca-textos com a logo do filme.¹²⁵

Figura 63 – Cartaz de divulgação do filme curta-metragem



Fonte: Acervo particular do autor.

¹²⁴ EDITAL Nº 008/2011 - SECULT/FEC – PRÊMIO CACÁ DIEGUES 2011, de Apoio à Produção Audiovisual.

¹²⁵ Ficha técnica: Prêmio Cacá Diegues, 2011 de Apoio à produção audiovisual, tendo como proponente Solange Aparecida do Nascimento; Direção e roteiro: João Luiz Neiva; Direção de Produção: Wolfgang Teske; Direção de Fotografia: Luiz Fernando Silva, Eduardo Maia e João Luiz Neiva; Montagem: Carlos F. M. Franco e João Luiz Neiva; Direção de Arte: Suzane Mattos; Direção de Som: Eduardo Maia; Produção: Solange Aparecida do Nascimento; Fotografia Still: Dellena Batista; Design Gráfico: Luiz Fernando Silva; Elenco: Seu Balbino, Dona Inácia, Joaquim Bento e Grupo da Roda de São Gonçalo.

Foram feitos lançamentos do filme *A Promessa* em vários locais e cidades, iniciando no Cine SESC, do Centro de Atividades SESC de Palmas, dia 18 de fevereiro de 2013; Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias, dia 23 de fevereiro de 2013; Porto Nacional, no Auditório da UFT/centro, dia 25 de fevereiro de 2013; Miracema, no Auditório da UFT, dia 27 de fevereiro de 2013; Taquaruçu, Palmas, na Praça Joaquim Maracaipe, no dia 28 de fevereiro de 2013. Em todos os locais foram feitas mini-palestras nestes eventos, alusivas a riqueza cultural da comunidade quilombola Lagoa da Pedra.

O lançamento deste filme teve ampla cobertura midiática, em reportagens da televisão, nas rádios locais, na Internet em várias dezenas de portais de notícias em várias regiões do país e em jornais impressos, exemplo Fig. 64, enfocando a força e valor da cultura quilombola, caracterizada como Folkmídia na sua essência. Uma das várias reportagens exibidas pelas TVs locais foi a da TV Cultura-Redesat, de 4:03, por ocasião do lançamento do filme no Cine Sesc, em Palmas, no dia 19 de fevereiro de 2013 e disponibilizado no canal do Youtube.¹²⁶

Figura 64 – Capa do Jornal do Tocantins, 17/2/2013



Fonte: Foto Elaboração própria. Arquivo particular.

¹²⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2kAF9IOHILU>>.

O filme *A Promessa* foi disponibilizado no canal do Youtube¹²⁷, o que possibilita esta manifestação cultural seja acessada por milhares de pessoas, sendo uma força contrária à da tentativa de homogeneização cultural no sistema globalizado, por parte da indústria cultural.

O dia 18 de fevereiro de 2013 está marcado na memória de todos os quilombolas e visitantes presentes no dia do lançamento do filme na comunidade. Foi uma noite de inúmeros aspectos folkcomunicaçãois e, ao mesmo tempo, novamente se tornou um produto folkmidiático. Nós levamos tela de projeção, caixas de som e demais equipamentos para a Lagoa da Pedra e, assim, o filme pode ser exibido. Como na comunidade não há nenhum espaço como auditório ou salão, a tela foi montada ao lado da escola, a céu aberto. Os quilombolas de todas as idades foram chegando, sentadas em lonas no chão, em algumas poucas cadeiras e outros em pé. Era a primeira vez que, praticamente, a quase totalidade dos quilombolas iria assistir um filme de cinema e, o grande detalhe, eles eram os protagonistas, eles eram os atores. O filme foi exibido duas vezes, por solicitação de todos, Fig. 65.

Figura 65 – Exibição do filme *A Promessa* a céu aberto



Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 18/02/2013.

Ao final da exibição, muitos aplausos para eles mesmos, tanto para os atores, quanto para a conquista da comunidade em possibilitar que sua cultura fosse divulgada desta forma para milhares de pessoas através das plataformas digitais. Cada família recebeu um DVD para que pudessem assistir em suas casas e compartilhar com amigos. As conversas e comentários nos dias que se seguiram tratavam deste assunto. Era o canal folkcomunicaçãois de comunicação.

¹²⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JI7QsD6SYv4&t=44s>>.

A TV Cultura-Redesat, canal 13, de Palmas fez a cobertura do lançamento do filme na Lagoa da Pedra para um programa especial de notícias, transformado-a em uma grande reportagem, com a duração de 7:03, exibido no dia 25 de fevereiro de 2013, disponibilizado no Youtube.¹²⁸ O repórter Carlos Gomes conseguiu retratar através desta reportagem o significado tanto da história que gerou o filme *A Promessa* como a importância tanto do filme em si, quanto da exibição no local, nas outras cidades e na publicação deste na Internet, ao entrevistar alguns quilombolas na ocasião.

O repórter, após mostrar a comunidade Lagoa da Pedra e ter apresentado as razões que levaram à concretização deste projeto, fala do que viu durante a exibição do filme, que vejo como um autêntico cenário folkcomunicação, quando diz na reportagem:

O documentário tem 18 minutos. Os artistas foram os próprios moradores, A exibição foi a céu aberto, no meio do tempo. Os quilombolas não desgrudavam os olhos da tela, atenção total, ninguém perdeu um só detalhe. As crianças ficaram bem à vontade, mas concentradas. Foi a primeira vez a comunidade frequentou uma sala de cinema, num ambiente bem natural, criado por eles mesmos.

O guia-mestre da Roda de São Gonçalo, Joaquim Bento da Silva que é um dos integrantes do grupo que realizaram o pagamento da promessa que aparece no filme, após assistir a exibição: “Achei muito importante, porque ninguém esperava vê isso né! A gente tá observando coisas que a gente apresenta né! Tá vendo pessoalmente né! Muito bom”. Para a líder quilombola Maria Inácia Antônio de Farias e Silva que é uma das mulheres que aparece no filme explicando o significado da Roda de São Gonçalo, falou de sua impressão após ter assistido o filme: “A nossa cultura está sendo conhecida não só no Brasil, é no mundo todo”. Ao ser perguntada pelo repórter sobre a desenvoltura dela como atriz, respondeu: “Uai. Gostei. Não esperava não, mas [muitos risos]”.

Para concluir a reportagem o repórter Carlos Gomes dá outro enfoque folkcomunicação dizendo: “No escurinho do cinema, ou melhor, do cerrado, foi quebrado só pelo brilho da lua”.

Várias outras ações e eventos ainda ocorreram além das que foram mencionadas nesta quarta fase da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, pois ainda foram realizadas pesquisas acadêmicas por parte de alunos e professores da UFT, do campus de Arraias-TO e outras instituições de ensino superior. Destaco a dissertação de mestrado de Ana Lourdes Cardoso Dias, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, obtendo o grau em

¹²⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9CTWYRU9rcg&t=119s>>.

Linguística, em 2009, e que pesquisou o *Processo da palatalização no Português: Lagoa da Pedra e Canabrava-TO*¹²⁹. Foi também neste período, que a pedagoga e professora da UFT, Solange Aparecida do Nascimento iniciou o seu doutoramento na Universidade Federal da Bahia – UFBA, tendo como tema: *Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros e o currículo Escolar: um estudo na comunidade quilombola Lagoa da Pedra*, tese defendida no ano de 2017.

Este foi um período de muitas conquistas, avanços e que mudou a comunidade, entretanto, a partir da chegada da mineração, houve certa paralização de várias ações como já explicado no capítulo anterior.

6.5 Quinta fase – Cultura quilombola e as novas tecnologias na era digital.

Esta quinta fase que proponho nesta sistematização da linha do tempo da Lagoa da Pedra, é a época iniciada em meados do ano de 2016, que provocou a maior transformação nas relações pessoais, interpessoais no que diz respeito à comunicação, a partir da instalação de uma torre de telefonia móvel da empresa de telefonia celular, no Distrito da Canabrava, distante três quilômetros da Lagoa da Pedra.

Desde que a Internet se popularizou, houve uma transformação total na área dos sistemas de comunicação e informação no mundo todo, pois estes sistemas foram interligados numa grande teia de computadores de todas as partes do mundo, conhecida como *word wide web*, ou apenas *www*. É a partir deste avanço tecnológico que se tornou possível a transferência de toda sorte de arquivos digitais. Alcântara e Vieira, em um texto intitulado *Tecnologia móvel: uma tendência, uma realidade*, afirmam que “Atualmente a mobilidade (*Mobile*), apresenta-se como uma das grandes inovações históricas da revolução tecnológica” (ALCÂNTARA; VIEIRA, s/d).

Segundo dados do IBGE, coletados no ano de 2016, e amplamente divulgados¹³⁰ no início do ano de 2018, o Brasil tem 116 milhões de pessoas, com idade acima dos 10 anos conectadas à internet, o que significa que 64,7% de toda a população brasileira estão conectadas de forma *online*. Esta mesma pesquisa também revela que as regiões Nordeste e

¹²⁹ Disponível em:

<<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tde/2439/1/dissertacao%20ana%20dias%20letras.pdf>>.

¹³⁰ Economia. Tecnologia. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

Norte eram as únicas a apresentar taxas de indivíduos conectados inferiores à média brasileira, de 52,3% e 54,3%, respectivamente.

Outro dado apresentado pela pesquisa é que o sistema *mobile*, dentre os demais meios eletrônicos é o mais utilizado para acesso à internet.

O celular continua a ser o principal aparelho para acessar a internet no Brasil. Em 2016, o eletrônico era usado por 94,6% dos internautas, à frente de computadores (63,7%), tablets (16,4%) e televisões (11,3%). Segundo o IBGE, 77,1% dos brasileiros possuíam algum celular (GOMES, 2018).

Estes dados são importantes para que se compreenda que, apesar da comunidade quilombola Lagoa da Pedra estar localizada na região norte do país, onde, conforme os dados do IBGE as taxas de indivíduos é inferior à média brasileira, ela está incluída no número das pessoas conectadas pelo sistema *mobile*. Nas palavras de Ruimar Antônio de Farias isso fica bem evidente a razão desta inclusão e possibilidade de uso desta nova tecnologia.

E hoje, a maior mudança que temos dentro da comunidade, é uma torre que foi construída na Canabrava, no povoado aqui, um distrito, onde hoje o pessoal usa celular de bolso. Todo lugar, se tivé na roça, em qualqué lugá que tivé na região aqui em torno, você consegue falá com qualqué pessoa se tivé o contato dele. E antes a pessoa teria que si dislocá dali até a casa daquela pessoa que encontrá e dá o recado. E hoje não, hoje de onde você tá você já manda o recado (Entrevista realizada no dia 7 de janeiro de 2017).

A comunidade quilombola Lagoa da Pedra se adaptou muito rapidamente às novas tecnologias e vai assimilando esta nova cultura digital e se integrando neste mundo de convergência digital. Os propulsores do uso destas novas tecnologias são, evidentemente, os mais jovens, mas que ensinam boa parte dos mais velhos a manejar minimamente com o sistema *mobile* de comunicação, como será visto com exemplos em seguida. Com os equipamentos tecnológicos que cabem na mão, seja um dispositivo celular, iPad, Smartphone, os quilombolas também passam a conectar-se ao mundo digital. Entretanto, por outro lado, também estão sujeitos às profundas alterações culturais, pois esta cultura digital é líquida, como afirma Bauman (2005, p. 33) “No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam”.

Para Bauman (2005) há um processo em curso que está abalando as estruturas e instituições sociais.

Estamos agora passando da fase “sólida” da modernidade para a fase “fluida”. E os “fluidos” são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças. Num ambiente fluido, não há como saber se o que nos espera é uma enchente ou uma seca – é melhor estar preparado para as duas possibilidades. Não se deve esperar que as estruturas, quando (se) disponíveis, durem muito tempo. Não serão capazes de aguentar o vazamento, a infiltração, o gotejar, o transbordamento – mais cedo do que se possa pensar, estarão encharcadas, amolecidas, deformadas e decompostas (BAUMAN, 2005, p. 57).

A pergunta que ainda não tem resposta em relação à questão da identidade quilombola da Lagoa da Pedra é como os quilombolas e irão reagir no futuro nesta sociedade líquida, que altera as identidades tanto individuais e coletivas.

Para Bauman, no mundo líquido ou na sociedade líquida,

[...] ocorrem as mudanças e os deslocamentos aparentemente aleatórios, fortuitos e totalmente imprevisíveis, daquilo que por falta de nome mais preciso, chamamos de “forças da globalização”. Elas transformam a ponto de tornarem irreconhecíveis, e sem aviso, as paisagens e perfis urbanos a nós familiares em que costumávamos lançar as âncoras de uma segurança duradoura e confiável. Elas realocam as pessoas e destroem as suas identidades sociais (BAUMAN, 2005, p. 100).

O que apresento nesta pesquisa ao analisar a identidade cultural da comunidade a partir do uso das novas tecnologias é como ela está se apropriando destas tecnologias, reafirmando a sua identidade cultural, mesmo que ressignificada. A dinâmica de vivenciar a cultura tradicional não fica mais restrita aos participantes presenciais, mas com o uso dos meios tecnológicos passa a ocorrer um fluxo de informações sobre as manifestações e eventos culturais de forma interativa em diversas plataformas de comunicação.

Pierre Lèvy tem vários trabalhos e pesquisas realizadas sobre cibercultura e tem um texto seu citado no artigo *Cibercultura e as identidades líquidas: Reflexão sobre a cultura na era das novas tecnologias*, que mesmo escrito há mais de 20 anos, ainda faz sentido, especialmente, na abordagem deste capítulo. Diz ele:

Uma coisa é certa: vivemos hoje em uma dessas épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social, ainda pouco estabilizados. Vemos um destes raros momentos em que, a partir de uma nova configuração técnica, quer dizer, de uma nova relação com o cosmo, um novo estilo de humanidade é inventado (PIERRE LÈVY, 1995 apud CUNHA, 2012, p. 01).

Esta nova relação apresentada por Lèvy, demonstra que nesta época também denominada de Web 3.0, os internautas não apenas recebem mensagens, mas também são emissores de mensagens. Da mesma forma, como os quilombolas vão assimilando e tomando conhecimento de outras culturas através da conexão digital, perdendo algumas das características culturais dos mais velhos, vão ressignificando outros aspectos culturais, que, por sua vez, são disponibilizados nas redes sociais digitais, em uma constante reafirmação de sua identidade ressignificada.

Os aparelhos celulares estão presentes praticamente em todas as famílias e, em alguns casos, mais do que um, utilizando várias plataformas digitais de relacionamentos, principalmente o Facebook e Instagram, além da mídia social do WhatsApp. Como também há vários jovens quilombolas universitários, eles estão conectados de forma multimidiática neste mundo de convergência digital. O que fica evidente é que estes jovens que estão na universidade reafirmam sua condição identitária de quilombolas, diferentemente do passado, quando eram discriminados e sofriam toda sorte de preconceito, sendo chamados de sujos, sapos e pretos da Lagoa da Pedra. Esta reafirmação identitária se dá de forma clara ao divulgarem publicamente suas manifestações culturais e ao disseminá-las pelas redes de mídia social como ocorreu no caso da Folia de Santos Reis.

Folia de Santos Reis

A Folia de Santos Reis, também conhecida como Folia de Reis é celebrada em várias regiões do Brasil, e ocorre em nosso país desde a época do Brasil Colônia. Um costume oriundo de Portugal e assimilado pelos negros escravizados. A Folia de Reis é uma das manifestações que compõe o rico mosaico da cultura tradicional brasileira, que integra o catolicismo popular e que relembra ou revive o trajeto dos três reis magos que, saíram o Oriente até Belém da Judeia, onde havia nascido um Rei. Por esta razão, trouxeram presentes preciosos, tais como: ouro, incenso e mirra. A narrativa deste acontecimento histórico está na Bíblia, no evangelho de Mateus 2. 1-12¹³¹.

¹³¹ “A visita dos magos. 1. Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia, em dias do rei Herodes, eis que vieram uns magos do Oriente a Jerusalém. 2. E perguntavam: Onde está o recém-nascido Rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo. 3. Tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes, e, com ele, toda a Jerusalém; 4. então, convocando todos os principais sacerdotes e escribas do povo, indagava deles onde o Cristo deveria nascer. 5. Em Belém da Judeia, responderam eles, porque assim está escrito por intermédio do profeta: 6. E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as principais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar a meu povo, Israel. 7. Com isto, Herodes, tendo chamado secretamente os magos, inquiriu deles com precisão quanto ao tempo em que a estrela apareceria. 8. E, enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide informar-vos cuidadosamente a respeito do menino; e, quando o tiverdes encontrado, avisai-me, para eu também

É importante fazer o registro e análise desta festividade, pois “[...] o estudo da cultura popular, da religiosidade e de festas populares pode nos ajudar a entender a construção da identidade social dos participantes destas manifestações” (FERRETI, 1988 apud TESKE, 2018, p. 37). Como se trata de uma festa secular, na qual se observa a existência de um sincretismo religioso, de africanidade e catolicismo. Conforme Ferreti havia comprovado em seus estudos, que “[...] em alguns grupos afro-brasileiros a religião, mesmo sincretizada com diversas tradições, pode se constituir fator de preservação de identidade social” (FERRETI, 1988 apud TESKE, 2018, p. 37). Outro fator importante a ser ressaltado é que “[...] as tradições comunicacionais das populações marginalizadas sobrevivem às inovações tecnológicas, demonstrando capacidade de resistência cultural, no tempo e no espaço” (MARQUES DE MELO, 2008, p. 57-58). A partir da inclusão digital, sobreviver às inovações tecnológicas significa que as utilizam para reafirmar sua identidade.

A Folia de Santos Reis que acompanhei, teve início na noite do dia 05 de janeiro de 2017 e foi concluída na manhã do dia seguinte e ocorreu no distrito da Canabrava, em Arraias, onde pude observar a integração dos moradores tanto do distrito quanto os da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, como já é tradição. Foi possível observar que é uma festa popular na qual se misturam crenças, símbolos, valores, religiosidade e folclore. Toda esta festa é promovida por voluntários, não existe comercialização de produtos e nem a presença de padres como representante da Igreja, pois ela é conduzida pelo alferes e os pagadores de promessa. Há uma grande concentração de pessoas na casa de um dos líderes da Folia de Santos Reis, Amarelho Alves de Almeida, conhecido por todos por Toin.

Para Marília Silva Almeida, 24 anos, que já participou várias vezes da Folia de Reis, e pela segunda vez participa como “promesseira” como se autodenomina, pois pagará promessa, explica o significado desta festa:

É a fé que a gente tem no Senhor Santos Reis, que foram os três reis magos que naquele tempo seguiram a estrela guia e foram até Jesus no nascimento dele. Folia de Reis pra gente é aquela tradição que a gente faz, porque a folia de Reis quando sai ela precisa ter uma promessa, ela não sai igual a folia do Divino, que todo ano tem que sair. A pessoa tem que fazer a promessa pra soltar a folia de Reis. É a tradição. [...] através da fé, a gente recebe a bênção e aí soltar a folia de Santos Reis (Entrevista realizada com Marília Silva Almeida, no dia 5 de janeiro de 2017).

ir adorá-lo. 9. Depois de ouvirem o rei, partiram; e eis que a estrela que viram no Oriente os precedia, até que, chegando, parou sobre onde estava o menino. 10. E, vendo eles a estrela, alegraram-se com grande e intenso júbilo. 11. Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra. 12. Sendo por divina advertência prevenidos em sonho para não voltarem à presença de Herodes, regressaram por outro caminho à sua terra”.

Tudo o que aprendeu sobre a folia de Santos Reis foi com o seu pai como afirmou:

[...] eu tenho um professor dentro de casa, o meu pai. [está referindo-se ao alferes, o guia da folia Amarelho Alves de Almeida] Meu pai é folia de guia e desde criança a gente já cresceu com essa tradição da folia de Santos Reis, Divino Espírito Santo e eu já cresci vendo ele (Entrevista realizada com Marília Silva Almeida, no dia 5 de janeiro de 2017).

Nas palavras desta estudante universitária há uma clara demonstração que a tradição que herdou de seus pais e demais familiares é tão forte que a tal modernidade, ou mesmo outras culturas urbanas não conseguem sufocar, muito pelo contrário, sente orgulho em continuar vivenciando esta tradição além de disseminá-la.

Jader Vinícius Silva Farias, jovem quilombola e universitário de 20 anos, dá a sua versão sobre o significado da Folia de Santos Reis.

Assim, quando acontece alguma coisa a gente geralmente se apega ao Santos Reis. A gente quer que aquela fé, quando faz a promessa, faz o pedido e ela se realiza. Aí a gente tem aquela fé muito grande em Santos Reis. Todas vezes que faz um pedido de grande valor, a gente se apega em Santos Reis e aí a gente cumpre a promessa (Entrevista realizada com Jäder Vinícius Silva Farias, no dia 5 de janeiro de 2017).

E um aspecto que é o grande diferencial em relação às edições anteriores é a presença de *smartphones* nas mãos de inúmeros participantes que vão registrando cada detalhe, cada passo, cada dança, cada símbolo desde o início ao fim da Folia de Santos Reis.

A partir da instalação da torre da empresa de telefonia móvel, os *smartphones* não são usados por eles apenas para fotografar, mas, também, para captar as imagens que são postadas nas redes de mídia social e disseminadas de forma online. Neste momento, ficou evidente como o tradicional se entrelaça com práticas modernas, e onde a cibercultura se faz presente.

Como afirma a pesquisadora Betânia Maciel, “[...] a Internet é uma ferramenta de utilidade única para melhorar as comunicações de ponte para grupos marginalizados” (MACIEL, 2017, p. 10). Pelo que pude observar, e isto fica claro nos depoimentos dos participantes da Folia de Santos Reis é que eles sabem da importância de serem não meros consumidores de conteúdo disseminado Internet, mas que também podem ser, da mesma forma, produtores, o que neste estudo pode ser descrito como agentes folkmediáticos. Maciel (2017, p. 10) afirma: “A Internet pode ser realmente um recurso do século XXI para reduzir a desigualdade se os grupos marginalizados puderem usar a Web para aumentar a heterogeneidade da Rede”.

A festa inicia com a chegada das pessoas. Qualquer um pode participar e não é necessário um pré-agendamento. A Folia de Santos Reis inicia com uma janta que é oferecida para todos. A preparação é na própria casa do Amarilho Alves de Almeida. A casa é simples, de adobe, pequena e todos podem circular por ela livremente. No meio da sala está montada uma mesa grande onde será servida a janta. Os mais idosos se acomodam nos bancos e em algumas poucas cadeiras e a grande maioria vai formando pequenos grupos no pátio em frente à casa. Outros ainda no fundo da casa onde fica o quintal ou mesmo na cozinha, onde estão sendo preparados os alimentos.

A Folia de Santos Reis, ocorrida nos dias 5 e 6 de janeiro de 2017, foi marcada por motivo de ex-votos. Quatro jovens, dois dos quais eram universitários e uma senhora idosa haviam feito promessa por duas razões diferentes e iriam fazer o pagamento de suas promessas com o giro desta Folia.

Ex-voto é uma palavra que se originou da língua latina e significa “[...] quadro, ou objeto simbólico colocado em uma igreja, ou lugar de veneração, para cumprir uma promessa ou em agradecimento a uma graça alcançada” (LAROUSSE CULTURAL, 2000).

Entretanto, Luiz Beltrão, autor da teoria da Folkcomunicação, em suas pesquisas ampliou o significado sobre os ex-votos fazendo uma leitura científica dos significados sob o ponto de vista linguístico, mostrando que junto com os símbolos linguísticos estão presentes recursos comunicacionais populares. Em outras palavras, nos ex-votos é possível verificar diversos tipos de expressões, como angústias, alegrias e outros sentimentos do povo.

No artigo sobre o “ex-voto” Beltrão escreve:

Pois é tempo de não continuarmos a apreciar nessas manifestações apenas os seus aspectos artísticos, a sua finalidade diversionista, mas procurarmos entendê-las como a linguagem do povo, a expressão do seu pensar e do seu sentir tantas e tantas vezes discordante e mesmo oposta ao pensar e ao sentir das classes oficiais e dirigentes. Esse sentido camuflado, que não raro escapa ao próprio estudioso dos fenômenos sociológicos, é, contudo, perfeitamente compreendido por quantos tenham com os comunicadores aquela experiência sociocultural comum, condição essencial a que se complete o circuito de qualquer processo comunicativo (BELTRÃO, apud MARQUES DE MELO, 2008, p. 19).

Portanto, com a prática de ex-votos, há uma transmissão de mensagens codificadas em múltiplos signos, e vários deles estão presentes no giro da Folia de Santos Reis que acompanhei na Canabrava. Os ex-votos são mensagens veiculadas através das manifestações públicas nestes canais alternativos de comunicação pelos quais são transmitidos símbolos que

denotam a fé e esperança popular. Por esta razão, estão presentes os pagadores das promessas, ou dos ex-votos e todos os que acompanham o giro, bem como os que abrem as suas casas para receber os foliões. Em outras palavras, o ex-voto é uma demonstração simbólica de comunicação, pelo qual o devoto noticia fatos pessoais e particulares relacionados com o poder divino ou místico. Foi exatamente isto que ocorreu com os jovens Jader Vinícius Silva Farias, Marília Silva Almeida, Hilda Gicelle da Silva Almeida, Janival Costa Santos e a idosa Hilda Ferreira da Costa ao pagarem as suas promessas.

Nestes casos tanto o transmissor quanto o receptor da mensagem compreendem e assimilam o sentido e a levam para a comunidade, onde, por sua vez, a mensagem é retransmitida. Estabelece-se, assim, um sistema de comunicação, pois, além de se comunicarem com toda a comunidade circundante, agora na época da conexão com a Internet esta mensagem dos ex-votos ganha uma audiência mundial, por conta das redes de mídia digital. Novamente vemos o tradicional se mistura com o sistema multimidiático e podendo ser caracterizado como Folkmídia, conforme denominado na teoria da Folkcomunicação.

A motivação da promessa realizada pelos jovens Jader Vinícius Silva Farias, Marília Silva Almeida, Hilda Gicelle da Silva Almeida e Janival Costa Santos foi algo diferente e inusitado, pelo fato de não estar relacionada com algum problema de saúde, dificuldade financeira, desemprego, pedido de chuva como normalmente acontece, mas, sim, por uma questão política eleitoral como eles mesmos afirmaram. Marília Silva Almeida explica que o giro desta Folia de Santos Reis é o cumprimento de dois tipos de promessa, a primeira por motivação política eleitoral.

A gente táva aqui no dia da eleição [Estão se referindo à eleição de outubro de 2016, que elegeu vereadores e prefeito do município] e a gente tem uma amizade muito grande com o candidato a prefeito de Arraias. Aí a gente táva naquela agonia, sabê se ia ganhá ou não. O Wagner, e os vereadores Joil e Durão. O Joil é daqui e o Durão mora aí pra Santa Rosa aí pra baixo. Aí a gente tem uma amizade muito grande com os três. Aí chegou mais ou menos umas quatro horas, aí antes de fechar a urna e a gente táva naquele nervoso e se a gente se pegá nos Santos Reis é certeza que eles vai ganhá. Aí nós quatro que tem muita amizade com eles, aí a gente chegô numa conclusão. Vamos fazê uma promessa pra Santos Reis, se ele ganhá, se os três ganhá a gente vai colocá uma noite de Santo de Reis, girá uma noite de Reis. Aí saiu o resultado, o Wagner ganhô e os vereadores távam com 130 votos, teve gente que teve mais votos que eles, mas eles foram eleitos, pra legenda. Foi o Santos Reis que colocô eles lá (Entrevista com Marília Silva Almeida, no dia 5 de janeiro de 2017).

Em seguida, ela fala sobre a motivação de outra promessa, feita pela sua avó materna, Hilda Ferreira da Costa.

A minha tia táva grávida, aí ela passou por um momento difícil, ela teve pré-eclâmpsia, a nenê dela teve que tirá, ela táva numa situação meio de risco, aí a gente já fez junto também. Olha, se saí dessa e der tudo certo, a gente já junta na mesma promessa. Aí o vô também tinha feito prá ela. Aí a gente sai daqui e vai fazê a reza lá amanhã de manhã (Entrevista com Marília Silva Almeida, no dia 5 de janeiro de 2017).

Na realidade, esta foi uma promessa coletiva com dois motivos diferentes, um por motivo político eleitoral e outro por motivo de saúde. Já o cumprimento dos ex-votos se dará na sequência, um após o outro. Assim que o giro da folia dos Santos Reis seria concluído na manhã dia seguinte, na casa dos avós da Marília, a última casa a ser visitada pelo giro, todo o grupo de foliões e demais participante faria uma reza diante de um altar específico montado na sala, que denominam de lapinha.

Jader Vinícius explica que quando ocorre o giro e se faz a finalização, ele ocorre diante da lapinha, que é o altar montado, mas nem sempre isso ocorre por cumprimento de promessa. Neste caso, o cumprimento desta promessa exige que, além de todos participarem de uma reza específica, também será servido um café da manhã para os foliões e todos os que vem acompanhando o giro da folia.

Porque normalmente quando tem o giro, tem a recolhida, e quando tem a recolhida tem a lapinha que é a mesa onde reza. Aí a gente faz a noite de giro e minha vó fez a lapinha e o vô tinha feito a promessa de fazê a reza lá. A gente faz o giro e cumpre a promessa nossa de fazê o giro em prol dos vereadores e do prefeito que ganhou, e da minha tia da folia da noite de Reis e do meu vô foi de fazê a reza no dia seis. Aí a gente vai fazê o giro neste dia cinco durante a noite e no dia seis fecha lá na casa dele, cumprindo a promessa dele fechando com a reza (Entrevista com Jader Vinícius Silva Farias, no dia 5 de janeiro de 2017).

O cumprimento dos ex-votos tem formas variadas, tudo conforme foi feita na hora de fazer a promessa. Tudo sempre inicia com uma janta e termina com um café da manhã, e o promesseiro acompanha todo o trajeto durante a noite, e o que difere é o ritual durante o giro da folia, conforme explica a jovem Marília.

Depende do modo como fez a promessa. Se fez a promessa pra ficá de joelho, você tem que ficá de joelho pra assistí o canto nas casa, segurá a vela, igual a gente fez é segurá a vela na mão em cada casa. Aí na hora de cantá a gente acende a vela e segura ela na mão. Depende você pode ficá ajoelhado com a vela na mão ou em pé com a vela na mão. Esse é o sinal de cumprimento da promessa. Tudo depende do momento que você fez a promessa. Quando termina o canto de fora da casa você pode levantá e aí de novo na próxima casa (Entrevista com Marília Silva Almeida, no dia 5 de janeiro de 2017).

Quando tudo está preparado, a comida sobre a mesa, todos são convidados pelo líder Amarilho Alves de Almeida para se achegar. Faz-se silêncio, pois já faz parte desta manifestação cultural ouvir o guia que agradece a Deus em oração pelo alimento que está sobre a mesa, e que será servida a todos. Também pede que Deus abençoe o Giro da Folia de Santos Reis e pede pela proteção dos jovens no mundo que está em conflito. Os foliões que irão cantar e tocar os instrumentos se posicionam ao redor da mesa, juntamente com os pagadores de promessa e quem mais conseguir entrar no ambiente. Os demais ficam acompanhando em silêncio do lado de fora da casa.

A janta é de fartura e diversos tipos de comida, tais como arroz, saladas, carne de gado, carne de porco, feijão, farinha e macarrão. Só após este momento de oração, Fig. 66, inicia a janta com fartura. Todos podem comer à vontade.

Figura 66 – Momento da oração à mesa do jantar



Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 5/01/2017.

Todo alimento foi recebido por doação e foi preparado de forma coletiva com participação da família, de vizinhos e amigos. Todos colaboram para repor a comida na medida da necessidade, enquanto que os pratos e talheres daqueles que já comeram são lavados e novamente colocados à disposição dos demais.

Quando todos comeram colocam sobre a mesa pratos limpos e são colocados três potes pequenos com uma porção de farinha, um no centro e um em cada ponta da mesa, sendo que, ao em frente a cada pote, são colocados dois garfos em forma de cruz.

Este ritual tem o seguinte significado: os potes com farinha representam a comida que havia com fartura e os garfos cruzados que todos comeram e ficaram satisfeitos e um símbolo de agradecimento a Deus pelo momento vivido.

O tambor começa a ser ouvido o som alto provocado pelo toque frenético do tambor. É o anúncio e o chamamento para o canto do Bendido, um cântico de agradecimento pelo alimento e pelo conagraçamento de todos os presentes. Todos se aproximam e entram no recinto, momento em que a viola, os pandeiros, caixas e a zabumba irão enriquecer a música e embalar os presentes. Cantam o Bendito, enquanto vão pegando e jogando na boca com a palma da mão uma porção de farinha do pote, afinal, é uma farinha abençoada.

A música do Bendido é acompanhada por uma dança ao redor da mesa, vão pela direita e, em seguida, giram e voltam pelo outro lado e a bandeira da Folia dos Santos Reis, confeccionada de forma artesanal é trazida a partir deste momento e seguirá com os foliões até o amanhecer. A sala fica lotada e todos querem participar deste momento de agradecimento ao som da música, Fig. 67. Os *tablets* e *smartphones* estão posicionados para registrar cada momento pelos participantes.

Figura 67 – Momento de agradecimento e cântico



Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 5/01/2017.

Concluída esta parte de oração e agradecimento, que sessa com o fim do toque do tambor e pandeiros, inicia a última parte dentro da casa. Os pratos são recolhidos, a mesa é retirada e dentro da casa, a sala será palco para a dança da Sússia, que entre eles é denominada de Suça e também como batuque ou samba.

É um momento eletrizante, e aguardado com ansiedade por todos. A Sússia é uma dança típica e tradicional nas comunidades interioranas do Tocantins, principalmente no

Sudeste do Estado, carregada de um simbolismo cultural muito forte. Há um envolvimento de todos, homens, mulheres e crianças que dançam em círculos, e seguem no embalo frenético das batidas dos instrumentos, enquanto cantam juntos, sempre guiados pelos foliões que fazem repentes seguidos de refrões, batem palmas, dão gritos de incentivo para quem está dentro da roda.

Essa dança vem da época escravista e provavelmente remonta à ancestralidade dos negros escravizados, que continuaram as suas manifestações em momentos de festa. A finalização da Sússia é a jiquitaia, passos e movimentos que tem característica idêntica ao de matar formigas que subiram pelo corpo. Jiquitaia é o nome de uma formiga que era um grande empecilho dos trabalhadores na roça. Para se livrar delas, pulavam, sapateavam e passavam a mão pelo próprio corpo e dos outros para ajudarem a se livrar destas formigas. A dança que também tem um toque de sensualidade demonstrada nos movimentos do corpo e insinuações entre homens e mulheres, pois sempre há um homem e mulher no meio da roda fazem com que os demais riem e façam graça. Na finalização da Sússia e de forma muito divertida, com gritos e palmas cantam a letra composta por versos que se repetem inúmeras vezes: “A formiga que dói? É a jiquitaia. A formiga que dói? É a jiquitaia. A formiga que dói? É a jiquitaia”.

A dança da Sússia faz parte de todas as festas religiosas e folclóricas da Lagoa da Pedra e da região e é uma demonstração de afirmação de suas origens e com isso vão fortalecendo as suas tradições.

As danças sempre foram um importante componente cultural da humanidade. É preciso entender que ela não é algo com começo e fim, mas um produto da história de cada sociedade, de uma forma de vida, ela é o resultado de uma interação contínua entre pessoas de determinadas regiões, e que é passada de geração em geração por um longo período de tempo, pois retrata a cultura de um povo (RODRIGUES; BISPO, 2015, p. 146).

A dança e a música é presença sempre constante na comunidade quilombola Lagoa da Pedra e região. Inclusive, quando os foliões entram na casa das pessoas, depois que a porta se abre pelos moradores, estes pedem para que a súa seja dançada. Esta é uma das características da folia de Santos Reis, após o canto com conotação sagrada vem a dança e o batuque que não fazem parte do pagamento da promessa, entretanto, tudo isto é uma amálgama, um não existe sem o outro, é o folclore e o sagrado que se encontram como uma unidade. Em suma, uma manifestação cultural autóctone, alegre, pela qual o povo expressa a sua identidade. “Tem que dançar o Súa né! Isso não faz parte do pagamento da promessa. A

gente dança porque gosta mesmo. Desperta o sono, porque às vezes a noite é comprida, aí é pra despertar o sono” (Entrevista realizada com Marília Silva Almeida, no dia 05 de janeiro de 2017). E o seu primo Jader Vinícius Silva Farias, que está participando da conversa acrescenta: “Porque se você tá sentado ou parado você começa a cochilá quando começa a pesá. Aí você emenda no Súça, pula lá junto aí o sono desperta”.

Segundo afirmam os promesseiros ou pagadores dos ex-votos, o sentimento de realizar e participar de uma Folia dessa natureza se resume a uma palavra: Fé, conforme disse o jovem Jader Vinícius Silva Farias. “É fé. A fé é união, porque quando a gente faz uma promessa assim, a união, porque não tá só a gente ali que fez a promessa, a comunidade inteira participa em peso”. Esta participação é motivada pelo gosto das práticas culturais, como acrescenta Jader:

[...] eles gosta da cultura e tenta preservar a cultura mesmo. Todas vez que tem Santos Reis é desse jeito assim. Muita gente assim. Uns não acompanha a noite toda, mas acompanha a metade e no outro dia na reza, tá lá junto. A gente que fez a promessa também fica muito satisfeito [por causa da motivação do pessoal. Dito pela Marília]. Além da nossa fé, a do pessoal também, porque tem muita fé em Santos Reis em acompanha, em participá da folia e da reza (Entrevista realizada com Jader Vinícius Silva Farias, no dia 5 de janeiro de 2017).

Novamente fica evidente a amálgama entre a religiosidade e folclore, pois falam que esta festa é a manutenção da cultura e do fortalecimento da fé. E, quando o Jader Vinícius diz que todos em muita fé em participar da folia e da reza, ele está distinguindo a parte religiosa da folclórica, entretanto sendo tratado como uma unidade. Como ainda acrescentou a jovem Marília, “[...] é um momento em que se unem e todos ajudam para que o giro aconteça”.

A jovem Marília Silva Almeida lembra outro fator, verificado durante a festa, que é a participação de pessoas que não organizaram a folia, e que aproveitam este momento para acompanhar o giro da Folia de Santos Reis e pagarem cada um a promessa feita, o que é perfeitamente normal para eles e tornando este, um grande momento de ex-votos.

Pode acontecê também, igual assim, a gente tirou a promessa que a gente fez, aí a gente espalha, olha! vai saí a Folia de Reis. Pode ser que alguma pessoa que não fez a promessa com a gente, pode ser que tem alguém com a vela na mão lá. A pessoa vai cumprir a promessa na Folia de Reis e disse, eu vou segurá a vela, vou ajoelhá, é a minha promessa. Pode acontecê isso também. Ela não precisa falá com quem soltou e acompanha também (Entrevista realizada com Marília Silva Almeida, no dia 5 de janeiro de 2017).

Ainda tem outra forma de outros que fizeram promessas e que não ajudaram na organização direta da Folia de Santos Reis, da possibilidade de pagarem as promessas ajudando de alguma forma na festa, conforme afirmou a jovem Marília: “Outras pessoa podem fazê assim: eu vô ajudá no mantimento, a promessa que eles faz. A gente recebe muita ajuda aqui pra fazê a comida. A gente recebeu muita ajuda aqui pra fazê a janta”.

Entre estas pessoas que foram mencionadas estão muitos jovens, bem como há uma grande quantidade de crianças e jovens para acompanhar o giro da folia, ou mesmo para pagar promessas, entretanto, é nítida a ausência de jovens como foliões no papel de cantadores, tocadores de pandeiro, caixa, ou zabumba ou viola. Eu que já acompanhei diversas manifestações culturais na Lagoa da Pedra e Canabrava, ao longo de quase 15 anos, observei que os foliões são praticamente os mesmos, sem registrar uma renovação, principalmente de jovens que poderiam dar continuidade no futuro como líderes foliões. O jovem Jader tem a seguinte opinião sobre o assunto.

É que os jovens não ligam mais pra isso, até mesmo nas missa na igreja, você quase não vê jovens, tão mais é disperso pelo mundo aí. E muitos é também por que termina o Ensino Médio aqui e aí vão embora fazê faculdade. Num fica aqui pra segui essa cultura. Ele não permanece aqui pra aprendê. Vão embora. Teve jovens que aprenderam, mas foram embora (Entrevista realizada com Jader Vinícius Silva Farias, no dia 5 de janeiro de 2017).

Duas razões distintas são apresentadas para a ausência de jovens no envolvimento direto com os foliões mais velhos, para que haja a continuidade neste aspecto, pois sem os foliões as próprias manifestações culturais deixarão de existir, pois não existe nenhuma sem a presença do guias, contra-guias, alferes, cantadores que também são repentistas, tocadores de instrumentos musicais. As razões são a falta de interesse em aprender e por saírem da região em busca de ensino superior nas faculdades da região, principalmente Arraias e Campos Belos. Mas isto é assunto para outra pesquisa.

Para Ruimar Antônio de Farias há certo receio com a preservação das manifestações culturais da região, pelo fato dos mais velhos não ter forças suficientes para dar sequência e pelo desinteresse dos mais novos na condução das folias.

Os mais velhos assim, neste sentido, os mais velhos não querem mais apresentá, devido, às veis, falta de força física entendeu, devido o trabalho forte na roça, então às veis dizem: não, não guento porque minha perna tá doendo. Já a juventude, por se tá na modernização tem vergonha de se expô de se apresentá, nem todos, entre aspas, entende do que tô falando, muitos tem esse tipo de preconceito entendeu!

Então, você vê que a cultura vai acabando (Entrevista com Ruimar Antônio de Farias, no dia 7 de janeiro de 2017).

Quando chega o momento de iniciar o giro da Folia de Santos Reis, o alferes que conduz a bandeira se posiciona à frente de todos e é seguido pelo folião de guia, do contra-guia, dos cantadores e tocadores de pandeiros, caixa, viola e zabumba. Em seguida os pagadores de promessa e todos os participantes. A saída ocorre em silêncio e seguem no escuro pelo caminho que conduz para a primeira casa. Isto se repetirá em todas as casas a serem visitadas, pois caminham em silêncio e ao chegar à porta da casa das famílias, se posicionam diante dela. O alferes posiciona a bandeira da Folia de Santos Reis bem rente à porta e os foliões começam a cantar, Fig. 68.

Figura 68 – Foliões diante da casa dos moradores



Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 5/01/2017.

Canto dos Foliões na festa de Santos Reis¹³²

Ô de casa, ô de casa
Cantando alegremente
Vai chegando em vossa porta
Os três reis do Oriente

Os três reis do Oriente
Que é um mistério profundo
Afugentando peste e guerra
E abençoando todo o mundo

¹³² Texto transcrito da mesma forma como o recebi da Marília Silva Almeida por WhatsApp. O canto foi gravado, entretanto como cantam muito rápido não foi possível entender todas as palavras e frases, e, por esta razão, solicitei que ela mesma me enviasse o texto dos versos.

Levantai quem está acordado
 E acorda quem está dormindo
 Vai chegando em vossa casa
 Esse mistério tão fundo

Senhores dono da casa
 Muito alegres devem estar
 Os três reis do Oriente
 Hoje veio te visitar

Hoje veio lhe visitar
 Com seu terno de folia
 Arreceba a Santa bênção
 O senhor e sua família

Santos Reis não era santo
 Ele era pecador
 Mais pelas obras que ele fez
 Jesus Cristo o santificou

Os apóstolos de Jesus Cristo
 Santos Reis chegou primeiro
 Pra visitar Nossa Senhora
 São José com seu cordeiro

Vinte e cinco de dezembro
 Jesus Cristo foi nascido
 No dia seis de janeiro
 Ele foi reconhecido

Cavalheiros são aqueles
 Ele vem beirando o mar
 Nem parece os reis magos
 Que a Jesus veio adorar

Senhores donos da casa
 Abre a porta e acende a luz
 Venha ver os três reis magos
 Os apóstolos de Jesus

Circulou-se o mundo em Roma
 Que resplandeceu no céu
 Senhor donos da casa
 Joelha lá de dentro

Ajoelha lá de dentro
 E reza a sua oração
 Debaixo dessa bandeira
 E receba a santa bênção

Deus lhe paga a rica esmola
 Deus lhe dê vida e saúde
 As esmolas são caridade
 E lá do céu vem as virtudes

Alguns dos pagadores de promessa estão em pé, outros de joelhos, sem se importar com o tipo de chão, se é pedregoso, com grama, lama ou chão batido, afinal estão cumprindo uma promessa e isso é levado a sério. Em suas mãos seguram velas acesas. Permancem assim durante todo o canto dos foliões diante da porta fechada, que só se abrirá após vários minutos. Enquanto a porta não é aberta pelo morador, eles vão repetindo o canto diversas vezes, Fig. 69.

Figura 69 – Pagadores de promessa diante da casa dos moradores



Fonte: Foto Wolfgang Teske, 5/01/2017.

A bandeira da Folia de Santos Reis é a primeira a adentrar à porta do morador quando esta é aberta. Em seguida, entram os foliões e todos que couberem no recinto. O alferes segura a bandeira enquanto todos os integrantes da família se chegam um a um, se ajoelham diante da bandeira, a beijam, fazem o sinal da cruz e fazem pedidos a Deus. Quem quiser ajudar, amarra o dinheiro nas fitas da bandeira e alguns pediram chuva.

É neste momento que observei que, enquanto alguns estão pagando promessas pelo recebimento da bênção, outros usam este momento para realizar novos pedidos com garantia de pagamento de promessa. Tudo ocorre com uma mistura de alegria e emoção por parte dos moradores e o momento inicial se encerra com a bandeira sendo levada para dentro de um dos quartos da casa, enquanto que o líder da família, que pode ser um homem ou mulher pede a dança da Súça. É um momento de muito batuque, onde dançam, cantam, batem palmas e fazem a casa tremer.

Enquanto que isto está ocorrendo dentro da casa, vários jovens do lado externo já estão compartilhando fotografias e imagens da folia nas redes sociais, principalmente o

Facebook e pelo WhatsApp nos grupos dos quais fazem parte. Ocorrem até casos em que o pagador de promessa está segurando a vela em uma das mãos e na outra o celular filmando e fotografando o ambiente ao redor. “A gente compartilha no grupo de família, a gente manda para quem não pode vir, e deixa no celular para mostrar para os outros. Inclusive, as fotos do ano passado tá tudo aqui”, afirmou Marília Silva Almeida. Jader Vinícius Silva Farias disse:

Os vídeos nem tanto, mas as fotos a gente compartilha mais, no Face e no WhatsApp. E às vezes a gente usa em trabalho de escola, quando tem momento cultural na escola faz slides, mostra os vídeos. Às vezes quando tem esses momentos culturais na escola, geralmente quando eu estudava no Ensino Médio e tinha coisas sobre cultura a gente fazia essas apresentações.

A jovem Marília ainda acrescentou e disse: “Geralmente na escola na Semana Didática e Semana Pedagógica eles chamam a comunidade para fazer as apresentações”.

Aqui se percebe que, ao fotografarem e filmarem as manifestações culturais tem em mente duas intenções ou aspectos, a primeira é comunicar-se com a família, isto quer dizer, comunicar-se com todos os familiares que residem em outras regiões, cidades e estados, pois todos formam uma grande e única comunidade, como já exposto anteriormente. São os laços identitários que são reforçados, são mensagens de forte sentido simbólico que são enviadas, mas não só para os familiares, pois também usam o Facebook e com isso mostram ao mundo o valor de sua cultura, antes discriminada, ignorada e mal-falada como coisas de preto. O segundo aspecto ou segunda intenção é usar este material para apresentar nas escolas, e eles se referem nas escolas e universidades da região. Novamente é reforçar o valor identitário de suas manifestações culturais. É uma forma de perpetuar a sua tradição com o uso da tecnologia, pois deixam gravados as fotografias e imagens em seus celulares, tablets e computadores, além dos arquivos virtuais.

Quando encerra a dança da Súça dentro da casa visitada, antes de se retirar o folião guia, que neste giro foi o Amarelho Alves de Almeida ele se dirige à família dizendo: “Deus abençoe vocês todos e até já”. Vários foliões repetem a mesma frase, enquanto vão se retirando da casa. Desta forma, o ritual se repete, vão caminhando até chegar na outra residência e tudo recomeça.

Um ritual diferenciado ocorre quando, já de madrugada chegam no local da igreja católica da Canabrava. As luzes estão acesas e a porta está aberta. Este é o sinal para os foliões que serão recebidos e deverão entrar, entretanto, diferentemente do que ocorre na casa dos moradores, ali não dançarão e nem cantarão os mesmos versos como o fazem diante da casa dos fiéis. O padre não está presente e não faz parte deste ritual, mas é uma senhora que

reside ao lado da igreja e cuida dela. É uma professora que já foi diretora da escola e é ela que recebe os foliões.

Todos entram em silêncio no templo e os foliões se posicionam diante do altar. Os promesseiros acendem as suas velas. A bandeira da Folia de Santos Reis é posicionada diante do altar. O canto é diferenciado e quem se ajoelha diante da bandeira são os foliões. Após este momento, todos os que estão acompanhando o giro da folia vão um a um e se ajoelham diante do altar e da bandeira. Após este momento todos se retiram e se dirigem para a casa seguinte. Quando se aproximam da casa de um dos foliões que está junto no giro, este se antecipa e vai na frente, entra na sua casa para se juntar com a família para esperar a chegada dos foliões. Neste momento ele é igual aos demais moradores e fará o mesmo ritual estabelecido.

O giro da Folia de Santos Reis segue pela madrugada e observei que muitos que acompanhavam os foliões iam cansando e iam para as suas casas dormir. A noite de fato é longa e eu fiquei acompanhando todo o trajeto. Às vezes conseguia um cantinho, um toco ou mureta para sentar um pouco, enquanto os foliões cantavam, para, em seguida, continuar caminhando até a próxima casa. Assim, de forma sucessiva o giro continuou até o amanhecer quando chegamos à casa do senhor Raimundo e Hilda Ferreira da Costa, onde foi estava preparada a lapinha, para a reza como cumprimento da promessa, Fig. 70.

Figura 70 – Final do giro da Folia de Santos Reis, casa de Raimundo e Hilda



Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 6/01/2017.

É a recolhida, como a denominam, e que inicia com um café da manhã servido a todos. É um momento em que aqueles que haviam ido dormir já estão de volta e ainda outros que vieram apenas para esta reza da manhã. Assim se finalizou o giro da Folia de Santos Reis

realizada em conjunto com moradores da comunidade quilombola Lagoa da Pedra e do distrito da Canabrava. Já na manhã do dia 6 de janeiro, fotografias e imagens estavam circulando pelas redes sociais, divulgando a riqueza cultural da região.

Além de registrar as manifestações culturais com a utilização das modernas tecnologias, os quilombolas também as utilizam tanto para se divertirem, fazer as pesquisas para a escola e universidade, compartilharem sua vida particular, na roça e nas festas e também com o fim comercial. Tudo isso pode ser muito normal para quem reside em centros urbanos, que já tem acesso a esses recursos tecnológicos há mais tempo, entretanto para esta comunidade, esta realidade começou a mudar a partir de setembro de 2016, e esta pesquisa objetivou registrar as mudanças comportamentais que podem ser observadas a partir de então.

Aparelho celular gerando mudanças da comunidade Lagoa da Pedra

Praticamente todos os jovens da comunidade já possuem um aparelho celular e o carregam, mesmo que estejam na roça, é um cenário inimaginável há menos de dois anos. A utilização deste aparelho de comunicação varia, enquanto uns o possuem para jogar conversa fora, já outros o utilizam para fazer negócios. Um exemplo é Rosemiro Antônio de Farias, 34 anos, que nasceu e cresceu na Lagoa da Pedra e reside com os seus pais Diomar Antônio de Farias e Rosalina Francisco Machado que adquiriu um celular assim que foi instalada a torre da empresa de telefonia celular e que não utiliza o aparelho para acessar sites de notícias, ou mesmo olhar algum vídeo no Youtube, entretanto acessa o WhatsApp constantemente. Este é o meio que utiliza para fazer os seus negócios, compra e vende animais com o uso da internet e até comprou um carro através deste tipo de comunicação. Como é domador de cavalos, também agenda com clientes a data e hora para fazer o serviço utilizando o aplicativo do WhatsApp.

Igual a gente fala. Os contato ficô melhó e como a gente fala, até pra fazê negócio, você pode tirá uma foto e mandá pro comprador. [...] Até com porco. Tirei uma foto de uma leitoa pro rapaiz que táva querendo vê, esse não comprô, mas o ôtro comprô. Tiro a foto e mando. Animal é a mesma coisa. Cavallo, boi é só tirá foto e mandá pro comprador. Se agradá!!! (Entrevista com Rosemiro Antônio de Farias, realizada no dia 8 de janeiro de 2017).

Rosemiro analisa as mudanças como muito grandes da época em que era criança e de sua juventude para os dias atuais com a facilidade de conexão com o uso de aparelho celular.

Ele comenta que tem vários grupos de WhatsApp e destaca o grupo da comunidade quilombola Lagoa da Pedra e outros contatos são individuais com os quais mantém contato direto. Segundo ele, um dos contatos é uma pessoa muito especial, e conta isso em meio a risos, se referindo a uma namorada. Quanto ao tipo de conversa que travam nos grupos ele disse:

Só não rola baixaria. As ôtras coisa rola tudo, tem até de menor que tem celular que tá no grupo né! É só as coisa mesmo qui. Rola muita brincadeira, mas sem, como fala, sem maldade, sem racismo com colega. Rola muitas conversa aí. Até com minino de Nestor que táva lá no Mato Grosso comentemo a festa de São Miguel. E ele responde tudo (Entrevista com Rosemiro Antônio de Farias, realizada no dia 8 de janeiro de 2017).

Algo que não fazia parte do cenário da Lagoa da Pedra há bem pouco tempo era ver alguém largar a enxada enquanto estava trabalhando na roça, entretanto agora já é possível ver isso, como eu mesmo presenciei, durante a pesquisa. O Rosemiro estava capinando próximo da casa e eu o flagrei desta forma, Fig. 71.

Figura 71 – Rosemiro Antônio de Farias na roça com enxada e celular



Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 7/01/2017.

Segundo explicou depois, havia vindo uma mensagem pelo WhatsApp e ele parou de imediato para saber se se tratava de algum negócio. “Tem que pará, porque pode sê uma coisa importante, né! Tem que pará prá olhá. Agora se é uma coisa que vai interrompê, fala que tá ocupado, né! Mas a gente olha porque pode ser uma urgência né!”.

Rosemiro, que é um vacinador credenciado pela Agência de Defesa Agropecuária do Tocantins (ADAPEC), de combate à brucelose recebe mensagens constantemente de pequenos produtores de toda a região. Inclusive, durante a entrevista os bips do celular eram constantes, o que fazia com que não tirasse os olhos do aparelho. Há pouco tempo ele adquiriu um carro e fez questão de explicar como ele havia feito o negócio. “O carro foi um stradinha, que foi vinda de foto de celular. Eu vi foto, ele mandô pra mim. Tirô de travessa, de lado, olhei ela, gostei. Fui em Arraias fechá o negócio”. Neste momento pegou o celular e me mostrou as fotos que havia recebido na época e que o motivaram a comprar este veículo.

Para Rosemiro Antônio de Farias, a mudança na comunicação foi tão grande que praticamente ninguém usa mais o telefone Orelhão via Satélite que está instalado ao lado da escola e que foi o único meio de comunicação da comunidade por uma década. “Muito difícil alguém usar esse orelhão. Na verdade ninguém usa mais, porque todo mundo tem o seu celular. Antes tinha que correr lá, tinha muito recado aí. Hoje não precisa não”.

Quanto à questão do uso do celular durante o trabalho na roça, na opinião de Ruimar Antônio de Farias isso atrapalha muito. Ele mesmo só acessa o aparelho quando vem para casa.

É igual hoje. Tem um ano e pouquinho que instalaram a o sinal da torre de telefone que instalaram aqui o telefone e o WhatsApp. Então você pode vê. Se, eu não, eu não sigo esse sistema não, mas tem uns aí que se você tivé com ele na roça, deu qualqué sinal, o cara para ali, deixa a enxada ou a foice de lado, ou atividade que tivé fazendo, pára, pra discá no aparelho, prá vê o que tá acontecendo. Isso já vi. Isso já percebi na comunidade (Entrevista com Ruimar Antônio de Farias, no dia 7 de janeiro de 2017).

Segundo o Ruimar este é um comportamento dos mais jovens, porque os mais velhos não fazem uso das redes sociais e utilizam o celular apenas para fazer ligações telefônicas.

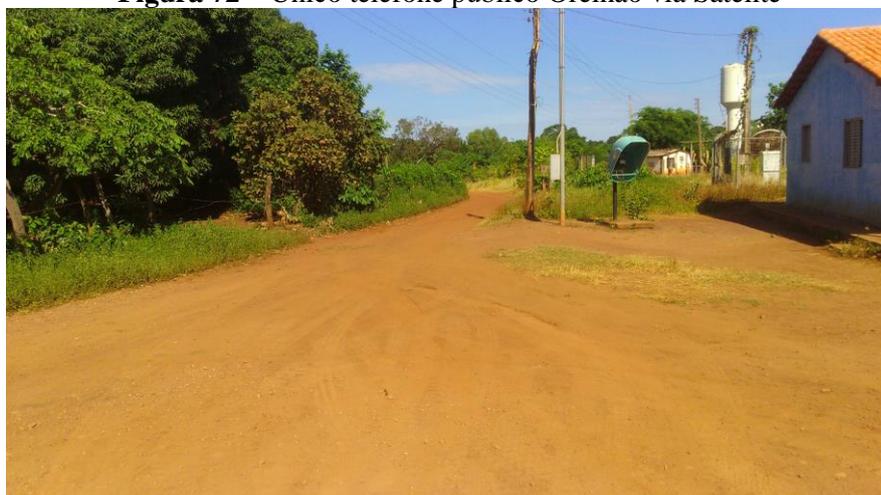
Com os mais novos. Os mais velhos nem todos se adaptaram a esse sistema não. Segundo eles dizem ó! Quero isso aqui só pra i si ligá, pra atende e ligá. Mas pra tá nas redes sociais aí não. Não são muito fã não. [...] Mais os jovens. Jovens e adultos. Agora, digo assim, os velhos de terceira idade eles não querem mais. De cinquenta anos pra cima não pretendem mexer mais com WhatsApp não, mas de quarenta prá cá, todo mundo qué tá conectado (Entrevista com Ruimar Antônio de Farias, no dia 7 de janeiro de 2017).

Não há dúvidas quanto à influência e impacto causados internamente na comunidade quilombola Lagoa da Pedra, tanto positiva como negativamente, com a chegada das novas tecnologias. A mudança foi muito rápida e o aprendizado na utilização é um pouco mais lento, mas conseguem dominar os recursos e a linguagem tecnológica de forma constante.

Rapidinho. Uns... achavam... aquele aparelhinho só de tecla mesmo, só pra você ligá e desligá, não tinha mais nada nele e uma lanterna. Hoje não, é tanta coisa num aparelho, tanto aplicativo, se você às vezes, você nem sabe pra que funciona. E muitos deles aqui, já sabem utilizá. Exemplo mesmo, tem uma sobrinha de três anos, o que faz, ela não sabe, mas que sabe futricá nele todo, ela sabe e em vários aplicativos. Com três anos. Muitos que aqui não sabe ainda. Eu mesmo, por exemplo, não sei. Ela já sabe (Entrevista com Ruimar Antônio de Farias, no dia 7 de janeiro de 2017).

As mudanças na comunidade na questão de comunicação para Valcy Antônio Dias foram muito grandes. “Telefone não tinha nessa época né! Nem orelhão tinha nessa época. Aí foi que teve esse orelhão”, Fig. 72.

Figura 72 – Único telefone público Orelhão via Satélite



Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 7/01/2017.

Ela está traçando uma linha do tempo, pois se criou na comunidade e acompanhou a evolução tecnológica. Na sequência disse:

Aí acho que esse tempo agora que mudô demais. Agora é celular, é celular pra todo lado, né! Facilitô demais, mudô demais mesmo, sabe. É, a gente quando qué comunicá com a pessoa não precisa mais caçá orelhão, o orelhão tá até despezado, né! Ninguém nem olha mais (Entrevista com Valcy Antônio Dias, no dia 9 de janeiro de 2017).

Primeiro não tinham nenhum meio de comunicação eletrônico, depois da certificação como comunidade quilombola foi instalado um orelhão, telefone público via satélite, e conforme todos os quilombolas afirmam, foi praticamente abandonado a partir de setembro de 2016, mas que ajudou muito a comunicação na comunidade. Por outro lado, era um transtorno, pois alguém tinha que atender e correr para chamar a pessoa com a qual queriam falar. Esse deslocamento às vezes até demorava um pouco, dependendo da distância que a pessoa morava. A partir do ano de 2010, algumas famílias instalaram telefones celulares rurais fixos, e a família da Valcy foi uma destas e não se desfez dele, mas não o utiliza mais. “[...] antes do celular eu tinha um telefone fixo né! Que as menina comprô. Até hoje tem, tá instalado aí, nunca tirei, né! Era da Vivo né!”. A razão da não utilização é óbvia, com a chegada da nova tecnologia de comunicação, como afirma: “Agora que colocô essa torre na Canabrava, agora já desprezei esse daí, já tá só no celular, né! [risos] Qué dizê que mudô demais né! Mudô” (Entrevista com Valcy Antônio Dias, no dia 9 de janeiro de 2017).

Valcy Antônio Dias é uma sexagenária e não queria que os filhos adquirissem um aparelho para ela, pois pensava que não saberia lidar com ele. “Eu de primeiro não queria não [risos fortes]. Não menino. Quando falô que queria me dá celular, você não precisa me dá, que não sei mexê nisso não”. Os filhos insistiram e a ensinaram a manejar o aparelho, auxiliado pela sobrinha-neta Janaísa.

Aí, mãe, você vai aprendê, você vai aprendê. Não, não vô dá conta não. (risos). Não, vo mandá. Inclusive o menino mais véio mandô um pequenininho, que é esse aqui. Aí eu falei, menino, não sei mexê com isso não. Aí as menina foi me ensiná, inclusive a Janaísa, né! Janaísa, não tia, é assim, assim. Quando liga, a senhora aperta aqui, aperta aqui. Eu falei: não dô conta não. Aí. Não. A senhora dá conta. Até que enfim dei conta, né! Daqui há pôco, veio essa ôtra já mandô um desse (Entrevista com Valcy Antônio Dias, no dia 9 de janeiro de 2017).

Neste momento mostra um telefone mais moderno. Ela mesmo se surpreende consigo mesma. Interessante observar que esta senhora carrega os dois celulares, pois tem números diferentes, e ainda os carrega para o meio da roça, para ficar conectada.

Tô com dois celular. [muitos risos] Agora quando eu saio a caminhá [risos]. Esses dia táva no meio dum mio aí dum primo meu, primo não, meu sobrinho, táva com celular dentro duma sacola [risos] aí táva pegando um maxixe, aí tocô. Gente quem tá tocando, tão me ligando no meio desse mio, gente! [risos]. Era menina minha. Era Valcilene. Tô aqui no meio do mato pegando uns maxixe menina, tô aqui no meio do mío [está se referindo a roça de milho]. Aí foi bom demais. Mudô muito (Entrevista com Valcy Antônio Dias, no dia 9 de janeiro de 2017).

Quanto ao uso do celular ela já está se acostumando, mas tem resistência ao uso do WhatsApp, pelo fato de achar que não dará conta de se comunicar através deste meio e também porque alega já ter visto coisas no celular dos mais jovens com as quais não concorda. “Eu não vô dá conta desse troço não [risos]. Mas não posso dá conta. Meu minino tá querendo que dô conta. Não. Dêcha mais pra frente. Acho que é até mais rápido quando qué falá com a pessoa, né”! Para exemplificar o temor “das coisas” que já viu no WhatsApp dos familiares ela disse:

É por causa disso aí. O WhatsApp. E comunica com tudo quanto é porcaria de tudo quanto é lado. E sai muitas porquêra também, viu! Sai, sai. Eu vejo aí, parecê uns homi aí, mostra, fala da onde é, do lugá que mora. Ôtros não, faz só mostrá, esses dias eu vi, mostrando cama, varrendo coraçãozinho e querendo fala com aquela pessoa. Falei: Não, Não é assim não. [risos]. Esse aí não. Às veis o homem também, às veis também uma muié, uma moça bonita, ela num fala da onde é [incompreensível] ó, só malandra, num dá nem o nome dela [risos]. Acho que é isso que esses minino tá aprendendo, sabe! Acho que a metade da maioria, né! Esse neto meu mesmo aí, coitado, a mãe carregô o celular e ela tá se vendo, tá querendo ir embora (Entrevista com Valcy Antônio Dias, no dia 9 de janeiro de 2017).

Ela está se referindo à vídeos de conotação pornográfica, algo da qual não tinham conhecimento, desta forma explícita, o que lhe assusta. Quando diz que este tipo veiculação ensina coisas erradas, ela está fazendo uma compararação com o tipo de educação e vivência anterior à chegada desta tecnologia e que, por causa dela, está havendo uma mudança comportamental dos jovens e crianças da comunidade. Ela não se opõe, em nenhum momento ao uso das novos meios de comunicação, muito pelo contrário, os aprova, o que a deixa indignada é que através deles vêm muitas “porquêras” e que estraga os meninos, como diz. Para ela, o uso inadequado do celular é ruim, mas se souber usá-lo irá ajudar na educação dos filhos e netos.

Acho que é por causa do celular. Quando chega lá, a mãe vai dá um presente, o presente que é? É um celular, pra ficá no Zap Zap, ó. Tá pegando tudo quanto é coisa. Eu acho que é isso. Mas eu falo com ele. Eu não quero você nas coisa ruim, sabe! Você tem que procurá uma coisa boa, um estudioso, inteligente, né! (Entrevista com Valcy Antônio Dias, no dia 9 de janeiro de 2017).

Valcy Antônio Dias ainda aponta mais alguns pontos que, no entender dela, estão mudando o sistema de vida e de trabalho com o qual estavam acostumados antes da chegada desta tecnologia digital de comunicação. Para ela, os efeitos do uso do celular se revelam na

roça, enquanto os quilombolas seguem pelo caminho da Lagoa da Pedra, e até nas rodas de conversa costumeiras e tradicionais.

Atrapalha na roça, atrapalha. Porque eu falo, porque agora apareceu esse Zap agora. Minino, Você chega na casa da pessoa, não presta nem atenção [risos]. Tá no troço, no Zap aí ó sentado, chega tá andando na estrada, você vem, ele vem com a cabeça baixa por causa do Zap, se não dé fé, topa bem de testa. Tá uma coisa absurda. Tá uma coisa terrível [risos]. Minino, aqui em baixo é o que vê (Entrevista com Valcy Antônio Dias, no dia 9 de janeiro de 2017).

Uma das mudanças drásticas para Valcy e que estão ocorrendo na Lagoa da Pedra é que as conversas em família, a contação de histórias está ficando no passado. Isto também está implicando no jeito dos filhos trataram os pais. Apesar dos mais novos ainda terem o costume de sempre pedirem a bênção aos mais velhos, não importando se é pai ou avô, o relacionamento familiar e comunitário sofreu profundas alterações como assevera Valcy, ao relacionar o passado com o momento atual.

Antes, sentava, conversava, né! Você num vê mais um fiio sentado com o pai pra conversá. Mudô demais. Tá no Zap. Tá o Zap aí, que tá um absurdo. Num presta nem mais atenção. Às veis o pai tá falando uma coisa, ele tá ouvindo, mas tá mais ouvindo aqui o Zap. Ó, direto, aqui oiando, sabe! Eu já prestei bem atenção. Tem uns aqui, tem veis que dêxa até a panela queimá. Tá sentado aí, põe a panela no fogão a gás desse aí e, inclusive dias desse deixô a panela queimá. No Zap, sentada lá, quando deu fé era só a catanga. Isso aí é, não. [Joelma a filha, que reside em Brasília e veio visitá-la diz]: Antes, a gente sentava em roda de um monte de gente, as pessoas velhas contavam [Valcy vai concordando e repetindo (Entrevista com Valcy Antônio Dias, no dia 9 de janeiro de 2017)].

Valcy ainda faz uma última observação, quando afirma que além dos mais novos, que só pensam em ficar no celular e até se esquecem da comida que está sendo preparada no fogão deixando a panela queimar, eles não querem mais aprender a fazer as coisas como era o costume antigamente. “Num tem mais. Até pra fazê um bolo, eu falo: Nenhuma sabe fazê. Gente, fica aqui comigo, vê aqui comigo como é que vô fazê, né! Não. Tá com celular na mão. Senta no sofá prá lá. Olha! num sabe fazê um bolo, vocês num qué aprendê”.

Antigamente a educação era diferente, pois as crianças aprendiam cedo a assumir responsabilidades como disse a pedagoga Joelma Dias Pereira:

Uma coisa que lembro da minha infância, que lembro muito. Meu pai passava o dia todo na roça e era mesmo. Nós juntava, os maiorzinhos, colocava as rodinha na cabeça e arrumava as marmitinha e levava pros pais na roça. Nós ficava o dia todo em casa, os maió cuidava dos menó. Minha mãe ensinô a cozinhá, acho que tinha

uns oito ano de idade minha mãe ensinô a cozinhá já. A gente já cresceu com aquela responsabilidade (Entrevista com Joelma Dias Pereira, no dia 9 de janeiro de 2017).

As comparações entre gerações são inevitáveis neste tipo de conversa, nas quais são abordados os pontos positivos e negativos deste tipo de conflito.

Eu vejo hoje assim comparando aquele tempo com hoje. Os menino hoje não tem responsabilidade, entre aspas né! Eles não tem isso. Igual eu falo, hoje vocês tem um ônibus que leva vocês pra Canabrava, nós não tinha isso não. Meu pai dizia: ou vocês estuda ou vão pra roça capiná. Era isso que meu pai falava. Ôtra coisa que ele sempre falava pra gente era: Oh! O estudo que eu não tive eu quero pra vocês. [...] Hoje os menino reprova quanto qué, repete a série quantas vezes quisé, mas nós não tinha isso, a coisa era sério. Agradeço muito meu pai e minha mãe pela pessoa que eu sou. Hoje eu sou o que sou, eu agradeço a eles. Minha educação, tudo o que eu tenho eu agradeço a eles. Eu falo para minhas colega. A minha família é a base de tudo, é o meu alicerce (Entrevista com Joelma Dias Pereira, no dia 9 de janeiro de 2017).

Para a Joelma, os novos meios tecnológicos têm interferido no processo educacional e atrapalhado o tipo de educação que era costumeira na comunidade. Estas mudanças são em parte um fator que causa certo receio em sua mãe para aderir às novas plataformas digitais.

Apesar da resistência da Valcy Antônio Dias em aderir ao uso do WhatsApp, no dia 31 de janeiro de 2018 recebi uma mensagem de voz dela por este aplicativo. Falava em voz bem alta como se ainda estivesse no telefone público orelhão: “Boa noite, aqui está tudo bem. Graças a Deus. [silêncio] Já mandei o número da Valcilene. [silêncio]. E aí tá tudo bem? Tá chovendo por aí? Aqui começou hoje, choveu um pouco”. A partir deste momento, de vez em quando recebo mensagem de voz, apenas para perguntar como estou, ou que está visitando algum familiar em Brasília, coisas assim. Um sinal de que está usando o aplicativo, diferente do que ela mesma imaginava há um ano quando pensava que não conseguiria utilizar.

O que a Valcy Antônio Dias falou sobre os adolescentes e jovens sobre o uso do celular é uma realidade. Na casa de Diomar Antônio de Farias, onde sempre fico hospedado, um sobrinho Hugo Ferreira Machado, 14 anos, e seu amigo Edielson Machado de Oliveira, 15 anos estavam sentados na mesa da área da cozinha, Fig. 73, que é local de maior convivência desta família, e diante do notebook estavam cantando músicas da famosa banda *Mamonas Assassinas*.

Figura 73 – Hugo F. Machado e Edielson Machado de Oliveira



Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 9/01/2017.

Como eu estava bem próximo, esta cena me chamou a atenção, pois banda Mamonas Assassinas¹³³ deixou de existir, após um enorme sucesso nacional no dia 2 de março de 1996, quando o grupo foi vítima de um acidente aéreo fatal sobre a Serra da Cantareira, ocasionando a morte de todos os seus integrantes. Isto quer dizer que fazia 21 anos deste acontecimento, quando a comunidade quilombola Lagoa da Pedra ainda vivia no isolamento, sem televisão e muito menos Internet, além destes meninos nem terem nascidos. Diante deste cenário, perguntei a eles como tinham tomado conhecimento desta banda. O Hugo me disse que havia visto no celular de outro amigo e tinha gostado daquela música e como não tem computador em sua casa, veio até a casa dos tios, acompanhado de outro amigo. Como ali capta o sinal de WiFi da escola, foram pesquisar no Youtube e encontraram as músicas da banda e começaram a cantar.

Outro momento interessante que presenciei na casa do casal Diomar Antônio de Farias e Rosalina Francisco Machado ocorreu no momento em que a dona Rosa como é chamada por todos, as suas filhas Rosana e Rosimária estavam preparando a massa sobre o fogão a lenha para fazer enroladinhos, comentaram que, em seguida, fariam cuscuz, Fig. 74.

¹³³ Foi uma banda brasileira de rock cômico formada em Guarulhos em 1990. Seu som consistia numa mistura de pop rock com influências de gêneros populares, tais como sertanejo, brega, heavy metal, pagode, forró, música mexicana e vira.

Figura 74 – Rosana Antônio de Farias preparando massa de enroladinho



Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 7/01/2017.

Ruimar Antônio de Farias estava sentado na mesa, ali próximo e ouviu sua irmã comentar sobre cuscuz e me chamou para me mostrar algo no celular. “Olha aqui professor. Recebi estes dias e gostei. Ouve aqui, como é legal”. Fui até onde estava e ele buscou em seus arquivos de vídeo do celular um Cordel de Souza Filho sobre Cuscuz no Sertão. Assim que assistimos o autor narrando este Cordel, ele compartilhou o arquivo para mim por WhatsApp.

Esta atitude do Ruimar denota a sintonia e percepção que há de sua realidade com o que encontra na Internet ou recebe por arquivos de WhatsApp ou pelo Facebook.

Cuscuz no Sertão

*No meu sertão cuscuz é ouro
em cima da mesa, ver a cuscuzeira
cheia pra gente é uma riqueza.*

*Este bendito alimento, mexe com o
sentimento desse povão sofredor, o cuscuz
de cada dia é motivo de alegria pro pobre
trabalhador.*

*Cuscuz é bênção de DEUS na vida do
nordestino, eu mesmo como cuscuz desde
quando era menino, não posso negar que
sou fã, no cafezinho da manhã, no almoço
e no jantar... Comigo não tem frescura, pode faltar a*

*mistura, mas sem o cuscuz não dá...
 Lá em casa tem fartura, falta água, falta
 luz, mas graças ao pai eterno nunca nos
 faltou cuscuz.
 Seja grato meu irmão! em qualquer situação
 não importa o que há, creia no senhor JESUS
 e vamos comer cuscuz, que no mas DEUS
 proverá.*

A sintonia do Ruimar com os versos deste Cordel é total, porque simplesmente expressa a sua própria identidade e da comunidade. Os versos do cordel mencionam que esse alimento é bendito, é comida do dia a dia, é uma bênção divina, e apesar da falta de água, de luz nunca falta o cuscuz. Acima de tudo são gratos a Deus por provê-los sempre com cuscuz. Apesar do autor ser nordestino, o conteúdo do Cordel fala da vida da comunidade, e além disso, as manifestações culturais da comunidade, são conduzidas pelos foliões, cujos guias também são repentistas. Ao ver que este tipo de literatura é espalhada pela Internet faz com que as expressões identitárias sejam reforçadas, valorizadas e vividas sem constrangimento.

Cultura digital – um auxílio em prol da luta contra o preconceito e discriminação

Este sentimento, de ser quilombola, de assumir-se como tal iniciou com a certificação da comunidade, tanto pelos que residem na comunidade, como boa parte dos que saíram e residem atualmente em outras cidades.

Um destes exemplos é o da pedagoga Joelma Dias Pereira que afirma:

Quando eu cheguei em Brasília, até o jeito de eu falá, eu sofri bastante na escola, porque eu falava tudo errado. Mas era, assim, a minha língua, era a minha cultura aqui. E lá assim, eu sofri muito com isso, porque tinha gente que sorria de mim. Mas nossa, porque você fala assim? Mas eu nunca escondi. Até hoje eu falo: eu sô da roça. Eu me considero uma quilombola. Isso já vem de dentro de mim. Eu vejo assim, principalmente a gente falando das culturas assim. Eu amo as poeira, os batuque, eu sinto assim umas coisas de dentro de mim. Lá tem capoeira, lá no colégio onde trabalho. Eu posso tá longe, quando eu ouço o batuque, aquela alegria vem dentro de mim. Eu amo folia essas coisa assim [a fala da Joelma acontece de forma empolgada ao falar de sua cultura]. É do sangue já. Quando eu vejo um batuque de capoeira assim, eu já tenho vontade de entrá no meio. Eu nunca neguei a minha cultura, eu nunca neguei a minha raça (Entrevista com Joelma Dias Pereira, no dia 9 de janeiro de 2017).

O orgulho de assumir-se como quilombola está alicerçado na sua família da roça e da consciência que tem do valor cultural de sua comunidade.

Eu falo que sou negra, com muito orgulho, sou quilombola com muito orgulho. No meu trabalho eu sempre reforço isso o tempo todinho. Eu vim de baixo, minha família é pobre e sempre nunca escondi nada de ninguém. E deixo claro qual é a minha cultura. Eu fico muito chateada quando vejo alguém falando assim: olha aquele negro, aquilo me machuca muito. Mesmo eu não fazendo parte, só ouvindo assim. Eu tenho vontade de entrá no meio, de brigá, eu acho que isso já é de dentro, da raça da gente mesmo. Se eu pudé defendê eu defendo mesmo, principalmente na hora do racismo né! (Entrevista com Joelma Dias Pereira, no dia 9 de janeiro de 2017).

A postura da Joelma demonstra que não se trata unicamente de assumir a sua cultura na condição de quilombola, pois vai além, entra na luta pela defesa dos direitos humanos e da igualdade de direitos, demonstrando que ao longo dos anos houve esta tomada de consciência, que não tinha antigamente.

É como eu falo, como as coisa mudô né! Antes a gente sofria racismo e pra gente era normal né! A gente não corria atrás. Hoje não. Hoje, se me xingá, eu vou corrê atrás dos meus direitos, eu não vou aceitá. Eu tenho consciência dos meus direitos e antes não. Antes era xingado de os sujo da Lagoa da Pedra, os preto da Lagoa da Pedra, os sapo da Lagoa da Pedra. Pra gente assim, era raiva naquele momento e passava. Agora hoje, eu não aceito mais (Entrevista com Joelma Dias Pereira, no dia 9 de janeiro de 2017).

Para ela, o uso adequado dos recursos tecnológicos digitais auxilia na luta contra a discriminação e todos os tipos de preconceito, e observa que já vê mudanças com os jovens da Lagoa da Pedra que vem utilizando as tecnologias a seu favor.

A mudança na Lagoa da Pedra já está acontecendo. Já está, com certeza, já sabem os seus direitos. Principalmente essas moçaiada nova aí né! Eles já sabem. Hoje eles não vão aceitá. Eu tenho certeza que se chamá de negro não vai aceitá. Já vai partí praos ôtros lado. Antes a gente ouvia isso e às vezes ficava até com medo né! Hoje não. É como os pessoal fala. Já coloca a boca no trombone. Se uma dessas menina ouví isso, elas não vão aceitá. E eu também não aceito. Hoje eu defendo a minha comunidade com unhas e dentes (Entrevista com Joelma Dias Pereira, no dia 9 de janeiro de 2017).

As razões deste tipo de postura dos jovens quilombolas é resultado das políticas públicas e privadas que estão sendo promovidas através das ações afirmativas que visam lutar e enfrentar toda uma situação histórica que promoveu tantas desigualdades, discriminação e

preconceitos contra diversos grupos sociais, dentre eles os quilombolas. Grupos e indivíduos que foram privados de seus direitos como cidadãos e o resultado é sabido de todos, tendo gerado uma desigualdade social, econômica, política e cultural. Os quilombolas estão tomando conhecimento disto tanto nas escolas e universidades como pelas redes sociais midiáticas. O próprio acesso à universidade, que está crescendo entre jovens quilombolas é um fator positivo para alcançarem esta conscientização.

Outro fator que favorece este tipo de postura é a união que promovem pelas redes sociais e pelos grupos de WhatsApp, tanto para mobilizar a participação em eventos promovidos na comunidade, como divulgando as manifestações culturais que acontecem. Também compartilham fotografias desde que a comunidade foi certificada, pois antes nas as tinham e também das atuais. Cada vez mais os jovens e até algumas crianças estão criando os seus perfis nas plataformas na Internet como o Facebook e Instagram.

É tão legal. A gente posta muitas coisa de antes. Esses dias eu táva falando com as menina nova daqui. Vocês viram as fotos de vocês quando era criança na escola? Não responderam. Então entra lá no WhatsApp ou no Facebook. Tá elas lá, tudo pequenininha e agora todo mundo moça aí. A gente busca nesse grupo, busca nossas raízes antiga. Eu me lembro do padrinho Balbino, postamo as fotos dele lá. Então lá no WhatsApp temos as foto dele lá. Tipo assim, quando a gente abriu o grupo, a gente começou a busca lá prá trás. Buscou fotos do meu padrinho Balbino, mãe Maria Dias, colocaram fogão a lenha, os fornos, sabe esses forno que assava bolo. Tem muito no WhatsApp, a gente tem. A gente coloca assim: lembra daquele tempo? Relembrando. [...] a gente fala assim, olha o antes e o depois. Acho isso muito legal. Olha fulano você desse tamanho, olha você agora como você está bonita. Acho muito bom esse grupo assim. A gente buscou muita coisa. Se não for assim a gente vai esquecendo, vai ficando pra trás (Entrevista com Joelma Dias Pereira, no dia 9 de janeiro de 2017).

Quando ela menciona as fotos de “lá prá trás”, refere-se às fotos das pesquisas que iniciei, no ano de 2006, e que formaram um acervo enorme de mais de quatro mil fotos e imagens, todas digitalizadas e entregues para a comunidade em CDs e DVDs e, ultimamente, por WhatsApp, quando solicitam alguma específica e que não conseguiram localizar. No dia 6 de junho de 2018, o Ruimar Antônio de Farias mandou uma mensagem de voz para mim pelo WhatsApp onde solicitou algumas fotos da Roda de São Gonçalo que ocorreu na comunidade.

Bom dia professor. Tudo bom? Professor, eu não quero incomodar o senhor. Precisava um favor do senhor, é porque eu preciso de umas fotos da Roda de São Gonçalo pra menina aqui fazê um trabalho aqui, uma prima minha. E eu no meu celular não tenho. Tem no computador, mas tá trancado lá na casa e não tem como fornecê essas fotos pra ela, pra fazê apresentação dela lá na faculdade. Aí eu queria sabê se poderia mandar umas dez, cinco, ou o que pudé mandá pra mim, pelo

menos umas cinco, se pudé. Beleza? Ela qué pra amanhã. Beleza professor, tenha um bom dia (Mensagem enviada pelo Ruimar Antônio de Farias por WhatsApp, no dia 6 de junho de 2018).

De forma imediata, acessei os arquivos de fotografias da Lagoa da Pedra e enviei 39 fotografias da Roda de São Gonçalo que ocorreu no mês de junho de 2006. Da mesma forma eles enviam fotografias e vídeos para mim de eventos que ocorrem na comunidade.

Os quilombolas também utilizam muito o WhatsApp para mobilizar toda a comunidade, tanto os que residem nela como os que das outras cidades para os festejos, folias, ou mesmo confraternização de Natal e Ano Novo. A cada ano realizam um grande encontro natalino, para o qual encomendam camisetas especiais com mensagens estampadas na frente e nas costas. A senhora Valcy Antônio Dias é uma das mobilizadoras e que ajuda diretamente para que tudo fique bonito para a festa. Tudo inicia com uma limpeza geral no galpão que construíram para este fim específico.

Eu mesmo fui uma que entrei alí dentro, varri tudo. Quando chegaram táva tudo limpo, eles fizeram as festa aí né! Minha nora táva aqui e disse: Oh! Dona Valcy. Que lugá maravilhoso, que lugá bom. Pessoal brinca, todo mundo sem má intenção nenhuma, brinca té manhecê o dia, dançando, assando carne. Duda tinha comprado um quarto de carne nesse dia de Natal e aí assaram carne, linguiça. Foi uma festa, tomaram refri, cerveja. [...] Teve um jogo aqui, o dia todo, de manhã até seis hora. Pessoal bebeu e ninguém brigô. Mais a comunidade aqui memo, da Canabrava veio pôco pessoa. Dançaram até manhecê o dia. Graças a Deus oh! (Entrevista com Valcy Antônio Dias, no dia 9 de janeiro de 2017).

No final do ano de 2016 e a virada para o novo ano, fizeram outra festa. Este tipo de evento promove a união e a confraternização entre todos. Na festa de Natal a camiseta que confeccionaram e a Janaíza Dias dos Santos fez questão de vestir para me mostrar tinha os seguintes dizeres na parte da frente: “Não fique triste com as problemáticas do cotidiano, celebre o Natal com paz, obtendo novos caminhos com puros horizontes”, com citação do autor da frase Erasmo Shlckytton, Fig. 75.

Figura 75 – Janaíza Dias dos Santos

Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 9/01/2017.

Na parte de trás da camiseta fazem questão de colocar em letras grande “Natal em Família”, e logo abaixo a logomarca da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, Fig. 76. Todas estas expressões espontâneas são mensagens folkcomunicacionais e que visam pensamentos positivos, palavras de otimismo em meio aos problemas e mensagem de paz.

Figura 76 – Estampa da parte de trás da camiseta

Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 9/01/2017.

Mesmo que tenham copiado uma frase da Internet de um autor que sequer conhecem, isso é o que menos importa, pois a escolha da frase baseou-se em um conteúdo que

expressasse o real sentimento do momento da comunidade, numa data especial como é o Natal.

A comunidade quilombola Lagoa da Pedra ao agir desta forma, mobilizando os familiares, amigos, seja de perto ou de longe, através das novas tecnologias, mesmo fazendo parte de um grupo marginalizado rural e culturalmente, demonstra que tem consciência que os seus moradores são folkcomunicadores e, dessa forma, conseguem potencializar a audiência folk. Os grupos socialmente marginalizados são assim denominados pelo fato de seguirem outro tipo de organização e elaboração de seus rituais, festas e folias. Não seguem um padrão e nem protocolos pré-estabelecidos.

A partir da tomada de consciência do que significa ser quilombola surgem os agentes folkcomunicadores na comunidade, que se tornam também agentes folkmidiáticos, pois com o domínio das novas tecnologias conseguem transmitir, compartilhar a cultura tradicional que foi herdado de seus antepassados, na qual se inclui a sua história, os conhecimentos transmitidos, os saberes e fazeres e até sentimentos. Quando agem desta forma além promovem o que é denominado na teoria de Folkcomunicação como ativismo midiático, pois divulga e defende a cultura quilombola nas mídias sociais, que podem ser nas mais diversas plataformas da Internet, no Rádio ou na Televisão.

São as interações midiáticas, nos vários níveis, dos sujeitos da audiência televisiva que geram os ativismos midiáticos, os avanços, as transformações e/ou renovações das culturas populares, quando incorporam os produtos midiáticos nas suas práticas cotidianas, ou se apropriam deles (TRIGUEIRO, 2008, p. 21).

Alguns jovens quilombolas vêm destacando-se nesta prática que revela uma relação entre da cultura quilombola e a comunicação como veremos a seguir.

Participação no Concurso Cultural “Ser Quilombola”

A Defensoria Pública do Estado do Tocantins – DPE-TO, através do Núcleo da Defensoria Pública Agrária - DPAGRA, realizou o Concurso Cultural “Ser Quilombola” entre as 44 comunidades quilombolas reconhecidas do Tocantins e selecionou 17 poemas de 15 autores, residentes em 12 comunidades quilombolas, que resultou no livro *Quilombolas do Tocantins: palavras e olhares* (DPE-TO, 2016). Os poemas escritos por dois jovens da comunidade quilombola Lagoa da Pedra foram selecionados e publicados neste livro impresso

e em formato digital. Na reportagem do site da Associação Nacional das Defensoras e Defensores Públicos – ANADEP foi publicado o seguinte texto referindo-se aos quilombolas poetas e participantes do concurso regional: “Além das imagens de parentes e conhecidos, lá estavam seus nomes e versos registrados. Suas vozes quilombolas de resistência, luta, tradição, ancestralidade, cultura. Ali estava a identidade quilombola, de mulheres e homens, em idades diversas” (ANADEP, 2016).

Um dos jovens que teve seu poema selecionado foi Jader Vinícius Silva Farias¹³⁴.

Ser Quilombola

Moro em uma comunidade

Aqui perto desse lugar

A terra é muito fértil

Tudo que planta dá.

Aos poucos tenho orgulho

E conta com meu esforço

A água que nos abastece

É retirada de um poço.

Todos têm um pedaço de terra

E a sua própria casinha

Além da fartura e a criação

Tem a produção de farinha

Sou feliz como posso

Com o passar do dia a dia

Pra aumentar o meu carisma

Moro com a minha família

Aqui não tem tristeza

Quem aqui vem se alegra

Esse lugar em que falo

É a COMUNIDADE QUILOMBOLA LAGOA DA PEDRA.

Particularmente, fiquei muito feliz ao ver o resultado deste concurso, pois conheço o Jader desde a sua infância. Era um menino que acompanhava todas as manifestações culturais ativamente, se envolvendo de forma direta e sempre acompanhando os seus pais e avós.

¹³⁴ Acadêmico do curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental, do campus de Arraias, da Universidade Federal do Tocantins – UFT.

Atualmente, vem destacando-se na liderança da comunidade, como jovem universitário e preocupado em dar continuidade dos valores culturais da Lagoa da Pedra.

O outro jovem universitário que teve seu poema selecionado foi Evandro Moura Dias¹³⁵, que viveu toda a sua infância na Lagoa da Pedra, onde nasceu e estudou, e agora reside na comunidade quilombola Kágados, Arraias. Também o conheci, bem como toda a sua família, que ainda reside na comunidade.

Identidade Quilombola

Meus amigos e amigas, prestem muita atenção,
Quando se fala em Quilombola é sinal de união.
Força,
Na luta, resistência nas veias e nas mãos calos.
E, nem por isso, sou pior, nem por isso sou diferente.
Sim, sou preto e orgulho de minha cor,
E daí que tu és branco meu irmão, somos gente inteligente,
Ou sei lá, vejo coisas neste mundo que já nem sei,
O que pensar.
Me pergunta várias vezes, se continuar assim, onde mesmos vamos chegar?
Ser quilombola é ser preto, é ter orgulho da própria cor.
E ser humilde, caçador, raizeiro, pescador.
É ter a capacidade de renascer das cinzas, e das cinzas ir às nuvens,
É ser sereno como a brisa do mar, ser sólido como uma rocha,
Ser calmo como o lago, ser adaptável como o camaleão,
Ligeiro como o som, é ser humano de verdade.
Ser humilde e estar sempre disposto a ouvir
E não pensar duas vezes pra sair em defesa da mãe terra.
Porque do pó ao pó com orgulho é nossa maior vitória cada dia.
Pois, ser quilombola é ser forte, é se levantar dos destroços e nunca perder a esperança em nossa
liberdade ter cultura e identidade.

Foi na casa dos pais deste jovem que ocorreu o pouso do giro da Folia do Divino Sagrado Coração de Jesus, em junho de 2008, do qual também participei como pesquisador, conforme registrado no livro *Cultura Quilombola* (TESKE, 2011, p. 168-205). Os poemas destes dois jovens não deixam dúvidas sobre a reafirmação de sua identidade quilombola, expressando as suas raízes, sua cultura, suas vivências e sua garra. Todo este processo agora ocorre de forma diferenciada do passado, quando as conquistas e histórias eram feitas através da oralidade, pois agora sabem usar o sistema midiático através das redes sociais e dos canais oficiais que possibilitam a Folkmídia.

¹³⁵ Acadêmico do curso de Educação do Campo, do campus de Arraias, da Universidade Federal do Tocantins – UFT.

1º Festival Gastronômico de Arraias

Vários canais estão sendo utilizados para promover e a cultura quilombola na sociedade local e regional, como por exemplo, quando o jovem Jader Vinícius Silva Farias participou do 1º Festival Gastronômico de Arraias, Fig. 77, promovido pelo curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental, do campus de Arraias, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, em parceria com a prefeitura municipal, entre os dias 1 a 3 de dezembro de 2017, na praça da Matriz, na cidade de Arraias.

Figura 77 - Logo do 1º Festival Gastronômico de Arraias



Fonte: Peça publicitária de divulgação do evento.

O objetivo principal deste festival foi valorizar os ingredientes culinários regionais, fortalecendo a identidade gastronômica local.

A gastronomia tem muitos aspectos folkcomunicaçãois, que são relevantes ao analisarmos no que ocorreu neste evento, pois integra os estudos da folkcomunicação gastronômica, além de fazer parte do aspecto de Folkturismo e da Folkmídia, pois possibilitou uma interface entre a comunicação e a cultura popular e quilombola. O pesquisador José Marques de Melo, no texto *A difusão gastronômica no espaço folkcomunicaçãois*, publicado na Revista Internacional de Folkcomunicação, assevera que a comunicação gastronômica é, portanto,

[...] o processo de comunicação cujo objeto é a arte culinária, entendida na sua dimensão simbólica. Isso implica circunscrever o processo aos modos através dos quais os alimentos são apresentados aos consumidores potenciais, concitando-os ao consumo e ao desfrute. Tratam-se, portanto, de processos comunicacionais amplamente cultivados na sociedade, tendo em vista que os “prazeres da mesa” integram o cotidiano das comunidades humanas, possuindo relevância simbólica, tanto nas camadas abastadas, que exibem costumes sofisticados, quanto nos

segmentos marginalizados, que denotam hábitos morigerados (MARQUES de MELO, 2011, p. 02).

Portanto, em um evento turístico como este que ocorreu em Arraias, com a presença de aspectos da culinária quilombola é uma nítida demonstração que não se trata de algo ultrapassado, antiquado ou que ficou na memória dos quilombolas, muito pelo contrário, o prato gastronômico apresentado transformou-se em um produto cultural e, acima de tudo, reconhecido e aceito. Outro aspecto a ser ressaltado é que, ao apresentar um prato da culinária quilombola, não está apenas apresentando um produto em si com os vários ingredientes que o compõe, mas vem com uma carga simbólica, cheia de histórias, que remontam aos mais velhos, conforme o jovem relatou.

Um evento destes coloca em evidência a folkcomunicação gastronômica, porque a culinária constitui-se “[...] numa das suas mais notáveis artes domésticas. E não somente a culinária, mas a apresentação artística dos alimentos (a sitioplástica), o arranjo das mesas, a decoração das salas e salões” (BELTRÃO, 1980, p. 278). O 1º Festival Gastronômico de Arraias se assemelha às festas populares tradicionais que “[...] são acontecimentos identificadores dos fatos locais, são celebrações das diversas relações sociais vivenciadas nos territórios sagrados e profanos” (TRIGUEIRO, 2015, p. 02). Um pouco mais adiante Trigueiro afirma:

O ser humano é um realizador de festas, portanto, a festa é parte essencial da sociedade, também é através das festas que se organizam, divulgam as suas culturas, as suas memórias e as demandas dos processos de comunicação em quase todos os períodos históricos (TRIGUEIRO, 2015, p. 2).

Portanto, este evento de Arraias pode ser considerado folkoturismo, pois movimentou muitas pessoas da cidade e região e evidencia a

[...] apropriação de elementos da cultura folk pela cultura de massa, isto é, na reprodução do folclore no contexto da produção de mensagens comunicativas com fins turísticos. [...] o folkoturismo apresenta-se como o entrelaçamento da cultura local ou folclórica com a atividade turística (LUCENA FILHO; FERNANDES, 2012, p. 138).

Além disso, o 1º Festival Gastronômico de Arraias¹³⁶ pode ser considerado um espaço gastronômico folkturístico, pois ele apresenta várias características, tais como:

¹³⁶ Idealizado e coordenado pela professora Thamyris Andrade, do campus da UFT, de Arraias.

[...] a presença da cultura local, a comercialização da gastronomia regional, o artesanato e a interação entre a comunidade e os turistas que param no local, seja para comprarem ou para apreciarem os alimentos oferecidos (LUCENA FILHO; FERNANDES, 2012, p. 138).

Jader Vinícius Silva Farias aproveitou este evento para promover a um aspecto da culinária quilombola de uma forma original e ressignificada. Ele e a família tomaram por base os ingredientes que fazem parte da culinária quilombola e criaram um prato gastronômico que se adaptasse a um festival gastronômico, ou seja, um prato de sorvete, conforme ele apresenta em uma matéria de vídeo, postada no Facebook¹³⁷:

Esse prato a gente desenvolve lá na comunidade, foi minha tia que criou, a gente ia fazendo bolo, doce e ela inventou de fazer o sorvete. Fez de caju e acerola, até que um dia fez de mandioca. Primeiro não deu muito certo, mas assim foi evoluindo até chegar no prato que é hoje. A comunidade nossa fica a 35 quilômetros e lá produz a agricultura familiar e daí surgiu a ideia de se fazer esse prato, com mandioca que é de fácil acesso e a gente encontra lá (JADER VINÍCIUS SILVA FARIAS, dezembro, 2017).

A ressignificação se evidencia neste prato, pois esta comunidade não tinha o costume de fazer sorvete, antes da instalação da energia elétrica e sequer este alimento fazia parte de sua culinária. Entretanto com a chegada da energia, da televisão com seus programas de culinária e do curso de Turismo na universidade, fez com que houvesse uma ressignificação ou a agregação de um valor à culinária quilombola, com os elementos que conhecem desde a sua origem, ou seja, a mandioca, castanha de baru, e calda de caju, Fig. 78.

¹³⁷ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/jadervinicios.silvafarias/videos/pcb.1329319673864290/1329306340532290/?type=3&theater>>.

Figura 78 – Prato de sorvete preparado por Jader Vinícius Silva Farias



Fonte: Foto: Sandra Garcia.

Para encher de alegria o proponente e também a sua comunidade, este prato, o único que representava a culinária quilombola, foi o vencedor do festival, Fig. 79.

Figura 79 – Vencedor do Festival Gastronômico Jader Vinícius Silva Farias



Fonte: Foto divulgação no Facebook.¹³⁸

O resultado deste evento gastronômico foi surpreendente na cidade de Arraias, pelo volume de pessoas e da movimentação econômica que gerou. Conforme divulgado no site da própria Universidade houve “[...] uma média de 1.500 pessoas que frequentaram o Festival

¹³⁸ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1752731578130415&set=t.100003588111397&type=3&theater>>.

por noite; movimentando cerca de 10 mil reais com as 10 barracas de pratos concorrentes, excluindo os valores referentes às bebidas. Foram vendidos 1.555 pratos com preços comercializados no valor de R\$ 6 e R\$8”¹³⁹. O resultado financeiro e econômico demonstra a importância da promoção deste tipo de evento, mas principalmente por promover o que foi abordado anteriormente que é o Folkturismo, num esforço de valorizar a cultura popular e quilombola. Como houve uma repercussão da conquista do primeiro lugar em várias mídias, foi uma demonstração da evidência da cultura quilombola como evento folkmediático, fazendo com que houvesse um diálogo da sociedade com a cultura quilombola.

Jovens quilombolas da Lagoa da Pedra e Kalunga do Mimoso, no projeto Revelando os Brasis

No ano de 2012, a Universidade Federal do Tocantins foi contemplada no edital Núcleo de Formação de Agentes de Cultura da Juventude Negra - NUFAC 2012, da Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura, que selecionou dez instituições para oferecer diversos cursos de formação profissional na área cultural para jovens negros e negras de todo o Brasil. A execução do projeto ficou sob a responsabilidade da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários – Proest/UFT¹⁴⁰. Tive o privilégio de compor a equipe que elaborou todos os planos de execução dos cursos e foi estabelecido que no estado do Tocantins eles seriam ministrados nos câmpus de Arraias, Porto Nacional, Palmas, Araguaína e Tocantinópolis, para o público das comunidades quilombolas destas regiões. Os cursos ministrados foram o de Produtor de Vídeo, Produtor Cultural, Finalizador de Vídeo e de Artesão de Biojoias. No câmpus da UFT de Arraias foi ministrado o curso de Produtor Cultural, para jovens das comunidades quilombolas Lagoa da Pedra e Kalunga do Mimoso, Fig. 80. A duração do curso foi de um ano com encontros periódicos e as aulas foram divididas em teóricas e práticas. Coube a mim, ministrar as aulas de Ética e Cidadania e de Cultura Afro-brasileira. A parte prática ficou sob a responsabilidade do jornalista, produtor cultural e cineasta João Luiz Neiva.

¹³⁹ Publicado no site da UFT, por Poliana Macedo, Terça, 5 de Dezembro de 2017. Disponível em: <<http://ww1.uft.edu.br/index.php/noticias0/20899-festival-arraias>>.

¹⁴⁰ O pró-reitor de Assuntos Estudantis e Comunitários – PROEST, prof. Dr. George Brito viu a publicação do edital e junto com a equipe da Pró-reitoria, coordenada pela gerente profa. Dra. Giseli de Almeida Tamarozzi, resolveram assumir o projeto em nome da UFT.

Figura 80 – Turma da disciplina do curso Produtor Cultural, câmpus da UFT/Arraias



Fonte: Arquivo pessoal, 17/11/2013.

No decorrer do curso, cada aluno escreveu um roteiro de um filme curta-metragem e sob a orientação do professor João Luiz Neiva e as melhores histórias do curso ministrado em Arraias foram inscritas na quinta edição do Concurso Nacional de Histórias *Revelando os Brasi*, Ano V. O projeto do Instituto Marlin Azul é realizado com patrocínio da Petrobrás, através da Lei Rouanet e em parceria com a Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura e o Canal Futura, e apoio da TV Brasil.

A jovem Carlúcia de Melo Soares, da comunidade quilombola Kalunga do Mimoso, 26 anos, mãe de quatro filhos e única mulher que exerce profissionalmente a profissão de pedreiro de Arraias, foi autora da história “A Mulher Guerreira”, que faz uma narrativa de sua própria vida e teve o seu projeto selecionada entre 951 inscritos de todo o Brasil, sendo que na região norte do país, apenas três projetos foram selecionados. Carlúcia conta a sua própria história de luta pela sobrevivência e contra o preconceito e discriminação sofridos.

Ao ser entrevistada pelo site de notícias G1Tocantins¹⁴¹ ela afirmou:

Eu busquei contar a minha história de vida porque muitas pessoas acham que a gente [quilombola] não tem lugar. Sofri muito trabalhando como empregada doméstica. Fui humilhada. Depois aprendi, com o meu marido, a trabalhar na construção de imóveis e agora sinto orgulho do que faço. Todo mundo fica

¹⁴¹ Quilombola é selecionada para representar o TO em projeto nacional. Mulher pedreira vai contar a história de vida dela em um curta-metragem. Concurso Nacional de Histórias Revelando os Brasis teve 951 inscritos. Matéria de Jesana de Jesus. <<http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2014/01/quilombola-e-selecionada-para-representar-o-em-projeto-nacional.html>>.

admirado com o meu trabalho. Alguns acham que o serviço não é para mulher, mas todo trabalho é (Entrevista de Carlúcia de Melo Soares, para o G1 Tocantins, no dia 30/1/2014).

A repercussão deste resultado foi imediata, tanto na mídia local, regional e nacional e fez com que as atenções se voltassem para a cultura quilombola. Para os jovens quilombolas esta vitória foi como uma injeção de ânimo em lutar pelos seus direitos e para que também fizessem como a colega vencedora que teve a oportunidade de ir ao Rio de Janeiro e fazer um curso especial em preparo para a transformação de sua história em um filme curta-metragem.

Os autores das histórias selecionadas participarão das Oficinas de Formação e Realização Audiovisual no Rio de Janeiro, entre os dias 9 e 23 de fevereiro, com todas as despesas pagas. O curso é composto por aulas de introdução à linguagem audiovisual, roteiro, direção, produção, fotografia, direção de arte, som, edição/finalização, pesquisa, mobilização, direitos autorais e comunicação colaborativa. Após as oficinas, os selecionados retornarão as suas cidades para transformar as histórias em filmes com até 15 minutos de duração. Nessa fase, eles contarão com o apoio de uma produtora regional que irá providenciar os equipamentos de câmera e de som digitais, com operadores (Site do projeto Revelando os Brasis¹⁴², 23 de janeiro de 2014).

Para a jovem Carlúcia de Melo Soares, que conhecia nada do Rio de Janeiro a não ser o que assistia pela televisão foi uma experiência inesquecível, compartilhada com os quilombolas da região e que se espelharam no exemplo dela.

Passados dois anos desta conquista, a jovem quilombola da comunidade Lagoa da Pedra, Lucrécia de Moura Dias, acadêmica do curso de Educação do Campo, na universidade Federal do Tocantins, câmpus de Arraias, se inscreveu na edição seguinte do *Revelando os Brasis*, Ano VI, com intuito de dar visibilidade e valorizar a vida no campo e as características culturais e históricas das comunidades da região enfocando a dança da Sússia. Da mesma forma como a sua colega quilombola selecionada anteriormente, ela também ganhou a viagem com todas as despesas pagas para o Rio de Janeiro e lá participou da Oficina de Formação Audiovisual do Revelando os Brasis, Fig. 81, tendo aulas de roteiro, direção, fotografia, som, produção, entre outras, entre os dias 17 a 24 de agosto de 2017. Na entrevista para o *Revelando os Brasis*¹⁴³ ela assume com orgulho a sua condição identitária quilombola.

¹⁴² Disponível em:

<http://www.cultura.gov.br/noticias-sav/-/asset_publisher/QRV5ftQkjXuV/content/revelando-os-brasis-divulga-resultado-do-v-concurso-nacional-de-historias/10889>.

¹⁴³ Disponível em: <<http://www.revelandoosbrasis.com.br/2018/01/revelando-os-brasis-danca-a-sussia-em-comunidade-quilombola-do-tocantins/>>.

O fato de ser uma quilombola, tenho meu valor, tenho o direito de estar numa universidade, de estudar, de assumir minha identidade como quilombola, como preta, como pessoa que tem valor, que tem conhecimento, tem uma cultura. Tem que ter orgulho do que a gente tem lá e do que a gente é.

Figura 81 – Lucrécia de Moura Dias, Rio de Janeiro



Fonte: Revelando os Brasís, agosto/2017.

Através deste projeto audiovisual a cultura quilombola ganha um perfil multimidiático, e de forma encorajada ao perceberem que são vistos no Brasil e no mundo através de diversas plataformas midiáticas criam resistências e vão ressignificando a sua dança. Já não dançam apenas para se divertir, mas agora para demonstrar o valor de sua cultura ancestral. Lucrécia de Moura Dias fala orgulhosamente para as câmeras dos repórteres. “As pessoas da comunidade dizem que a Sússia é um samba, mas é diferente do samba que as pessoas conhecem. É uma dança bem bonita, dança mulher com mulher, homem com homem, e mulher com homem”.

Este orgulho é observado desde a apresentação pessoal e não há mais necessidade de sentir-se inferior por residir no interior do Brasil, por ser negra, quilombola, e representa, fala e defende neste momento, toda uma comunidade, que por quase duas centenas de anos ficou esquecida e discriminada, sendo encarados como os sujos, os pobres e os sapos da Lagoa da Pedra¹⁴⁴.

Meu nome é Lucrécia, do estado do Tocantins, cidade de Arraias, sou da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, e a minha história é a Súça. É onde conta, é uma cultura, é uma dança, um samba de roda, onde reúne, é as pessoa da comunidade e que vem dos nossos antepassados. É uma que vem sendo passado de geração em geração, onde todo mundo dança, as criança dança. Tem o canto, pode sê qualqué roupa, então tanto homem como mulhé pode usá calça, short, se fô

¹⁴⁴ Fala disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=5&v=2770dCUp2OA>.

dançá de improviso pode dançá com a roupa que tive usando. Mas bonito mesmo é dançá com saia rodada. Entendeu bem? Fica bem legal. As mulheres, saia bem longa, que róda, fica bem bonita, a dança fica mais bonita, é o que dá mais o movimento de beleza na dança. Mas é um samba que dá uma, pra quem assiste, pra quem tá lá sentada assistindo, vendo assim, dá uma vontade de í lá sambá também, porque o som da caixa e do bumba é tão forte as música, a letra das música, dá vontade da gente dançá, de samba mesmo, de caí no samba junto com todo mundo que tá lá. É muito legal e o entusiasmo do público também é.

Esta jovem quilombola, diante da câmara do *Revelando os Brasis*, com simplicidade, no seu jeito de ser e falar consegue, em um primeiro momento, expor e revelar o cerne da dança da Sússia e o seu real significado, principalmente para o seu povo, sua comunidade. Em um segundo momento, fala sobre a importância de aprender em como transformar a sua história em filme, bem como aprender a usar as novas tecnologias para que esta história da “Súça” possa ser transformada em um filme curta-metragem e disponibilizada para o mundo todo através das mídias digitais.

Quando eu vim, eu fiquei pensando como vô fazê uma história da Súça né! Como que eu vô fazê, táva pensando como que vô fazê o filme, como vô fazê essa história virá um filme. E quando cheguei aqui, já o primeiro dia de aula já consegui entendê né! O que que era fazê daquele primeiro texto um roteiro do filme. Como será gravada a cena, a edição, a o enquadramento, como será filmado. Pensá, visualisá o filme na mente, pra depois por no papel. Enfim, são coisas que eu não tinha conhecimento e que nesses dias de oficina tô conseguindo pegá, aprendê, conhecê as histórias de ôtras cidade, ôtros lugá que é muito legal porque junto a um conjunto de culturas, de história ali. Dá pra fazê, nossa é muito legal, dá pra fazê uma troca de ideias e dá pra levá bastante aprendizagem com isso.

Como os quilombolas da Lagoa da Pedra estão acostumados a cumprir promessas de forma coletiva, sempre voluntária, não foi difícil reunir um grupo para fazer a filmagem do curta-metragem que ocorreu nos dias 27 a 29 de janeiro de 2018, Fig. 81.

Figura 82 – Filmagem da Sússia, curta-metragem na Lagoa da Pedra¹⁴⁵



Fonte: Foto de Gustavo Louzada/Instituto Marlin Azul, 28/1/2018.

A partir dos exemplos citados ao longo deste capítulo, a partir do momento em que a comunidade quilombola Lagoa da Pedra começa a dominar as novas tecnologias e ser inserida no mundo digital as questões étnico-raciais ganham um novo contorno e um novo olhar. Os quilombolas estão em busca de uma legitimação maior na sociedade local, regional e nacional. Há pontos positivos e também negativos nesta trajetória, como não pode ser diferente em um mundo globalizado que tenta imprimir cada vez mais novos padrões culturais. No mundo globalizado, as redes de comunicação, cada vez mais sofisticadas, rápidas e eficientes, possibilitam que haja uma comunicação de todos com todos, isto é em e de qualquer lugar, mesmo que o mais remoto da terra e indiscutivelmente influenciar os povos.

Antes da chegada das novas tecnologias na comunidade quilombola Lagoa da Pedra a oralidade foi a forma de manter as diversas tradições, manifestações culturais religiosas e folclóricas, as histórias, lendas, os fazeres e saberes. Atualmente, neste novo cenário socioeconômico e midiático, do sistema-mundo moderno colonial conforme apresentado por Quijano (2005) e Porto Gonçalves (2012) no primeiro capítulo desta tese, há a preocupação por parte dos líderes da comunidade em utilizar as novas tecnologias tanto para empoderamento quanto da preservação e promoção de sua riqueza cultural, em muitos casos ressignificada.

¹⁴⁵ Álbum de fotos da filmagem da Sússia, sob a direção de Lucrécia de Moura Dias. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/revelandoosbrasis/photos/?tab=album&album_id=1802771813108434>.

Na opinião expressada por muitos quilombolas a chegada das novas tecnologias trouxe facilidades e benefícios para a comunidade, mas, mesmo que, por causa das dificuldades que a vida na roça impõe e impele principalmente os jovens a saírem em busca de emprego e uma vida diferente, no imaginário deles, mais fácil, outros querem usar a facilidade das novas tecnologias para ficar na roça.

Para Ruimar Antônio de Farias a roça tem muitas vantagens em relação à cidade e que as novas tecnologias podem auxiliar para que a vida seja melhor na comunidade, desde que a tradição seja mantida. Segundo ele as duas coisas podem caminhar juntas.

A permanência é que eu queria que continuasse a trilhar dois caminhos da mesma forma, não de forma diferente. Por exemplo: é hoje, que o pessoal mantesse a cultura que temos aqui. Muitos ainda mantêm, que é plantá, colhê, a maneira de trabalhá, a maneira de falá, e eu queria que mantessem as cultura da tradição. Que é as danças, as crenças, entendeu! Eu queria que mantesse isso. Mas que avançasse também no lado da tecnologia, porque se você não acompanha a tecnologia, você vai sobrá. Como diz o ditado: se você não acompanha a tecnologia você vai ficá pra trás (Entrevista realizada no dia 7 de janeiro de 2017).

Para Ruimar Antônio de Farias, a comunidade quilombola Lagoa da Pedra é um lugar privilegiado, e destaca, mais privilegiado do mundo. Ao mencionar isto, demonstra o amor e apego ao lugar.

Então como é hoje, não sei se existe em outros lugares que eu não conheço ainda, mas vejo a Lagoa da Pedra é uma das comunidade, de zona rural, mais previligiada do mundo, ou da região, que eu conheço. Porque, moramos numa zona rural onde nós temos energia, água encanada, Internet, telefone, que pega de bolso, sem sair de casa. Então, os mesmo avanço que tem na cidade, nós temos no campo. Então, já a diferença tá aí. O que temos no campo, na cidade não tem. Que onde começa aí o nosso quintal, nossa chácara, entendeu! Então, tem o ar puro, tem essa diferença. A criação de animais. Você vê a diferença nesse ponto aí. A preservação, a natureza. Nós moramo num lugar, como posso dizer, tudo é natural (Entrevista realizada no dia 7 de janeiro de 2017).

Ruimar é um quilombola que conhece Brasília, Goiânia, Palmas e outras cidades e traça uma comparação com força de argumentação para reafirmar o valor da Lagoa da Pedra.

Mas como podemos vê, quando tivé chovendo tudo é verde, você não vai enxerga um muro de concreto, você não vai enxerga nenhum prédio de não sei quantos andares, Você aqui, se chovê, não vai vê alagamento, porque não tem asfalto, pra fazê com que água não infiltre. Então tudo nosso é terra. Tudo natural ainda. Então pelas duas coisas, moramos num lugar que é beneficiado pelas duas coisas, um pouco da cidade e um pouco da zona rural (Entrevista realizada no dia 7 de janeiro de 2017).

A pedagoga Joelma Dias Pereira que atualmente reside em Brasília, e constantemente visita os seus pais e familiares na Lagoa da Pedra, faz recomendações para suas primas que falam em ir embora para uma cidade maior.

Eu falo para as minhas primas daqui que dizem: Ah! Eu quero embora, não quero ficar aqui mais. Eu falo com elas assim: Pois é, tá na hora de vocês pensá, porque até uma pimenta que eu quero comê em Brasília eu tenho que comprá, a água que eu tomo eu tem que pagá. Vocês aqui não paga água, vai comê uma fruta aqui tem, lá você tem que comprá, porque se vocês não comprá você vão passá fome. E não pensa que aqui, por exemplo, se faltá uma coisa eu vô na casa da minha tia, peço: Tia tem tal coisa porque lá em casa não tem. Lá seu vizinho nem te conhece. Bate na porta do vizinho ele não vai te dar um copo d'água. Assim, hoje eu passo isso pra eles aqui. Porque eu vejo eles falando, quando eu terminá meus estudo quero ir embora pra Brasília. Vocês tem que pensá muito primeiro (Entrevista com Joelma Dias Pereira, no dia 9 de janeiro de 2017).

Para Rosemiro Antônio de Farias que usa as novas tecnologias, faz negócios usando as redes sociais, tem o seu veículo, mas a vida que ele leva é na roça e não pensa em sair da Lagoa da Pedra e ainda alega que não gosta e não quer viver na cidade.

Minha vida é na roça. Levanto cedo, é mexê com os trem aqui, é gado, porco, cavalo e a lavôra. Não dô conta não [de morar na cidade]. Eu não. Lá não dá pra mim. Até o movimento, é tudo. A lida daqui e ficá lá sem lidá não dá não. Custume né! Custumei lidá com o gado aqui. Não dá pra í pra cidade não. Cidade só a passeio memo (Entrevista com Rosemiro Antônio de Farias, no dia 8 de janeiro de 2017).

O que se observa é que alguns pensam em sair e morar em outras cidade, visando uma vida melhor, já outros estão radicados na Lagoa da Pedra e felizes com a vida que estão levando. As crianças da que estão nascendo nestes últimos anos, já fazem parte da geração “Z”, conforme denominados em eventos tecnológicos e por pesquisadores em comunicação, são os nativos digitais. São crianças que enxergam a realidade de outra forma, onde o virtual e real se fundem e a relação com o tempo é completamente diferente. A jovem senhora Rosimária Antônio de Farias que morou por um período de quase dez anos em Brasília e atualmente retornou para a Lagoa da Pedra faz uma comparação entre a sua infância e a de sua filha Dalila, de três anos, Fig. 82.

Figura 83 – Rosimaria Antônio de Farias e sua filha Dalila

Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 7/01/2017.

Depois do reconhecimento mudou muita coisa. Ainda tem as dificuldade, existe, mas que nem era antes, não. Agora tem as máquina de pilá arroz, tem o poço artesiano que antes não tinha, a gente tinha que tá cavando o buraco lá, a cacimba pra pegá água. [Hoje] todo mundo tem água em casa, tem a melhoria dos banheiros, antigamente era os mato, e agora o transporte. Antigamente tinha que andá três quilômetro ou até mais, pra íi, hoje não, pra íi na cidade o ônibus vem aqui três vezes na semana. Então, é uma grande melhoria, mudou bastante (Entrevista com Rosimaria Antônio de Farias, no dia 7 de janeiro de 2017).

Além destas mudanças que todos os entrevistados mencionam, para Rosimaria a mudança na comunicação foi impactante, com a chegada das novas tecnologias.

Nossa. Excelente. Mudou bastante. Hoje tá todo mundo intelectuado [ela quer dizer conectado] ali, todo mundo comunicando. Todo mundo sabe usá. Coisa que você, para ser sincera, eu vim conhecê telefone eu já tinha mais de 15 anos, quase 20 anos. A minha filha Dalila que tem três ano, mexe melhó do que eu com a tecnologia do celular, televisão, tudo, tudo, tudo. A tecnologia aqui na Lagoa da Pedra mudô radicalmente. Todo mundo tá intelectuado aqui, tem a sua energia em casa, família toda. Não tem esse que não tem um celular na casa, às veis não é a família toda, mas pelo menos um já tem, todo mundo. Sabe o que passa aqui. Nós têm o grupo que fala: o Grupo da Lagoa da Pedra. Então quando você menos espera tem um lá dando um bom dia, algum noticiário, às veis algum vai lá e coloca. Tanto os que tá aqui na comunidade como com os que tá fora. São todo mundo conectado. O que acontece aqui você coloca e quando acontece alguma coisa lá em Brasília, eles coloca também e aqui na Lagoa da Pedra a gente fica sabendo. E tem muita gente e é muito bom (Entrevista com Rosimaria Antônio de Farias, no dia 7 de janeiro de 2017).

A grande mudança e que foi radical na Lagoa da Pedra ocorreu após o reconhecimento como comunidade quilombola e, ganhando um novo perfil a partir da instalação da torre de telefonia móvel. Toda esta soma de mudanças fez com que houvesse uma alteração no comportamento e postura dos quilombolas, ao se tornarem cada vez mais ativos na busca plena da cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo histórico, de viés antropológico e etnográfico baseado na teoria da folkcomunicação realizado na comunidade quilombola Lagoa da Pedra, teve como objetivo geral e principal analisar a identidade quilombola em uma perspectiva folkcomunicacional diante dos impactos da mineração na região, na voz dos quilombolas, sob a perspectiva deles, e, também, como está se apropriando das novas tecnologias para difundir a sua cultura, através das redes sociais digitais.

A comunidade quilombola Lagoa da Pedra, apesar de estar localizada em uma região do sudeste do estado do Tocantins, bastante retirada dos grandes centros, no interior do município de Arraias-TO e, por muitos anos, viver de forma isolada, além de sofrer toda sorte de preconceito e discriminação, ela sofreu profundas transformações, principalmente, a partir da certificação como comunidade remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares, em setembro de 2004.

A mudança ao longo destes anos se verifica em todos os sentidos, tais como: na infraestrutura, na implementação de diversas políticas públicas, na luta e defesa dos direitos humanos, na conquista da cidadania, no reconhecimento por parte da sociedade circundante de sua cultura, na sua visibilidade em âmbito local, regional e nacional, nas dezenas de projetos desenvolvidos, na melhoria econômico-financeira, nas dezenas de pesquisas acadêmico-científicas realizadas, nos prêmios de âmbito regional e nacional conquistados, na apropriação das novas tecnologias, entre outras.

No estudo que realizei tento mostrar, a partir da opinião dos quilombolas o que é visto de forma positiva e/ou negativa nas mudanças que estão ocorrendo em uma velocidade muito grande na comunidade, ou seja, fiz uma análise destas mudanças e das permanências no que se refere à sua identidade cultural, seus fazeres e saberes. Entretanto, como este estudo foi de caráter acadêmico e científico, o iniciei situando esta comunidade em um contexto mundial à luz de pesquisadores, intelectuais, principalmente, os de viés humanista, como Aníbal Quijano, Carlos Walter Porto-Gonçalves, Boaventura de Souza Santos, entre outros, que pensam e analisam a atualidade sob o ponto de vista econômico, político, social e cultural, com o conceito de Sistema-mundo moderno-colonial.

O sistema que é apresentado por estes pensadores e com os quais eu concordo é um modelo de dominação e de desenvolvimento ancorado em um sistema econômico, que, indiscutivelmente, está gerando uma crise mundial que, cada vez mais, investe no

desmatamento, causa poluição ambiental, desloca milhares de pessoas de seus locais de origem onde vivem e preservam suas culturas, como é o caso da comunidade quilombola Lagoa da Pedra. Conforme Quijano argumenta, é um sistema de incorporação ao novo e comum padrão de poder mundial.

Como apresentei no primeiro capítulo, o sistema econômico atual não tem contribuído para que haja um desenvolvimento sustentável, uma promoção da equidade social, tampouco a exploração dos recursos naturais e ambientais tem contribuído na construção de uma sociedade mais justa e ambientalmente sustentável, apesar dos discursos serem opostos. Muito pelo contrário, o que se pode observar é o aumento da pobreza e a exclusão de milhares de pessoas e sociedades do processo produtivo.

A minha pesquisa e estudo tiveram como ponto de partida esta leitura de mundo, para só então, fazer a análise em pauta. Não se pode perder de vista que a Lagoa da Pedra foi uma comunidade quilombola que durante quase dois séculos teve a sua identidade cultural fortemente alicerçada na tradição oral e que ainda tem a sua força, mas, nestes últimos anos, já sofreu profundas alterações, disputando com a força da televisão e, recentemente, com as novas tecnologias que conectaram os quilombolas com o mundo, fazendo com que experimentem e sejam incluídos na cultura digital, ou seja na cibercultura.

O presente estudo não se limitou apenas ao período que estive com eles durante a pesquisa realizada para analisar os impactos da mineração sobre a comunidade e a sua apropriação das novas tecnologias, pois fiz a análise em um contexto mais amplo, que abrange todo o conhecimento reunido sobre esta comunidade ao longo de sua história e, principalmente, a experiência acumulada durante estes 13 anos em que estou realizando os estudos e pesquisas em sua comunidade.

O que ajudou muito para que a pesquisa tivesse sucesso, foi o fato de eu ter um livre trânsito dentro da comunidade, que é resultado destes anos em que visito e realizo projetos em conjunto com ela. Há laços de confiança que auxiliam o diálogo e a revelação de opiniões e ideias que, normalmente, são tratadas apenas internamente na comunidade. Esta confiança fez com que os diálogos gravados ocorressem com muita naturalidade e geraram informações e opiniões que enriqueceram a análise do tema estabelecido.

Fazendo uma retrospectiva lembro-me da primeira pesquisa que realizei na Lagoa da Pedra, ao encontrar uma comunidade na qual a energia elétrica distribuída nas casas através do Projeto Luz Para Todos, do Governo Federal ainda não estava inaugurado; os banheiros com fossas sépticas e distribuição de água nas casas através de rede de água instalada a partir do poço artesiano estavam recém-concluídos pela FUNASA; o telefone público, tipo orelhão

via satélite fazia 20 dias que estava instalado; a linha de ônibus que circula três vezes por semana fazia meio ano que tinha iniciado a atender a comunidade, que, na realidade, é o fim da linha da empresa, pois não há nenhuma estrada que continua a partir de lá. Encontrei essa comunidade fazendo as suas roças na base da coivara, da roça de toco e não havia financiamento do Pronaf. As dificuldades de toda ordem eram enormes e apenas uma jovem quilombola havia colado grau no ensino superior, entre tantas outras coisas que foram mencionadas ao longo deste trabalho. Vejo, atualmente, ao fim deste estudo, o quanto mudou na comunidade, alguns pontos positivos e outros nem tanto, contudo o que ressalto é o fato de valorizar a opinião deles e não a minha opinião sobre o seu processo de desenvolvimento.

Um dos objetivos ao analisar o processo de desenvolvimento da comunidade foi ouvir os quilombolas sobre os impactos sofridos e as ameaças da empresa mineradora que se instalou muito próximo da localização da Lagoa da Pedra. O que ficou evidente nos diálogos mantidos com vários dos entrevistados é que paira uma ameaça no ar sobre uma possível desapropriação de suas terras, o que gera desconfiança e temor de que isto possa se tornar realidade. Há várias razões concretas para confirmar este sentimento, pois a empresa mineradora sempre promete um desenvolvimento que gere a melhoria para todos, entretanto são benefícios que nunca se concretizam em relação à comunidade.

Ao acompanhar o processo de implantação da empresa de mineração, das reuniões com o Ministério Público Federal, ouvir os quilombolas conforme está descrito no trabalho, se confirma o que Maria Amélia Enríquez relata sobre os dilemas do desenvolvimento sustentável a partir de uma base mineira, após realizar uma pesquisa em âmbito nacional para verificar até que ponto a mineração de larga escala é uma dádiva ou maldição para o desenvolvimento sustentável. Segundo Enríquez (2008, p. 363):

Se não há dúvidas de que a atividade mineradora contribui para o crescimento econômico municipal e que favorece a formação de capital humano, há fortes questionamentos quanto ao seu efetivo papel para a superação da pobreza e para a melhor equidade na distribuição da renda gerada.

Se por um lado, o CFEM, por força de lei, deve ser recolhido ao município onde a mineradora está instalada, a realidade no que tange à comunidade quilombola Lagoa da Pedra, impactada pelas ações da mineração, mesmo que não dentro de suas terras, mas de forma indireta, nunca foi beneficiada pela Compensação Financeira pela Exploração Mineral. O Banco Mundial que tem políticas específicas de apoio às atividades de extração de recursos naturais, pela pressão internacional das organizações e acordos internacionais assinados sobre

as preocupações ambientais com a mineração relacionadas com as questões socioeconômicas e que questionam “[...] o verdadeiro papel da mineração para a superação da pobreza e para a construção de um desenvolvimento em bases sustentáveis” (ENRÍQUEZ, 2008, p. 361), fez o Banco Mundial alterar suas políticas e, também, financiar projetos de organizações preocupadas com o assunto.

No ano de 2010, que coincide com a época em que a empresa mineradora estava iniciando a implantação de seu projeto minerador em Arraias, com o apoio do governo do Tocantins, fui convidado para acompanhar a missão do Banco Mundial, representada pelo seu diretor Maktur Diob, no dia 3 de março de 2010. Era uma missão técnica e ele estava acompanhado com outros representantes, além do secretário de Planejamento do Estado, David Siffert Torres e vários técnicos. A comunidade quilombola Lagoa da Pedra foi escolhida para a visita do diretor. Mesmo sem entender as verdadeiras razões desta visita, a comunidade preparou uma recepção, com exposição de seus produtos da agricultura familiar, seu artesanato, apresentação da dança da Sússia e tiveram oportunidade de fazer reivindicações.

Figura 84 – Visita do diretor do Banco Mundial Maktur Diob



Fonte: Foto de Wolfgang Teske, 3/3/2010.

As crianças e jovens fizeram uma apresentação de batuque com tambores e latas, resultado de um projeto que havia sido desenvolvido na comunidade.

No período da manhã foi realizada uma reunião na sede do município de Arraias, com presença de toda a equipe da prefeitura, prefeito e secretários, da Câmara Municipal, prefeitos da região sudeste do Estado, do Ruraltins, do Governo do Estado através de secretários, diretores e gerentes, além de equipe técnica e representantes da Lagoa da Pedra e, em uma das faixas estava escrito em letras grandes: “Projeto de Desenvolvimento Regional Sustentável – PDRIS. Logo abaixo a frase: “Missão técnica do Banco Mundial à Região Sudeste do Estado do Tocantins em Arraias e Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra”.

Após ouvir as demandas da comunidade que lhe entregou um documento com as reivindicações feitas e sugestão de atuação do Banco Central em relação aos quilombolas, o diretor Maktur Diob disse na ocasião: “Agradeço muito a oportunidade de estar aqui conhecendo os quilombolas do Tocantins, que também são descendentes da África, como eu”, pois é do Senegal.

Na ocasião o secretário estadual de planejamento David Siffert Torres, representando o governador do Tocantins afirmou que a inclusão das comunidades quilombolas nos investimentos do PDRIS foi uma determinação do governador do Estado, na época Carlos Gaguim.

O que pode se concluir destas ações e programas governamentais é que, passados mais de oito anos deste acontecimento, nenhuma demanda da comunidade foi atendida e sequer respostas concretas apresentando razões do não cumprimento dos projetos anunciados. Esta é a razão da tensão e desconfiança dos quilombolas com os projetos anunciados como desenvolvimento sustentável. Caso a empresa mineradora cumprisse os EIAs elaborados e apresentados ao Órgão responsável pelo Meio Ambiente, no caso, o Naturatins, não haveria necessidade de tantas interferências do Ministério Público Federal e assinaturas de Termos de Ajuste de Conduta – TACs, como tem ocorrido em Arraias. Isto apenas confirma o que Grácio; Almeida (2008) descreveram a respeito da forma como os EIAs são elaborados e apresentados para a sociedade.

[...] o ponto central a ser destacado é relativo à forma como os procedimentos de licenciamento ambiental e os estudos de impactos são construídos frente aos aspectos sociais e culturais das populações afetadas por empreendimentos de pequeno e grande porte ao longo de todo o território nacional. Em linhas preliminares, o argumento desenvolvido pretende evidenciar que os estudos de impacto ambiental são produzidos com base em princípios normativos que não contemplam aspectos essenciais para o entendimento acerca das populações humanas que sofrerão as consequências dos empreendimentos por eles analisados. Assim, os estudos de impactos ambientais se distanciam das possibilidades de realização de diagnósticos representativos das particularidades sociais e culturais e

se voltam para abordagens focadas em parâmetros estabelecidos unilateralmente e sob o julgo exclusivo do Estado (GRACIO, ALMEIDA, 2008, p. 1-2).

Por esta razão, se faz necessário por parte dos governos, ações concretas que protejam comunidades quilombolas e outras em situação de vulnerabilidade, pois do contrário cometem verdadeiros crimes contra a humanidade. As grandes empresas multi e transnacionais visam em primeiro lugar o retorno financeiro em grande monta em detrimento do desenvolvimento humano das populações diretamente afetadas pela atividade mineradora, como foi exposto ao longo do trabalho. É importante ouvir o que neste caso específico o povo quilombola está dizendo, como Valcy Antônio de Farias, se referindo a quilombolas da Lagoa da Pedra que não saberiam viver fora de suas terras, caso a mineradora entrasse para explorar a mineração em suas terras.

Se caso a mineradora entrasse aqui, morá onde né! E ainda tem gente, muitos que nunca pisô em Brasília ou ôtro lugá, ia ficá onde? E inclusive aqui ainda tem gente que corre de gente quando vê as pessoa. Imagina prá saí, pra cidade. E tem gente de idade, quando não corre fecha a porta, fica iscundidu lá dentro (Entrevista com Valcy Antônio Dias, realizada no dia 9 de janeiro de 2017).

Para muitos, e, principalmente, para as grandes empresas a solução destes problemas se resume em uma compensação financeira e um lote e casa em uma cidade ou relocação em outra área, sem levar em conta o que apresentei sobre o conceito de lugar de Marc Augé. Não faltam exemplos desastrosos no país de empreendimentos que acabaram com a vida de muitas pessoas, de lugares, de sociedades inteiras, sempre com um discurso e proposta de desenvolvimento sustentável.

Outro ponto que ressalto ao final deste estudo é a mudança de comportamento e das relações sociais ocorridas na comunidade ao longo destes anos, principalmente, nesta última fase conforme apresentado no último capítulo, quando as conversas, os negócios, as brincadeiras e manifestações culturais são intermediadas pela cibercultura.

Quando iniciei as pesquisas há mais de 13 anos na comunidade quilombola Lagoa da Pedra, aquelas crianças que fotografei, que participavam das brincadeiras na escola, que acompanhavam as diversas manifestações culturais, hoje são jovens, vários já casados, outros universitários e que são protagonistas de sua história com o uso das novas tecnologias, sabendo lidar com os modernos *smartphones* e utilizando estes equipamentos para difundir a sua cultura, participando de editais, ganhando prêmios e promovendo de todas as formas sua identidade cultural. Está havendo uma mediação digital, pois na medida em que estão usando

as novas tecnologias para difundir a sua cultura eles estão ampliando e criando verdadeiros espaços de expressão e comunicação que não tinham anteriormente, aumentando a visibilidade em ambientes virtuais e divulgado a sua cultura para lugares onde nunca chegariam de outro modo.

Ao ver essa postura por parte de muitos jovens e crianças, renova-se a esperança de que, mesmo ressignificada, a cultura quilombola da Lagoa da Pedra ainda permanecerá por bastante tempo. Percebo que há uma resistência cultural, apesar de algumas das manifestações culturais estarem enfraquecidas por falta de envolvimento de jovens, principalmente em aprender a ser repentistas, cantadores e líderes das festas.

Por outro lado, quando vejo jovens que estão fazendo os seus cursos na Universidade Federal do Tocantins, câmpus de Arraias-TO, e desenvolvendo projetos e pesquisas que dizem respeito a vários aspectos da comunidade Lagoa da Pedra, seja nos cursos de Matemática, Pedagogia, Turismo Patrimonial e Socioambiental, Educação do Campo e vários outros em formato EaD/UAB, um mestrado em matemática com um quilombola cursando, me certifico da importância da regionalização e descentralização da UFT. Isto, por várias razões. Caso os jovens necessitassem se deslocar para um grande centro, ou mesmo à capital Palmas, muitos não teriam condições para se sustentar e outros, caso tivessem essa possibilidade, em muitos casos, desenvolveriam outros projetos e se afastariam um pouco da comunidade. Portanto, é de suma importância a universidade estar mais próxima, principalmente das comunidades mais carentes e sofridas de nosso país, pois possibilita projetos e pesquisas que visam o desenvolvimento sustentável destas comunidades.

É importante que a Universidade, através de seus cursos, colegiados, professores e diretores, coordenadores não perca de vista o maior propósito e missão de uma Instituição de Ensino Superior, que é de preparar os educandos e acadêmicos como cidadãos atuantes e com pensamento crítico diante de tanta corrupção e desmandos que estão ocorrendo em nosso país no momento atual. Esta última pesquisa e análise que realizei e que resultou nesta tese ocorreram em um momento dramático em nosso país, em que vários direitos e garantias de povos indígenas e quilombolas sofreram um grande e grave retrocesso. Espero que este trabalho possa auxiliar de alguma forma, como uma ferramenta na luta contra o preconceito e a discriminação de comunidades quilombolas também de outras localidades, tanto no Tocantins como em outras regiões do país.

Toda a pesquisa que realizei na perspectiva folkcomunicacional estava pautada em um roteiro proposto por Marques de Melo, conforme apresentado no percurso metodológico, na introdução desta tese, ou seja, norteado por quatro elementos, Memória, Formato, Conteúdo e

Mediações, e destaco a Folia de Santos Reis que acompanhei do começo ao fim, e concluí que, à luz do esquema classificatório proposto por Marques de Melo (2013), esta manifestação cultural fica assim sistematizada:

Quadro 2 - Gêneros folkcomunicacionais, formatos e tipos da folia de Santos Reis.

GÊNERO: FOLKCOMUNICAÇÃO ORAL	
Formato	Tipo
Canto	Sússia e Canto de Santos Reis
Proza	Saudação
Reza	Bendito e ladainha
Verso	cantoria

GÊNERO: FOLKCOMUNICAÇÃO VISUAL	
Formato	Tipo
Pictográfico	Bandeira da folia de Santos Reis.
Mural	Lapinha e oratório.

GÊNERO: FOLKCOMUNICAÇÃO ICÔNICA	
Formato	Tipo
Devocional	Amuleto, ex-voto (promessa), imagem de santo, lapinha, oratório.
Nutritivo	Bolos, petas, enroladinhos, pães

GÊNERO: FOLKCOMUNICAÇÃO CINÉTICA	
Formato	Tipo
Celebração	Procissão, vigília.
Dança	Sússia
Festejo	Folia de Santos Reis

Fonte: Elaboração própria.

Ao analisar todo o processo das manifestações culturais da comunidade quilombola Lagoa da Pedra ao longo destes anos, ter registrado a maioria delas nos livros já publicados sobre o assunto, sempre utilizando como base teórica a Folkcomunicação, lanço aqui uma nova base de discussão para os pesquisadores da Rede Folkcom. Os trabalhos e pesquisas com base na Folkcomunicação tem se desdobrado em análises de suas matrizes teóricas; empíricas; de seus precursores e pioneiros; da cartografia cultural, promovendo estudos sobre abordagens folkcomunicacionais, ou sobre a comunicação que ocorre a partir do folclore, da cultura de grupos marginalizados e da comunicação popular; das análises emblemáticas, como o cordel, os grafites, pichações, e outras; estudos sobre a história da Folkcomunicação como um processo analisando os diversos sistemas de comunicação; as configurações e vertentes da folkcomunicação tais como: o Folk-ativismo, Folkmarketing, Folkerotismo, Folkturismo,

Folkmisticismo, Folkpolítica, Folkficção, Folkmídia, Folkreligiosa, entre outras; os estudos da Folkcomunicação em âmbito institucional; a sedimentação dos estudos da teoria ao longo dos anos e as novas abordagens de estudos da Folkcomunicação.

Pois bem, a minha proposta para ser amadurecida pela Rede Folkcom em estudo posterior, é a seguinte questão: Quando os estudos e pesquisas realizadas com a base teórica da Folkcomunicação, independente da vertente ou enfoque dado resulta além do produto em si, seja um artigo científico, uma obra publicada, um documentário, um filme de curta ou longa-metragem, um prêmio, enfim, qualquer produto resultante de pesquisa com a teoria, e esta, por sua vez, ou seja, a Folkcomunicação como produto é a ferramenta ou o instrumento base para a promoção, proteção da cidadania de um grupo marginalizado.

A meu ver, quando a Folkcomunicação como produto é novamente apresentada para promover a cidadania de um grupo marginalizado, passa a ser um instrumento de reflexão para toda uma sociedade, ou do próprio grupo marginalizado, tanto como escudo quando produto concreto na defesa dos direitos humanos. Tenho utilizado em várias palestras a seguinte argumentação. O tripé da universidade é o ensino, a pesquisa e a extensão, mas quando, no caso, a “Folkcomunicação produto” é novamente apresentada como instrumento de luta pela defesa dos grupos marginalizados, não importando se são rurais, urbanos ou culturalmente marginalizados pode ser considerada como uma intervenção social e/ou cultural, podendo estar ligada a um projeto de pesquisa ou de extensão ou não, ao se tornar uma intervenção social e/ou cultural foge do espectro até hoje publicado em Folkcomunicação.

Proponho, portanto, que se analise e que se comece também a fazer pesquisas nesta nova ótica. Para exemplificar com as experiências pessoais ao longo destes anos com as pesquisas na comunidade quilombola Lagoa da Pedra. Os livros publicados, que passam a ser “Folkcomunicação Produto”, e que geram encontros, palestras e seminários para promover debates sobre as questões de discriminação e preconceitos contra as comunidades quilombolas, ou quando Instituições como o Ministério Público Federal ou Estadual, Incra e outros utilizam estas obras como referência na luta pelos direitos quilombolas. Quando um prêmio é conquistado, como foi o I Prêmio Nacional de Expressões Culturais Afro-brasileiras e que foi circulado pelo estado do Tocantins objetivando a visibilidade e a proteção da Lagoa da Pedra. Quando jovens se utilizam da Folkcomunicação, como ocorreu com o universitário quilombola Jader Vinícius Silva Farias ao vencer o 1º Concurso Gastronômico de Arraias, promovendo a sua cultura quilombola, ou mesmo, a jovem universitária quilombola Lucrécia de Moura Dias ao ser selecionada em âmbito nacional no Projeto Revelando os Brasis e fazer

um filme curta-metragem sobre a Rússia. Ainda há outros exemplos, mas são suficientes para promover a discussão sobre o assunto. Resumindo, uma nova abordagem no campo teórico da Folkcomunicação e analisá-la como Produto de interferência social e/ou cultural, que por sua vez, pode ser analisada novamente como Folkmídia, Folkativismo, Folturismo, Folkcivismo, Folkcidadania ou outro.

Não poderia deixar de registrar nas minhas considerações finais dois fatos que me sensibilizaram durante a escrita desta tese, o falecimento de Aníbal Quijano e José Marques de Melo, dois pesquisadores e que foram referências teóricas para esta tese. Aníbal Quijano, foi um sociólogo e pensador humanista peruano e um dos mais influentes pesquisadores latino-americanos que escreveu a obra clássica *A Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina*, desenvolvendo o conceito de “colonialidade do poder” e que me inspiraram e basearam a construção de todo o primeiro capítulo desta tese. Faleceu no dia 31 de maio de 2018, durante as análises que vinha traçando entre o campo teórico e as vivências da Lagoa da Pedra.

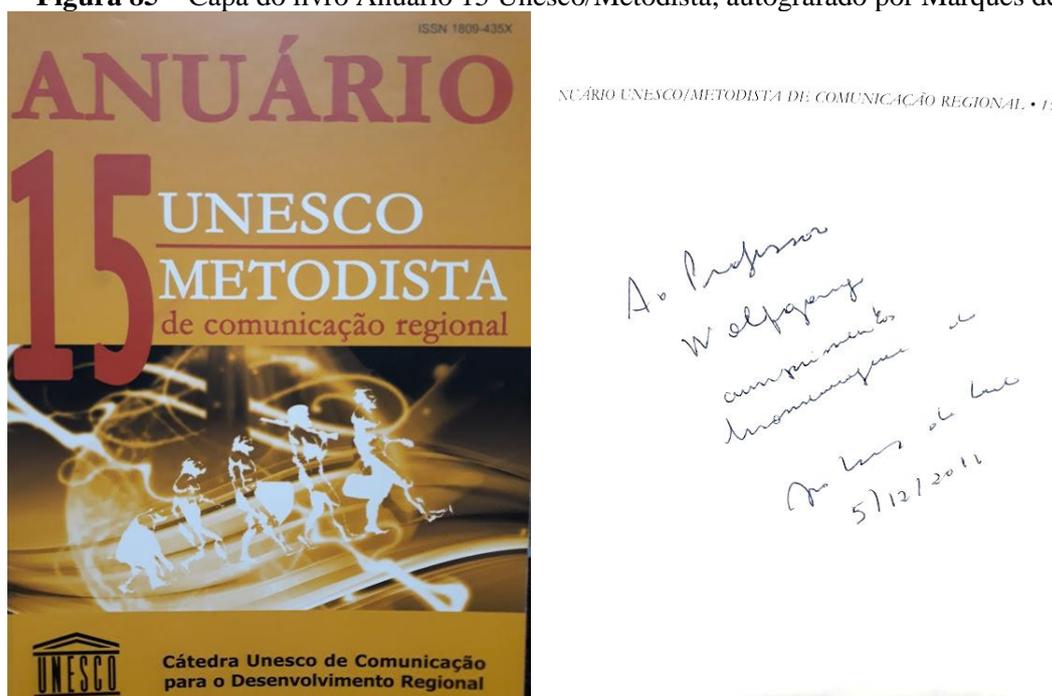
O falecimento de José Marques de Melo me tocou profundamente, ocorrido no dia 20 de junho de 2018, no momento em que havia feito, inclusive, uma citação direta dele na minha tese. Este professor, pesquisador conheci pessoalmente no ano de 2003, em Palmas, quando eu estava iniciando os estudos sobre Folkcomunicação. Ele me incentivou e no ano seguinte o encontrei no Intercom em Porto Alegre-RS e em 2005, no Intercom no Rio de Janeiro, com a minha pesquisa com base na Folkcomunicação já em andamento. Foi um grande incentivador para que continuasse nesta linha de pesquisa. Quando os meus livros foram publicados ele os recebeu e, para a minha surpresa ele publicou dois parágrafos na Introdução do Anuário Unesco/Metodista, 2011, tendo como título: “*A EXPANSÃO DA PESQUISA FOLKCOMUNICACIONAL: O OBJETO, O CAMPO E A REDE*”, e nele mencionou as minhas pesquisas.

Antecipando-se ao veredicto da Intercom, a Editora do Senado Federal tomara a iniciativa de lançar dois livros de autoria do professor Wolfgang Teske, pesquisador da Universidade Federal do Tocantins. Trata-se de estudos de caso de processos folkcomunicacionais quilombolas, expressando a resistência cultural das comunidades negras marginalizadas naquela região. No primeiro volume, o autor faz um estudo etnográfico da “Roda de São Gonçalo” na comunidade da Lagoa da Pedra em Arraias (TO), datado de 2009. No segundo, lançado em 2010, ele amplia o espectro narrativo, dimensionando a “cultura quilombola” da região. Segundo o autor, a “pesquisa realizada com base na teoria da folkcomunicação” adquiriu maior significação por causa do “momento histórico” vivido pela comunidade, especialmente no que “tange a sua cultura”. Trata-se em verdade da sua “midiatização”, instaurada pelo fluxos “bidirecionais” que provocam

“hibridação simbólica”, acarretando a típica “mestiçagem cultural”, matriz inconfundível da cultura brasileira (MARQUES DE MELO, 2011, p. 12-13).

Estes gestos criam laços de confiança entre pesquisadores e, no meu caso, ainda mais, por não estar em um grande centro de pesquisas do país, foi uma valorização que fez com que eu continuasse com mais vigor nas pesquisas da Folkcomunicação. Após a publicação do Anuário me enviou um exemplar autografado.

Figura 85 – Capa do livro Anuário 15 Unesco/Methodista, autografado por Marques de Melo



Fonte: Acervo particular do autor da capa e contracapa

A outra surpresa agradável foi quando o doutor Marques de Melo me solicitou um texto através do doutor Guilherme Fernandes para ser publicado na obra *Metamorfose da Folkcomunicação: antologia brasileira*, que resultou no artigo *Teoria da Folkcomunicação: da origem aos processos Folkmidiáticos*. O doutor Marques de Melo foi e continua sendo uma referência no Brasil na grande área da Comunicação Social.

Conviver com uma comunidade quilombola, como esta experiência que eu estou tendo oportunidade, mesmo não sendo afrodescendente fui aceito na comunidade como pesquisador ao longo destes anos, é um privilégio, pois consegui perceber valores que não aprenderia pelos livros ou mesmo assistindo vídeos e filmes na Internet. Há percepções que só são possíveis com a convivência, e foi isto que aconteceu. Acompanhar as suas festas, a labuta do dia a dia, seja na roça, na escola ou nas casas, no elaborar a comida, as pêtas e enroladinhos, na fabricação da farinha, as brincadeiras e as conversas do dia a dia, sua religiosidade, suas

dores e dificuldades, mas também as suas conquistas. Tudo foi um grande aprendizado, pois aprendi muito e levarei isto para a minha vida.

É necessário que a sociedade e principalmente os governos instituídos mudem o olhar e possam ver nas comunidades quilombolas ou qualquer outra das consideradas tradicionais e possam perceber que ali há riquezas culturais, patrimônios materiais e imateriais que necessitam ser preservados e não sufocados, sucumbidos e desaparecidos por eventuais projetos de desenvolvimento sustentável que beneficiam apenas grandes corporações ou empresas multi e transnacionais, e talvez beneficiem alguns governantes em seus projetos privados.

A partir de um olhar folkcomunicação é possível realizar pesquisas e estudos que se transformem em produtos folkmidiáticos, que, por sua vez, despertem a atenção da sociedade e governos para as comunidades marginalizadas para, em primeiro lugar, respeitarem estes grupos, e, em segundo, promover ações que favoreça efetivamente um desenvolvimento sustentável, com respeito ao Meio Ambiente, com valorização da Natureza, da cultura destes grupos e assegurando a sua cidadania.

Que a universidade como instituição responsável na missão principal de formar cidadãos possa investir mais em pesquisas de cunho social e ajude a construir uma sociedade mais justa e um mundo sustentável.

Durante estes anos, com tantas visitas realizadas, acompanhando praticamente todas as manifestações culturais, os fazeres e saberes da comunidade quilombola Lagoa da Pedra, talvez esteja na hora de escrever uma obra literária um livro de crônicas com o título: *Pelos caminhos da Lagoa da Pedra*.

Figura 85 – Caminhando com Ruimar Antônio de Farias e Maria Antônio Dias



Fonte: Foto de Adilvan Nogueira, 30/4/2008.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecilia Campello Amaral; BEZERRA, Gustavo das Neves. **O que é justiça ambiental**. Rio de Janeiro. Garamound, 2009.

ACSELRAD, Henri. **Quatro teses sobre Políticas Ambientais ante os Constrangimentos da Globalização**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/sca/ppg7/doc/polambgl.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

AGENCIA BRASIL – EBC. **População mundial vai crescer, mas a do Brasil estará menor em 2100, diz ONU**. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2015-07/mundo-tera-112-bilhoes-de-habitantes-em-2100-populacao-brasileira-vai>>. Acesso em: 05 jan. 2016.

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: CPDOC/ FGV, 1989.

ALCÂNTARA, Carlos Augusto Almeida; VIEIRA, Anderson Luiz Nogueira. **Tecnologia móvel: uma tendência, uma realidade**. s/d. Disponível em: <<https://arxiv.org/ftp/arxiv/papers/1105/1105.3715.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

APOLINÁRIO. **Os Akroá e outros povos indígenas nas Fronteiras do Sertão: Políticas indígena e indigenista no norte da capitania de Goiás – Século XVIII**. Goiânia: Kelps, 2006.

_____. Juciene Ricarte. **Escravidão Negra no Tocantins Colonial: vivências escravistas em Arraias (1739-1800)**. Goiânia: Kelps, 2000.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS DEFENSORAS E DEFENSORES PÚBLICOS. **Quilombolas do Tocantins: em palavras e olhares**. Disponível em: <<https://www.anadep.org.br/wtk/pagina/materia?id=31007>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/754602/mod_folder/content/0/Doc%2012-03-2015%2018-29%20Marc%20Aug%C3%A9%20-%20%20nao-lugares.pdf?forcedownload=1>. Acesso em: 07 jun.2018.

BARBO, Lenora de Castro; RIBEIRO, Rômulo José da Costa. Os itinerários da rede de caminhos de Vila Boa de Goiás no século XVIII. **Atas do VI Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica**, 4 a 7 de Novembro de 2015. Braga, Portugal. p. 437-450.

BARBO, Lenora de Castro; SCHLEE, Andrey Rosenthal. As estradas coloniais na Cartografia Setecentista da Capitania de Goiás. **Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica**. Paraty, 10 a 13 de maio de 2011. Disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/BARBO_LENORA_C_E_SCHLEE_ANDREY_R.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2015.

BELTRÃO, Luiz. O ex-voto como veículo jornalístico. In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013, pp. 229-234.

_____. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

_____. A pesquisa sobre Folkcomunicação. In: MARQUES DE MELO, José (org.). **Pesquisa em Comunicação no Brasil**: tendências e perspectivas. São Paulo: Cortez, 1983.

_____. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BENJAMIN, Roberto. Expandindo a proposta da obra fundadora. In: UNESCO. **Anuário Unesco/Umesp de comunicação regional**. Ano V. n 5. jan/dez. 2001. p. 17-24.

_____. Apresentação de estudo no **V CONGRESSO LATINOAMERICANO DE CIENCIAS DE LA COMUNICACIÓN** – ALAIC 2000, no GT - Folkcomunicación, em 26-29 de abril de 2000, na Universidad Diego Portales, Santiago – Chile.

BERNABUCCI, Claudio. Sustentabilidade. Vaticano. Francisco, o papa verde. **Revista Carta Capital**. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/855/o-papa-verde-9648.html>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

BETTI, Juliana Gobbi. Sistemas de Comunicação Popular segundo Joseph Luyten. In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013, pp. 583-588.

BÍBLIA DE ESTUDO DA REFORMA. **Almeida Revista e Atualizada**. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BITENCOURT, Renato Nunes. Stuart Hall e os signos da identidade cultural na pós-modernidade. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 154, março/2014. p. 129-138. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/download/23100/12542>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

BOFF, Leonardo. **A Sociedade Mundial da Cegueira**. 2010. Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com/site/lboff.htm>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

_____. **As quatro ecologias**. DVD, Petrópolis: CDDH, 2009.

_____. **Saber cuidar**. Ética do humano – compaixão pela terra. 14. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

_____. **Ética da Vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BRASIL. **Fundação Cultural Palmares**. Gráfico comparativo. Certidões emitidas e comunidades certificadas – Anuais.

Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/file/2018/01/QUADRO-DE-COMPARATIVO-DE-CERTIFICA%C3%87%C3%95ES-ANUAIS-29-01-2018.pdf>>. Acesso em: 08 mai. 2018.

_____. **Fundação Cultural Palmares.** Quadro geral de comunidades remanescentes de quilombo no Brasil (CRQs).

Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/file/2018/01/QUADRO-GERAL-29-01-2018.pdf>>. Acesso em: 08 mai. 2018.

_____. **Fundação Cultural Palmares.** Certidões expedidas às comunidades remanescentes de quilombos (CRQS). Dados atualizados até 05/03/2018. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/comunidades-remanescentes-de-quilombos-crqs>>. Acesso em: 08 mai. 2018.

_____. **Jusbrasil.** Supremo Tribunal Federal. STF garante posse de terras às comunidades quilombolas. 08 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=369187>>. Acesso em: 13 mai. 2018.

_____. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil.** Memória das associações científicas e Acadêmicas de comunicação no Brasil. Disponível em: <<http://www.socicom.org.br/pdfs/panorama-2010-2.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

_____. **DECRETO Nº 6.177, de 1º de agosto de 2007.** Promulga a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, assinada em Paris, em 20 de outubro de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6177.htm>. Acesso em: 19 jan. 2016.

_____. **DECRETO Nº 5.753,** de 12 de abril de 2006, da Presidência da República. Promulga a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, adotada em Paris, em 17 de outubro de 2003, e assinada em 3 de novembro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5753.htm>. Acesso em: 10 fev. 2016.

_____. Ministério de Meio Ambiente. **Resolução CONAMA Nº 357/2005** - "Dispõe sobre a classificação dos corpos de água e diretrizes ambientais para o seu enquadramento, bem como estabelece as condições e padrões de lançamento de efluentes, e dá outras providências." - Data da legislação: 17/3/2005 - Publicação DOU nº 053, de 18/3/2005, págs. 58-63. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=459>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

_____. **DECRETO Nº 4.887,** de 20 de novembro de 2003, da Presidência da República. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm>. Acesso em: 16 mai. 2018.

_____. **LEI Nº 8.876,** de 2 de maio de 1994. Autoriza o Poder Executivo a instituir como Autarquia o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), e dá outras providências.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8876.htm>. Acesso em: 11 fev. 2016.

_____. **LEI Nº 8.746**, de 9 de dezembro de 1993. Cria, mediante transformação, o Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal, altera a redação de dispositivos da Lei nº 8.490, de 19 de novembro de 1992, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1989_1994/L8746.htm#art1>. Acesso em: 19 jan. 2016.

_____. **LEI Nº 7.790**, de 28 de dezembro de 1989. Institui, para os Estados, Distrito Federal e Municípios, compensação financeira pelo resultado da exploração de petróleo ou gás natural, de recursos hídricos para fins de geração de energia elétrica, de recursos minerais em seus respectivos territórios, plataformas continental, mar territorial ou zona econômica exclusiva, e dá outras providências. (Art. 21, XIX da CF). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L7990.htm>. Acesso em: 19 jan. 2016.

_____. **LEI Nº 7.735**, de 22 de fevereiro de 1989. Dispõe sobre a extinção de órgão e de entidade autárquica, cria o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7735.htm>. Acesso em: 19 jan. 2016.

_____. (1988) Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. **Capítulo VI, do Meio Ambiente. Art. 225**. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm>. Acesso em: 19 jan. 2016.

_____. (1988) Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. **Capítulo II, Art. 20, § 1º**. É assegurada, nos termos da lei, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, bem como a órgãos da administração direta da União, participação no resultado da exploração de petróleo ou gás natural, de recursos hídricos para fins de geração de energia elétrica e de outros recursos minerais no respectivo território, plataforma continental, mar territorial ou zona econômica exclusiva, ou compensação financeira por essa exploração. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 11 fev. 2016.

_____. (1988) Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. **Título X. Ato das disposições constitucionais transitórias**. Art. 68; Art. 215 e Art. 216. Disponível em: <<https://quilombos.files.wordpress.com/2007/12/artigos-68-215-e-216.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

_____. **LEI Nº 3.353**, de 13 de maio de 1888. Declara extinta a escravidão no Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm>. Acesso em: 10 mai. 2018.

BRASÍLIA. **Arquivo público do Distrito Federal**. Mapa geral da capitania de Goiás – cópia d-867. Disponível em: <<http://www.arpdf.df.gov.br/mapa-geral-capitania/>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

BREGUEZ, Sebastião. Questionamento teórico do folclore segundo Vicente Salles. *In*: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013, pp. 90-93.

BREGUEZ, Sebastião (org.). **Folkcomunicação**: resistência cultural na sociedade globalizada. Belo Horizonte: Intercom, 2004.

BURKE, Peter. **O que é história cultural**. Tradução Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2005.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

CANEVACCI, Massimo. O ‘outro’ é desnativizado. *In*: WARD, Rodolfo. **Wawekrurê**: Distintos Olhares. Brasília: Senado Federal. Conselho Editorial, 2015.

_____. Juventude Ubíqua. *In*: ZACARIOTTI, Marluce. **(In)visibilidades das juventudes pós-modernas**: trilhas estéticas na cibercultura. 1. ed. Curitiba: PR: CRV, 2017. p. 19-24.

CASTIGLIONE, Luiz Henrique. O mapa do Brasil em duas propostas de mudanças, no Império e na Primeira República. **Estatística e Sociedade**. Porto Alegre, p.175-223, n. 2 nov. 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/estatisticaesociedade/article/view/36563/23660>>. Acesso em: 4 nov. 2015.

CASTRO, Edna. **Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais**. Paper do NAEA 092 – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/UFGA, Maio de 1998. ISSN 15169111. Disponível em: <<http://www.naea.ufpa.br/pdf.php?id=168>>. Acesso em: 5 fev. 2017.

CHAUÍ, Marilena. **Filosofia Moderna**. Universidade Federal do Amapá, 2011. Disponível em: <<http://www2.unifap.br/borges/files/2011/02/Filosofia-Moderna.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2016.

_____, Chauí. Os trabalhos da memória, 1979. *In*: BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

COLAÇO, Thaís Luzia; SPAREMBERGER, Raquel Fabiana Lopes. Sociedade da informação: comunidades tradicionais, identidade cultural e inclusão tecnológica. **Revista de Direito Econômico e Socioambiental**. Curitiba, v.1, n. 1, p. 207-230, jan./jun. 2010. Disponível em:

<<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/direitoeconomico?dd1=4329&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 5 fev. 2017.

COMPARATO, Fábio Konder. A Crise Global Contemporânea. Debatedores Boaventura de Sousa Santos e Fábio Konder Comparato. Debate na Escola de Governo de São Paulo, no dia 28 de out de 2015. *Youtube*. 2:24:00. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=p6a-Su-aUiI>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

CONEXÃO TOCANTINS. **Governador assina Termo de Uso para consolidação da Itafós no Tocantins**. Redação do site de notícias *Conexão Tocantins*. Palmas, 09 de janeiro de 2012. Disponível em: <<http://conexaoto.com.br/2012/01/09/governador-assina-termo-de-uso-para-consolidacao-da-itafos-no-tocantins>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

_____. **Seis novas empresas industriais planejam instalações em Arraias**. Redação do site de notícias *Conexão Tocantins*. Palmas, 06 de maio de 2011. Disponível em: <<http://conexaoto.com.br/2011/05/06/seis-novas-empresas-industriais-planejam-instalacoes-em-arraias>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

CORDEIRO, Rosolinda Batista de Abreu. **Arraias: suas raízes e sua gente**. Goiânia: Editora, 1989.

COSTA, Magda Suely Pereira. **Poder local em Tocantins: domínio e legitimidade em Arraias**. Soc. estado. Brasília, v. 23, n. 3, Dez. 2008. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1863/1/2008_MagdaSPCosta.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2018.

COUTINHO, Clara Pereira. **Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática**. 2. ed. Coimbra: Almedina, 2014.

CUNHA, Úrsula Nascimento de Sousa. Cibercultura e as identidades líquidas: reflexão sobre a cultura na era das novas tecnologias. **Pontos de Interrogação n. 2. Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural**. Universidade do Estado da Bahia, Campus II — Alagoinhas. Linguagens, identidades e letramentos - Vol. 2, n. 2, jul./dez. 2012 | 157. Disponível em: <<http://www.poscritica.uneb.br/revistaponti/arquivos/volume2-n2/14.CIBERCULTURA-E-AS-IDENTIDADES-LIQUIDAS-revistaponti-vol2-n2.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

DECLARAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. **Conferência das Nações Unidas sobre meio ambiente e desenvolvimento**. Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v6n15/v6n15a13.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 2017.

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DO TOCANTINS. **Quilombolas do Tocantins: palavras e olhares**. Núcleo da Defensoria Pública Agrária. Disponível em: <<https://vimeo.com/192164783>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

DIEGUES, Antonio Carlos. (Org.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2000. Disponível em: <www.mma.gov.br/estruturas/chm/_publicacao/14_publicacao24052011024914.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2017.

DURÃO, Mariana. Empresa de barragem rompida é a 10ª maior exportadora do país. **Estadão Brasil**. São Paulo. 5 de novembro de 2015. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,empresa-que-teve-barragem-rompida-e-10-maior-exportadora-do-pais,10000001270>>. Acesso em: 3 fev. 2016.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano: a essência das religiões. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ENRIQUEZ, Maria Amélia Rodrigues da Silva. **Maldição ou dádiva?** Os dilemas do desenvolvimento sustentável a partir de uma base mineira. São Paulo: Signus, 2008.

FARIAS, Marly Ribeiro de. **PROJETOS DE VIDA:** Um estudo das representações de jovens de uma comunidade quilombola. Monografia do curso de Pedagogia apresentada no Câmpus de Arraias, da Universidade Federal do Tocantins, 2015.

FARIAS, Rosana Antonio de. **Comunidade Remanescente de Quilombo Lagoa da Pedra:** um estudo de caso. Monografia curso de Pedagogia. Arraias: Universidade Federal do Tocantins, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Entre-vistas:** abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.

FERREIRA, Carine. MBAC anuncia início da produção de fosfato no projeto Itafós. **Valor Econômico**. Publicado no dia 11 de julho de 2013. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/agro/3195230/mbac-anuncia-inicio-da-producao-de-fosfato-no-projeto-itafos>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

FUNARTE. FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES. Microprojetos Mais Cultura – Amazônia Legal. Disponível em: <<http://www.funarte.gov.br/funarte/microprojetos-mais-cultura-%E2%80%93-amazonia-legal-2/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO TOCANTINS. Núcleo Tocantinense de Arqueologia. **5º Relatório Bimestral**. Programa Saltovia BR 242. Programa de levantamento e resgate do Patrimônio Histórico Cultural Paisagístico e Arqueológico na Rodovia BR 242 no Estado do Tocantins, Projetos Lotes I à VIII, trecho Peixe/Paraná/Taguatinga/Arraias. Porto Nacional. UNITINS/NUTA: Porto Nacional, 2009.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. 5. ed. São Paulo: Fundação Petrópolis, 2000.

GAGLIETTI, Mauro; BARBOSA, Márcia Helena Saldanha. **A Questão da Hibridação Cultural em Néstor García Canclini**. Artigo apresentado no VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul – Passo Fundo – RS. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.

GIDDENS, Anthony. **The Consequences of Modernity**. Cambridge: Polity Press, 1990. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=SVmkJEwWGwAC&pg=PT51&lpg=PT51&dq=>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996, p. 48.

GOBBI, Maria Cristina. Folkcomunicação: Intercâmbio de mensagens segundo Luiz Beltrão. In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013, pp. 104-109.

GOBBI, Maria Cristina; SANTOS, Lana Cristina Nascimento. Aplicações Folkcomunicacionais na Publicidade. IN: LOPES FILHO, Boanerges Balbino *et al.* (orgs.). **A Folkcomunicação no limiar do século XXI**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012. pp. 103-124.

GOBBI, Maria Cristina; HOHLFELD, Antônio; GOBBI, Maria Cristina (orgs.). Contribuições brasileiras para os estudos comunicacionais. In: **Teoria da Comunicação**: Antologia de Pesquisadores Brasileiros. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. pp. 13-21.

GOMES, Helton Simões. Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à internet, diz IBGE. **Portal G1**. 21/02/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

GRACIO, Heber Rogério; ALMEIDA, Soraya Campos. Estudos de Impacto Ambiental e o Modelo de Ordenamento Territorial Operado pelo Estado Brasileiro: Território Nacional e Supressão da Alteridade no Brasil Contemporâneo. **Revista Teoria e Cultura**. Juiz de Fora, v. 3, n. 1/2, p. 51-62, jan./dez. 2008. Disponível em: <<http://teoriaecultura.ufjf.emnuvens.com.br/TeoriaeCultura/article/view/1124>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

GRUPIONE, Denise Fajardo; ANDRADE, Lúcia M. M. de. **Entre Águas bravas e mansas: índios & quilombolas em Oriximiná**. Org. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo: Iepé, 2015.

HABERMAS, Jürgen. Entrevista dada para Borja Hermoso, e publicada no **El País Semanal**, no dia 05/5/2018. Jürgen Habermas: "Por Deus, nada de filósofos governantes!" Disponível em: <https://elpais.com/elpais/2018/04/25/eps/1524679056_056165.html>. Acesso em: 7 mai. 2018.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HASENBALG, Carlos. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

HOHLFELD, Antônio. Perspectiva Fenomenológica da Folkcomunicação. In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013, pp. 994-1002.

_____. Novas tendências nas pesquisas da folkcomunicação: pesquisas acadêmicas se aproximam dos estudos culturais. In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013, pp. 876-883.

_____. Pesquisa em Folkcomunicação: possibilidades e desafios. In: BOANERGES, Balbino Lopes Filho *et al.* (orgs). **A Folkcomunicação no limiar do século XXI**. Juiz de Fora: UFJF, 2012.

_____. Folkcomunicação: positivo oportunismo de quase meio século. In: UNESCO. **Anuário Unesco/Umesp de comunicação regional**. Ano V. n 5. jan/dez. 2001. pp. 25-34.

IBAMA. INSTITUTO BRASILEIRO DE MEIO AMBIENTE E RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS. **Laudo Técnico Preliminar**: Impactos ambientais decorrentes do desastre envolvendo o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, Minas Gerais. Disponível em:

<http://www.ibama.gov.br/phocadownload/noticias_ambientais/laudo_tecnico_preliminar.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2016.

LEGISWEB. **Instrução Normativa INCRA nº 57** de 20/10/2009. Publicada no DOU em 21/10/2009. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação, desintrusão, titulação e registro das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que tratam o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988 e o Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Disponível em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=78048>>. Acesso em: 27 mai. 2018.

INTERCOM. SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. Folkcomunicação (DT8) **Ementa**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/pesquisa/gps/folkcomunicacao.shtml>>. Acesso em: 22 mai. 2017.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **A Celebração Viva da Cultura dos Povos**. 2016. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/agendaEventos/detalhes/116/a-celebracao-viva-da-cultura-dos-povos-exposicao-patrimonio-imaterial-brasileiro>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

_____. **Iphan lança livro Vivências e Sentidos - o patrimônio cultural do Tocantins**. 30/4/2009. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/2383/iphan-lanca-livro-vivencias-e-sentidos-o-patrimonio-cultural-do-tocantins>>. Acesso em: 21 jun.2018.

ITAFOS. **ITAFOS ANNOUNCES US\$165 MILLION CREDIT AND GUARANTY AGREEMENT**. May. 22, 2018. Disponível em: <<https://itafos.com/news/2018/itafos-announces-us-165-million-credit-and-guaranty-agreement/>>. Acesso em 30 mai. 2018.

KIRCHOF, Edgar Roberto. Yuri Lotman e semiótica da cultura. Prâksis - **Revista do ICHLA** - Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes da Feevale. 2010. Disponível em: <periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/download/703/786>. Acesso em: 16 jun. 2017.

LANDER, Edgardo. Ciências Sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro, 2005. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Tonico/2s2012/Texto_1.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2017. pp. 8-23.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LAROUSSE CULTURAL. **Grande Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

LEITE, Ilka Boaventura. Os Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Etnográfica**, Vol. IV (2), 2000, pp. 333-354. Disponível em: <http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_04/N2/Vol_iv_N2_333-354.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2018. p. 333-354.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Os Padrões Ético, Êmico e Êmico-Teológico**. Instituto Antropos, 2008. Disponível em: <http://instituto.antropos.com.br/v3/index.php?option=com_content&view=article&id=56&catid=40:consultoria-antropologia&Itemid=9>. Acesso em: 10 fev. 2016.

LOTMAN, Yuri. apud SILVA, Cristina Schmidt. **Viva Sao Benedito!:** festa popular e turismo religioso em tempo de globalização. Aparecida: Editora Santuário, 2000.

LOVELOCK, James. **A Vingança de Gaia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

LUCENA FILHO, Severino Alves de; FERNANDES, Guilherme Moreira. Espaço gastronômico folclórico: Cajá-PB. In: **A Folkcomunicação no limiar do século XXI**. Orgs. LOPES FILHO, Boanerge Balbino; FERNANDES, Guilherme Moreira *et.al.* Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012, pp. 125-139.

LUCENA FILHO, Severino Alves de. Do ex-voto ao Folkmarketing. In: BREGUEZ, Sebastião. (Org). **Folkcomunicação: resistência cultural na sociedade globalizada**. Belo Horizonte: Intercom, 2004.

MACIEL, Betania. Redes sociais, ciberativismo e grupos marginalizados: reconhecimento do campo a partir da teoria Folkcomunicacional. **Revista Internacional de Folkcomunicação**. v. 15, n. 35 (2017). Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/2272/1548>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

MACIEL, Betania; SCHMIDT, Cristina. Folkcom - Origens da entidade e Folkcomunicação: memória institucional. In: BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil. Memória das associações científicas e Acadêmicas de comunicação no Brasil. Disponível em:

<<http://www.socicom.org.br/pdfs/panorama-2010-2.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2017. pp. 243-275.

MAESTRI, Mário. **A servidão negra**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma teoria científica da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MARQUES DE MELO, José. Taxionomia da Folkcomunicação. In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação: antologia brasileira**. São Paulo: Editae Cultural, 2013, pp. 1022-1026.

_____. A expansão da pesquisa folkcomunicacional: o objeto, o campo e a rede. In: **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**. Ano 15, n. 15. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, jan/dez 2011. pp. 9-14.

_____. A difusão gastronômica no espaço folkcomunicacional. **Revista Internacional de Folkcomunicação**. v. 9, n. 17, 2011. PDF. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/1334/968>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

_____. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. Luiz Beltrão: pioneiro dos estudos de folk-comunicação no Brasil. **Revista Latina de Comunicación Social**, 21. Setembro de 1999. Disponível em: <<https://www.ull.es/publicaciones/latina/a1999dse/46beltrao.htm>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

MARTIN, André Roberto. **Fronteiras e Nações**. São Paulo: Contexto, 1997.

MARTINS, Junia. Sedimentação. In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação: antologia brasileira**. São Paulo: Editae Cultural, 2013, pp. 973-981.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa**. São Paulo: Atlas. 2006.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Ser escravo o Brasil**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MBAC FERTILIZER. MBAC Receives Final Operating License For Itafós Arraias SSP Project. **Press Release**, 28 de junho de 2013. Disponível em: <<http://mbacfert.com/news/news-details/2013/MBAC-Receives-Final-Operating-License-For-Itafs-Arraias-SSP-roject/default.aspx>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

MBEMBE, Achille. Achille Mbembe - A era do humanismo está terminando. **Revista IHU online**. Instituto Humanitas Unisinos. 24 de janeiro de 2017. Tradução de André Langer. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/564255-achille-mbembe-a-era-do-humanismo-esta-terminando>>. Acesso em: 25 Jan. 2017.

MELO, Valdivino Fraga de. **Projeto de Desenvolvimento Sócioeconômico: Fundo de Quintal – Mandala. RURALTINS.** Apresentação em Power-Point, durante a 2ª Feira de Negócios de Agricultura Familiar da Comunidade Quilombola da Lagoa da Pedra, Arraias, em 6 e 8 de agosto de 2007.

MENDES, Cândido de Almeida. **Atlas do Imperio do Brazil:** compreendendo as respectivas divisões administrativas, ecclesiasticas, eleitoraes e judiciárias. Rio de Janeiro: Lithographia do Instituto Philomathico, 1868. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/179473>>. Acesso em: 6 nov. 2015.

MFRURAL. **Fosfato Natural Sedimentar (Pó de Rocha) (Cód.245161).** Disponível em: <<http://quero-comprar-vender.corretivosagricolas.com.br/outros-corretivos-667/fosfato-natural-sedimentar--po-de-rocha/245161>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Traduzido por NORTE, Angela Lopes. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, nº 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf>>. Acesso em: 7 jun. 2017.

MIRANDA, Dinomar. Crime ambiental: Rio Bezerra acorda com mortandade de peixes. **Blog Dinomar Miranda.** 14 de janeiro de 2014. Disponível em: <<http://www.dinomarmiranda.com/2014/01/rio-bezerra-acorda-com-mortandade-de.html>>. Acesso em: 29 mai. 2018.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória:** a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1992. (Caminhos da História).

MPF - MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Procuradoria da República no Município de Gurupi/TO. EDITAL DE CONVOCAÇÃO DE AUDIÊNCIA PÚBLICA.** Monitorar as ações previstas no Termo de Ajustamento de Conduta - TAC firmado nos autos da Ação Civil Pública nº. 2322-32.2014.4.01.4302, por parte da ITAFÓS MINERAÇÃO LTDA. e NATURATINS. 2018. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/to/sala-de-imprensa/docs/copy_of_AudinciaemArraias.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2018.

_____. **MPF/TO propõe ação civil contra Itafós e Naturatins e requer paralisação da exploração de fosfato em Arraias.** 2014. Disponível em: <<http://www.prto.mpf.gov.br/news/mpf-to-propoe-acao-civil-contra-itafos-e-naturatins-e-requer-paralisacao-da-exploracao-de-fosfato-em-arraias>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

_____. **Procuradoria da República no Município de Gurupi/TO.** Ação Civil Pública com Pedido de Antecipação de Tutela. Inquérito Civil nº 1.36.000.000100/2012-70. Gurupi-TO, 19 de maio de 2014. Disponível em: <<http://www.prto.mpf.mp.br/news/anexos/ICn1.36.000.000100201270ItafsRioBezerra.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2018.

_____. **Reunião debate interferência de mineradoras em território quilombola em Arraias.** Palmas: Procuradoria da República do Tocantins, 05 de maio de 2010. Disponível em: <<http://www.prto.mpf.mp.br/news/reuniao-debate-interferencia-de-mineradoras-em-territorio-quilombola-em-arraias>>. Acesso em 25 mai. 2018.

MORAES, Fernando de. **Contribuições à Geografia Física do Estado do Tocantins**. Goiânia: Kelps, 2011.

NASCIMENTO, Solange Aparecida do; ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Valores civilizatórios afro-brasileiros: o lugar da Cultura no currículo da educação quilombola. **Humanidades&Inovação**. v. 4, n. 3 (2017). Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/346>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. Por uma perspectiva da Folkcomunicação a partir das análises semiológicas sobre os ex-votos do Brasil. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0469-1.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

OLIVEIRA, Alessandra Prudente de; GALERY, Augusto Dutra; ALVES, Natália C. Ribeiro. A retomada do cotidiano: Reflexões sobre um possível encontro entre a Folkcomunicação e a Teoria das Representações Sociais. **Revista Internacional de Folkcomunicação**. Vol. 1. Nº 7. 2006. PDF. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=issue&op=view&path%5B%5D=39>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica *Laudato Si* do Santo Padre Francisco sobre o Cuidado da Casa Comum**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 14 jan. 2016.

POHL, Johann Emanuel. **Viajem ao Interior do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1976.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTAL DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA. Tradições. **Ritos de Morte**. Alceu Maynard Araújo. Disponível em: <https://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/2_XII.php>. Acesso em: 11 jun. 2018.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

QUEIRÓS, Neuzeni Rodrigues de. **Etnobotânica: o uso das plantas pela comunidade remanescente de quilombo Lagoa da Pedra**. Monografia apresentada no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, câmpus de Arraias, 2007.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas

latino-americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005. pp. 227-278. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2017.

RAMMÊ, Rogério Santos. Justiça ambiental na era do hiperconsumo: um desafio para o estado socioambiental de direito. *Revista Paradigma*. nº 19, 2010, 12p. Universidade de Ribeirão Preto. Disponível em: <<http://www9.unaerp.br/revistas/index.php/paradigma/article/view/63/76>>. Acesso em: 3 fev. 2016.

REIS, João José. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. *Revista USP*. [online]. São Paulo, (28): 14-39, dez. /fev./95/96. Disponível em: <<http://www.journals.usp.br/revusp/article/viewFile/28362/30220>>. Acesso em: 16 mai. 2018.

REVISTA ÉPOCA. José Saramago, Desventuras em série. Edição 389, 31/10/05, Globo. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT1061569-1666-2,00.html>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

RIETH, Flávia. AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Universidade Federal de Pelotas – Brasil. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 270-271, jul./set. 1995. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/ppgas/ha/atual/pdf/n2/HA-v1n2a26.pdf>>. Acesso em: 7 jun. 2018.

RODRIGUES, Carmen Tatiane Oliveira; BISPO, Marciléia Oliveira. Súcia: uma dança de manifestação cultural e religiosidade em Monte do Carmo-TO. *Revista produção acadêmica – núcleo de estudos urbanos regionais e agrários – Nurba – N. 1 (Junho, 2015)*, p. 144-161 Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/producaoacademica/article/download/1935/8578/>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

ROVER, Aires José. e-florianópolis: projeto de inclusão digital. II Conferência Sul-americana em Ciência e Tecnologia aplicada ao governo eletrônico – CONEGOV. *Anais*. Florianópolis, SC, 2005. Disponível em: <<http://www.infojur.ufsc.br/aires/arquivos/e-florianopolis.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 2017.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A Crise Global Contemporânea. Debatedores Boaventura de Sousa Santos e Fábio Konder Comparato. Debate na Escola de Governo de São Paulo, no dia 28 de outubro de 2015. *Youtube*. 2:24:00. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=p6a-Su-aUiI>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **A Globalização e as Ciências Sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SARAIVA, Regina Coelly Fernandes. **Tradição e Sustentabilidade**: um estudo dos saberes tradicionais do cerrado na Chapada dos Veadeiros, vila São Jorge-GO. Tese de doutorado.

Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, Brasília. 2006. 234p. Disponível em:
<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5169/1/2006_Regina%20Coelly%20Fernandes%20Saraiva.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2016.

SARAMAGO, José. Por utopias mais próximas. V FSM. *Revista Espaço Acadêmico*, nº 69, Fevereiro 2007, mensal, Ano VI. ISSN 1519.6186. Disponível em:
<<http://www.espacoacademico.com.br/069/69saramago.htm>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

_____. **Discurso pronunciado por José Saramago no dia 10 de dezembro de 1998 no banquete do Prêmio Nobel.** Memória. Fundação José Saramago, 1998. Disponível em:
<<http://www.josesaramago.org/discurso-pronunciado-por-jose-saramago-no-dia-10-de-dezembro-de-1998-no-banquete-premio-nobel/>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

SCHMIDT, Cristina. Folkcomunicação na Arena Global. In: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação:** antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. pp. 950-961.

_____. In: SCHMIDT, Cristina (Org.). **Folkcomunicação na arena global:** avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006.

_____. A importância da pesquisa em Folkcomunicação e a Rede Folkcom. In: SCHMIDT, Cristina (org.). **Folkcomunicação na Arena Global:** avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006.

_____. Folkcomunicação: Uma metodologia participante e transdisciplinar. **7º Conferência Brasileira de Folkcomunicação.** 2004. Disponível em:
<http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Folkcomunica%C3%A7%C3%A3o:_uma_metodologia_participante_e_transdisciplinar>. Acesso em: 16 mai. 2017.

_____. Metodologias da Folkcomunicação foram a tônica da VI Folkcom. **Revista Comunicação e Sociedade.** v. 25, n. 40 (2003). Disponível em:
<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/download/4090/3532>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

SHIVA, Vandana. **El mundo en el limite.** 2001, 11p. Disponível em:
<http://observatoridesc.org/sites/default/files/05_Shiva_el_Mundo_en_el_Limite.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2016.

SEAGRO. Secretaria Estadual de Agricultura. **Ruraltins promove IV Feira e I Encontro das Comunidades Quilombolas do Sudeste do TO.** 15/9/2011. Disponível em:
<<https://seagro.to.gov.br/noticia/2011/9/15/ruraltins-promove-iv-feira-e-i-encontro-das-comunidades-quilombolas-do-sudeste-do-to/>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres:** aspectos do catolicismo popular. Natal: IFRN, 2013.

TESKE, Wolfgang. Teoria da Folkcomunicação: da origem aos processos Folkmidiáticos segundo Wolfgang Teske. In: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira

(Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. pp. 673-691.

_____. **Cultura Quilombola na Lagoa da Pedra, Arraias-TO**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011.

_____. **A Roda de São Gonçalo**: um estudo de caso de processo folkcomunicacional. 4. ed. Goiânia: Kelps, 2018.

TOCANTINS. **Secretaria de Comunicação**. Governador assina autorização para obras em Arraias. Publicado no dia 31 de julho de 2012. <<http://secom.to.gov.br/noticia/82821/#sthash.zAAC64tG.dpuf>>. Acesso em: 26 mai. 2018.

_____. **Comunicação Social**. Feira promove troca de experiências, saberes e incentiva a comercialização de produtos da agricultura familiar. Disponível em: <<https://secom.to.gov.br/noticia/2011/9/19/feira-promove-troca-de-experiencias-saberes-e-incentiva-a-comercializacao-de-produtos-da-agricultura-familiar/>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. As festas populares: da idade média à idade da mídia. **Revista Geonordeste**. n.2, 2015. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/5334/4400>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

_____. Folkcomunicação e os ativistas midiáticos. In: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. pp. 852-862.

_____. **Folkcomunicação**: ativismo midiático. Paraíba: Editora Universitária da UFPB, 2008.

_____. O anúncio dos milagres: o ex-voto como processo de folkcomunicação. **Revista Eletrônica Temática**. 26/7/2005. Disponível em: <<http://www.insite.pro.br/2005/38-O%20an%C3%B4ncio%20dos%20milagres.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2017.

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Disponível em: <<http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. UnB. **19/02/2011 - 20 anos do Memorando Summers**. Clipping Tv - Clipping Impresso. Disponível em: <<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/cpmod.php?id=84785#>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

VICENTE, Severino. Da Cultura popular segundo Câmara Cascudo. In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013. pp. 244- 248.

WOITOWICZ, Karina Janz. A noção de cultura na folkcomunicação e nos estudos culturais: Diálogos entre as perspectivas de Luiz Beltrão e Stuart Hall. **Intercom**. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015. Disponível em:

<<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1698-1.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

ZACARIOTTI, Marluce. **(In)visibilidades das juventudes pós-modernas: trilhas estéticas na cibercultura**. 1. ed. Curitiba: PR: CRV, 2017.

LISTA DE FONTES ORAIS

Altina de Farias Dias
Diomar Antônio de Farias
Domingos Pereira Ramos
Helena Ferreira da Silva
Jader Vinícius Silva Farias
Joaquim Bento da Silva
Joelma Dias Pereira
Maria Inácia Antônio de Farias e Silva
Marília Silva Almeida
Marly Ribeiro de Farias
Rosana Antônio de Farias
Rosemiro Antônio de Farias
Rosimaria Antônio de Farias
Ruimar Antônio de Farias
Valcy Antônio Dias

ANEXOS

Anexo 1 - Classificação taxonômica da Folkcomunicação

Categoria: Conjunto de manifestações simbólicas determinadas pela combinação do canal e da audiência.

Gênero: Forma de expressão determinada pela combinação de canal e código.

Quadro 3 - Folkcomunicação - gêneros

FOLKCOMUNICAÇÃO – Gêneros	
Folkcomunicação Oral	canal auditivo; códigos verbais; musical
Folkcomunicação Visual	canal óptico; códigos linguísticos; pictórico
Folkcomunicação Icônica	canais óptico/táctil; códigos estéticos; funcional
Folkcomunicação Cinética	múltiplos canais; códigos gestual; plástico

Fonte: (MARQUES DE MELO, 2013, pp. 1023-1024).

Formato: Estratégia de difusão simbólica determinada pela combinação de intenções (emissor) e de motivações (receptor).

Quadro 4 - Folkcomunicação - formatos

FOLKCOMUNICAÇÃO – Formatos	
Folkcomunicação Oral	canto, música, prosa, verso, colóquio, rumor, tagarelice, zombaria, passatempo, reza.
Folkcomunicação Visual	escrito, impresso, mural ou pictográfico.
Folkcomunicação Icônica	devocional, diversidade, decorativo, nutritivo, bélico, funerário, utilitário.
Folkcomunicação Cinética	agremiação, celebração, distração, manifestação, folguedo, festejo, dança, rito de passagem.

Fonte: (MARQUES DE MELO, 2013, p. 1024).

Tipo: Variação estratégica determinada pelas opções simbólicas do emissor, bem como por fatores residuais ou aleatórios típicos da recepção.

Quadro 5 - Folkcomunicação oral – formatos e tipos

GÊNERO: FOLKCOMUNICAÇÃO ORAL	
Formato	Tipo
Canto	aboio, acalanto, canto de bebida, cantiga de mendigo, canto de trabalho, coreto, embolada, pregão, toada, sússia.
Colóquio	conversa fiada, conchavo.
Música	baião, chimarrete, chula, choro, dobrado, lundu, moda de viola, samba de breque.
Passatempo	adivinhação, charada, provérbio.
Prosa	conto de fadas, lenda, saudação, sermão.
Reza	bendito, incelência, ladainha.
Rumor	boato, fofoca.
Tagarelice	bordão, gíria, palavrão.
Verso	cantoria, glosa, parlenda, trova.

Fonte: (MARQUES DE MELO, 2013, p. 1024).

Quadro 6 - Folkcomunicação visual – formatos e tipos

GÊNERO: FOLKCOMUNICAÇÃO VISUAL	
Formato	Tipo
Escrito	abaixo-assinado, carta, anônima, carta, devota, correio sentimental, corrente.
Impresso	almanaque de cordel, almanaque de farmácia, graça alcançada, literatura de cordel, literatura mediúnica, livro de sorte, oração milagrosa, panfleto, santinho de propaganda, volantes publicitários, xilogravura popular.
Mural	cartaz, folhinha, faixa, grafito de banheiro/latrina, jornal mural, pichação de parede, pasquim em verso.
Pictográfico	adesivo, camiseta, epitáfio, flâmula, legenda de caminhão, pintura mediúnica, tatuagem, bandeira do Divino Sagrado Coração de Jesus, bandeira da folia de Santos Reis.

Fonte: (MARQUES DE MELO, 2013, p. 1024).

Quadro 7 - Folkcomunicação icônica – formatos e tipos

GÊNERO: FOLKCOMUNICAÇÃO ICÔNICA	
Formato	Tipo
Bélico	armas, fardas, estandartes, troféus.
Decorativo	adornos pessoais, bordados de cama e mesa, cestaria, ornamentos domésticos, figuras de enfeite, luminárias.
Devocional	amuleto, ex-voto (promessa), imagem de santo, medalha, presépio, lapinha, oratório.
Diversional	boneca de pano, boneca de barro, brinquedo artesanal, jogos infantis.
Funerário	coroas, lápides, mortalhas, túmulos.
Nutritivo	bolos, biscoitos, pães.
Utilitário	faiança, mobiliário, vestuário.

Fonte: (MARQUES DE MELO, 2013, p. 1025).

Quadro 8 - Folkcomunicação cinética – formatos e tipos

GÊNERO: FOLKCOMUNICAÇÃO CINÉTICA	
Formato	Tipo
Agremiação	bloco carnavalesco, clube de mães, comunidade de base, escola de samba, escola dominical, mutirão, troça.
Celebração	Afoxé, candomblé, macumba, missa crioula, procissão, peregrinação, toré, umbanda, vigília e Iemanjá.
Dança	batuque, caiapó, catira, congada, caruru, ciranda, coco-de-roda, dança de Moçambique, flamengo, frevo, galope, jongo, marcha-rancho, maxixe, mazurca, quadrilha, samba, sapateado, tango, ticumbi, valsa, xaxado, sússia, Roda de São Gonçalo.
Distração	amarelinha, bazar, capoeira, circo mambembe, horoscopo, jogos de bicho, mafuá, mamulengo, pelada de várzea, quermesse, rodeio crioulo, tourada, vaquejada.
Festejo	carnaval, festa cívica, festa da padroeira, festa da produção, festa do divino, festa junina, festa natalina, micareme/micareta, forró, funk carioca, rap paulista, Folia de Santos Reis
Folguedo	baiana, bumba-meu-boi, cavallhada, chegada, caboclinho, fandango, folia de reis, guerreiro, maracatu, pastoril, reisado, taleira.
Campanha	campanha, comício, desfile, greve, marcha, passeata, parada, queima de Judas, trote de calouro.

Rito de passagem	aniversário natalício, batizado, boda, chá-de-bebê, chá-de-cozinha, despedida-de-solteiro, formatura, velório.
------------------	--

Fonte: (MARQUES DE MELO, 2013, pp. 1025-1026).

Anexo 2 - Constituição Federal/1988, Art. 215 e 216**CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988****TÍTULO VIII****Da Ordem Social****CAPÍTULO III****DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA E DO DESPORTO****Seção II****DA CULTURA**

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º - O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

§ 2º - A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

§ 3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à:

I defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro;

II produção, promoção e difusão de bens culturais;

III formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões;

IV democratização do acesso aos bens de cultura;

V valorização da diversidade étnica e regional.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º - O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º - Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º - A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º - Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º - Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

§ 6º É facultado aos Estados e ao Distrito Federal vincular a fundo estadual de fomento à cultura até cinco décimos por cento de sua receita tributária líquida, para o financiamento de programas e projetos culturais, vedada a aplicação desses recursos no pagamento de:

I - despesas com pessoal e encargos sociais;

II - serviço da dívida;

III - qualquer outra despesa corrente não vinculada diretamente aos investimentos ou ações apoiados.

Disponível em: <<https://quilombos.files.wordpress.com/2007/12/artigos-68-215-e-216.pdf>>.

Anexo 3 - Matéria publicada no site Valor 11/7/2013



11/07/2013 às 15h07

MBAC anuncia início da produção de fosfato no projeto Itafós

Por Carine Ferreira | Valor

SÃO PAULO E BRASÍLIA - A empresa de fertilizantes MBAC, listada na bolsa de Toronto, no Canadá, e com exploração focada no Brasil, anunciou hoje que iniciou a produção de super fosfato simples (SSP) no projeto Itafós, localizado em Tocantins. A produção é considerada pela companhia um marco importante em um momento de transição para o desenvolvimento da produção integrada de fertilizantes nos mercados do Brasil e da América Latina.

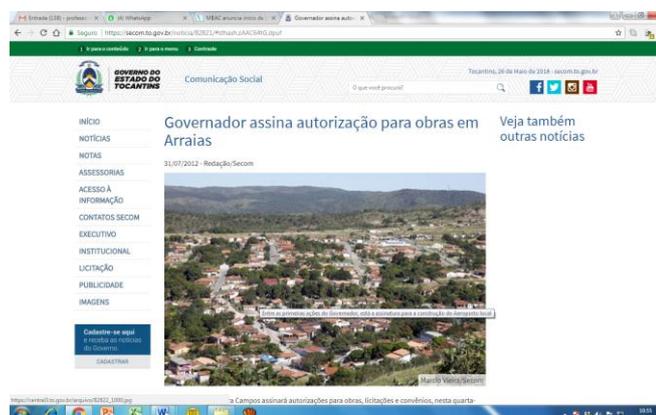
A administração da MBAC estima começar a oferecer o produto ainda este mês para atender aos contratos já firmados. A companhia prevê que terá alcançado capacidade nominal ainda durante este ano, porém sem mencionar volumes projetados. A MBAC também afirma, em comunicado, que será capaz de vender o super fosfato simples para a próxima temporada de plantio do Brasil, que começa em setembro.

No fim do mês passado, a MBAC havia recebido a licença de operação final da Agência Ambiental do Estado do Tocantins, onde se localiza o projeto Itafós, para a produção de fertilizantes fosfatados.

(Carine Ferreira | Valor)

Disponível em: <<http://www.valor.com.br/agro/3195230/mbac-anuncia-inicio-da-producao-de-fosfato-no-projeto-itafos>>. Acesso em: 24 Out. 2013.

Anexo 4 - Matéria publicada no site do Governo do Tocantins 31/7/2012



Governador assina autorização para obras em Arraias

31/07/2012 - Redação/Secom



Marcio Vieira/Secom

O Governador Siqueira Campos assinará autorizações para obras, licitações e convênios, nesta quarta-feira, 1º de agosto, às 14h30, durante visita a Arraias. A solenidade acontece no local onde será dada a ordem de serviço para o início das obras, onde futuramente funcionará o Aeroporto da cidade.

Entre as primeiras ações do Governador, no município, está a assinatura para a construção e pavimentação do Aeroporto Brigadeiro Felipe Antônio Cardoso, no município, ficando a cargo da Prefeitura de Arraias, mediante convênio com o Estado, a construção da estação de passageiros e a administração do futuro Aeroporto.

Na obra do Aeroporto de Arraias serão investidos aproximadamente R\$ 7.200.000,00 em serviços de terraplenagem, pavimentação e cerca. O aeroporto conta com uma área patrimonial de 60 hectares e quando em funcionamento servirá de alternativa para vôos nacionais e internacionais. A previsão é que, a contar do início da obra, o aeroporto possa ser entregue em até 150 dias.

Para o aeroporto, o Governador autorizará o início dos procedimentos licitatórios das obras de balizamento noturno, que consiste na sinalização luminosa noturna da pista de pouso e decolagem e pista de taxiamento do aeródromo. Os investimentos serão de aproximadamente R\$ 1.350.000,00. As obras do terminal de passageiros, contendo estacionamento, sala de espera com cozinha americana, banheiros masculino e feminino e sala de administração também serão autorizadas. O valor aproximado da obra é de R\$ 220 mil.

Convênios

Durante esta quarta-feira, 1º, o Governador Siqueira Campos assina convênios para a execução de 11.575 m² de pavimentação urbana em bloquetes com 3.850 metros de meio-fio, com investimentos no valor de R\$ 631.075,00 Também será assinado convênio para a conclusão da construção do centro administrativo do município de Arraias. A obra está orçada em R\$ 175 mil. Na ocasião o Governador autoriza ainda a reforma e ampliação da garagem da Secretaria Municipal de Transportes de Arraias, com investimentos no valor de R\$ 60 mil.

Obras de pavimentação

Em Arraias, o Governador autorizará o início dos procedimentos licitatórios para a contratação de empresa que executará os serviços de terraplenagem, pavimentação asfáltica, drenagem e obras de artes especiais para trechos da rodovia TO – 497 / Entroncamento TO – 296 / Taguatinga, com extensão de 77 km, no valor estimado de R\$ 64.166.714,38; e trechos da Rodovia TO – 296 Arraias/Combinado, com extensão de 53 km, no valor estimado de R\$ 40.105.434,55.

Disponível em: <<https://secom.to.gov.br/noticia/82821/#sthash.zAAC64tG.dpuf>>. Acesso em: 26 mai. 2018.

Anexo 5 - Ofício enviado ao Superintendente Regional do INCRA, 22/02/2010**COMUNIDADE QUILOMBOLA LAGOA DA PEDRA – ARRAIAS, TO
CNPJ 02289893/0001-62**

Ofício nº 001/2010

Lagoa da Pedra, Arraias, 22 de fevereiro de 2010.

À Vossa Senhoria
Senhor JOSÉ ROBERTO RIBEIRO FORZANI
Superintendente Regional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária –
INCRA - TOCANTINS
PALMAS - TO

Senhor Superintendente

Cumprimentando –o cordialmente, informamos à Vossa Senhoria que, a Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, localizada no município de Arraias, TO, conta com aproximadamente 85 alqueires de terras e foi titulada pelo ITERTINS, o qual emitiu títulos individuais. Isso tem permitido a venda de terras do nosso território por parte de alguns poucos proprietários.

Essa situação se agrava ainda mais com a intenção de uma mineradora instalada próxima à comunidade, em utilizar nossas terras para exploração de minério. Registra-se que os limites da nossa comunidade já foram demarcados e nela não há intrusos. Mas, desses contatos eminentes de cadastro e pesquisa nas nossas terras o que representa uma ameaça de ocupação, solicitamos que o decreto nº 4.887 de 20 de novembro de 2003 que regulamentou “o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias” seja cumprido na íntegra. Diante disso, temos o interesse e a urgência na titulação coletivo transformando, assim, a Lagoa da Pedra em um território conforme preceito legal.

Solicitamos ainda, por parte de Vossa Senhoria, que encaminhe à nossa comunidade uma visita de sua equipe técnica responsável por esse trabalho, para que seja demarcado o território da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra em Arraias, TO.

Certos de contar com vosso apoio e atendimento, reiteramos protestos de estima e elevada consideração.

Atenciosamente

Neres Francisco Machado – Presidente

Anexo 6 - Matéria publicada no site do MPF 05/5/2010



Reunião debate interferência de mineradoras em território quilombola em Arraias

última modificação 05/05/2010 07:23

Comunidade denunciou visita de técnicos para pesquisar minério, mas desconhece qualquer procedimento relativo à exploração da área, em processo de titulação pelo Incra

O Ministério Público Federal no Tocantins promove nesta quinta-feira, 6, na comunidade Lagoa da Pedra, município de Arraias, uma reunião para debater possível interferência de mineradoras em território quilombola. A iniciativa do MPF decorre de informações protocoladas na Procuradoria da República no Tocantins pela Associação da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, sobre a intenção dos grupos empresariais Itafós Fertilizantes e Bunge de explorar minérios no interior do território por ela reivindicado.

Em seu ofício, a comunidade, que já é reconhecida pela Fundação Palmares, demonstra sua preocupação com as visitas dos técnicos das mineradoras realizadas em fevereiro deste ano, e afirmam desconhecer estudos, documentos ou projetos relativos à exploração da área. A comunidade tem aproximadamente 85 alqueires de terra, e foi titulada pelo Instituto de Terras do Tocantins (Itertins), que emitiu títulos individuais. Atualmente, negocia com o Incra a identificação, demarcação e titulação do território quilombola.

O procurador da República Álvaro Manzano também determinou a abertura de procedimento preparatório de inquérito civil, cujo objetivo é investigar a eventual interferência das mineradoras no território quilombola de Lagoa da Pedra. Entre as primeiras medidas do procedimento, entre as quais a realização da reunião, está a remessa de informações à 4ª e 5ª Câmaras de Coordenação e Revisão do Ministério Público Federal (Meio Ambiente e Patrimônio Cultural e Índios e Minorias).

O MPF também considerou que a defesa dos interesses das comunidades tradicionais, bem como do meio ambiente, exige o necessário licenciamento ambiental para qualquer empreendimento que provoque impactos significativos. Instituições participantes da reunião

Bunge Fertilizantes; Prefeitura de Arraias; Naturatins; Secretaria Estadual de Planejamento; Secretaria Estadual de Cidadania e Justiça; Incra; Ibama; Mineratins
Assessoria de Comunicação

Procuradoria da República no Tocantins
ascom@prto.mpf.gov.br
Fone:(63)3219-7298

Disponível em: <<http://www.prto.mpf.mp.br/news/reuniao-debate-interferencia-de-mineradoras-em-territorio-quilombola-em-arraias>>. Acesso em: 25 Out. 2013.

Anexo 7 - Matéria publicada no site do MPF 22/5/2014



MPF/TO propõe ação civil contra Itafós e Naturatins e requer paralisação da exploração de fosfato em Arraias

última modificação 22/05/2014 14:42

Construção de barragem de rejeitos diretamente no leito do rio Bezerra não impede contaminação da água. Multa requerida é de dez mil reais por dia de descumprimento.

O Ministério Público Federal no Tocantins (MPF/TO) propôs à Justiça Federal ação civil pública com pedido de antecipação de tutela contra a empresa Itafós Mineração Ltda e contra o Instituto Natureza do Tocantins (Naturatins) por danos ao meio ambiente decorrentes da exploração de fosfato no município de Arraias, no sul do estado. Em caráter de antecipação de tutela, é requerida a imediata paralisação das atividades do empreendimento, até que sejam sanados os problemas, além da proibição à Itafós de lançar resíduos da exploração (efluentes) diretamente no leito do rio Bezerra, seja acima ou abaixo do barramento de rejeitos. Em caso de descumprimento, é requerida multa diária no valor de R\$ 10.000,00 para cada caso.

Além das medidas liminares, o pedido principal da ação requer que sejam anuladas as licenças de operação emitidas pelo Naturatins em favor da Itafós e determinada a apresentação de novos estudos ambientais para atender às medidas para impedir o lançamento de efluentes diretamente no leito do rio Bezerra. Também é requerido que a Itafós seja condenada a indenizar o meio ambiente pelos danos ambientais já provocados pelo empreendimento, em valores que deverão ser apurados em liquidação.

A ação civil pública é consequência de inquérito civil instaurado a partir de diversas representações fornecidas por moradores da região, e tem por objeto discutir o licenciamento ambiental da exploração e beneficiamento de fosfato pela Itafós. Após estudos e análises técnicas, inclusive com o órgão ambiental do estado e a empreendedora, o MPF chegou à conclusão de que o licenciamento não está cumprindo adequadamente sua função, pois estão sendo causados danos ao meio ambiente e à população ribeirinha sem que medidas necessárias para mitigação estejam sendo exigidas.

Barragem de rejeitos no leito do rio

Para o funcionamento do empreendimento, foram implantadas duas barragens no rio Bezerra. A primeira para destinação dos rejeitos da produção e a segunda para captação de água a ser utilizada no processo produtivo. Embora a empresa afirme que todos os limites de rejeitos serão garantidos na saída da barragem, a

resolução 357 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) estabelece que os limites devem ser garantidos no ponto de lançamento, e não apenas na saída do extravasador do barramento. Não há preocupação com os possíveis danos ambientais advindos do lançamento à jusante (antes) da barragem.

Apesar disso, foi concedida licença de operação pelo Naturatins, mesmo que o estudo de impacto ambiental tenha apontado que a lâmina d'água formada sobre os rejeitos não deva, a princípio, ser utilizada para consumo humano, a menos que o monitoramento constante indique que os níveis de contaminantes estejam dentro das normas ambientais brasileiras.

A ação civil também registra que a barragem de rejeitos não foi construída em um sistema fechado, mas sim no próprio leito do rio Bezerra, devendo ser considerada a possibilidade de alteração da qualidade da água ao longo de todo trecho do rio pela acumulação de rejeitos na barragem. Ainda é ressaltada a importância do rio Bezerra para toda região, uma vez que é utilizado por diversas comunidades e propriedades rurais ao longo da bacia sendo considerado um dos principais rios da região.

Em diversas informações técnicas, a ação demonstra o equívoco por parte da Itafós e do órgão licenciador com a implantação de uma barragem para sedimentação e tratamento de rejeitos no leito do rio. A barragem que deveria funcionar como filtro para o rejeito lançado no corpo hídrico mostra-se ineficiente, uma vez que vários pontos de amostra estão apresentando resultados dos parâmetros físicos e químicos acima do estabelecido.

Acesse a íntegra da [ação civil](#).

Procuradoria da República no Tocantins

Assessoria de Comunicação

prto-ascom@mpf.mp.br

(63) 3219-7298 / 3219-7238

Twitter: @mpf_to

Disponível em: <<http://www.prto.mpf.mp.br/news/mpf-to-propoe-acao-civil-contra-itafos-e-naturatins-e-requer-paralisacao-da-exploracao-de-fosfato-em-arraias>>. Acesso em: 24 mai. 2018.

Anexo 8 - Edital de Convocação de Audiência Pública do MPF/TO, 17/5/2018**MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO MUNICÍPIO DE GURUPI/TO****EDITAL DE CONVOCAÇÃO DE AUDIÊNCIA PÚBLICA**

Monitorar as ações previstas no Termo de Ajustamento de Conduta - TAC firmado nos autos da Ação Civil Pública nº. 2322-32.2014.4.01.4302, por parte da ITAFÓS MINERAÇÃO LTDA. e NATURATINS.

Edital nº. 1/2018/PRM-GURUPI/TO/GABPRM1-HAJ
Procedimento de Acompanhamento nº. 1.36.002.000021/2018-34

O MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, pelo Procurador da República signatário, no uso de suas atribuições constitucionais e legais, em especial o art. 129, da Constituição Federal;

CONSIDERANDO que é instituição permanente, essencial à função jurisdicional do Estado, incumbindo-lhe a defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis (art. 127 da Constituição Federal);

CONSIDERANDO que todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, cabendo a todos, inclusive ao Poder Público a responsabilidade por sua defesa e preservação, a teor do art. 225 da Constituição Federal;

CONSIDERANDO a existência de Termo de Ajustamento de Conduta – TAC firmado nos autos da Ação Civil Pública nº. 2322-32.2014.4.01.4302, do qual foi instaurado no âmbito desta Procuradoria o Procedimento Administrativo de Acompanhamento nº. 1.36.002.000021/2018-34 que visa acompanhar a efetivação de medida assecuratória e imposição do ônus de recuperar área ambiental degradada, por parte da ITAFÓS MINERAÇÃO LTDA., com o monitoramento do NATURATINS;

CONSIDERANDO que, para assegurar a efetividade do direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, incumbe ao Poder Público preservar e restaurar os processos ecológicos essenciais e prover o manejo ecológico das espécies e ecossistemas e proteger fauna e flora, vedadas na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais à crueldade, conforme art. 225, § 1º, incisos I e VII da Constituição Federal;

CONSIDERANDO que mesmo após a celebração do referido TAC, ainda, continuam sendo denunciadas irregularidades ambientais perpetradas pela empresa ITAFÓS MINERAÇÃO LTDA. no leito do Rio Bezerra;

CONSIDERANDO, por fim, o disposto na Resolução nº. 82, de 29 de fevereiro de 2012, do Conselho Nacional do Ministério Público, que dispõe sobre as audiências públicas no âmbito do Ministério Público da União e dos Estados;

RESOLVE:

Convocar AUDIÊNCIA PÚBLICA para promover o debate entre o Ministério Público Federal, Ministério Público Estadual de Arraias/TO, o Ministério Público Estadual de Campos Belos/GO, Defensoria Pública em Arraias/TO, os órgãos e autoridades que atuam em questões relacionadas proteção e defesa do meio ambiente, e, a sociedade em geral, para discutir e "Monitorar as ações previstas no Termo de Ajustamento de Conduta - TAC firmado nos autos da Ação Civil Pública nº. 2322-32.2014.4.01.4302, por parte da ITAFÓS MINERAÇÃO LTDA. e NATURATINS".

Como disciplina da Audiência Pública, DETERMINO:

I - A audiência pública será realizada no dia 19 de junho de 2018, a partir das 15:00 horas, no Prédio da Câmara Municipal de Arraias/TO, localizada na Rua Dr. Joaquim Ribeiro Magalhães Filho, S/Nº. - Centro, Arraias/TO;

II - A audiência será coordenada pelo Procurador da República signatário e terá como objetivo promover o debate sobre os principais desafios enfrentados para pôr em prática a efetivação da recuperação da área ambiental degradada, por parte da ITAFÓS MINERAÇÃO LTDA;

III - Serão convidados a compor a mesa, sem prejuízo da participação de outros legitimados, representantes dos seguintes órgãos e instituições:

- a) Representantes da empresa ITAFÓS MINERAÇÃO LTDA.;
- b) NATURATINS;

IV - Cada um dos integrantes da mesa terá 20 minutos para manifestação sobre os temas afetos à sua atuação, após, a palavra será dada aos participantes presentes.

V - Os participantes presentes poderão manifestar-se mediante inscrição a ser feita durante o período de discussão do tema, mediante a indicação de seu nome completo e da entidade ou órgão público que representa, se for o caso. O tempo de manifestação dos presentes será informado pelo coordenador da mesa.

Providencie-se a expedição de convites acompanhados deste edital, por ofício ou e-mail, para participação na audiência pública a todos os interessados anteriormente referidos.

Determino, também, a afixação deste edital no mural desta Procuradoria da República em Gurupi/TO e no sítio eletrônico da Procuradoria da República no Estado do Tocantins, com antecedência mínima de 10 (dez) dias úteis da data da audiência, na forma do art. 3º, da Resolução nº. 82/2012 do Conselho Nacional do Ministério Público.

Promova-se, ainda, a imediata divulgação deste edital da forma mais ampla possível, solicitando aos referidos órgãos da região e aos demais entes envolvidos que divulguem a realização da audiência pública pelos meios de que disponham.

Gurupi/TO, 17 de maio de 2018.
HUMBERTO DE AGUIAR JÚNIOR
PROCURADOR DA REPÚBLICA

Disponível em:

<http://www.mpf.mp.br/to/sala-de-imprensa/docs/copy_of_AudinciaemArraias.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2018.

Anexo 9 - Matéria publicada no site da Seagro/TO, 15/9/2011



Ruraltins promove IV Feira e I Encontro das Comunidades Quilombolas do Sudeste do TO

15/09/2011 - Lúcia Brito - Ascom/Ruraltins



A comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, localizada a 420 km de Palmas e a 35 km da cidade de Arraias, sediará no próximo sábado (17 de setembro), a IV Feira da Agricultura Familiar e o I Encontro das Comunidades Quilombolas do Sudeste do Tocantins.

O evento é uma realização do Governo do Estado, por meio do Instituto de Desenvolvimento Rural do Tocantins (Ruraltins), vinculado a Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Agrário (Seagro), em parceria com a Prefeitura Municipal de Arraias e a Comunidade Lagoa da Pedra.

Durante a feira serão realizadas várias atividades com objetivo de resgatar a identidade cultural dos integrantes das comunidades quilombolas e ainda fortalecer a agricultura familiar.

Um dos momentos interessantes do encontro será o lançamento do livro “Cultura Quilombola”, do professor Wolfgang Teske. A programação contará ainda com apresentações culturais como a Folia do Divino, Congada e a dança da Sússia. No evento os agricultores familiares também assinarão contratos do Pronaf – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

A feira pretende ainda proporcionar às pessoas a oportunidade de conhecerem a diversidade da produção da agricultura familiar que cultiva o arroz, a mandioca, feijão, milho, farinha, paçoca, tapioca, rapadura, doces, açúcar mascavo, cachaça, mel, queijo, manteiga, banana, mamão e abóbora. O artesanato em cerâmica, palha, corda, madeira, pedra, capim dourado, móveis de buriti, além de bordados e crochês, também poderá ser apreciado e adquirido.

Cerca de 100 produtores rurais procedentes das cidades de Arraias, Brejinho de Nazaré, Conceição do Tocantins, Almas, Dianópolis, Paranã, Porto Alegre do Tocantins, Santa Rosa do Tocantins, Natividade, Chapada da Natividade e região circunvizinha participarão da IV Feira da Agricultura Familiar e o I Encontro das Comunidades Quilombolas do Sudeste do Tocantins.

Programação

Dia 17/09/11

- 08h - Recepção/Inscrições
- 08h30 - Apreciação da Feira
- 10h - Abertura oficial (apresentação da Banda da Polícia Militar)
- 10h30 – Assinatura de contratos do Pronaf (Banco do Brasil)
- 11h - Lançamento do Livro “Cultura Quilombola” (Prof. Wolfgang Teske)
- 12h – Almoço,
- 14h - Apresentação Cultural – Sússia - Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra
- 14h30 – Folia do Divino – Comunidade Quilombola Baião
- 15h - Apreciação da Feira
- 16h – Apresentação da Congada – Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso
- 17h - Encerramento da Feira

Disponível em: <<https://seagro.to.gov.br/noticia/2011/9/15/ruraltins-promove-iv-feira-e-i-encontro-das-comunidades-quilombolas-do-sudeste-do-to/>>.

Anexo 10 - Matéria publicada no site do MPF/TO, 07/5/2010



Comunidade quilombola recebe informações sobre pesquisas minerais com presença do MPF/TO

última modificação 07/05/2010 07h38

Responsável pela prospecção de fosfato respondeu a questões sobre autorização para pesquisa e lavra, compensação aos moradores em casos de exploração e anunciou compra do setor de mineração



O procurador da República Álvaro Manzano acompanhou a reunião entre a comunidade Lagoa da Pedra, localizada no município de Arraias, e o representante da empresa Bunge, realizada para prestar informações aos quilombolas sobre as pesquisas minerais que estão acontecendo no território em processo de titulação pelo Incri como área quilombola. Também compareceram representantes do Incri, Prefeitura de Arraias, Naturatins, Universidade Federal do Tocantins, Secretaria Estadual de Planejamento e Ruraltins.

À sombra da mangueira, representante da Bunge responde perguntas dos quilombolas

O objetivo da reunião, conhecer a proposta da empresa, o tamanho do empreendimento e sua afetação sobre a comunidade, foi buscado através de perguntas diretamente feitas ao representante da Bunge, o geólogo Urquiza de Holanda. Ele apresentou um histórico da atuação da Bunge na região, que começou em 2005 com requerimento junto ao Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) de autorização para prospecção de ocorrência específica de fosfato, mineral utilizado na produção de fertilizantes, em uma área de sete mil hectares. Urquiza também apresentou elementos da legislação ambiental, como o decreto 227/67, que permite a qualquer empresa física ou jurídica requerer a pesquisa de bens minerais junto ao DNPM, já que o subsolo brasileiro e suas riquezas são propriedade da União. "O fosfato tem domínios específicos, e não ocorre facilmente. Precisamos buscar novas jazidas, já que 50% deste mineral utilizado no Brasil é importado", informou o geólogo.



Segundo moradores, maior receio da comunidade era devido à falta total de informações.

O alvará de pesquisa foi publicado no Diário Oficial da União em junho de 2006, com prazo de três anos. Em abril de 2009, foi protocolado no DNPM o primeiro relatório parcial de pesquisa, com dados como



tipos de rocha, mapas geológicos e análises químicas do solo com base nas amostras coletadas, que segundo o geólogo justificam a continuidade do processo. Outro pedido, com prolongamento do prazo por mais três anos, foi feito para o refinamento da pesquisa, já que os dados preliminares apontaram a viabilidade econômica de exploração do fosfato.

Produção de farinha, importante atividade geradora de renda

O contato com as pessoas para demarcação do polígono de sete mil hectares para prospecção, no qual está inserido o território dos quilombolas, foi feito em fevereiro deste ano. Urquiza mostrou um modelo de termo de acordo firmado entre a empresa e superficiários (moradores dos locais onde se pleiteia pesquisa e/ou exploração do subsolo), que prevê entre outros aspectos as indenizações às pessoas em caso de danos na propriedade. O geólogo enfatizou que este termo refere-se apenas à pesquisa, e que a instalação de lavra no local depende outro processo que considera aspectos ambientais e econômicos, uma vez detectada a presença do mineral buscado.



Reservatório para irrigação da horta circular na comunidade

Outro aspecto questionado ao representante da Bunge foi a participação do superficiário na eventual exploração. Ele disse que há diversas formas, como a compra da terra ou a participação através de royalties sobre a produção. Em caso de não concordância do superficiário, o caso é levado para apreciação da Justiça.



Detalhe da horta, atualmente em fase de replantio das leguminosas

O procurador Álvaro Manzano trouxe informações do Ibama, que encontrou 90 pontos de prospecção ao invés dos 40 informados pela empresa. Também questionou o desmatamento que está sendo realizado para o acesso aos locais de pesquisa, e informou que vai requisitar os processos e o relatório final para encaminhar à Universidade Federal do Tocantins, que acompanha os projetos da comunidade através do *campus* de Arraias, ao Inbra e à associação de moradores, além de embasar possíveis atos do MPF quanto a esta questão.

Vale compra Bunge

Urquiza informou aos participantes da reunião a compra pela Companhia Vale do Rio Doce do setor de mineração da Bunge. O processo de pesquisa continua o mesmo, apesar da transição. Questionado sobre a posição da Vale, que tem uma abrangência de atuação muito maior em mineração, em relação aos resultados da prospecção, Urquiza disse que os minerais encontrados, seja fosfato ou outro tipo, inclusive metálicos, são informados ao DNPM e passam a constituir um passivo mineral, que pode vir a ser explorado. Ele enfatizou que o objetivo atual da Bunge é o fosfato, mas que não pode informar as pretensões da Vale em relação a outros minerais, pois ainda trabalha em uma empresa que está em fase de transição.

Lagoa da Pedra

Os remanescentes quilombolas da comunidade Lagoa da Pedra estão há cinco gerações no local, segundo os moradores mais antigos. São 37 famílias, cuja maioria pleiteia a titulação coletiva pelo Inbra de uma

área de 85 hectares. Produzem mandioca, milho, feijão e frutas, além da criação de gado. A área ao redor da escola e do povoado é totalmente plantada, e abriga uma horta coletiva sistema circular, mantida por todos os moradores, que apresenta melhores resultados com uso restrito de insumos químicos. A assistência técnica é prestada por um técnico do Ruraltins.

A produção artesanal de farinha é outra fonte de renda. Este ano, a comunidade deve comercializar parte da produção diretamente com o governo do Estado, através do sistema de compra direta do produtor, para ser utilizada na merenda escolar.

Um dos maiores problemas enfrentados era a qualidade da água na região, com forte presença de salitre, que além do gosto desagradável causava distúrbios intestinais. O problema foi resolvido com a perfuração de um poço semi-artesiano com caixa d'água e a distribuição para as residências.

Disponível em: <<http://www.prto.mpf.mp.br/news/comunidade-quilombola-recebe-informacoes-sobre-pesquisas-minerais-com-presenca-do-mpf-to>>. Acesso em: 05 jun. 2018.

Anexo 11 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Fundação Universidade Federal do Tocantins Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____ abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa científica, **“Memória, Mineração e Meio Ambiente na perspectiva folkcomunicação da identidade cultural da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO”**, que será realizada com a Comunidade Quilombola da Lagoa da Pedra em Arraias-TO e que tem como objetivo geral, analisar as mudanças e as permanências culturais em uma perspectiva folkcomunicação da Lagoa da Pedra, Arraias-TO, ocorridas a partir do seu reconhecimento como uma comunidade quilombola.

O jornalista, doutorando e pesquisador Wolfgang Teske não precisará manter sigilo absoluto sobre as informações coletadas, bem como poderá utilizar as fotografias tiradas durante a pesquisa, visto que serão divulgadas no trabalho final da tese de doutorado e poderão ser registradas e publicadas em livros, artigos científicos e em material didático, além de documentários fotográficos e de vídeo. Para tanto, AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos, documentos e outros meios de comunicação, para serem utilizadas sempre com a finalidade de promoção da cultura da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra, Arraias-TO, destinadas à divulgação ao público em geral e/ou apenas para uso interno, desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades.

A pesquisa possibilitará que mais pessoas conheçam a cultura local e a vida da Comunidade Quilombola da Lagoa da Pedra em Arraias-TO. Fui informado (a) que posso indagar o pesquisador se desejar fazer alguma pergunta sobre a pesquisa, e, a qualquer momento, inclusive, pelos telefones, celular (63) 98403-4291 e (63) 3213-1757, ou ainda, no endereço: 208 Sul, Alameda 15, nº 13, Palmas-TO.

A pesquisa será desenvolvida pelo jornalista, doutorando pesquisador Wolfgang Teske e acompanhada pela orientadora Profa. Dra. Marina Haizenreder Ertzogue, historiadora e professora da Universidade Federal do Tocantins. Esta pesquisa corresponde e atende às exigências éticas e científicas indicadas na Res. CNS 196/96 que contém as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Este termo de consentimento será guardado pelo pesquisador e, em nenhuma circunstância, ele será dado a conhecer a outra pessoa.

Palmas, 05 de janeiro de 2017.

Assinatura do(a) participante

Wolfgang Teske
Doutorando Pesquisador